

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE GEOGRAFIA**

ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

NAVEGANDO EM BOLHAS E ESPUMAS GEOGRÁFICAS: a esferologia de
Peter Sloterdijk como via para uma Geografia humanista-fenomenológica

VITÓRIA
2025

ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

NAVEGANDO EM BOLHAS E ESPUMAS GEOGRÁFICAS: a esferologia de
Peter Sloterdijk como via para uma Geografia humanista-fenomenológica

Tese de doutorado apresentada ao Programa
de Pós-graduação em Geografia do Centro de
Ciências Humanas e Naturais da Universidade
Federal do Espírito Santo.

Área de concentração: Espaço, Cultura e
Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Luis Carlos Tosta dos Reis

VITÓRIA
2025

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S725n Sousa, Alexsandro Costa de, 1976-
Navegando em Bolhas e Espumas Geográficas : a
esferologia de Peter Sloterdijk como via para uma Geografia
Humanista-Fenomenológica / Alexsandro Costa de Sousa. - 2025.
327 f.

Orientador: Luis Carlos Tosta dos Reis.
Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Ontotopologia;. 2. Peter Sloterdijk;. 3. Coexistência;. 4.
Espaço;. 5. Lugar;. 6. Bolhas.. I. Reis, Luis Carlos Tosta dos. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

ALEXSANDRO COSTA DE SOUSA

NAVEGANDO EM BOLHAS E ESPUMAS GEOGRÁFICAS: a esferologia de
Peter Sloterdijk como via para uma Geografia humanista-fenomenológica

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas
e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.
Área de concentração: Espaço, Cultura e Linguagem.

Data de Aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Luis Carlos Tosta dos Reis-**UFES**
Orientador

Prof.º Dr.º Almir Nabozny-**UFPG**
Examinador Externo-Titular

Prof.º Dr.º Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior-**UFGD**
Examinador Externo-Titular

Prof.º Dr.º Christian Jean-Marie Boudou-**UFS**
Examinador Externo-Titular

Prof.º Dr.º Igor Robaina Martins Medeiros-**UFES**
Examinador Interno-Titular

Prof.º Dr.º Antônio Alfredo Teles de Carvalho-**UFAL**
Examinador Externo-Suplente

Prof.º Dr.º Carlo Eugênio Nogueira-**UFES**
Examinador Interno-Suplente

Prof.ª Dr.ª Gisele Girardi-**UFES**
Examinador Interno-Suplente



Secretaria Integrada de Pós-Graduação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**ATA DE DEFESA DE TESE DO CURSO DE DOUTORADO EM GEOGRAFIA DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E NATURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – ATA Nº
57 – 28/03/2025**

Em sessão pública ocorrida no dia vinte e oito de março de dois mil e vinte e cinco, de forma remota, conforme Portaria Normativa nº 08 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFES de 01 de julho de 2021, procedeu-se a avaliação da tese do aluno **Alexsandro Costa de Sousa**. Às 14h30 o Prof. Dr. Luis Carlos Tosta dos Reis (UFES), Orientador e Presidente da Comissão Examinadora, deu início aos trabalhos, convidando a compor à mesa os seguintes Professores Doutores: Igor Martins Medeiros Robaina (UFES) – Examinador Interno e Almir Nabozny (UEPG), Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior (UFGD) e Christian Jean-Marie Boudou (UFS) – Examinadores Externos. A seguir, o presidente solicitou ao doutorando que fizesse uma explanação de seu trabalho intitulado **“Navegando em bolhas e espumas geográficas: a esferologia de Peter Sloterdijk como via para a geografia humanista-fenomenológica”**. Terminada a apresentação, o presidente passou a palavra aos examinadores, que procederam à arguição do candidato. Ao final, a Comissão, em sessão reservada, deliberou pela **APROVAÇÃO** da referida tese nos termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Geografia e alertou que o aprovado somente terá direito ao título de Doutor após entrega da versão final de sua Tese, em meio digital, à Secretaria do Programa. Encerrada a sessão, eu, Prof. Dr. Luis Carlos Tosta dos Reis, presidente da Comissão Examinadora, lavrei a presente ata que vai assinada digitalmente por mim e pelos demais componentes da Comissão.

Prof. Dr. Luis Carlos Tosta dos Reis (UFES)
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr. Igor Martins Medeiros Robaina (UFES)
Examinador Interno

Prof. Dr. Almir Nabozny (UEPG)
Examinador Externo

Prof. Dr. Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior (UFGD)
Examinador Externo

Prof. Dr. Christian Jean-Marie Boudou (UFS)
Examinador Externo





ata de aprovação-Alexsandro Costa de Sousa

Data e Hora de Criação: 06/03/2025 às 17:58:51

Documentos que originaram esse envelope:

- ata de aprovação-Alexsandro Costa de Sousa.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: eb4e125b6651a06cfc0535c97a0cfe78e381ea7d130d6535cc4f879a72abf3b1

[SHA512]: 08ca03c9f9d1b2005bacadd8ae7cfd7b1a9d6962cf299237188b62983cfdca4008bb97bde7da029dd02a9d93160eb14616de50e702de53644992af6f1d4d348c

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



ASSINADO - Almir Nabozny (almirnabozny@yahoo.com.br)

Data/Hora: 02/04/2025 - 14:13:41, IP: 200.181.230.240

[SHA256]: 8ffe06b5b771ff694f6ca1bce8cb5e88561817e417d6c5ea0363f54c70f5c51f



ASSINADO - Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior (carlosroberto2094@gmail.com)

Data/Hora: 29/03/2025 - 08:28:09, IP: 177.191.112.244

[SHA256]: 8b363c6b9442b71b3f6eca8c12ab6f7c5d3758fafde6e3a27c804c64abd9ebbd



ASSINADO - Christian Jean-Marie Boudou (geoboudou@yahoo.com.br)

Data/Hora: 30/03/2025 - 01:58:53, IP: 189.96.16.137, Geolocalização: [-10.932600, -37.054620]

[SHA256]: 1698558018f3116680ee074d2f6a57ed66f3c1ddb3ddfee244ca0f212ee0bef6



ASSINADO - Igor Martins Medeiros Robaina (igorrobaina@gmail.com)

Data/Hora: 31/03/2025 - 08:47:54, IP: 193.146.172.137, Geolocalização: [42.3428096, -3.7322752]

[SHA256]: 49ff8d97e3108445e0bd6ad3008b13673f9a79f0f4ce445532688caa78bcd228



ASSINADO - Luis Carlos Tosta dos Reis (lctostareis@gmail.com)

Data/Hora: 31/03/2025 - 12:44:07, IP: 177.133.84.55, Geolocalização: [-20.335126, -40.281865]

[SHA256]: 0c53773797b928fd2d9389e2679671c6d8e3c1d3c6a6263b025b53ebad29967a

Histórico de eventos registrados neste envelope

02/04/2025 14:13:41 - Envelope finalizado por almirnabozny@yahoo.com.br, IP 200.181.230.240

02/04/2025 14:13:41 - Assinatura realizada por almirnabozny@yahoo.com.br, IP 200.181.230.240

31/03/2025 12:44:07 - Assinatura realizada por lctostareis@gmail.com, IP 177.133.84.55

31/03/2025 12:43:50 - Envelope visualizado por lctostareis@gmail.com, IP 177.133.84.55

31/03/2025 08:47:54 - Assinatura realizada por igorrobaina@gmail.com, IP 193.146.172.137

30/03/2025 01:58:53 - Assinatura realizada por geoboudou@yahoo.com.br, IP 189.96.16.137

30/03/2025 01:58:37 - Envelope visualizado por geoboudou@yahoo.com.br, IP 189.96.16.137

29/03/2025 08:28:09 - Assinatura realizada por carlosroberto2094@gmail.com, IP 177.191.112.244

28/03/2025 19:20:30 - Envelope visualizado por carlosroberto2094@gmail.com, IP 200.103.231.68

28/03/2025 16:30:01 - Envelope registrado na Blockchain por notificacao@astenassinatura.com.br

28/03/2025 16:30:01 - Envelope encaminhado para assinaturas por notificacao@astenassinatura.com.br

06/03/2025 17:58:52 - Envelope criado por barbaragarschagen+7@gmail.com, IP 200.137.65.109

Dedico todas as linhas escritas nessa Tese de
Doutorado à Michelle, minha esposa e
companheira, pelo *incentivum aeternum*.

AGRADECIMENTOS

Uma das tarefas mais difíceis como eu vejo é agradecer. Desejo justificar o porquê dessa compreensão que tenho sobre agradecimentos. Ocorre que nem sempre agradecemos à todas às pessoas que contribuem diretamente e mesmo que indiretamente, com aquilo que nos lançamos a realizar.

Outro aspecto que o agradecimento é capaz de gerar, é uma compreensão de que se estava em débito com aquela pessoa ou com determinada atitude realizada em prol do outro. E, esse débito, mesmo agradecendo sempre será impagável. Nunca o agradecimento será capaz de se converter a uma moeda de troca efetiva de pagamento por aquilo ou por algo que veio gratuitamente do outro em sua direção.

E, justamente é sobre isso que trato aqui, antes de direcionar os meus agradecimentos por ter chegado nessa etapa final.

Posso inclusive incorrer no erro de não apontar todas as pessoas ou suas atitudes que foram fundamentais para que essa caminhada fosse realizada. Muitos percalços ultrapassados, o que é melhor de pensar. Muitas angústias afloradas e ao mesmo tempo controladas.

Foram 04 anos de doutorado, para ser mais específico, 04 anos e 56 dias quando decidimos finalizar essa etapa acadêmica na Universidade Federal do Espírito Santo-UFES com a defesa dos nossos argumentos em Tese.

Mas, o meu primeiro agradecimento é por termos de volta uma política que se importa com a Educação, que apoia aos sujeitos da nossa Nação que desejam se aprofundar em pesquisas e na mudança cultural.

Por isso, o meu agradecimento mais do que especial, vai para a Universidade Federal do Espírito Santo, e mais especial ainda para o Programa de Pós-Graduação em Geografia, ao qual através dos seus editais e sua seleção, tive a oportunidade de desaprender, apreender e reaprender todo o caminhar investigativo na produção acadêmica.

Em sequência meus agradecimentos ao meu orientador Prof.º Dr.º Luis Carlos Tosta dos Reis, que aprendi muito com as suas orientações sobre este trabalho. Mesmo com tantas obrigações, por diversas vezes nos reunimos virtualmente para discutirmos desde a proposta e suas alterações como as etapas de

qualificação e defesa. Meu cordial apreço pela sua dedicação para com os seus orientandos.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Gisele Girardi, líder do Grupo Poesi ao qual me tornei membro desde o primeiro ano de Doutorado, ano este 2021, e que de fato tem amor pelo aprimoramento intelectual. Obrigado pelas contribuições e o olhar mais detido sobre os primeiros capítulos da Tese, quando esta foi submetida ao processo de qualificação. A partir do seu olhar, pude imaginar outros tantos devires para este trabalho. Importante saber que através das discussões no grupo, parte do corpo teórico dessa Tese advém dos nossos encontros.

Estendo meus agradecimentos ao Prof.^o Dr^o Almir Nabozny que participou da banca de qualificação e que através das suas contribuições, inclusive na esfera teórica, me deixou muito à vontade sobre a composição inicial da minha Tese. Os livros indicados e os autores indicados foram da mais altíssima valia.

Agradeço à Capes pelo auxílio durante o período de doutoramento. Este auxílio tem uma importância tanto quanto aquilo que produzimos enquanto pesquisadores que somos. Sem esse auxílio, tudo ficaria mais difícil.

Quero aqui deixar por último e talvez o mais relevante agradecimento à minha companheira de todas as horas, de muitos momentos, que não se afastou de mim, mesmo quando no ano de 2021 e começo de 2022, sobreveio um infarto repentino, uma cirurgia de ponte de safena e uma recuperação longa.

Essa pessoa maravilhosa nunca me abandonou, sempre esteve ao meu lado caminhando junto, me incentivando. Sempre esteve navegando comigo, na viagens que fazia ao tratar do método fenomenológico, das Esferas de Sloterdijk. Essa pessoa que tanto ouviu ao longo de mais de 05 anos, me ouvir falar em Geografia e Filosofia e por muito tempo, ser a única pessoa a me dar ouvidos e atenção. Mesmo à noite quando subitamente, tentava deixá-la acordada por um tempo a mais para me ouvir falar das ideias que estavam surgindo.

A você Michelle, ofereço essa Tese de Doutorado como um presente, de muito amor por você, pela pesquisa e por tudo que ainda está por vir para nós.

Ofereço às minhas filhas Alexya Sophia e Smirna Stheophane e ao meu neto Joaquim, que possam sempre se incomodar com tudo e melhorar enquanto seres que aprendem e que este incomodar possa ser gerador de bons exemplos para outras pessoas.

Por fim, mesmo não o conhecendo pessoalmente, agradeço por ter me encontrado com a Literatura escrita pelo maior Filósofo na atualidade, Peter Sloterdijk que me tornei um admirador sequioso pela sua forma de pensar e seus escritos. Meus sinceros agradecimentos pelo seu pensamento original.

Interpreto, portanto, a metafísica clássica como uma espécie de biblioteca de asserções eficazes sobre a totalidade do mundo como sistema imunitário. Daí que a ontologia seja a primeira imunologia, nunca algo de irrelevante. Sendo assim, um ontologista actual, em conformidade com o progresso da consciência do problema imunitário, já não pode ser, como tal, um teórico clássico do Ser (Sloterdijk, 2007, p. 147, *sic*).

No começo, bem antes de todo gesto, de toda iniciativa e de toda vontade deliberada de viajar, o corpo trabalha, à maneira dos metais, sob a ação do sol. Na evidência dos elementos, ele se mexe, se dilata, se estende, se distende e modifica seus volumes. Toda genealogia se perde nas águas tépidas de um líquido amniótico, esse banho estelar primitivo onde cintilam as estrelas com as quais, mais tarde, se fabricam mapas do céu, depois topografias luminosas nas quais desponta e se aponta a Estrela do pastor – meu pai foi o primeiro a me ensinar – entre as constelações diversas. O desejo de viagem tem a sua confusa origem nessa água lustral, tépida, ele se alimenta estranhamente dessa superfície metafísica e dessa ontologia germinativa. Ninguém se torna nômade impenitente a não ser instruído, na carne, pelas horas do ventre materno, arredondado como um globo, um mapa-múndi. O resto é pergaminho já escrito (Onfray, 2009, p. 09).

RESUMO

A presente Tese, através da interpretação hermenêutica das obras de Peter Sloterdijk, especialmente a trilogia Esferas: Bolhas, Globos e Espumas, consiste em aspirar uma intersecção entre o pensamento do filósofo com a ciência geográfica, tendo como foco dois elementos que, primariamente, resguardariam essa intersecção, a saber: a Ontotopologia e as Relações. O escopo inicial é atravessar por entre esses fenômenos, mas com um enfoque especial na Geografia Fenomenológica e sua abertura para uma maior amplitude ao estudar o espaço. O espaço, via de regra, como reconhecemos, nos é predominantemente dado de uma maneira que nos faz pensar de modo estático, em uma fixidez hermética. Contudo, com base no pensamento de Peter Sloterdijk observa-se a possibilidade da necessidade e da superação desse modo estabelecido e predominante de considerar o espaço, sobretudo, quando necessitamos amplificar mais os estudos ontológicos sobre o espaço, o lugar e a existência, temas essenciais para a Geografia. Para tanto, a Tese propõe alcançar sua meta através do que será designado enquanto viagem, entendida como a realização de uma pesquisa que se efetivará através de *rotas*, das quais seja possível ampliar o debate sobre o assunto, perseguindo novas aberturas, criando e ampliando novos corredores que nos possibilitem chegar a novos horizontes geográficos e fenomenológicos fundamentados de modo suficientemente consistentes, através, mormente, da obra de Sloterdijk. A partir das teorias de sistemas de imunização, da mediologia, contidos na Teoria Geral das Esferas de Peter Sloterdijk, a Tese ainda propõe uma transposição tal e qual a uma viagem tendo este filósofo como peça fundamental para gerar os encontros pretendidos na articulação com a ciência geográfica. Ao longo das rotas traçadas será possível evidenciar melhor a proposta da viagem pela Ontologia e Fenomenologia, recepcionando a Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk. Antecipo, que navegar por entre os mares que a Tese irá singrar, pode-se levar a diferentes caminhos, entretanto, no plano das rotas deste trabalho o espaço é a peça principal e através da qual se vinculará a uma perspectiva que perpassa pela composição do que Sloterdijk denomina de

Esferas, bem como de nossa natureza enquanto *designers* de espaços interiores, das intimidades e dos sistemas de imunização, haverá uma possibilidade de se chegar à “terra firme”. O campo da Geografia, nesse sentido, rompe com uma limitação fundamental, a saber: a de que o espaço, para ser compreendido deva ser tão somente apreendido enquanto o espaço da extensão física, palpável, e que seus atributos abstratos - que se distanciam do elemento associado à extensão física - não sejam considerados relevantes para sua interpretação e explicação. A presente Tese não coaduna com tal perspectiva restritiva de apreensão do significado do espaço, mas, ao invés, aspira uma via que seja capaz de transcender essa visão.

Palavras-chave: Ontotopologia; Peter Sloterdijk; Coexistência; Espaço; Lugar

ABSTRACT

The present thesis [journey], through the hermeneutic interpretation of Peter Sloterdijk works, especially the Spheres trilogy: Bubbles, Globes and Foams, consists of aspiring an intersection between the philosopher's thought and geographic science, focusing on two elements that, primarily, would safeguard this intersection, namely: ontotopology and relationships. The initial scope is to cross, throughout these phenomena, but with a special focus on Phenomenological Geography and its opening to a greater amplitude when studying space. Space, as a rule, as we recognize, is predominantly given to us in a way that makes us think in a static way, in a hermetic fixity. However, based on Peter Sloterdijk's thinking, it is noted that and, above all, the need to overcome this established and predominant way of considering space, especially when we need to further amplify ontological studies on space, place and existence, key subjects to in Geography. Therefore, the thesis proposes to reach its goal through what will be designated as a journey, understood as the accomplishment of a research that will be carried out through routes, from which it is possible to broaden the debate on the subject, pursuing new openings and expanding new corridors that allow us to reach new geographical and phenomenological horizons grounded in a sufficiently consistent way, through, mainly, the work of Sloterdijk. Based on theories of immunization systems, mediology, contained in Peter Sloterdijk's General Theory of Spheres, the thesis also proposes such a transposition [journey] taking this philosopher as a fundamental piece to generate the intended encounters in articulation with geographic science. Along the traced routes, it will be possible to better highlight the purpose of the journey through Ontology and Phenomenology, welcoming Peter Sloterdijk's Theory of Spheres. I anticipate that navigating through the seas that the thesis will navigate can lead to different paths, however, in terms of the routes of this work, space is the key and through which it will be linked to a perspective that permeates the composition of what Sloterdijk calls under the notion of Spheres, as well as our nature as designers of interior spaces, intimacy and immunization systems, there will be a possibility of reaching "dry land". The field of Geography, in this sense, breaks with a fundamental limitation: that space,

to be understood, must only be apprehended as the space of physical, palpable extension, and that its abstract attributes - which distance themselves from the element associated with physical extension - are not considered relevant for its interpretation and explanation. The present thesis is not consistent with such a restrictive perspective of understanding the meaning of space, but, on the contrary, aspires to a path that is capable of transcending this vision.

Keywords: Ontotopology; Peter Sloterdijk; Coexistence; Space; Place

RESUMEN

Esta tesis, a través de la interpretación hermenéutica de las obras de Peter Sloterdijk, en especial de la trilogía *Spheres: Bubbles, Globes and Foams*, consiste en aspirar a un cruce entre el pensamiento del filósofo y la ciencia geográfica, centrándose en dos elementos que, principalmente, salvaguardarían ese cruce, a saber: ontopología y relaciones. El alcance inicial es recorrer estos fenómenos, pero con especial atención a la Geografía Fenomenológica y su apertura a una mayor amplitud al estudiar el espacio. El espacio, por regla general, como reconocemos, se nos da predominantemente de una manera que nos hace pensar de forma estática, en una fijeza hermética. Sin embargo, a partir del pensamiento de Peter Sloterdijk, es posible y, sobre todo, la necesidad de superar esta forma establecida y predominante de considerar el espacio, sobre todo cuando necesitamos ampliar aún más los estudios ontológicos sobre el espacio, el lugar y la existencia, temas esenciales en Geografía. Por tanto, la tesis se propone alcanzar su objetivo a través de lo que se designará como un viaje, entendido como la realización de una investigación que se realizará a través de recorridos, a partir de los cuales sea posible ampliar el debate sobre el tema, persiguiendo nuevas aperturas y abriendo nuevos corredores que nos permitan alcanzar nuevos horizontes geográficos y fenomenológicos fundamentados de manera suficientemente consistente, a través, sobre todo, de la obra de Sloterdijk. Basada en las teorías de los sistemas de inmunización, la mediología, contenidas en la Teoría General de las Esferas de Peter Sloterdijk, la tesis también propone tal transposición [viaje] teniendo a este filósofo como pieza fundamental para generar los pretendidos encuentros en articulación con la ciencia geográfica. A lo largo de los recorridos trazados, se podrá resaltar mejor el propósito del viaje a través de la Ontología y la Fenomenología, acogiendo la Teoría de las Esferas de Peter Sloterdijk. Anticipo que navegar por los mares que navegará la tesis puede conducir a diferentes caminos, sin embargo, en cuanto a los recorridos de este trabajo, el espacio es la pieza principal y a través de la cual se vinculará a una perspectiva que permea la composición de la lo que Sloterdijk llama bajo la noción de Esferas, además de nuestra naturaleza como diseñadores de espacios interiores, intimidad y

sistemas de inmunización, existirá la posibilidad de llegar a “tierra firme”. El campo de la Geografía, en este sentido, rompe con una limitación fundamental, a saber: que el espacio, para ser comprendido, sólo debe ser aprehendido como el espacio de la extensión física, palpable, y que sus atributos abstractos -que se distancian del elemento asociado con extensión física- no se consideran relevantes para su interpretación y explicación. La presente tesis no es consecuente con una perspectiva tan restrictiva de aprehensión del sentido del espacio, sino que, por el contrario, aspira a un camino que sea capaz de trascender esta visión.

Palabras llave: Ontotopología; Peter Sloterdijk; Coexistencia; Espacio; Lugar

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	20
1ª ROTA	21
1. SENDA INTRODUTÓRIA: introduzindo uma introdução	21
1.2 Rotas em Apontamentos	27
1.3 A Viagem de Fato ou os Fatos em Viagem	29
CAPÍTULO II	46
2ª ROTA	47
2. DINÂMICA DO PENSAMENTO ESFEROLÓGICO: esboço introdutório da teoria das esferas de peter sloterdijk para incitar um diálogo com a geografia	47
CAPÍTULO III	79
3ª ROTA	80
3. DE BOLHAS A ESPUMAS: o fenômeno espaço geográfico como um sistema de imunização	80
3.1 A Ontológica Narrativa do Espaço Geográfico: pressupostos ontológicos	88
3.2 A Construção de uma Visão Ontológica sobre o Espaço Geográfico no Brasil: resgate ontológico dos principais expoentes	96
3.3 A Ontologia na Geografia Brasileira: o que fizeram, o que fazem?	98
3.4 A Ontologia Fundamental de Martin Heidegger e o Problema da Assimilação da Fenomenologia na Pesquisa Brasileira	131
CAPÍTULO IV	140
4ª ROTA	141
4. EXISTÊNCIA E A ESSÊNCIA DO ESPAÇO: interpretações conflitantes na geografia	141
4.1 Existir no Espaço Geográfico: diferentes pontos de vista	141
4.2 A Essência do Espaço: o que apontam seus defensores e de qual essência a Teoria das Esferas apresenta?	156
4.3 Coexistência: o giro da existencialidade presente na Teoria das Esferas	174

4.4 Nem existência e Nem essência, apenas a Coexistência: um palco giratório para o lugar-nenhum	189
CAPÍTULO V	197
5ª ROTA	198
5. ESPAÇO COMO CONTINENTES AUTÓGENOS: a derivação da esferologia para o espaço geográfico	198
5.1 O Fenômeno como uma Construção Inicial da Compreensão sobre o Espaço.....	202
5.2 Transcendência Inversa: um retorno para dentro.....	208
CAPÍTULO VI	220
6ª ROTA	221
6. ESTRANHAMENTOS NO MUNDO PRÓLOGOS SOBRE ESPACIALIZAR-SE: Habitar espaços ou Estar em espaços?	221
6.1 Estar no/em espaços: fixidez na exterioridade	236
CAPÍTULO VII	248
7ª ROTA	249
7. ESPAÇOS DE MIMO	249
7.1 Retomada da Teoria Esferológica de Peter Sloterdijk.....	251
7.2 ‘Habitar’ uma Partícula-Bolha Esferológica	256
7.3 As Influências Filosóficas e o Olhar Fenomenológico para o Empreendimento da Formação dos Espaços de Mimos	260
7.4 Casas Natalícias Tradicionais e as Novas Estruturas Físicas que substituíram as Representações de Mimos Antigas: das casas antigas aos apartamentos e condomínios fechados	263
7.5 Pensar Espaços de Mimos em meio a Espumização do Mundo, Pandêmico e Pós-pandêmico: breve comentário para ensaiar uma inferência como considerações intermináveis	271
CAPÍTULO VIII	276
8ª ROTA	277

8. PARA ONDE IR: DO AQUI, PARA LÁ, COM, EM.....	277
REFERÊNCIAS.....	311

REMISSÕES BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS NAS NOTAS DE RODAPÉ

Foram utilizadas na Tese e que estão presentes em algumas oportunidades nas notas de rodapé as principais obras de Peter Sloterdijk que direcionam a pesquisa.

A intenção é facilitar ao leitor através de siglas criadas a partir dos títulos destas obras. Muitos livros de Peter Sloterdijk ainda estão em outros idiomas. Aqueles que estão em Português, foram consultados. Desta forma, além dos livros traduzidos para nossa língua materna, e principalmente sobre a Trilogia Esferas, apenas o livro Bolhas- Microesferologia, encontra-se traduzido para o Português. Para essa Tese utilizei versões em Espanhol e Inglês de obras como: Globos e Espumas que fazem parte da trilogia e por não termos ainda a tradução para o Português.

ESFERAS I BOLHAS: MICROESFEROLOGIA - **EI:B**

ESFERAS II GLOBOS: MACROESFEROLOGIA - **EII:G**

ESFERAS III ESPUMAS: ESFEROLOGIA PLURAL - **EIII:E**

REGRAS PARA O PARQUE HUMANO: UMA RESPOSTA À CARTA DE HEIDEGGER SOBRE O HUMANISMO - **RPH**

CRÍTICA DA RAZÃO CÍNICA - **CRC**

IRA E TEMPO: ENSAIO POLÍTICO-PSICOLÓGICO - **IT**

SE A EUROPA DESPERTAR - **SED**

MOBILIZAÇÃO COPERNICANA E DESARMAMENTO PTOLOMAICO - **MCDP**

NO MESMO BARCO: ENSAIO SOBRE HIPERPOLÍTICA - **NMB**

PÓS-DEUS - **PD**

O ZELO DE DEUS - **OZD**

A ÁRVORE MÁGICA - **AAM**

O DESPREZO DAS MASSAS: ENSAIO SOBRE LUTAS CULTURAIS NA SOCIEDADE MODERNA - **ODM**

DERRIDA, O EGÍPCIO - **DE**

TEMPERAMENTOS FILOSÓFICOS: UM BREVIÁRIO DE PLATÃO A FOUCALT - **TF**

O QUINTO “EVANGELHO” DE NIETZSCHE - **OQEN**

O SOL E A MORTE: DIÁLOGOS COM HANS-JÜRGEN HEINRICHS - **OSM**

PALÁCIO DE CRISTAL: PARA UMA TEORIA FILOSÓFICA DA
GLOBALIZAÇÃO - **PC**

HAS DE CAMBIAR TU VIDA: SOBRE ANTROPOTÉCNICA - **TQMV**

LOS HIJOS TERRIBLES DE LA EDAD MODERNA - **LHTEM**

MORTE APARENTE NO PENSAMENTO: DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA
COMO PRÁTICA - **MAP**

O ESTRANHAMENTO DO MUNDO – **OEM**

REFLEXOS PRIMITIVOS – **RP**

FAZENDO O CÉU FALAR: SOBRE TEOPOESIA – **FCF**

CAPÍTULO I

1ª ROTA

**** *

1. SENDA INTRODUTÓRIA: introduzindo uma introdução

Viajar supõe, portanto, recusar o emprego do tempo laborioso da civilização em proveito do lazer inventivo e alegre. A arte da viagem induz uma ética lúdica, uma declaração de guerra ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência. (...) como mônada autossuficiente, o viajante recusa o tempo social, coletivo e coercitivo, em favor de um tempo singular feito de durações subjetivas e de instantes festivos buscados e desejados. Associal, insociável, irrecuperável, o nômade ignora o tempo convencionado e se orienta pelo sol e as estrelas, pelas constelações e a trajetória do astro no céu; não tem relógio de pulso, mas um olho animal apto a distinguir as auroras, o amanhecer, as tempestades que se forma e se dissipam, os crepúsculos, os eclipses, os cometas, as cintilações estelares, sabe ler a matéria das nuvens e decifrar suas promessas, interpreta o vento e conhece seus hábitos. (...) nada mais conta, exceto ele e seu uso do mundo – por isso ele procede dos banidos e dos recusados (Onfray, 2009, p. 14-15).

Uma viagem foi preparada e que agora é anunciada com as suas devidas particularidades. Contudo, no próprio processo de anteparo do que será buscado, achado, convites a serem emitidos para sujeitos distantes, empreendedores de momentos únicos, descobridores de ideias, mas que ao mesmo tempo responsáveis por lançá-las no mar, foram enviados.

Aqueles que estão nessa empreitada, tem como pressuposto o que Michel Onfray menciona na citação acima, pois, até mesmo nossas orientações divergem das mais usuais, por isso que a escolha para amparar esse introito.

Na obra **‘Teoria da Viagem: poética da geografia’** de Michel Onfray (2009), o autor nos leva a pensar mais profundamente sobre o conceito de viagem. Enquanto hedonista, assim considerado pelos críticos, Michel Onfray nos faz pensar na vida através da contribuição da sua poética geográfica. Por isso que antecedeo aqui aquilo que será tratado e reconhecido nessa Tese.

Apenas aqueles que desafiaram o tempo e o espaço conseguiram passar de fato pelas histórias, sem renegar as contínuas chances impregnadas de oportunidades, por isso que, muitos geógrafos e filósofos, assim como navegadores que foram condutores de caminhos das boas novas não em sentido teológico, mas no uso de novas e boas descobertas. As empreitadas além-mar, além-continentes, se tornaram eventos significativos mesmo no encontro com

contextos adversos e improváveis e que resultam em verdadeiros atravessamentos temporais.

As evidências de descobertas se tornam ao mesmo momento contrárias às imposições destacadas de temas considerados como aqueles que merecem serem discutidos em seu extensivo desgaste ou até o encontro com as suas próprias verdades impassíveis de se colocarem na berlinda das contra-argumentações.

Pensando em uma outra maneira de expor essa condição durante a história desenvolveu-se o pensamento de que existem temas, categorias e conceitos que merecem mais atenção que outros. Enquanto que outros temas, categorias e conceitos deveriam ser abdicados e abandonados, pois nesse viés se estabeleceria a imprecisão e falta de necessidade em alimentar esforços para tais investigações.

Essa parte que estou chamando de **‘SENDA INTRODUTÓRIA: introduzindo uma introdução’**, se divide em duas linhas que acho precisas: primeiro de um lado marca o início da confluência do desenrolar do texto, denso por sua natureza, também como aporte necessário - como assim eu penso - de antecipar a introdução da Tese, dando para o leitor uma panorâmica inicial, uma espécie de prefácio da Tese, já que ninguém pode prefaciá-la além de mim sobre as observações que farei e que estão mais à frente. A segunda linha é justamente para congruir com as observações contidas nas regimentações acadêmicas, protocolares, os cânones que perfazem o sentido academicista.

Nesse empreendimento, desejo situar os porquês das minhas decisões, por isso, diante de tanta inquietação, apresento algumas respostas como o trecho em que Paul Feyerabend (1977) se posiciona, diz ele:

É possível, assim, criar uma tradição que se mantém una, ou intacta, graças à observância de regras estritas, e que, até certo ponto, alcança êxito. Mas será desejável dar apoio a essa tradição, em detrimento de tudo mais? Devemos conceder-lhe direitos exclusivos de manipular o conhecimento, de tal modo que quaisquer resultados obtidos por outros métodos sejam, de imediato, ignorados? Essa é a indagação a que pretendo dar resposta neste ensaio. E minha resposta será um firme e vibrante **NÃO** (Feyerabend, 1977, p. 21-22).

Uma das intenções não é *a priori* seguir cegamente uma estruturação - mesmo estruturando -, e tal estruturação é justamente para contemplar as regras acadêmicas, mas dentro dessa possibilidade, penso que construir teias até mesmo na estrutura, isto é, se algumas condições me são apresentadas como

meio de aclarar as ideias, seguirei, para que aos poucos possa transitar com maior liberdade de pensamento, gerando multiplicidades que demonstrarei aqui - em partes -, quais são as intenções deste trabalho que chamei de viagem, sobretudo, por sua forma como navegação de rotas que se apresentam no transcorrer das ocorrências.

Pensar sobre o mar, pensar o mar ou simplesmente pensar. Talvez essa foi uma das intercorrências que ao longo do trajeto deste trabalho me deparei como risco e como possibilidade. Portanto, aqui desejo iniciar um esclarecimento sobre essas três afirmações.

Primeiro, a ideia de pensar sobre o mar repele de alguma maneira em mim a ideia unilateral de se pensar sempre com os pés em terra firme, sair do mesmo, deixar com que as correntes possam se tornar caminhos tendo a sustentação de uma outra coisa debaixo dos meus pés.

Em segundo lugar, pensar o mar é uma forma de se instituir um pensar além do terreno físico, sólido em sua estrutura, é pensar de maneira fluída assim como é o mar.

E em terceiro lugar é justamente esse pensamento que defendo sobre pensar o mar. Trazer o pensamento **do mar e no mar** pode se concretizar em uma investigação geográfica e ontológica - prefiro substituir por pensamento-, quando me refiro a pensar no mar são as condições atmosféricas, relacionais, transitórias, acumuladoras que o mar proporciona àqueles que o enfrentam ou que tem contado consigo. Assim, é o formato dessa Tese que vai ao mesmo tempo tendo contato com o mar, mas com momentos de 'desembarques'.

Ao se aproximar das ilhas, dos continentes¹, da terra firme, os diálogos constituídos terão como aferir as próprias discussões em alto-mar. O alto-mar, o oceano ou talvez simplesmente mar é o espaço inicial por onde se movimenta

¹ Sobre essa posição dos continentes que comportam a rígida condição expressa do ser humano historicamente em produzir espaços, desenvolver habilidades, vale acrescentar uma perspectiva pouco explorada e que se torna necessária aqui devido o movimento que a Tese está sendo realizada. Logo, conforme aponta Sloterdijk (2008, p. 50): "Com efeito, da mesma maneira que o planeta circum-navegado não merece ser nomeado em função do pouco de terra firme que emerge dos seus oceanos, os <<continentes>> não podem aspirar a ostentar esse nome, pois, precisamente, não são eles que contêm, são contidos — pelo mar". Nesse sentido, os continentes são contidos pelo mar, a forma tradicional sobre essa perspectiva seria o inverso. Assim, podemos repensar outras relações que se tornam importantes para o contexto da navegação que se realiza na Tese. Esse apontamento reconduz outras formas de pensamento que não apenas aquela que esteja em terra-firme, mas que atravessa os mares e nesses caminhos se produzem relações constantes.

essa Tese. Não como lugar-comum, mas um lugar-incomum, não incomum, enquanto forma de pensamento.

A Tese, a viagem, o caminho, o movimento, o método, o conteúdo, a forma podem ser, dependendo da configuração que lhe é atribuído, o sentido de partes de uma mesma coisa de uma busca por sentidos em uma investigação. Desejo explicar, antes da má interpretação que a Tese enquanto viagem se torna uma busca que entre os encontros, os desencontros, as possibilidades e as impossibilidades como é a própria vida se torna a própria investigação ontológica.

Já o caminho da Tese, aquilo que é chamado de método, gerador de movimentos que muitas vezes não são tão simples ou calmos, a partir dele se estabeleceram as rotas que estão contidas ao longo do processo exposto aqui.

Estamos acostumados a circunscrever toda a delimitação de uma pesquisa, seja ela científica ou filosófica, mas quando se está em um “mar” de possibilidades, mesmo com dispositivos para se traçar os caminhos podemos nos deparar com novas rotas, novos caminhos a se fazer.

Por isso que “precisamos de método que estimule a variedade e converta a busca de conhecimento em atividade mais plástica e menos dogmática” (Terra, 2016, p. 16).

O mar como prefiro chamar a ambientação que me vejo em estado de navegação é o próprio conhecimento a busca por conhecer os pontos que estão expostos. E o que está exposto? Em primeiro lugar consiste em aspirar uma interseção entre o pensamento do filósofo com a ciência geográfica tendo como foco dois elementos que primariamente resguardariam essa intersecção, a saber: a Ontotopologia e as relações que diretamente ou indiretamente movimentam as discussões no campo do saber.

O escopo inicial é atravessar por entre esses fenômenos, mas com um enfoque especial na Geografia Fenomenológica e sua abertura para uma maior amplitude ao estudar o espaço.

Parte dessa linguagem recaí sobre a padronização do que é solicitado pela radicalidade acadêmica, mas importa considerar que as releituras de como podemos interpretar os fatos e os fenômenos também podem ter uma outra forma de comunicação. Essa comunicação vem por meio da viagem em mar.

As vezes no alto-mar, às vezes mais próximas das terras, às vezes bem distantes no seio do Oceano. Por isso, '**Senda Introdutória**' como a abertura de todo esse trabalho.

Destarte, alguns pontos que são afirmados em uma apresentação tradicional, que documente uma pesquisa estarão mais à frente diluídos em texto em uma forma que achei instigante e ao mesmo tempo importante sem desmerecer a forma tradicional da exposição dos seguintes elementos: *contextualização da pesquisa, justificativa, objetivos da pesquisa, revisão de literatura, formulação de hipótese ou de perguntas, a metodologia e a estrutura do trabalho* - presentes na convencionalidade formal dos trabalhos acadêmicos tradicionais.

Certamente, levarei a todos quando embarcarem a perceberem cada um desses traços específicos não de uma forma tão apática ou segmentada disciplinarmente, mas acrescentada de afetações próprias daquele que escreve. Por isso, o uso da primeira pessoa no decurso de todo esse trabalho.

Quando me coloquei na viagem também desejei distanciar-me de posturas universalmente frígidas, impessoais em todo o sentido, desaproximadas de uma pesquisa com a forma que deseja produzir. Posso inclusive e assertivamente explicar o porquê dessa posição. Primeiro pela escolha do tema, segundo pela escolha do autor e terceiro pela escolha do método.

O tema centrado na Ontotopologia é um mergulho direto nas obras do autor das Esferas, Peter Sloterdijk, com a suspensão que a Fenomenologia nos impele a realizar, dando a garantia para esse empreendimento. Desta maneira, a tríade: tema, referencial teórico e método são apresentados sucintamente nessa primeira intervenção e que aos poucos se dilui em grafias ontológicas.

Como justificativa desejo também anunciar nessa senda como aquela que vai proporcionar ao leitor final deste trabalho verdadeiros encontros com uma série de geógrafos, de filósofos, tanto tradicionais como também os neocontemporâneos que anunciam meios outros de se perceber, compreender e descrever os fenômenos aos quais nos agenciam.

Por isso, introduzir uma introdução – utilizando-me de um trocadilho - está mais para chamar a *atenta atenção* sobre essa senda que se abre para os próximos capítulos, para as próximas rotas e seus mais variados temas.

Tal proposta se evidencia em sua forma e conteúdo como a maneira que enxergo o mundo, tal mundo, tal mar, tal terra que não podem ser encerrados em si, incapazes de serem estudados, pesquisados, escritos sobre si em constâncias que parecem ser sempre as mesmas.

Aquela velha postura de uma dialética crítica, já moldada, muitas vezes bem conhecida o seu desvencilhar e os seus teóricos. A minha tentativa aqui é de esquivar-me dessas posturas no desvencilhar textual subversivo talvez, aquilo que apresenta algo não-similar, pois a vontade e o interesse caminham para outro campo que não apenas o comum, mas o incomum.

Nesse introito, ainda não desejo encher o leitor dos olhares dos tripulantes que estarão nessa viagem, mas como uma forma de sintetizar o que será ainda exposto na Tese, a próxima parte que trata sobre as “Rotas em Apontamento” decidi chamar assim, pois, é apenas o entrelaçamento de todos os pontos que citei anteriormente.

Portanto, a Tese sob o auspício do título: **NAVEGANDO EM BOLHAS E ESPUMAS GEOGRÁFICAS:** a esferologia de Peter Sloterdijk como via para uma Geografia humanista-fenomenológica é antes de tudo uma escrita que parte de um sujeito inconformado, perscrutador e ansioso em desafastar o desconhecido, tentando aproximar-se o mais próximo da relação ontotopológica que estamos mergulhados em vida, revelada pela hermenêutica da existência representado aqui. Esse estudo fenomenológico navega para esse fim e em mim. As águas que desbravaremos, são águas agitadas que se movimentam em meu Ser. Desta forma, convido a tripulação a içar velas!

1.2 Rotas em Apontamentos²

Malas prontas, recursos e mantimentos organizados, instrumentos de orientação em seus lugares, croqui e roteiro pré-definidos, uma viagem está se desenrolando, os preparativos estão marcados.

A expectativa é uma das companheiras da viagem que me propus a realizar. Contudo, diferente de uma concreta viagem em mar aberto, essa viagem convertida em um mundo próprio com muitas questões a serem tratadas discute pensamentos que se tornaram legados geofilosóficos.

Toda viagem é considerada como uma aventura, por mais que se acredite no controle pelas pré-definições de rotas e caminhos, os devires são inerentes à multiplicidade que se estende a viagem e tudo se torna um 'novo'.

Tenho que destacar ainda que não estou sozinho nessa viagem, mas levo uma tripulação que conheci há alguns anos, não em um lugar qualquer, mas em lugares especiais.

Da mesma forma, pude conhecer o que falavam suas falas me chamavam muita atenção e me emocionavam a todo momento. Além de me fazer sentir penetrar em seus mundos e seus pensamentos na minha carne, às vezes com cortes que logo cicatrizavam, outras deixando apenas marcas e também invadiam meu corpo como o próprio ar.

A carnalidade no mundo dos sentidos, das deambulações, me fisgara com tantas questões que pareciam, ora inalcançáveis, ora alcançáveis, bastava carnalizar esses pensamentos.

A 'senhora Geografia' foi a primeira a me fazer carnalizar sua forma de pensamento da mesma maneira que as suas dificuldades que se projetam até hoje, motivo pela qual se tornou parte dessa viagem. Uma motivação inicial, que me levou a uma outra senhora, um pouco mais experiente que a Geografia, essa senhora 'Filosofia'.

² Não é de uso comum introduzir formatos que substituem aquilo que já está emplacado, engessado pelas construções teóricas há muito tempo, mas como sou um sujeito de assumir riscos, um aventureiro, incapaz de lidar somente com as formas usuais encerradas em si mesmas e como *templates* a serem seguidos, utilizo o termo 'Rotas em Apontamentos' primeiro em substituição ao termo introdução, mas que também traz a referência dos capítulos que seguirão esse formato.

Essa (Filosofia) com tantas voltas do mesmo, ao mostrar sua afillhada, a Fenomenologia, me fez querer conhecer mais os seus tantos sujeitos que já a conheciam, criavam e davam a ela novos discursos para que assim a mesma não se sentisse tão enfadonha, tão cansada, tão fora de uso.

Sujeitos que agora ao me aproximar um pouco mais deles, tive a coragem de enviar-lhes convites para que se aventurassem comigo nessa viagem de incertezas, de linhas rizomáticas do devir, das multiplicidades, dos anseios, dos equívocos, das críticas, dos acertos, das novidades, do inusitado, do ganho, da perda, da constituição, da reconstituição, da aproximação, da negação, da afirmação, da busca, do achado, do livre, do vigiado. Muitos caminhos a serem desbravados.

Nesse conjunto inicial tento clarear ao leitor desta Tese que a mesma não busca se configurar *ipsis litteris* como simplesmente um documento preenchido por signos e na busca de significação meramente pelo encadeamento concatenado em que os verbos e seus sujeitos estejam em total sintonia sintática ou que as predicções, substantivações concentrem-se fielmente aos aprisionamentos da linguagem técnica.

Desejo avisar que há decerto, uma tentativa que ultrapasse essas concepções. Sei mais que certo que esse conjunto de formatações da escrita, segundo o pensamento de alguns tal e qual supra-necessário como meio rigoroso do que chamam de forma e de seus conteúdos apresentáveis. O que diriam os poetas diante disso?

Os científicáveis homens e mulheres das ciências diriam: esse é o ponto fulcral para que uma Tese se autoproclame aceitável! Mas, eis um novo questionamento, aceitável para quem?

Essa Tese tem muito a concordar com o que Paul Feyerabend diz quando se pensa em relação a algumas condições que nos envolvemos como as “ideias novas, segundo se diz, projetam-se para além da evidência existente, e devem fazê-lo, para que sejam de interesse” (Feyerabend, 1977, p. 141).

Meu pensamento segue a mesma correnteza, as ideias novas são buscas por outras evidências distantes daquilo que se encerra rapidamente, o que motiva o interesse para continuar a ir além.

1.3 A Viagem de Fato ou os Fatos em Viagem

Tratar sobre os fatos de uma maneira que supostamente acreditamos ter total controle em uma viagem é no mínimo possuir despreparo para tal empreitada. Logo, não se tem antecipadamente todas essas determinações. Somos envolvidos por estações em movimentos diversos e aqui chamo de estações, as mudanças que acontecem a partir da manifestação dos fatos e dos fenômenos ocorrentes.

Não existe nenhuma possibilidade de *Déjavus* em uma cadeia constante que nos aguarda sempre posicionados da mesma maneira. Nem mesmo se torna coerente imaginar uma postura tal e qual aquela estabelecida na lei do “eterno retorno” de Nietzsche – penso de uma outra maneira.

Posso aqui projetar, planejar, instituir e utilizar um ou mais métodos que respaldem a viagem ou no encontro com o fenômeno, mas nunca poderei afirmar que encontrarei de **fato o fato** com o projeto antecipadamente.

Talvez já esteja até atestando que essa é uma “viagem de fato” por “entre os fatos” em uma viagem ontotopológica. Portanto, preciso como sempre reestabelecer a linha principal para que eu possa adentrar na viagem.

O que mantenho é a minha particular preocupação, enquanto sujeito inquiridor, em estar sempre a postos para questionar-me, para questionar a viagem, para questionar os comandos e também a todos que fazem parte da tripulação. Os fatos são na realidade interpretações que se expandem muito rapidamente.

Minhas reflexões são parte daquilo que sustenta a ideia de *conhecer o desconhecido ontológico*, mas a partida é dada pelas perguntas que se estendem a todo instante. Sabendo que as perguntas são capacitores de encontro com o desconhecido, é delas que se percebem a vontade de saber sobre algo ou alguma coisa.

O tal fenômeno e os tais fatos e a elaboração das perguntas, talvez sejam bem mais difíceis que respondê-las ou responder as perguntas seja um

exercício tão difícil quanto o primeiro. Se 'só sei que nada sei'³ como elemento de vida e de qualquer viagem, assim permitam-me perguntar sempre.

Portanto, de que forma se estabelece uma viagem? Estabelecer viagem, não seria o mesmo que tentar controlar todos os fatos que surgem em meio ao conjunto de possibilidades? Existe um 'como' controlador de uma viagem que se deseja perfazer por caminhos inexplorados, mesmo que se tenha partido de caminhos já explorados?

Considero que a minha posição diante da viagem me faz pensar tal e qual Michel Onfray, que desnuda os aspectos da viagem, pois, essa se faz:

Longe das ideologias da aldeia natal e da terra, do solo da nação e do sangue da raça, o errante cultiva o paradoxo da forte individualidade e sabe se opor, de maneira rebelde e radiosa, às leis coletivas. Zaratustra, que odeia as cidades e a vaca multicolorida, é a sua figura tutelar (Onfray, 2009, p. 14).

Mesmo com todo o planejamento em vistas, rotas pré-estabelecidas em algumas ocasiões dessa viagem poderão nos levar a mares, terras e atmosferas desconhecidas, mundos fantásticos, às vezes impossíveis de serem pensados sob vias definidas como objetivas.

E isso é algo fantástico que me faz pensar sobre o próprio pensamento que tem sempre um interesse pelo desconhecido e assim também se aventura para descobrir e quando descobre não se dá por satisfeito elaborando mais questionamentos a fim de redescobrir o descoberto, sempre há um elemento a mais.

Importante aqui anuir com Sloterdijk:

O pensamento, não significará ele, desde sempre, aceitar os reptos que o desmedido objectivamente nos põe diante dos olhos? E este desmedido que nos insta a um relacionamento conceptual, não é ele por si próprio incompatível com a natureza tranquilizadora do comedido? (Sloterdijk, 2008, p. 15, *sic*).

³ Contribuição socrática em máxima que me permite considerar o meu verdadeiro espaço nesse momento de escrita da Tese, em que nada sabemos sobre os fatos e sobre os fenômenos. O encontro com estes é que proporcionam até mesmo as mudanças de olhares, bem como a direção desses olhares. Há seguramente uma distinção entre mudança do olhar e a direção do olhar. No primeiro instante, a mudança pode inclusive partir do próprio método, mudar para antever situações ou mesmo para corresponder com as exigências daquilo que o fenômeno tanto exige, mas que também, pode-se mudar as interlocuções que se mantêm como contribuições para revelar o fenômeno. Em um segundo momento, a direção do olhar pode revelar outras nuances, sombras, ruídos, fissuras, dirigir o olhar para qualquer direção é atentar com mais atenção para as respostas, para as perguntas e para as dúvidas.

Tais questionamentos nos permitem esclarecer que o pensamento é confrontado com demandas e desafios e cada vez podem se apresentar de formas mais complexas e intensas, em que a maior das representações estarão incididas sob a ideia do desmedido ou do excessivo.

Justamente em um sentido angular, deve-se buscar a reflexão do como equilibrar as necessidades de se fundamentar em meio às demandas do pensamento.

Uma importante observação a ser ainda demonstrada aqui e quase como um princípio norteador pode ser reparado na seguinte menção sobre uma viagem do pensamento a qual estamos inseridos⁴.

Apesar de outros já terem realizados mapeamentos que contribuíram e ainda contribuem com todos aqueles que desejam se aventurar em viagens rumo ao desconhecido, quero deixar evidente que os caminhos nem sempre são iguais, mesmo em sentido literal.

Uma viagem pode ser realizada para um destino por diversas rotas. Às vezes algumas rotas escolhidas podem ser mais tranquilas, podem estar mais preparadas para facilitar a vida do viajante, mas haverá outras que poderão apresentar caminhos difíceis, necessitando de paciência. E de criatividade para contornar situações inesperadas, dentre muitas variáveis que surgem nesse processo.

Não é diferente uma viagem rumo ao conhecimento e ainda mais quando este mergulha na Ontologia e na Fenomenologia. Os meios para se chegar a um fim são fornecidos pela contingência que a todo instante se apresenta.

Outra questão que percebo ser importante a se pensar sobre a viagem ao desconhecido mesmo enquanto uma aventura e, nesse caso, a aventura se dá pelo conjunto de descobertas que ao longo de todo o processo ontológico ocorre. São os sentimentos que ao final da viagem ou mesmo no percurso se aproximam do viajante, aquela de **não** ter a certeza que tudo sairá a contento, isto é, como o próprio devir.

⁴ Neste caso, devemos observar que “o globo terrestre, é uma coisa cheia de bizarrices metafísicas que facilmente se escondem sob a capa do banal. Representa o bastardo geofilosófico, a partir do qual não é tarefa nada simples construir um conceito” (Sloterdijk, 2008, p. 15). Logo, a criação de conceitos em plena navegação, faz parte dos achados em meio ao desconhecido, a necessidade que desenvolve uma série de condições emocionais e psicológicas ao longo do caminho conceitual, faz parte de todo o processo. Indiscutivelmente, iremos nos aproximar de uma imersão de se estar-com, incluindo aqui o pensamento.

Nesse sentido, posso me deparar com momentos de profunda alegria, assim como inescapáveis tristezas, achados importantes, como dificuldades para encontrar algo, confusões e conflitos internos também são possíveis de se apresentarem, tédio e angústia que não se separam quando se quer compreender elementos da própria existência.

Portanto, muitos sentimentos estão à espera do viajante, daquele que não se acomoda apenas em um lugar, daquele que não pertence a nenhum lugar. Parece estranho, mas nessa estranheza há aqui algo que me faz pensar desta forma.

Essa viagem, na companhia de muitos outros viajantes que me antecederam mostrando os caminhos que irei passar para outros viajantes interessados, me leva a lugares diferentes, situações distintas e visa, como parte de todo o processo, estabelecer as mesmas condições para outros sujeitos que desejam viajar.

Por onde começar a viagem? Uma resposta para essa pergunta pode ser: “A viagem começa na biblioteca. Ou numa livraria” (Onfray, 2009, p. 25), isso porque “a leitura age como rito iniciativo, revela uma mística pagã” (*idem*, p. 26)

Será que está claro o movimento de uma viagem que navega sob a fluidez do conhecimento? Pois, acredito que o conhecimento seja fluído e ele está sempre mudando, tanto a forma do seu alcance quanto a sua transmissão.

Novos achados, novas perguntas, substitutivos, novos caminhos, novas rotas são propriedades elementares que estão firmemente presentes em uma viagem. Gostaria de escrever de forma mais simples, mas o que é a escrita, afinal, sem essência?, quando vem de si, essências do enigmático. Além disso, viajar é se deparar com enigmas.

Além disso, viajar é se deparar com enigmas, desvendar silêncios que falam aos sentidos, navegar por entre ilhas que guardam mistérios profundos, e deixar que o vasto mar transforme o que somos, levando-nos a portos onde nos redescobrimos.

Contudo, desejo constituir uma célere digressão de como foi instituído essas ideias introdutórias para essa viagem. De onde eu parto para lançar-me não no mundo, pois já me encontro nele, mas lançar-me nessa empreitada?

Quais as reações daqueles que acreditaram que poderiam também singrar comigo e daqueles que apontaram caminhos possíveis?

Por isso, essa espécie de ‘guia de bordo’, ‘diário de navegação’, ‘escritos da viagem’, apontam uma pequena parte das intercorrências para a construção de um enredo ontológico, fenomenológico de um pesquisador-viajante.

Logo, corroboro com Onfray (2009) em que:

(...)viajar supõe um desregramento de todos os sentidos, para depois reativá-los e recapitula-los no verbo. Escrever um poema, na beirada de um convés diante da água cintilante de um imenso estuário, junto à janelinha de um avião que sobrevoa a Transilvânia, num café africano em meio a milhares de hectares sem vivalma, rabiscar o papel amarrotado num saguão de aeroporto, num quarto de hotel egípcio onde a ventilação joga o ar sobre a nudez do corpo fatigado, é pedir às palavras o poder das fornalhas alquímicas: despejar no cadinho da experiência aquilo capaz de tornar incandescentes os metais e obter ouro de um punhado de imagens que permanecem (Onfray, 2009, p. 30).

Por isso, ao observar as minhas primeiras anotações acerca do projeto que considere interessante, atual e instigante do meu ponto de vista, acolhido pelo orientador, pensei que meu ponto de vista era uma possibilidade possível.

Do instante que tive os primeiros contatos com as obras do filósofo que elenquei ser importante para se discutir geografias - já que não existe uma apenas-, resolvi então configurar o projeto como um pedido para alguém auxiliar a um ‘grumete’⁵ com uma vontade de desbravar, a viajar por entre os mares fantásticos do conhecimento ontológico e fenomenológico de Peter Sloterdijk.

A carta-pedido [o projeto], recebeu as suas primeiras impressões avaliadas nos últimos meses do ano de 2020⁶. Uma verdadeira e competente comissão de viajantes, capitães, receberam a carta-pedido e os primeiros retornos aconteceram.

Percebi que haveria uma condição de viajar de fato, de desbravar, de me colocar como um ‘grumete’ para também conhecer aquilo que se colocou diante de mim.

⁵ A referência do termo “grumete” é para o autor da Tese. A escolha do termo acontece devido em sua definição, ser um sujeito que está embarcado e que é um aprendiz. E, como no ato de pesquisa há uma concomitância de aprender, nada melhor que a figura do “grumete”, que embarca com toda uma tripulação experiente e dali tirar o máximo proveito.

⁶ Depois de tantas buscas realizadas em editais no território brasileiro e interessado em compreender mais sobre a questão ontológica do espaço, percebi que havia um edital aberto da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES e em uma das suas linhas de pesquisa, Espaço, Cultura e Linguagens, havia um orientador que estava pesquisando justamente Peter Sloterdijk.

Inquirições acerca de um mundo em bolhas, de um mundo de espumas, de geografias que podem estar contidas e ao mesmo tempo conterem, de estarem em formas esféricas, em bolhas ou em espumas. Mas, a carta-pedido, iria requerer do interessado - neste caso o 'grumete' - um conjunto de explicações sobre o investimento desta viagem.

Como posso acrescentar quando Pessanha (2018), estudioso de Sloterdijk no Brasil, diz que em termos esferológicos, o navio⁷ - que é a embarcação - é o abrigo do/de um interior que cruza pelas águas do invivível. Para Bachelard "trata-se de viver o invivido e de abrir-se a uma abertura da linguagem" (Bachelard, 1978, p. 192).

E para isso, uma viagem pelo mundo virtual foi realizada, capitães e capitãs da geografia, realizaram uma entrevista com o 'grumete', para colher maiores detalhes. De uma região insular para outra⁸. Capitães e capitães portulanos, estavam de certa forma em terra firme, mas navegando nas ondas do Oceano virtual e assim foi feito.

Entrevistado, questionado, uma verdadeira suspensão. Não sabia ao certo quais as impressões passadas ali, no oceano virtual, sem o contato físico, apenas voz e representação da imagem.

As perguntas então vieram: o que esses acostumados viajantes me entregaram como veredicto? Será que irão anuir com a empreitada? Ou será que para eles as viagens deveriam ser curtíssimas - e essa viagem seria muito longa? - Esperançoso como qualquer 'grumete', me coloquei a espera e expectativa dos dias e a resposta veio. Tive a aprovação da primeira e da segunda fase desta viagem. Contudo, havia mais uma.

Havia já mais da metade de chance de que essa viagem pudesse ocorrer, com a anuência da chancela adquirida na entrevista. Mas, faltaria ainda uma última etapa, para que finalmente o início da empreitada fosse realizada. Faltava, mostrar por onde o 'grumete' havia desbravado, se esse não era apenas um marinheiro de primeira viagem oportunista.

⁷ Como forma de complementar os porquês da embarcação, foi em Sloterdijk que a ideia de estar no mesmo barco, na mesma embarcação tem o significado de "estar no mesmo barco com inúmeros membros do mesmo povo. O barco é a comunidade imaginária (...) (Sloterdijk, 1999, p. 57).

⁸ Entre as cidades de Vitória no Estado do Espírito Santo e São Luís no Estado do Maranhão.

E o 'grumete' teve sua adesão concedida, pois, seu passaporte, já tinha carimbos de outras navegações, outras viagens e outras descobertas⁹.

Assim, começaria de fato essa viagem por entre as entranhas do oceano slorterdijkiano. A navegação nas águas da fenomenologia da rotundidade, da ontologia das díades, da filosofia fantástica. Para essa longa viagem, além do capitão-mor [Peter Sloterdijk], fazem parte dessa tripulação especialistas em viagens duradouras.

Verdadeiros exploradores que, com suas histórias narradas, deixaram legados culturais importantes para que outros possam dar continuidade, sabendo parte das rotas. Esses especialistas marcaram o tempo e identificaram no espaço, métodos e condições de se compreender melhor o mundo em que vivemos.

Mas, tudo decorrente do investimento que fizeram em suas viagens, investimento do máximo esforço para que tudo que viram, ouviram e tocaram fossem registrados a fim de que outros mais tarde pudessem também passar por esses mesmos estágios.

Uma forma de produzir uma rota, um caminho para que se seguidos, os novos interessados não ficassem à 'deriva', mas que além, de conhecer essas rotas, pudessem de alguma maneira, criar outras como uma forma de contribuição. É desta forma que vejo esse trabalho, rotas que já existem, mas com o interesse em comum de produzir outra rota nessa circum-navegação.

Ao iniciar a viagem, as primeiras fases foram encontros com vários capitães e uma capitã que muito auxiliaram na escolha de outros tripulantes dessa viagem¹⁰.

Perpassei por mares turbulentos, tenebrosos às vezes e alguns mais tranquilos. Em algumas ocasiões, os capitães e capitã foram impiedosos, em outras vezes mais piedosos diante de toda a viagem.

⁹ Refiro-me à necessidade do Barema dos seletivos usarem como critérios, a demonstração do currículo *lattes*, para fins de pontuação e classificação. Muitas fases que são usadas para que como uma filtragem serem aprovados àqueles que se enquadram em todos os requisitos dos certames de pós-graduação. A minha tentativa no texto é representar essas fases de uma forma mais poética possível. Assim como eu gostaria de construir toda a tese. Mais a frentes falarei do termo geopoética, que se traduz de certa forma em estudar as formas literárias que se configuram a partir das imanes dos lugares, e de uma poiética, que se configura tal qual a uma "reflexão dos liames que unem a criação literária ao espaço" (Collot, 2012, p. 25).

¹⁰ Aqui faço referência às disciplinas ofertadas e cursadas no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, que são requisitos necessários para se adquirir créditos ao longo do Doutorado.

Nessa viagem inicial embarcaram diversos ‘grumetes’, interessados cada um em realizar as suas trajetórias com suas rotas pré-definidas em suas próprias embarcações. Mas, como havia a necessidade de passar por algumas dessas águas e ilhas, tivemos que estar navegando juntos por períodos que duraram cerca de 14 [quatorze] semanas.

Muitas orientações, explicações sobre os mundos que iríamos encontrar. Minha ‘*imago mundi*’ foram as novas referências externas a mim, em que tive a imensa curiosidade e despojo em ir buscar, conhecer e me aproximar de cada novo aporte teórico.

E, por quais caminhos, rotas deveríamos seguir com mais segurança, pois, já conheciam essas rotas com propriedade. Nos interstícios que tínhamos os ‘grumetes’ realizavam suas atividades de ‘aprendiz’ definidas pelos capitães e a capitã. Tudo para consolidar as informações ao longo das semanas e se todos estavam realmente convencidos do que ainda estaria por vir.

Uma forma de relatar para eles que as propriedades de domínio e de rotas que já possuíam poderiam servir. Contudo, não seria apenas a rota dada como destaque a ser seguido, e sim, diferentes rotas que seriam desbravadas¹¹ e até mesmo criadas.

Orientações definidas e documentadas no diário de bordo para que servissem como base sempre que fosse necessário revisitar as páginas registradas de todas as horas que passei encarando o fato que estaria em busca de uma compreensão para minhas problematizações.

¹¹ O que me leva a considerar que a própria introdução desta tese esteja realizando. Não é apenas uma crassa substituição de termos, por metáforas, mas de evidenciar que outras maneiras podem ser usadas para descrever uma proposta fenomenológica que não se encerre sempre em uma conduta mais ríspida, mais fria que se tem no conjunto literário. E, foi justamente o que pude perceber.

Foram muitas literaturas especialistas que li e que ainda tenho lido, e o que me deparei foi com uma estrutura de linguagem extremamente formal, hermética e engessada em princípios textuais que enfadonham a qualquer sujeito.

No aspecto da tipologia textual, tudo dependerá do sujeito que escreve e para quem ele escreve. Observando é claro que o tipo de texto segue uma matriz, mas isso não significa que um texto não possua na sua construção, explicação e interpretação chances de se tornar como a um texto poético. E em relação ao termo poético, não estou dizendo que deva ser todo construído em prosa, mas que seu teor, possa perpassar, alinhavando-se, nas entranhas do próprio ser que pensa, que planeja e que escreve. Assim, quero deixar registrado, que posso tratar de filosofia, geografia e outros campos, como se eu mesmo estivesse em uma Odisseia.

Mas, como tenho exposto tratando da tripulação, muitos foram convidados a me ajudar nessa viagem de todos os cantos do mundo e o mais interessante de épocas, culturas e línguas diferentes.

Uma verdadeira tripulação ecumênica, pensamentos diversos com propósitos infinitos, caminhos às vezes parecidos e às vezes distantes, mas com fortes ideias.

Assim, posso sintetizar essa tripulação. Contudo quero destacar celeremente que o primeiro desses tripulantes foi o alemão Friedrich Nietzsche conhecido pela sua maneira única de martelar e dinamitar os valores estabelecidos. Foi justamente a partir do contato com ele [Nietzsche] que fui convencido a convidar Peter Sloterdijk a ser o capitão-mor desta viagem. Como poderia ao ler Nietzsche me encontrar com Sloterdijk sendo que ambos estão em espaços temporais bem diferentes?

A resposta é, que no momento da busca por categorias de interesse, os estudos sobre Nietzsche, no campo filosófico já estavam se apropriando dos estudos de Peter Sloterdijk. A categoria que me interessa é o espaço e por esse motivo encontrei textos que apresentaram o pensamento de Sloterdijk que por sua vez era muito peculiar, tanto o modo de escrita como o seu próprio pensamento.

Prontamente, resolvi apostar que poderia sair do encontro do pensamento esferológico, conhecido como Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk, em anuência com o campo geográfico rumo a uma investigação ontológica. Era hora de fazer algo diferente, dialogar com um filósofo pouco convidado para assinar estudos na área da Geografia¹².

Entretanto, muitas outras áreas já apresentam investigações com a assinatura de Peter Sloterdijk. É o caso dos mais célebres comentadores sobre as obras do filósofo alemão, Rodrigo Petrônio (2013) e Juliano Garcia Pessanha (2017). Suas dissertações e Teses foram parte do incentivo para começar a planejar os meios viáveis para definir um projeto de estudos.

A ideia do planejamento é de relacionar aspectos da Ontotopologia com as circunstâncias dos dados ontológicos que temos na Geografia sobre o espaço

¹² Refiro-me ao diálogo que as áreas do conhecimento estão tendo com Peter Sloterdijk e, nesse sentido, a Geografia ainda não possui no Brasil nenhum trabalho acadêmico (por enquanto) que discuta diretamente a Teoria de Sloterdijk.

na Teoria das esferas de Peter Sloterdijk, analisando de maneira microesferológica, macroesferológica e poliesferológica que tem como princípios a trilogia Esferas e os livros Bolhas, Globos e Espumas.

Ademais, a compreensão por diferentes espaços que não seja apenas o espaço extensivo e físico se tornou latente nessa empreitada, liberando o olhar não apenas para o palpável, mas principalmente também para o impalpável.

Adianto aqui mais uma importante observação, que a partir das diferentes interpretações realizadas me permitiram realizar esse destaque, em que devemos perceber que as rotas serão caminhos para se chegar a algum lugar e nos levam a perpassar por espumas, por uma infinidade de microcontinentes que coexistem nas espumas. Isso significa que existe um formato autorreferencial para cada um que emite sua própria imagem de mundo.

É um dos resultados provenientes do colapso das macroesferas, da totalidade, do Uno centralizador. Os microcontinentes surgem como um modelo superável dos antigos sistemas imunológicos, protetivos e seguradores de uma aceitação sem reflexão.

A constituição de microcontinentes e suas bolhas anamorfias, produzem a espumização que nos encontramos enquanto ‘outras maneiras de se estar espacializado’. A viagem, antes de seu início, parte de um lugar, uma “terra firme” para avançar contra o desconhecido, o exterior e parar novamente em outras “terras firmes”.

Assim, posso assegurar que mesmo não estando mais em “terra firme”, a noção de espaço se faz presente, seja pelo pensamento em deslocamento, sejam pelas histórias nas literaturas ou mesmo pelas teorias, seja pela poética que vem a nós e nós a ela.

Nesse mesmo sentido, a abertura para relatar os trabalhos de alguns tripulantes que são evidentes ao longo de toda a abordagem desta Tese bem como suas explorações que são essencialmente em sua grande maioria dividida entre dois campos: Geografia e Filosofia e outros que se apresentam nos diálogos articulados para respaldar a construção de todo o relatório da viagem.

Suas explorações, sejam nos estudos dos espaços, da existência, da essência ou da coexistência foram o que mais me chamou atenção para auxílio direto na complementação das suas descobertas articuladas com a Teoria de Peter Sloterdijk.

A compreensão sobre a Ontotopologia - e este é um ponto de grande importância para essa Tese -, área pouco explorada, ao longo das rotas foram sendo preenchidas por saberes que se agregavam para responder a diversos questionamentos sobre o espaço que se encontram marcadas nas descrições das primeiras rotas desta viagem.

O ponto de partida para a escolha das interlocuções foi um questionamento basilar, mas muito intrigante, se nos afastarmos de uma posição meramente extensiva. A pergunta: *“onde estamos quando estamos no mundo?”*.

Parece soar muito fácil para o retorno quase que imediato de uma resposta, mas não se trata como venho apontando apenas atentar para o fator extensivo do estar no mundo com os outros seres próximos ou distantes onde a cartografia tradicional facilmente pode localizar.

Mas, esse “estar” no mundo implica mais detidamente o aspecto da relação, de ser absorvido e absorver, de conter e estar contido ao mesmo tempo, que desfaz a velha caracterização de estabelecer linhas cruzadas para encontrar algo ou alguém como usualmente feito pela cartografia.

Portanto, para deixar mais evidente os pesquisadores, filósofos, escritores que farão parte desta viagem, irei apresentar a partir das próprias rotas que tracei para chegar a um destino tendo como partida a pergunta inicial: *“onde estamos quando estamos no mundo?”*.

O planejamento desta viagem tem como objetivo compreender as questões que estão intimamente relacionadas sobre como a Geografia circunscreveu e tem ao longo de décadas e até mesmo séculos apresentado o seu objeto de estudo que é o espaço geográfico, mas que a partir das ‘viradas ontológicas’, ‘viradas teóricas’ ocorreram mudanças no modo de pensar o espaço, em observância à novas rotas e novas fugas, tanto ontológicas, quanto teóricas.

Eis, portanto, um objetivo cerne que motiva a viagem. Há no campo geográfico alguns trabalhos que expressam esforços concentrados em temas que estão imbricados com o espaço, sendo um deles o lugar. E na constituição de compreender o que vem a ser a Ontotopologia, essa só pode ocorrer com a compreensão do ‘estudo do ser’ que está relacionado a Ontologia e com o ‘estudo do lugar-espaço’ que é orientado pela topologia.

Desta forma, no planejamento das rotas, seis rotas principais e duas intermediárias, a primeira enquanto abertura e uma rota final como uma amarração de todas as demais anteriores, totalizando oito rotas para essa longa viagem. As rotas são os lugares por onde passei ao longo de toda a viagem, as paradas para as discussões e esse levantamento realizado, parte dos debates que em rota foram sendo traçados.

Imaginemos todos os teóricos envolvidos a partir das suas principais Teses, discutindo em alto-mar sobre temas diversos capazes de serem amplificados nessa geografia, uma geografia que se interesse pela espacialidade, desde que sua observação seja com o envolvimento em movimento correlacional, na produção de mundos e que estes não sejam apenas os que estão na exterioridade.

A recriação dos mundos da mente, é de certa maneira a centralidade do pensamento sloterdijkiano, pois estar em esferas, também é criar uma extensa simulação da espacialidade microesférica na exterioridade.

Desta forma, posso atestar que as rotas foram de onde extraí aprendizagens e também onde ocorreram muitos diálogos e replanejamentos. A cada rota, um novo encontro, novos tripulantes eram convidados a mostrarem os caminhos que já haviam percorrido, para cada rota uma forma de apontamento a fim de não passar pelos mesmos locais.

A primeira rota é a abertura, os traços iniciais da minha assinatura enquanto composição introdutória. Apresentando o andamento da viagem e revelando como se darão aos sequências da Tese. Por isso, a primeira rota recebeu o nome de: **SENDA INTRODUTÓRIA**: introduzindo uma introdução.

Na segunda rota, perpasso pelas ilhas da **DINÂMICA DO PENSAMENTO ESFEROLÓGICO**: esboço introdutório da Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk. Aqui paramos para incitar um diálogo do pensamento de Peter Sloterdijk com a Geografia, para evidenciar que nesta trajetória a exposição do comandante-mor Peter Sloterdijk e a sua teoria seriam apresentadas mesmo em um sentido brevíário.

Logo, as obras de Peter Sloterdijk por serem diversas, foram escolhidas diretamente para compor o estatuto necessário desta apresentação, tendo como referência o pensamento das Esferas, isto porque o filósofo tem marcado o Ocidente com a sua forma de perceber os espaços o que apresento parte

fundamental da esferologia, mas sendo acompanhado por outros discursos na Geografia e na Filosofia: Massey (2008); Dardel (2015); Soja (2013); Harvey (2005); Milton Santos (2006, 2008); Reis (2012), Gomes (2011, 2013, 2017); Suetergaray (2001); Santos e Reis (2019, 2021, 2024), Kant (2018); Nietzsche (2002, 2014); Bachelard (1978); Han (2017, 2021); Giddens (1991, 1998).

A terceira rota que defino como outra intersecção se intitula: **DE BOLHAS A ESPUMAS**: o fenômeno espaço geográfico como um sistema de imunização. Aqui estabeleço a articulação entre a Geografia e a Filosofia de Peter Sloterdijk, evidenciando a perspectiva da imunização como chave da Teoria de Sloterdijk e como um princípio de coexistências, pois, são as insufladas bolhas que o ser humano faz parte como insuflador e insuflado ao mesmo tempo.

Nessa rota, um compreensivo diálogo entre as formas e a própria constituição ontológica do espaço geográfico visa estabelecer um encaixe com as primeiras observações que Peter Sloterdijk realiza no livro Bolhas. Desse modo, para que a discussão possa se encaminhar para a Geografia, viajamos por meandros que destacam as propostas ontológicas desde o início e os expoentes que discutem o assunto com propriedade.

Para essa rota, trouxe também com maior extensão os geógrafos brasileiros e as algumas das suas importantes contribuições que ao longo do tempo se tornaram indispensáveis para reflexões das posições ontológicas de cada um sobre o espaço. Para tanto endosso com as contribuições de Maturana e Varelo (1998, 2008); Ribeiro (2013); Milton Santos (2006, 2020); Reis (2012, 2019) e faço uma divisão para apresentar a narrativa do espaço geográfico sobre a perspectiva ontológica, iniciando com os estudos de Martin Heidegger (2012) que insiste que o Ser do espaço deva ser um axial a ser amplificado e a pergunta pelo Ser do espaço também possa ser levantada como fundante para um estudo que se intente verificar o campo ontológico.

Ademais, mantenho um cuidado da maneira como se intenciona investigar o Ser do espaço, pois outras viagens que são realizadas acabam se perdendo nas próprias turbulências que são proporcionadas pela Ontologia e Fenomenologia.

Para tanto, aproximo dos estudos de Quine (1978), para uma regressão ontológica com a colaboração de Oliveira (2014) que destaca no centro dos seus

estudos ontológicos as particularidades das coisas e nesse caso, a do espaço é o meu interesse.

Nesta busca pela intimidade do Ser, pela particularidade que compõe essa rota, destaco teóricos brasileiros que nessa constituição da narrativa ontológica do espaço considere necessário estarem embarcados, pois, como se trata de uma 'regressão' e ao mesmo tempo de uma 'virada ontológica e geográfica', os nomes de Milton Santos; Roberto Lobato Côrrea; Ruy Moreira; Armando Côrrea da Silva são identificados nessa rota para reforçar o entendimento da Ontologia do espaço.

Também agrego a exposição dessa rota a explicação que não se trata de um levantamento de críticas acerca da 'Ontologia', isto é, quem fez melhor, quem acertou, quem está equivocado, como fez Soja (2013), e recentemente vem sendo realizado por Santos (2017, 2019) e Reis (2012) em alguns dos seus estudos.

Seguindo as novas rotas nos encaminhamos à quarta rota com o intuito de apresentar caminhos que sonhem as questões que estão ligadas às questões da: **EXISTÊNCIA E A ESSÊNCIA DO ESPAÇO**: interpretações conflitantes na geografia. A minha intenção, como em todas as rotas, não é de fomentar críticas, mas ampliar as interpretações juntamente com a Fenomenologia sobre pontos importantes para a Geografia sobre as questões da existência, da essência e da coexistência, que já são debatidas principalmente em outros âmbitos. Nesse sentido, como o tema é bastante divergente, e apesar do esforço envidado nunca se chega a um veredicto sobre essa discussão.

Por isso, essa parte da viagem tenta de alguma maneira aproximar os fenômenos existência e essência vinculadas ao discurso geográfico e que, por sua vez, não tem uma posição totalitária de congruência entre os pesquisadores; o que vejo como fundamental.

Para que isso ocorra, decido então solicitar um debate que se estenda para o campo da esferologia e que estes dois fenômenos sejam expostos a partir do olhar da Geografia, mas requisitando de certa maneira e a reboque, as contribuições da Filosofia que tradicionalmente se inclinou a estudá-las.

Esse caminho abre, portanto, uma densa explanação com diferentes pontos de vista sobre o assunto, todavia de maneira seccionada, a fim de explicitar a contento o que se busca e que se amplie para outros olhares.

Assim, as contribuições de filósofos e geógrafos aqui descritos: Platão (1974); Aristóteles (2019); Edmund Husserl (2020); Martin Heidegger (2012); Paul Ricouer (1978,1987,1988); Jean-Paul Sartre (2008, 2011, 2015); Maurice Merleau-Ponty (1999); Don Ihde (2017) e Peter Sloterdijk (2002, 2004, 2006, 2007, 2008, 2009, 2012, 2016, 2024), Stuart Elden (2004); Mikko Joronen (2016); Edward Soja (2013), Jeff Malpas (2012); Doreen Massey (2008, 2023); Edward Casey (1998, 2001); Eric Dardel (2015); Milton Santos (2006, 2014); Ruy Moreira (1982) se tornam importantes para melhor compreensão.

A quinta rota intitula-se: **ESPAÇO COMO CONTINENTES AUTÓGENOS**: a derivação da esferologia para o espaço geográfico. Neste ensejo, a rota apresenta uma ideia de “espaço como continentes autógenos” referindo-se à concepção de que o espaço geográfico pode ser entendido como uma multiplicidade de esferas que se encontram interconectadas e que possuem as suas formas autógenas.

A partir da teoria de Peter Sloterdijk, a esfera é uma forma fundamental da existência humana e que cada uma das esferas são possuidoras de origens autônomas e peculiares.

É nesse caminho que me dirijo para compreender mais a constituição de uma Ontotopologia que se amplie a partir do entendimento esferológico. Uma das categorias bases a ser apresentada nessa rota é a ideia de ‘pneumotécnicas’ e de sociedades e ‘autoestressantes’, produtoras de ao mesmo tempo bolhas e seus espaços.

As contribuições para o diálogo são entre: Peter Sloterdijk (2018) que é a peça central, mas também Martin Heidegger (2012); Gaston Bachelard (1978); Edward Casey (2001); Edward Soja (2013); Jeff Malpas (2012); Henri Lefebvre (2001); Doreen Massey (2008), Eduardo Marandola Júnior (2021); Milton Santos (2006, 2014); Ruy Moreira (1982); Roberto Lobato Corrêa (1986, 2000, 2002,2023), além de outros comentadores que tratam de assuntos que ganharam destaque na Geografia Humanista com temas que estão relacionados às relações e afecções.

Desta maneira, importa discutir que o espaço geográfico deixa de ser apenas um ente indisposto a subjetivação e em sua imanência fechada, transcendendo para uma compreensão do quanto ele reflete a capacidade esferológica em que o Ser está envolvido em suas correlacionalidades e em suas

coexistencialidades. Para isso, a base da Fenomenologia da rotundidade nos ampara neste constituir-se de evidências que o espaço apresenta nessa quinta rota que em meio às novidades atmosféricas vamos presenciando e sentindo a formação do espaço. Nessa rota, iremos nos deter um pouco sobre a Ontologia do fenômeno e perceber como isso implica conhecermos em qualquer campo de estudos sua manifestação.

A sexta rota, **ESTRANHAMENTOS NO MUNDO PRÓLOGOS SOBRE ESPACIALIZAR-SE**: habitar espaços ou Estar em espaços? Essa rota se traduz como o prólogo considera sobre como ocorre a espacialização que vem com o contato com o mundo estranho e que devemos pensar sobre a ideia dicotômica no limiar que se encontra entre o habitar e o estar em espaços, algo que na observação a respeito da espacialidade requer uma depuração melhorada, mais uma suspensão à vista, habitar espaços ou estar em espaços? O que suscita a intenção de diferenciar as ideias concentradas entre 'Habitar e 'Estar' em espaços. Por isso, que nessa rota ir além de um estar-em-um-lugar-construído se torna essencial para o conhecimento de uma Geografia fenomenológica.

Apresento ainda diversos tipos de espaços que aqui serão amplificados como essas bolhas. Esse aporte que será evidenciado nessa rota é mais uma contribuição que parte da esferologia. Pois, seguramente o 'estar no mundo' requer mais atenção do que possamos imaginar.

Decerto que a nossa intenção está ancorada em aprofundar essas ideias e para isso, busco o auxílio em: Martin Heidegger (1954, 2012); Milton Santos (2014); Henri Lefebvre (2001); David Harvey (2005); Edward Soja (2013); Doreen Massey (2008).

Deixando a sexta rota, nos dirigimos para a sétima rota. Intitulei essa rota de: **ESPAÇOS DE MIMO**, que busca apresentar no seu introito os espaços microesferológicos de Peter Sloterdijk, com a articulação imaginária de Gaston Bachelard e a sua fenomenologia da rotundidade que é consagrada pela esferologia sloterdijkiana.

Nessa rota, meu olhar não está apenas para as arquiteturas de habitação, das casas como acostumados estamos a compreender, mas para aquilo que as casas trazem consigo ou escondem consigo nas informações que suspendem os conhecimentos que temos sobre o que é 'habitar' o mundo.

Se somos produtores de espaços interiores, por que a Geografia ainda não tinha se aproximado de um pensamento íntimo como esse? Por isso, essa rota apresenta mundos diversos e diferentes mundos que constituem aquele que pensamos estar.

Por fim, a oitava rota dessa viagem: **PARA ONDE IR:** do aqui, para lá, com, em..., é o cruzamento de todas as rotas da viagem. Nessa rota está evidenciado, como uma inferência, os elementos dialogados nessa exploração hermenêutica e fenomenológica da Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk para a Geografia, conjuntamente ao *corpus* teóricos dos colaboradores dessa viagem.

Por isso, consideramos ao longo da produção deste texto que seria uma verdadeira viagem por outras terras, outros mares e outras atmosferas. Apresento aqui toda a discussão presente na Tese entrecruzando todas as rotas de uma só vez.

E, por isso que as movimentações que foram feitas até “do aqui, para lá, com, em...”, se manifestam nas possibilidades realizadas nos espaços, que não ocorrem apenas fisicamente, como também simbolicamente e representam a transição entre as perspectivas traçadas do ‘entre espaços’.

CAPÍTULO

II

2ª ROTA

2. DINÂMICA DO PENSAMENTO ESFEROLÓGICO: esboço introdutório da Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk para incitar um diálogo com a Geografia

Se existe um tema, conceito, objeto, fenômeno ou discussão da mais alta importância para o ser humano certamente é o espaço um desses temários distintos e caros. Ele se apresenta como tema de estudo e de todas as demais variações antecedidas aqui, mas o campo que mais tenta discuti-lo e dele se aproximar, com muitas investigações, tem sido a Geografia ao longo do tempo histórico.

É justamente na Geografia que o fenômeno espaço se estabelece como uma voz de primeira ordem, além de ser acrescido pelo termo geográfico em muitas ocasiões e que por extensão vai complexificar mais o entendimento sobre esse fenômeno [*chamaremos de fenômeno no lugar de objeto ao longo da Tese*].

O espaço geográfico ou mesmo os distintos tipos de espaço, sua formação, organização, utilidade e mutações, é ainda e desde sempre um fenômeno seguramente inquietante para pesquisadores das mais distantes raízes do conhecimento.

Pode-se observar que muitas áreas específicas da ciência ao longo dos seus estudos, distinguem e formalizam as suas tratativas de maneira que às vezes, tornam-se verdadeiros cânones de tão explorados pelos novos pesquisadores, gerando dificuldades de romper com um pensamento tradicional sobre a conceitualização do espaço.

Talvez poderia ser alcunhado esse movimento de uma ‘*sapiens colonização*’¹³, sem que muitos se deem conta, que tergiversar sobre essas duras imposições se faz necessário em algumas ocasiões. Distante pensar em uma postura apologética em causa própria ou mesmo sendo radical aos pontos

¹³ Apenas uma referência ao saber colonizado e que me faz aproximar um pouco da proposta de Yuval Noah Harari. Harari (2015), explora as razões pelas quais os humanos se tornaram capazes de colonizar diferentes partes do mundo, incluindo sua inteligência, capacidade de trabalhar em grupos, desenvolvimento de ferramentas e tecnologia, além da habilidade de se adaptar a diferentes condições climáticas e geográficas.

de vista de que tais princípios do conhecimento, devam ser esquecidos ou inutilizados.

Contudo, uma questão de pertinência deve ser tratada introdutoriamente - e essa questão está relacionada a não se deixar com que a contaminação, de uma via única- daquilo que é amplamente constituído como refratário e que vem a reboque constantemente nessas construções até mesmo ontológicas sobre esse fenômeno [espaço], sejam a única forma de ver, compreender¹⁴ o fenômeno em questão.

Sobre tal discussão, considero pertinente apresentar nessa rota introdutória o filósofo Peter Sloterdijk. Ao longo das três últimas décadas ele tem apresentado ao mundo especializado, novos olhares, contribuindo com conceitos, advindos da sua peculiar forma de pensar e escrever e fazer acontecer uma fenomenologia que se propõe e que, acima de qualquer coisa, nos propõe a ampliar esse estudo sobre o espaço.

Das múltiplas propostas de Peter Sloterdijk, a permanente busca sobre a produção primitiva do espaço ou de espaços são pilares da base de uma constituição de pensamento que está coadunado com esse atual movimento epocal. Esse pode ser considerado como uma verdadeira escalada ao desconhecido, bem como realizar a tentativa de desafastar o desconhecido mundo da espacialização.

Cria-se as possibilidades e condições dentro de um extenso mosaico de interlocutores, que estão presentes nos mais variados temas e conceitos que são a aposta da articulação com o pensamento da Geografia. Esta relação se configura em novos formatos para pensar a produção primitiva e ontológica do espaço.

Por isso, para Peter Sloterdijk, os filósofos, como produtores de conceitos, esses mesmos na atualidade devem ser além de pensadores, *designers*. Mesmo não inventando do zero, reconstituem, reprocessam

¹⁴ Para isso, enquanto leitor de Friedrich Nietzsche, aceito de bom grado o que ele me empossa no instante em que penso o verbo compreender. Asseguro que em seu momento e vivência de mundo, Nietzsche soube colocar bem as palavras e assim, conseguiu fazê-las atravessar mais de um século, diz ele sobre o fato compreender: "A experiência interior só atinge nossa consciência após haver encontrado uma linguagem que o indivíduo possa *compreender*- isto é, a transposição de um estado em outro mais conhecido. "Compreender" é simplesmente poder expressar qualquer coisa de novo, na linguagem de algo de antigo, de conhecido" (Nietzsche, 2017, p. 54).

caminhos já existentes, reinventando o mundo. Essa é uma consideração que está calcada em seu pensamento que será demonstrando e que ele considera, com toda a razão, que podemos sempre recomeçar novamente.

O sentido discutido por Peter Sloterdijk acerca de um desenvolvimento do olhar morfológico e topológico sobre o espaço humano depara-se, mesmo que às vezes passando despercebido, por uma questão de grande importância que é parte singular da sua ontológica investigação e que não é tão explorada.

Enquanto nos preocupamos no sentido ou em dar sentido às questões concentradas sobre a cronologia humana, Peter Sloterdijk visa compreender como elemento preeminente e necessário um deslocamento para o espaço ante ao tempo, pois assim permite-nos considerar que a própria vida deve ser observada conquanto a uma questão de forma e conteúdo e não apenas de validade [tempo].

Certamente, pensar desta maneira é incitar um projeto que se desdobre para outras percepções que não apenas aquelas massivamente exploradas.

Esse projeto está concentrado na Trilogia das Esferas. Neles, ele explica um debate que se estende para a concepção do 'espaço primitivo'- em sua construção ontológica – humano e se permite partir destas problemáticas que por deixarem de ser amplificadas.

Desta maneira, estão presentes no propósito das obras de Peter Sloterdijk assistido filosoficamente e com o valor necessário ao tema espaço e sua concepção original.

Há de se requerer, dentro do possível, a articulação daquilo que Heidegger em suas divagações filosóficas interpela o próprio ser enquanto estada: onde estamos quando estamos no mundo?

Esse questionamento, por mais inocente que possa parecer, necessita de uma detida hermenêutica¹⁵, quase que uma dissecação semântica, mas que transcende essa conduta realizada por muitos de maneira objetiva, pois, embora pareça inocente a pergunta, a sua resposta ou respostas não são tão objetivas quanto se possa imaginar.

¹⁵ Um pressuposto que desejo referendar aqui, é comentado por Pickles que diz: "A hermenêutica superior assume como tarefa compreender o significado de um texto, como ele se relaciona com o seu próprio mundo (e com os mundos subsequentes nos quais teve uma existência) e como deve se relacionar com o mundo atual" (Pickles, 2004, p. 38, traduzido do livro: **A History of Spaces: Cartographic Reason. Mapping and the Geo-Coded World**).

A sugestiva e inquieta pergunta heideggeriana nos faz ver o quanto esse pensamento localizacional/epocal, vai para além e que por conta de um comportamento inquietante, Peter Sloterdijk concede-nos em meio às suas metaforizações objetivas respostas para novamente, se pensar e compreender a essa questão: onde estamos quando estamos no mundo?

A resposta transcendental ao fator base cartográfico/métrico/geométrico/euclidiano, pode ser um estímulo a um pensamento de se ‘estar em esferas’ ou ‘esferológico’ do ponto de vista sloterdijkiano-bachelardiano¹⁶, em ressonâncias amplificadoras ou em constituições de auto-organizações imunológicas protetivas que envolvem os seres humanos sem considera-los apenas como espaços produzidos pela intervenção humana, sem propósitos ou a partir de uma tecnificação modificadora da paisagem em que se incrementam fluxos e os tantos fixos existentes “o espaço é, também e sempre, formado por fixos e fluxos”.

“Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto é o espaço” (Santos, 2014, p. 85) que se encontram no que é chamado de espaço produzido.

Enquanto observação de uma investigação ontológica sobre a espacialização e não apenas das transformações inquietantes estabelecidas no tempo, é interessante certificar-se nesse contexto que a própria configuração do espaço acontece por sermos os próprios sujeitos produtores de espaços, um caminho que se faz necessário para pensarmos.

Peter Sloterdijk alude da seguinte maneira:

O que nos discursos dos filósofos recentes se denominou o estar-no-mundo significa, para a existência humana, em primeiro lugar e sobretudo, estar-em-esferas. Se os homens estão aí, então existem de início em espaços que se abriram para eles porque, ao habitá-los, lhes

¹⁶ Cf. Tenho interesse nessa Tese de criar espaços de diálogos dos mais diversos. A multiplicidade é naturalmente um método de aprofundamento do sentido sobre o espaço que orienta o caminhar, a circum-navegação da Tese. Como proposta Gaston Bachelard é um dos filósofos que muito tem possibilitado diálogos com a Geografia e que, por sua vez, Peter Sloterdijk em diversas ocasiões o convida para essa conversa sobre questões fundamentais da Esfera. Para Bachelard o importante é “(...) vencer as dificuldades de nos afastarmos de qualquer evidência geométrica. Ou seja, foi preciso partir de uma espécie de intimidade do redondo. Encontramos, em pensadores e em poetas, imagens do redondo direto, imagens- e é para nós essencial- que não são simples metáforas. Teremos aí nova oportunidade para denunciar o intelectualismo da metáfora e para mostrar, consequentemente, uma vez mais, a atividade própria da imaginação pura” (Bachelard, 1978, p. 198). O sentido tratado aqui é anunciar o convite formal ao filósofo do redondo que iniciou esse trabalho e que Peter Sloterdijk sequencialmente nos brinda com a sua trilogia.

deram forma, conteúdo, extensão e duração relativa (Sloterdijk, 2016, p. 44).

Nessa rota uma pergunta surge como fundamental: De que maneira o sujeito ou ser humano acontece no mundo? Esse acontecer— vir a ser — no mundo, se abre na pré-produção do espaço, na pós-produção do espaço ou na concomitância de sua produção?

Na filosofia fantástica de Peter Sloterdijk temos esse caminho aberto que nos permite uma investigação ontológica que antecipa o próprio nascimento do ser humano e o caminho das rotas criadas por ele para a sua hominização. Esses caminhos, rotas e hominizações, quando acontecem? Por que acontecem? Para que acontecem? Como acontecem?

As respostas devem ser respondidas, não de maneira superficial, mas desde a especulação e um direcionamento mais efusivo sobre essas questões. É inquietante, pois nos faz pensar como encontrar respostas para tudo isso com vistas a contribuição nessa investigação, pode-se utilizar, aquilo que Lucien Febvre chamou de ‘Geografia das velas defraldadas’, “(...) aqui sendo o risco assumido, a coragem de planejar uma empreitada e executá-la, a determinação das individualidades fortes, algumas vezes com fim trágico (...)” (Dardel, 2015, p. 78).

São muitos desafios e riscos que envolvem qualquer tomada de decisões ousadas e na execução de planos ambiciosos. Para que isso ocorra é necessário ter coragem para assumir os riscos que porventura apareçam. Mesmo assim, embora se trace planos para avançar como nas grandes empreitadas o desconhecido é algo incerto.

Óbvio que não é o meu propósito que venhamos nos deparar com algum fim trágico, mas de otimizar a proposta da Tese e o seu alcance de ressonâncias a favor, mas que também os possíveis desfavores e, neste caso, as críticas possam se tornar pontos para melhor compreensão do fenômeno.

A pesquisa se estabelece justamente a partir das incertezas, por onde alçamos as velas, com o intuito inicial de serem direcionadas a favor do vento, a fim de que se tenha descolamento. Porém, ocorre que as atmosferas mudam, são instáveis, imprevisíveis e às vezes incontroláveis. Áreas podem se apresentar incontornáveis impossibilitando o sucesso da jornada, isso não significa que não há planejamento, mas que as vezes mesmo no exercício de

pensar, podem ocorrer encontros, desencontros, ventos que soprem para outras direções.

Ao escolher o filósofo Peter Sloterdijk como capitão-mor dessa viagem, enquanto um especialista em viagens das mais fantásticas no mundo do ‘dentro’ e do ‘redondo’, tendo explorado espaços nunca antes pisados, buscou-se alcançar níveis de compreensão importantes para outros-novos interessados em novas aventuras fantásticas, e na posição que autor desta Tese se coloca em dialogar com a visão deste filósofo.

Enquanto ‘*grumete*’, não só envidei esforços em convidar Peter Sloterdijk para contribuir com a orientação e os desfastamentos das distâncias, como também em trazer para dentro da embarcação e movimentação de diálogos, autores extremamente necessários no compartilhamento das suas experiências, sendo diversos ‘*imediatos*’, essa tripulação experiente.

Enquanto me coloco como uma espécie de ‘*grumete*’ sedento pelo mar de descobertas nessa jornada como mencionado anteriormente, Peter Sloterdijk e sua trilogia em especial, se tornam meios-outros, geradores de novas perguntas sobre o espaço e lugar.

Tomar conhecimento do sucesso ou de mais dúvidas nessa jornada que lança seu olhar para uma base sólida, tal qual a uma ‘ilha geográfica’ ou um ‘porto seguro’ desbravando o mar da Geografia, só será reconhecido definitivamente quando as amarrações, pós-arrebentações, forem inferidas e a embarcação estiver sem movimento.

Entrementes a Tese considera inicialmente que faz parte a aglutinação das características fundamentais e potencializadoras que foram extraídas das longas conversas com Peter Sloterdijk, pois, conforme o que pontua esse filósofo e importa saber, existem espaços mesmo antes do nascimento¹⁷, quando inicialmente se realizam as primeiras relações diádicas.

Aquilo que compõe uma protoformação de espaços partindo das cavernas uterinas descritas com detalhes pelo filósofo, formam-se os primeiros

¹⁷ Partes do conhecimento deficientemente explorado, mesmo não sendo o interesse majoritário dessa pesquisa nas reverberações trazidas no livro *Bolhas* e que Peter Sloterdijk aprofunda com a sua *Fenomenologia*, sendo um olhar para o dentro e não apenas para o exterior, e que ainda são muito incipientes.

espaços esféricos caracterizados como “BOLHAS”, pelo aspecto biomorfológico do processo criador do humano.

Um Ser que se inicia ou que ainda não pode ser considerado Ser de fato - essa atenção que se deve ter diz respeito exclusivamente à formação do feto no espaço materno -, estando em uma bolha, preso a ela por um determinado tempo biológico responsável pelo desenvolvimento desse aprisionado em seu momento na caverna materna e nos fluidos amnióticos.

Peter Sloterdijk mostra os passos que vão em certa direção para o início das relações diádicas, configurando os passos das relações: embrião e placenta, feto e placenta, feto e mãe, mãe e filho e os posteriores momentos relacionais múltiplos em família e sociedade.

A partir, desse resgate ontológico Peter Sloterdijk demonstra que as espacialidades, não acontecem apenas na ambiência externa ao corpo, na *res extensa* [no mundo material]. Isso é um pensamento inicial teórico que vai além do conhecimento enrijecido e que nos serve para novas aferições e oportunas contribuições¹⁸.

Por isso, se destacam em um primeiro momento as ‘microesferas’, sendo esferas pouco ou quase nunca exploradas pelas diferentes áreas da ciência e inexplorada pela Geografia, quando poderia ser mais estudada.

Na microesfera sloterdijkiana humana se constroem ‘protobolhas relacionais’, que após essa microcondição natural, as ampliações para outros espaços, bem como para outras relações, irão acontecer devido a capacidade humana da geração de suas ‘autopoieses’¹⁹.

O sujeito humano é visto como o promotor daquilo que se pode definir como ‘antropotécnico’ e essa instrumentalização é um movimento que capacita à amplificação de seus espaços, como também das condições que ressoam na

¹⁸ Tradicionalmente o campo da Geografia tenta emplacar de certa maneira um entendimento final pelo objeto que alguns geógrafos tradicionais escolheram como representação e afirmação da rigorosidade para o *status* de ciência. Entretanto, ainda se permite discutir sobre o objeto, se realmente é esse “o espaço geográfico” ou não um outro, pois, há uma conflitante discussão do que poderia ser, como o lugar, o território ou a região, tentando ser demonstrando o grau de importância de cada uma.

¹⁹ Cf. A autopoiese é um conceito que Peter Sloterdijk trata e que deve ser observado, se aproxima da condição *opus commune* da repetição do homem pelo homem. Entretanto, nesse sentido, é que a autopoiese diz respeito não a uma coletividade, mas a individualidade, NMB, p. 41.

fugidia maneira humana do convívio com a ‘estranheza do mundo’ e dos espaços.

Um espaço vai se transformando em lugar, lugares que são espaços que se autoconstroem mediante as práticas sistemáticas e assistemáticas do Ser humano em recriar lugares-espaços ou espaços-lugares para sua imunização e proteção.

Esse é um ponto fundamental na Teoria sloterdijkiana em que os sistemas imunizatórios e protetores do ser humano são sistemas autogeradores capazes de gerar a animação da própria esfera²⁰.

Antes de tudo, é importante afirmar que não há nenhum envolvimento com o acaso. Há seguramente uma manifestada vontade de estar sempre criando e recriando o seu próprio sistema de imunização, sendo o ser humano produtor de espaços, aquilo que era estranho se torna conhecido²¹.

Aquilo que gerava medo, se torna dominável, domesticável, mas também espaços que existiam, podem deixar de existir ou seguem uma verdadeira teia de mudanças renegadas por vezes a vontade de melhorar, desistindo assim da sua existência²².

Importa sempre no contexto exposto, incidir sobre o pressuposto que há claramente uma necessidade peculiar, imperceptível de que o Ser humano deseja repetir a situação anteriormente vivida no interior da caverna intrauterina.

Nesse contexto, Peter Sloterdijk chama de *uterotopos* interpretando esse espaço no *Esferas III: Espumas*, a concepção do *uterotopos* pode ser verificado com mais atenção e assim para ele:

(...) del espacio ventral femenino como zona de puesta de huevos hacia dentro. Por ello aparece uma realidade topológica histórico-naturalmente única, em tanto que ahora el cuerpo de la madre se convierte em um nicho ecológico del retoño. (...) en *uterotopos*, es decir, em metáfora escenificada del cuerpo de la madre (Sloterdijk, 2014, p. 298-302).

²⁰ Cf. Peter Sloterdijk, considera que diferente de épocas antigas, a convivência na modernidade, requer um pagamento de um preço alto da ausência dessas camadas protetoras, *EI: B*, p. 25.

²¹ Cf. Peter Sloterdijk discorre que a poética do espaço interior tem a força de rompimento das estruturas do que é fortuito e absurdo. Além de que com essa ascensão como ele mesmo destaca, a explosão das esferas gera também de início uma poética do mundo em que seu trabalho está voltado para o exterior. Mesmo que apresente suas máscaras de crueldade e inconveniência que se tenha impregnado ao mundo desconhecido, aqueles demônios do negativo e os monstros da própria estranheza, tudo acaba se acomodando em um exterior estendido, *EI: B*, p. 53.

²² É o caso das descobertas arqueológicas de diversos lugares destruídos ao longo do tempo. Há de maneira significativa a abordagem de Foucault.

O espaço ventral feminino é para Sloterdijk uma realidade topológica e única na história natural, pois o corpo da mãe se torna um nicho ecológico para o feto em desenvolvimento.

Por isso, ele usa o termo *uterotopos* — que ainda será abordado com mais conteúdo —, para descrever essa metáfora que se relaciona com o corpo da mãe, isto é, como se o corpo da mãe se transformasse em um espaço que abriga e sustenta o feto.

O *uterotopos* é uma apresentação ontológica que Peter Sloterdijk deseja retratar através da suspensão de conceitos pré-estabelecidos. Para ele, esses espaços se constituem esferas e são, portanto, espaços que devem ser analisados como parte da constituição do *Ser-aí*. O espaço ventral é a zona que aparece de uma verdadeira realidade topológica no corpo da mãe.

Convém salientar nessa peculiar abertura de precedentes da retórica ontológica sobre o espaço, sobretudo, de uma *ontotopológica* maneira de ver e saber mais sobre o espaço, aquilo que Peter Sloterdijk acrescenta sobre as relações formadoras de espaços diádicos, pois, estas não ocorrem apenas na ginecologia negativa, mas também perseguir os outros aspectos que favorecem a produção de espaços responsáveis pela existencialidade humana.

Por que falar em ginecologia negativa? A resposta é que:

Uma ginecologia é negativa ou filosófica quando persevera em uma dupla renúncia: primeiro, à óbvia possibilidade de uma perspectiva externa, (...) em segundo lugar, à tentação jamais completamente ultrapassada de passar mais uma vez pela vulva, à maneira iniciática, como uma porta que leva ao mundo interior (...) (Sloterdijk, 2016, p. 275).

Peter Sloterdijk escapa das meras definições narradas nos dicionários renunciando percorrer por caminhos que só distinguem a externalidade dos espaços, além de se desviar de velhas formas baseadas em dicotômicas discussões sobre: concreto e o abstrato, o palpável e o impalpável, o provável e o improvável, que são marcas da cientificidade mais fria e engessada, sem ter a chance de conhecer outros meios de se compreender os fenômenos.

Por isso, Sloterdijk faz esse caminho de uma ginecologia negativa filosófica para dentro em um primeiro lugar. Assim, Peter Sloterdijk transmite aos novos pensadores perspectivas relacionais que diferenciam das matrizes já conhecidas tradicionalmente.

As 'bolhas' são espaços que, ocorrem desde as íntimas relações, considerando suas distintas descrições. O campo religioso capaz de criar bolhas, espaços esféricos, são manifestações que permeiam séculos de discussões *i.e*²³, assim como também outras diferentes relações, que se manifestam conforme aquilo que Peter Sloterdijk chama de 'bolhas' ou como 'espaços esféricos'.

As relações íntimas dos amantes e os espaços criados desse enlace, são 'bolhas' que se formam, como também das esferas interfaciais, todas geradoras de intimidades.

No estudo ontológico de Peter Sloterdijk, esses são alguns dos primeiros movimentos que devem ser amplificados a partir das abordagens dos fenômenos que se apresentam nas relações e como *designer* de espaços, pois, como já mencionado, estes fenômenos não foram abordados enquanto espaços de uma forma mais ousada como assim fez o filósofo.

Desta maneira, a teoria esferológica, chamada de microesferologia de Peter Sloterdijk, nos traz nessa discussão inicial os espaços íntimos interfaciais e podemos verificar o que o autor destaca:

O espaço interfacial - a esfera sensível da proximidade bipolar dos rostos- (...). Um trecho da paixão entre os gregos: Fedro e Lísias, em que segundo sua interpretação, "o espaço entre os dois pares de olhos já deve estar aberto antes de destacar dele e esfera radicalmente íntima entre dois corações. (...) sua caracterização do contato visual sedutor entre Lísias e Fedro representa a primeira tentativa da filosofia moderna de descrever o espaço interfacial de modo que ele não apareça mais como um vazio ou uma zona intermediária neutra. Essa exposição centrada na descrição de Marcílio Ficino, tocado pela análise ontológica do projeto esferológico sloterdijkiano (Sloterdijk, 2016, p. 127-131;171).

Nessa passagem é importante observar que Peter Sloterdijk começa a discutir o conceito de espaços íntimos interfaciais, que é definido como a esfera sensível da proximidade bipolar dos rostos.

Nesse entremeio, ele cita um pequeno trecho da paixão entre os gregos, Fedro e Lísias, onde a caracterização do contato visual sedutor entre os dois gregos é dada como uma representação da primeira tentativa da filosofia

²³ Cf. Peter Sloterdijk faz um comentário na esfera religiosa, em que considera que "a cena primitiva daquilo que, na tradição judaico-cristã, merece ser chamado de inspiração é a criação do homem (...), o inspirador, o senhor da criação, apresenta-se (...) como uma figura bem demarcada no plano ontológico (...). Toda vez que o Deus judaico e o homem prototípico voltam um para o outro a face de contato de seu ser, eles compõem juntos uma *esfera* comum dotada de um espaço interior" (Sloterdijk, 2016, p. 31-32; 43-44).

moderna em descrever o espaço interfacial de modo que ele não apareça mais como um vazio ou uma zona intermediária neutra.

Para Sloterdijk o espaço entre os dois pares de olhos já deve estar aberto antes de destacar dele a esfera radicalmente íntima entre dois corações, o que sugere que o espaço interfacial é um espaço de relações sensíveis e afetivas que envolvem dois indivíduos.

Na sequência da Teoria das Esferas temos um longo caminho para compreender as questões relacionadas à ampliação das Esferas. Essa trilha agora se volta para os 'Globos' com temas relevantes que tentamos lançar o olhar da Geografia para o tratado sloterdijkiano, a fim de que ocorra uma intercalação, mas que principalmente incida entre a articulação das obras 'Bolhas e Espumas' atravessadas em diálogos em alguns momentos com a obra 'Globos'.

É importante considerar que a realização desse levantamento da macroesferologia só será possível pensando a Esfera como um significado de imensidão no sentido macro, naquilo que Peter Sloterdijk apresenta em sua segunda obra da trilogia Esferas no livro 'Globos'²⁴.

Essa analítica vai ao encontro da apresentação dos poderes e domínios imperiais, religiosos, das antiesferas que morfologicamente constituem a 'grande bola'²⁵.

Tais esferas concentram um invólucro maior e mais abrangente do que as microesferas íntimas que, durante longos percursos temporais, estiveram presentes em uma metafísica própria, criadoras de mundos próprios.

Agora, as relações íntimas se ampliam para além dos *topos* proximais, acrescentadas de um projeto e alicerçadas em migrações de caráter singulares para outros espaços de culturas *per se* auto reconhecidas como potentes e manipuladoras constituídas e construídas a partir das antropotécnicas.

Vale destacar em notas digressivas e com caracterizações próprias no uso dos termos, para aquilo que Sloterdijk vai tecendo. Isto é, ele vai chamar de 'hordas', aquilo que chamamos de agrupamentos sociais e mais atualmente de

²⁴ Cf. Peter Sloterdijk promove a discussão ontológica sobre a amplitude dos espaços, em que segundo: "la teoría da esfera es, a la vez, el primer análisis del poder" (Sloterdijk, 2004, p. 52).

²⁵ Cf. EI: B, p. 45.

sociedade, demonstrando que as ‘hordas’ antes ilhadas são jogadas para outros espaços ampliados.

E essa exterioridade no monstruoso é acompanhada por visitantes que se tornam condutores das formatações socioculturais. A condição imposta a essas novas massas sociais são advindas das técnicas que esses ‘grupos migrantes ultramarinos’ que ampliam a esfera controlam e estabelecem a partir das suas maneiras totalitárias e holísticas de ver, pensar e produzir seus mundos e seus espaços de imunização.

Nesse sentido, o que se isolava em suas individuações grupais formadoras das ‘antropotecnodiversidades’ fazem parte agora de construções que ganham os enxertos que vem de fora. Suplantando técnicas de muitos grupos, complementando tantas outras e subtraindo até ao quase apagamento dos enraizamentos técnicos produtores de identidades sociais.

O rompimento das bolhas íntimas para essa ampliada forma de ver o ‘grande Globo’ tem suas marcas indeléveis, traços e trilhas que se forem seguidas serão testemunhas do quão incansável projeto de alcance e domínio do monstruoso se fez presente no horizonte dos desconhecidos espaços geográficos.

As confissões históricas adormecidas nos documentos, possuem seus próprios marcadores temporais e espaços-lugarizados, que apresentam ocorrências da explosão das bolhas imunizatórias mais proximais para uma ampliação.

O deslocamento das jangadas sociais²⁶ para o desconhecido, o desafastar-se²⁷, expôs diferentes traços e tiveram através das forças imperiais em sua primeira grande empreitada psicopolítica, uma nova escritura sobre as novas relações, pois o Globo enquanto uma esfera amplificada traduzindo-se, conquanto, a uma insistente conduta persecutória do *eidos* que leva a essa investigação instituída como ontotopológica.

²⁶ Cf. “As ilhas -ou jangadas sociais- à deriva são os locais do nascimento de características psicoculturais que um dia acarretarão consequências mundiais” NMB, p. 24.

²⁷ Cf. Peter Sloterdijk faz diversos enxertos digressivos ao longo do livro *Bolhas*, um desses que chama atenção para esses conceitos é a ‘Digressão 4’, em que Peter Sloterdijk, em poucas páginas considera o grau de importância do pensamento do primeiro Heidegger no ambiente existencial e ontotopológica. Nesse movimento, da espacialidade do *Dasein*, é que Heidegger vai conduzir esse olhar para as duas características apresentadas no texto. El: B, p. 307.

Nesse sentido, apresentando um *maximus* necessário é que Peter Sloterdijk nos conduz a pensar e para tanto temos que atentar para as suas observações:

(...) quien quiere penetrar en la esfera tiene que observarla pacientemente; quien quiere observarla tiene que colocarla ante sí. Y quien la há colocado ante sí comprende finalmente lo que consigue la inteligencia decidida al análisis. El mundo se ha hecho aqui concepto: su ser es desde ahora espacialización del espacio, conformación de la forma, configuración de la figura, medición de la medida²⁸ (Sloterdijk, 2004, p. 23).

A necessidade de penetrar a esfera, seja ela apresentada em formas de Bolhas, Globos ou Espumas, requer do seu penetrante aos mundos que se apresentarão ao seu insuflador-penetrante, colocando-a diante de si, para que seja compreendida.

A construção que se encaminha nessa basilar apresentação analítica, das imensas morfologias de amparo do ser humano advindas de um pensamento da conquista, espelhado na grande teia teológica inicialmente, produz aquilo que se configura como uma grande esfera: o Globo. Distanciando-se das imunidades biunitárias e amplificadas por encaixos onde o uso de forças maiores e explosões das esferas-bolhas compostas de referências diádicas, são tensionadas ao extremo no exterior²⁹.

Estar definitivamente em um externo-espço, desconhecido, desnudado pela ideia de amplificação define uma descontínua e improvável maneira de se estar no mundo externo. O monstruoso se abre e a esfera se amplifica através de condutas de exploração. Percebe-se que: “Las guerras por el mantenimiento y ampliación de esferas constituyen el núcleo dramático de la historia de la especie y de su principio de continuidad a la vez” (Sloterdijk, 2004, p. 138). Nesse ínterim, a morfologia em andamento é destacada para que o olhar volte-se para a amplitude e para a sua efetivação.

²⁸ Cf. “(...) quem quiser penetrar na esfera tem que observá-la com paciência; Quem quiser observá-la deve colocá-lo à sua frente. E quem o colocou diante de si finalmente compreende o que a inteligência determinada na análise alcança. O mundo tornou-se aqui um conceito: seu ser é doravante espacialização do espaço, conformação da forma, configuração da figura, medida da medida (Sloterdijk, 2004, p. 23, tradução minha).

²⁹ Cf. Peter Sloterdijk utilizando da profundidade ontológica e método fenomenológico no segundo livro da Trilogia, nas suas 921 páginas sobre as questões da amplificação da Geometria do Imenso, explorado no primeiro capítulo de Esferas II: Globos.

Por meio das guerras estabelecidas historicamente pelos grandes Impérios como uma confirmação de forças³⁰ e por questões que não serão desenvolvidas aqui, mas que dizem respeito aos aspectos teológicos e suas construções esferológicas metafísicas, as esferas ampliadas acabam tendo como justificativas à própria continuidade da espécie humana em um espaço exterior que não apenas aquele conhecido.

As buscas desenfreadas por recursos extraterritoriais, sancionadas diametralmente pelas linhas amplificadoras [as incursões jesuíticas, as conquistas no Oriente-Médio, as invasões de territórios constituídos e ataques às soberanias precoces] foram as iniciativas determinantes que abalaram e formataram a ampliação esferológica que são apresentadas por diversos estudiosos da Geografia, especialmente da representativa dimensão sobre o tema território, bem como visto por áreas como a Sociologia, Antropologia e História.

Entretanto, a motivação para introduzir a visão teórica de Peter Sloterdijk é manifestada por esses encontros que se atravessam. Há temas e conceitos dos mais diversos que poderiam ser exaustivamente explorados, sobretudo, quanto a respeito das esferas: Bolhas e Espumas que são os princípios instigantes da articulação presente nesta Tese.

Falar sobre Globos na intensidade que Peter Sloterdijk apresenta, com um olhar hiperpolítico³¹, não se enquadra como elemento principal ou objetivo dessa Tese, podendo até ser comentado como forma de apresentar alguns pontos conceituais que o filósofo aborda, para demarcar alguns pontos que possam ser necessários.

³⁰ Cf. "Así pues, lo más flerte es lo suficientemente flerte como para mantener unido lo más grande mediante la fuerza del limite, razón por cual la esfera há de considerarse, no tanto como uma figura geométrica imaginaria inmóvil, sino más bien como manifestación energética por no decir imperial, de poder" (Sloterdijk, 2004, p. 34).

³¹ Cf. "A sociedade hiperpolítica é uma comunidade de desafio que no futuro também apostará no aperfeiçoamento do mundo; o que ela tem a aprender é um meio de transformar seus ganhos de tal forma que depois dela ainda poderá haver ganhadores. Isso pressupõe que a hiperpolítica se torne a continuação da paleolítica por outros meios. Mesmo numa sociedade de 'últimos' homens, não pode ser desaprendida a mais antiga das artes, a de repetir o homem pelo homem." (Sloterdijk, 1999, p. 92). O sentido da Tese é gerar o debate com a sua filosofia, mas não apontar caminhos subsequentes para um sentido de repetição do homem pelo homem, mas adentrar no sentido esferológico que são e foram maneiras do Ser-no-mundo se constituir e constituir o seu próprio espaço.

Com essa explicação, vale observar que o segundo livro do qual se faz uma pequena chamada, o livro *Esferas II: Globos*, de Peter Sloterdijk, faz sua extensa tessitura sobre a obra de maneira sintética:

(...) as páginas de um mundo histórico-político subsumido aos modelos morfológicos da esfera construída de maneira geometricamente exata e do globo. Adentramos, aqui, a dimensão parmediana: um universo cuja fronteira é traçada pelo círculo e cujo centro é ocupado por uma jovialidade especificamente filosófica, precavida e transbordante. (Sloterdijk, 2018, p. 60)

A dimensão parmediana que Sloterdijk comenta é um universo histórico-político que é subsumido aos modelos morfológicos da esfera e do globo. Assim, ele ainda destaca que este universo é delimitado pelo círculo, que é uma forma geométrica perfeita, e que o centro é ocupado por uma jovialidade filosófica específica.

Seguindo nessa esteira, o universo parmediano é um mundo construído de acordo com os padrões geométricos precisos, que além disso, consegue garantir a ordem e a estabilidade.

Esse olhar que Peter Sloterdijk lança no segundo livro da trilogia *Esferas*, garante amplas discussões sobre matizes na esfera teológica e política. Seu aprofundamento ultrapassa inclusive as porteiras simplistas do território político e com a sua capacidade constrói uma ontologia política do mundo.

Dónde, si no, se habría representado la ontología del mundo concluso tan clara y seductoramente). Nesse caso, "(...) la ontología de la esfera señala a los mortales um lugar em um mundo perfecto, em el que sólo podría haber algo nuevo bajo el signo del empeoramiento³² (Sloterdijk, 2004, p. 37).

O mundo fechado e concluído que pode se referir a uma 'Ontologia da Esfera' apresentando organização e estabilidade é nesse tipo de mundo esférico e perfeito que atrai e seduz as pessoas fazendo com que elas acreditem nessa mesma ideia e busquem uma adequação a ela.

A 'Ontologia das Esferas' também apresenta as mudanças ou novidades que podem ser encaradas como um sinal de piora por aqueles que se seduziram por um mundo esférico perfeito.

³² Tradução Livre: "Onde, se não, teria sido representada a ontologia do mundo concluído tão clara e sedutoramente? Nesse caso, a ontologia da esfera indica aos mortais um lugar em um mundo perfeito, no qual só poderia haver algo novo sob o signo da piora" (Sloterdijk, 2004, p. 37).

Tarefa que não me sinto à vontade para expandir como o próprio Globo em alguma nota textual mais extensa sendo preferível e escolhido para que possa ser problematizado às tratativas acerca de topologias em partes e deixado para um outro momento, quem sabe, um olhar do quase-totalitário de dimensões mais amplas em outras oportunidades.

O fundamento e os aspectos dessa reflexão implicam na apresentação de um pensar ontotopológico, conquanto ainda em uma iniciativa que seja capaz de “repensar os fundamentos de como o pensamento relacional e a ontologia estão de fato conectados a topologia” (Joronen, 2016, p. 02), a questão que envolve derivam das correlações da produção do espaço e das topologias que também são espaços.

Como é estabelecido pela Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk, bem como pode estar correlacionado com o pensamento da geógrafa Doreen Massey que descreve nas suas proposições a consideração de que o espaço³³ é “produto das inter-relações”, “uma esfera da possibilidade da existência da multiplicidade”, “esfera das distintas trajetórias coexistentes”, “em estado de construção”, “produto de relações-entre, do fazer-se”, “simultaneidades de histórias-até-agora”, são tantas as possibilidades de conhecimento sobre o espaço que Doreen Massey discute e que se aproximam da proposta sloterdijkiana.

Nesse sentido, também é interessante o que a geógrafa sugere sobre uma abordagem em que: “(...) identidades especificamente espaciais (lugares, nações) podem, igualmente, ser reconceitualizadas em termos relacionais” (Massey, 2008, p. 31).

Importante arrolar que este pensamento a despeito do espaço, sempre está em processo, de maneira alguma é algo acabado ou um sistema fechado, tudo está implicado, conquanto à arranjos e desarranjos insistentes e que rompem, fogem das inexorabilidades, daquelas metanarrativas que se ligam à modernidade (Massey, 2008).

Desta forma, depois de um longo processo de oxigenação, mergulhando nessas visões de colaborações fenomenológicas/teóricas - mais fenomenológicas que teóricas -, que conduzem essa Tese a aceitar o desafio de

³³ Cf. Nas proposições iniciais do livro: Pelo espaço, uma nova política da espacialidade, Doreen Massey desenvolve as primeiras impressões do que o livro irá apresentar. Por essa leitura singular não massificante que a autora propõe que trouxe para colaborar com essa viagem.

perceber, compreender que o espaço relacional, topológico e mais que representacional, o mesmo espaço diádico no sentido de fazer-compor ou de se fazer insuflar por mais de um sujeito.

Dentro das muitas multiplicidades expansivas que vão para lados diferentes e para direções diversas ou que as simultaneidades dos fatos próximos, distantes, latentes, vistos, percebidos, não-vistos, não-percebidos, ocultos não se estabelecem em um *a priori*³⁴ devendo-se buscar os *a posteriores* como meios de entendimento.

Nesta navegabilidade em ‘terras suspeitas’, definimos aqui de espaços ontotopológicos suspeitos, em que não há vontade de que aquilo que possa estar estabelecido na rede do apriorístico seja o único pensamento, mas que seja ultrapassado, indo para além de uma teleologia, partindo de algo fechado para uma finalidade já estabelecida. Também não é um desejo incorrer em uma tautologia metaforizada, entre o encontro do movimento de uma filosofia esferológica e os princípios da Geografia conceitual, fechada em si-mesma apenas como o uso de recursos estilísticos narrativos.

Busco, seguir um pouco mais tirando o máximo proveito desse encontro, dessa navegabilidade³⁵ conjunta dos dois principais tripulantes e de outros tantos que se encontram e que tenham em seus percursos planos sobre o espaço e o lugar. Assim, importa destacar na observação de Massey sobre esses relevantes encontros, pois ela nos faz pensar o espaço para um além e nesse sentido podemos:

Conceber o espaço como um recorte estático através do tempo, como representação, como um sistema fechado, e assim por diante, são

³⁴ Cf. *A priori* é um tema caro para a Filosofia, apresentada por Kant, em que para ele: “(...) o que se espera de todo o conhecimento que deve ser *a priori* seguro é que ele seja tomado por absolutamente necessário, e que uma determinação de todos os conhecimentos puros *a priori*, com tanto mais razão, deva ser o padrão da medida e, portanto, o exemplo mesmo de toda certeza apodítica (filosófica) (Kant, 2018, p. 21).

³⁵ Considerando o que nas páginas anteriores mencionei com base em Eric Dardel (2015) e que toma emprestado do termo de “Geografias das velas defraldadas” para indicar uma espécie de geografia exploratória, sequiosa por descobertas, corajosa, investigativa, sem saber o que vai realmente encontrar. Mesmo que a posição de Lucien Febvre, considerasse em si o aspecto colonial, na minha visão, quanto de Dardel, reposiciono as velas defraldadas para os aspectos de uma Geografia exploratória. Afinal, a pesquisa, a investigação, o diálogo, não é mais do que reações, reações diversas diante do que acontece. Mesmo havendo inicialmente a proposta de um planejamento metódico, há também desvios, podendo até mesmo nessa metáfora, ficar à Deriva. E, que se ficar com o pensamento e a escrita à Deriva, não é motivo, para a temeridade do monstruoso, mas aceitar que faz parte das atmosferas que surgem. E, para tanto, “nem sempre a embarcação vai para onde a proa direciona”. Mesmo havendo tantos outros comandantes-secundários e mais experientes nessa embarcação-exploratória, o comando central é o meu.

todos modos de subjugar-lo. Eles nos permitem ignorar sua verdadeira relevância: as multiplicidades coetâneas de outras trajetórias e a necessária mentalidade aberta de uma subjetividade espacializada. Em grande parte da filosofia é o tempo que tem sido uma fonte de estimulação (em sua vida) ou de terror (em seu passar). Quero afirmar (deixando de lado, no momento, o fato de que não os deveríamos separar dessa forma) que o espaço é igualmente divertido e ameaçador (Massey, 2008, p. 94).

Massey (2008) defende que devemos considerar aquilo que se apresenta como múltiplas trajetórias coexistentes e mantermos uma mentalidade aberta em relação à subjetividade espacial. Enquanto o tempo geralmente é visto como uma fonte de estímulo ou terror, o espaço pode ser igualmente fascinante e ameaçador, fontes que possibilitam considerar as diferenças subjetivas que se apresentam.

O espaço enquanto uma representação para o Ser-aí de divertimento ou de ameaça se tornam parte das suas múltiplas maneiras que esse mesmo ser-aí terá como representação e que se apresentará ao longo das suas experiências.

Peter Sloterdijk nos faz pensar em uma coetaneidade presente e formadora de espaços, pois se observarmos que as partes das estruturas que revelam o espaço como o externo, o desconhecido e até mesmo a interioridade, possuem essa leitura, uma tal leitura em que os lados opostos entre a diversão e o medo se autocompletam e que capacita o próprio Ser-aí a reler o espaço de uma maneira peculiar que não esteja demarcado por uma interpretação categoricamente matematizada.

Segundo Milton Santos geógrafo brasileiro, suas referências se tornam necessárias sobre a discussão do espaço. Contudo, suas observações mais incisivas vão dar conta do espaço como uma representação do objeto³⁶ da Geografia, portanto, é importante considerar nestes aspectos que a Tese busca contrariar posições em que “os geógrafos ~~silenciam~~, sobre o espaço. Algumas vezes também ~~silenciam~~ sobre o trabalho inovador de outros geógrafos” (Santos, 2008, p. 118).

³⁶ No início desta rota direionei a substituição do termo objeto pelo fenômeno, por pensar ser mais adequado ao trato de uma Geografia fenomenológica e ontológica. Apesar de muito ainda se usar a palavra objeto para identificar o elemento de estudo, mas se torna nítido a separação do sujeito e do objeto em questão. Nesse caso o sujeito está no que é chamado objeto, sendo ele próprio parte do objeto. Motivo o qual não incorrer em uma cisão, mas sempre perceber as interconexões.

As ranhuras que estão sobre a palavra silenciar estão propositalmente colocadas, pois não existem apenas silenciamentos, mas também uma grande onda de falta de interesse de uma grande maioria sobre as questões oriundas do fenômeno espaço que partam de outras abordagens.

Tal silenciamento, como aponta Milton Santos, ou é a falta de interesse, tanto do sujeito, quanto de trabalhos de outros sujeitos que se envolvem na perspectiva de compreender melhor o fenômeno constituído como elemento de estudo principal da Geografia é tomado como naturalidade corpórea e geradora de embates conflitantes.

O que importa para muitos não são as partes que dão movimentos da subjetividade, das relações afetivas, imaginárias, dos devaneios, mas aquelas em premissas concentradas em um utilitarismo como sendo algo fundamental.

Sua constituição não importa se tem base ontológica, o Ser, nesse caso, não é o fundamental, mas o que esse espaço proporciona para o ser humano em um sentido de instrumentalidade, muitas vezes atrelada a uma linguagem economicista.

Há seguramente um forte interesse e apreço por esse fenômeno: sua constituição, observações, pesquisas, assim como a compreensão das suas partes. Sua composição nos leva a sugerir questões que parecem ser fáceis em uma obtenção de respostas convincentes, mas que de fato são mais complexas que a sua aparência. Podemos intencionalmente e diretamente questionar que o espaço é? ou que o espaço existe?

Mas, se ele é, o mesmo possui um Ser. Se ele existe, ele é, portanto, criado. E se ele é criado, quem o criou? Em muitos casos o criador³⁷ é apontado

³⁷ Na Geografia é comum usar o termo produção, mas gostaria aqui de me permitir fugir de uma linguagem funcionalista, tentando observar as mesmas 'conodenotações' ou metáforas objetivas, que Peter Sloterdijk demonstra em muitos casos que envolvem o Ser humano e suas práticas. Consideraria, que a partir de uma criação, a autopoiese para o ser humano, a antropotécnicas para o ser humano, e para o espaço, uma espécie de alusão ou um empréstimo modificado do termo, poderia então, dizer que para a criação do espaço, seria uma geopóietica, que se diferencia de uma Geopoética, pois, aqui vai trilhar para outro caminho. A Geopóietica poderia ser parte da criação do espaço por ele mesmo? Ou que tenha sua criação com uma simbologia carregada de importância? Novamente outro uso de conceitos sloterdijkiano, sistema de imunização, o espaço seria então, uma forma de blindagem do Ser humano, contra diversos outros fenômenos.

como sendo a sociedade, podemos até considerar que desde Marx a Lukács³⁸, no campo das Geografias Críticas essa apreciação é constatada desta forma.

Isso pode incorrer em uma análise categorial no campo da Sociologia, mas como a Geografia tem procurado desenvolver uma Geografia de cunho fenomenológico parece que esse olhar não se coaduna.

E, sobretudo, considerar que existem contribuições relevantes que nos levam a novas interpretações sobre esses questionamentos em certa medida interpretado³⁹ e por vezes percebidos também como interpretações fora do eixo.

Neste sentido, as singularidades de base hermenêutica concentradas nos estudos heideggerianos sobre a produção do espaço geográfico e sua constituição ontológica nos levam a repensar sobre os caminhos anteriores.

Como parte dessas observações, percebemos como a Geografia esteve engajada, a partir da década de 1970 em uma aproximação baseada no que pode ser chamado de uma onto-socio-logia⁴⁰ ao invés de - caso seu interesse fosse realmente o ontológico-, se desviar desse caminho e permitir análises que até os nossos dias reverberam negativamente em uma cadeia de interpretações epistemológicas, fenomenológicas e por vezes ontológicas, que suscitam dúvidas em suas interpretações.

Demonstra-se reveladoras incongruências que partem das suas fontes primárias em estudos particulares, onde a Geografia perde mesmo com o pensamento de uma contribuição, através das práticas miméticas que são divulgadas e geradoras de equívocos avassaladores.

³⁸ Cf. A interpretação que segue é parte do artigo de Reis e Santos (2019), do qual destaco a seguinte formulação: “Desta forma, é bastante plausível inferir que, em função da intensidade com a qual o pensamento marxista afetou a própria constituição da geografia crítica-radical, os geógrafos que se dedicaram à reflexão ontológica nesse horizonte tenham reproduzido, voluntária ou involuntariamente, o “gesto” de Lukács em relação a Heidegger” (Reis; Santos, 2019, p. 175).

³⁹ Cf. Em artigos produzidos por Reis e Santos (2021), nos quais traçam explicações particulares sobre as incongruências [segundo os autores] da Geografia Humanista em nosso país e a apropriação do pensamento heideggeriano. Para os autores, “deve estar claro, em suma, em que medida a proveniência da interpretação humanista de Martin Heidegger na Geografia e problemática” (Santos; Reis, 2021, p. 06).

⁴⁰ Cf. Considero importante a observação realizada por Reis (2012), que esclarece sobre a ‘onto-socio-logia’ do espaço na geografia como ele mesmo menciona, e que tem como foco o atributo fundamental dos problemas do pensamento de Martin Heidegger, que é o problema da entificação do Ser, ou ainda, de uma negligência do sentido da diferença ontológica (Reis, 2012).

Destarte, nesse quesito, quase que exércitos de defensores dessa Geografia onto-socio-lógica de interpretação ôntica-entificada se corporificou e trêmula, em seu estandarte hasteado.

Não se trata de quem tem, ou quem apresenta uma verdadeira *alethéia*, mas ser conduzido com o olhar meticuloso da hermenêutica, usando do máximo cuidado para que o quadro hermenêutico utilizado traga consigo as características de uso do autor escolhido sem incorrer em algum equívoco. Logo, são os diversos equívocos que geram uma raiz difícil de ser cortada.

Para Peter Sloterdijk:

Son fundamentalmente dos observaciones las que informa sobre la esencia de la verdade em um momento dado, de lo desconocido envolvente salen novedades a lo sabido y dicho; al contrario, mucho de lo que se ha conocido retorna al olvido, a la léthe, a implicación. Em consecuencia, la verdade no es um contingente seguro de hechos ni uma mera propiedad de las proposiciones, sino un y venir, um cetelleo temático actual y un hundimiento em la noche atemática⁴¹ (Sloterdijk, 2008, p. 327).

Essa abertura circunscreve a existência de discussões dessa monta, envoltórios de muitas interpretações marcadas como ontológicas e que de maneira recorrente não conseguem parar para reinterpretar suas interpretações, ocasionando erros em persistência.

Tratar dessas incongruências epistemológicas e ontológicas é apresentar uma via, um horizonte que seja capaz de dialogar com o campo da Geografia de uma forma em que o fenômeno espaço possa se auto convidar bem como que a sua explicitação se faça sentida, percebida, assim como são os entes, não no sentido de uma antecipação imediata, mas que se torne próximo, talvez não conhecido, mas familiar, que vai além do conhecido, não apenas frequentado, mas parte de nós também, incorporado, um verdadeiro acompanhante⁴².

⁴¹ Cf. “Existem fundamentalmente duas observações que informam sobre a essenciada verdade em um dado momento, do desconhecido circundante saem coisas novas para o que é conhecido e dito; pelo contrário, muito do conhecido volta ao esquecimento, à *aléthe*, à implicação. Consequentemente, a verdade não é um certo contingente de fatos nem uma mera propriedade de proposições, mas um ir e vir, um lampejo temático atual e um naufrágio na noite atemática” (Sloterdijk, 2008, p. 327, tradução livre).

⁴² Cf. Essa apresentação fenomenológica sobre o acompanhante segue com uma interpretação sobre a coabitação fetal na formação da criança. Nesse caso, tomo emprestado a interpretação particular de Peter Sloterdijk em relação ao uso do termo. Diz ele: “O Com [*Das Mit*] está unido a nós de uma maneira tão natural que é muito difícil formar, na consciência pessoal ou geral, uma ideia prévia de sua indispensabilidade” (Sloterdijk, 2016, p. 323). Portanto, ao ser amplificado a interpretação sobre o espaço geográfico, essa referência de Peter Sloterdijk se

Uma outra questão que deve ser aprofundada diz respeito ao conceito de Espumas que Peter Sloterdijk apresenta no livro *Esferas III*, que o filósofo constrói uma Teoria da explosão dos espaços partindo para novas formas e de uma entendida maneira atualizada conceitualmente de ver o espaço.

Nesse caso, uma das primeiras abordagens é de que não havendo mais contenedor, como é apresentado em *Bolhas e Globos*, essa explosão da configuração espacial se realiza pela insistência do ser humano na realização de novos *designers*, tanto de interiores como de exteriores.

Mundos implodidos por diversas e diferentes questões. Sendo, questionadas como *i.e.*, quais situações fazem com que as explosões de espaços ocorram, e que podem inclusive, às vezes levar o próprio Ser diante de uma sensação de que perderá o espaço⁴³?

Esses espaços-mundos podem aos poucos se dissipar se reconstituírem de maneira poliesferais como configuradas na Teoria que Peter Sloterdijk apresenta voltada para o movimento epocal que segue em curso.

Esse mesmo olhar se torna condição de utilizarmos lentes graduais que variam conforme o ângulo, o *topos* que em que se está — o Onde —, que gera espectros multiperspectivos⁴⁴ em relação aos processos de imunização que o ser humano desenvolve a partir da sua própria *self* ou em suas hordas coletivas.

O conceito de imunização em que Peter Sloterdijk vai situando a sua performance teórica e o encaminhamento que desenvolvo aqui é de entrelaçar parte da sua Teoria no campo geográfico e que essas conceituações possam ser discutidas e amplificadas a longo prazo, além de serem atravessadas com reverberações ontológicas de alto nível.

O incremento que Peter Sloterdijk dá ao terceiro volume das *Esferas* se introduz no horizonte dos aspectos que em partes se concentram os representantes das religiões tradicionais, mas que nesse caso, não será como outros temas abordados no *corpus* da Tese, mesmo pressupondo um caminho interessante a ser observado de forma mais detida, apesar de ter sua relevância

torna adequada. Logo, o espaço é também estudado, conquanto, a uma parte do Ser-que-está-aí, se torna um verdadeiro acompanhante.

⁴³ Cf. “Sabes que hemos perdido la sensación del espacio” (Sloterdijk, 2014, p. 384).

⁴⁴ Cf. “*Esferas III*, Espumas, ofrece una teoría da la época actual bajo el punto de vista de que la “vida” se desarrolla multifocal, multiperspectivista y jerárquicamente. (...) su inmunización ya no puede pensarse con los medios de la simplificación ontológica, de la recapitulación en la esfera-todo-lisa” (Sloterdijk, 2014, p. 23).

para outros debates nesse momento não será enquadrada como um ponto nevralgico de debates.

Outra questão a ser levantada é a apresentação de uma Biosofia que se inicia com destaques na sua ‘Esferologia’, assim como, da mesma maneira, pode-se observar que uma Teoria das atmosferas também tem se desenvolvido em um dos mais importantes para o enfrentamento do debate que esta Tese se propugna a enfrentar. Ou seja, é o da ‘Teoria dos lugares’⁴⁵, das situações e imersões em que envolvem o Ser humano em um contexto geográfico.

Perpassando pelo alinhavo de uma tessitura que envolvam outros espaços, isto é, na observação que faz Peter Sloterdijk “um pensar com múltiplas possibilidades”⁴⁶, sobretudo, quando se manifesta a forma para tratar dos discursos filosóficos em articulação com a interpretação geográfica, sendo o maior dos objetivos que se pode perceber do investimento nessa pesquisa. Navegar pelo desconhecido é uma empreitada de coragem.

No uso das atribuições ainda da apresentação dos movimentos espumais, nota-se que a experiência que se tem com esse movimento e forma, se estabelece a partir da conjunção de elementos distintos. Todavia, percebe-se elementos complementares, que se envolvem e mantém uma intercalação no sentido que ocorra a formação das espumas.

Se pararmos para extenuar tais condições, ‘as espumas’, como agregados de ‘bolhas’, mesmo que em um momento estejam dispersas, o que convoca a atenção, serão as suas variadas formas: hexagonais, poliédricas, algumas das formas que uma aproximação mais meticulosa, poderá identificar essas estruturas e ainda em seu contexto formativo, o encontro do ar e da água, elementos precípuos nesse estrutural fenômeno físico-químico responsáveis por essa formação no sentido mais literal.

Peter Sloterdijk revela através da sua fenomenologia da rotundidade, os passos que enfrentam essa formação espumal, sobretudo, quando a sua metafórica representação realça o próprio método hermenêutico esferológico e

⁴⁵ Cf. “La teoría de las atmosferas se acaba de consolidar provisionalmente, la teoría general de los sistemas de inmunidad y de los sistemas de comunidade está em sus inicios, uma teoría de los lugares, de las situaciones, de las inmersiones se pone em marcha lentamente (...)” (Sloterdijk, 2014, p. 24).

⁴⁶ Cf. Peter Sloterdijk comenta que é “un pensar diverso” (Sloterdijk, 2014, p. 25).

fenomenológico proposto silenciosamente⁴⁷, através de um atravessamento rigoroso. O que nos faz pensar em uma virada epocal, diríamos até que há uma re-virada epocal e da espacialidade⁴⁸ nessa obra.

Ainda apresentando minúsculas partículas dos espaços espumas, ou esferas que se espumacizaram, na abordagem de Peter Sloterdijk é necessário observar que as forças e onde esses ‘espaços-lugares-espumas’ se desenvolvem são acrescentadas de impulsividades em suspensão: vazios que vão se preenchendo por propriedades elementares da atmosfera que são construídas pelo designer de interiores e que as agitações são frequentemente imparáveis.

Se realizam em constância e nesse sentido, as espumas refletem as insolências que subvertem a própria ordem natural em meio ao natural⁴⁹ recriando o autoral-superficial do espaço.

Novamente uma necessidade de adensar reflexões oportunas que podem se desdobrar na esfera geográfica em um momento vindouro.

Existem seguramente mais elementos que devem ser observados no sentido proposto pela Tese, pois, como bem sinaliza Milton Santos⁵⁰ sobre o espaço geográfico em que as relações que ocorrem com maior ou menor grau

⁴⁷ Cf. Peter Sloterdijk não prenuncia ou anuncia que algum tipo de método esteja sendo realizado ao longo das suas tratativas ensaísticas, tampouco segue alguma proposta cadenciada com proposição ou resoluções de problematizações comuns ou complexas, suscitadas ao longo das suas obras. Isso faz com que muitos críticos o apedrejam sem ter domínio da totalidade do que fora construído por ele, em termos de literatura e episteme. Por isso, aponto como método em silêncio, típico do que pressupõe uma fenomenologia. Já que ela retorna à um ponto antes mesmo da consciência e que segue adiante dela, quase que como um espanto, mas que não chega a tanto, e sim, a uma escavação, como se alguma coisa estivesse à espera, e através do contato, fosse singularmente, retratada, apresentada diferentemente de tudo que analiticamente se possa apresentar. É o caso, *i.e.*, da ‘ginecologia negativa’, que apresenta um espaço não explorado e que Peter Sloterdijk interpreta.

⁴⁸ Esse conceito ainda será amplificado mais à frente, pois, há na literatura especializada brasileira voltada para a discussão geográfica nomes como o do Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa que traz essas contribuições para o campo da Geografia, bem como o coletivo de pesquisadores da Geografia Humanista e Fenomenológica que faz essas digressões sobre o tema.

⁴⁹ Todo esse trecho, diz respeito à apresentação fenomenológica que Peter Sloterdijk faz sobre as espumas. Na realidade ele prepara tanto o terreno como o leitor para onde ele irá movimentar seu pensamento, é isso é importante para onde se encaminhará a tese. Do planejamento, ao *start*, para a discussão e inferência.

⁵⁰ Cf. Base para a discussão e ampliação geográfica desta Tese é abordar as apresentações epistêmicas miltonianas sobre a natureza do espaço, e demais estruturas do seu pensamento. A Geografia Brasileira, enquanto devedora do seu aporte teórico e metodológico para compreender o Espaço geográfico. A passagem que Milton Santos destacam esse pensamento relacional entre as coisas pode ser mais precisa quando ele escreve que: “o espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (Santos, 2014, p. 30).

de intensidade entre as coisas e a própria relação, podem suscitar na linha pretendida uma inferência a ser atendida em mais observações. Isto é, perceber como as bolhas se rompem e acabam estabelecendo divisórias constituídas pelo conjunto de anomalias caracterizadas esferologicamente como espumas.

Portanto, um ponto a ser observado é que essas espumas contribuem para uma formatação e organização do espaço de maneira singular, mas não única, repleta de complexidades que envolvem a própria relação dos entres e dos Com's que envolvem o Ser-aí.

É justamente isso que chama a atenção para revolver as estruturas que problematizam o espaço. Pode-se, nessa esteira, questionar: as relações são as condições necessárias para a produção e organização do espaço? Quais relações questionamos quando colocadas como representações e responsabilizadas pela produção do espaço geográfico e a sua organização?

Durante um longo período a Geografia evidenciou que as relações precípuas que geravam o espaço seriam as relações entre Homem [sujeito humano] e Natureza, seguindo uma linha envolvida no pensamento geográfico Determinista em que as condições de reprodução desses espaços eram estabelecidas por leis universais em que o sujeito humano impunha à natureza ou à natureza ao sujeito humano suas vontades.

Entrementes, não se trata apenas dessas constatações relacionais presentes nas mudanças do espaço e na sua morfologia, mas outras relações que possam divergir de uma visão dicotômica identificadora da natureza enquanto máquina teleológica voltada para a própria sobrevivência do humano. Certamente, a Tese se interessa em uma outra abordagem. Mas, demonstra que há confirmações atestadas nos ensaios de Sloterdijk e que se mantém para a confluência na Geografia.

Nesse sentido, “Coube a Alexander von Humboldt a missão de formular exemplarmente o regresso, a partir da exterioridade cósmica, à essência humana auto-reflexiva” (Sloterdijk, 2008, p. 33).

Essa constatação sloterdijkiana em tratar do desapego do homem com as metafísicas da fé, incapacitativas na geração de um ser-mergulhado-no-mundo ou a própria instalação do sujeito humano no mundo, amputado no sentido de se perceber parte integral do espaço. Neste sentido que “o novo pensamento do espaço é a insurreição contra o mundo encolhido” (Sloterdijk, 2008, p. 270).

A forma expressa de pensamento consiste em desviar o olhar de soslaio para traz, para longe, mais profundo, e nesse profundo mergulhar, mesmo estando sujeito em uma condição momentânea de apneia. É por isso que a fenomenologia produz uma falta de respiração, mesmo que momentânea, mas que pode ser recuperada em momentos precedentes.

As objetivações do elemento real — aquilo que se estabeleceu como real, a corporificação materialística do fenômeno, reconhecida como ente —, pode ocorrer de maneira menos invasiva em uma analítica compreensiva que só a fenomenologia é capaz de reparar.

Como se sabe, os criptogramas da objetividade, geradores de dados, capazes de produzir maiores invisibilidades se confluem para um único ponto, o que formatou verdadeiros cânones de estudo da Geografia e do espaço geográfico⁵¹, talvez obliterando muitas formas de pensar.

Seguindo, portanto, o caminho para se articular inicialmente a concepção sloterdijkiana a partir da produção de espaços e nesse caso específico, ele em sua apresentação inicial no livro *Bolhas* da sua trilogia *Esferas* menciona que:

Na perspectiva esferológica, os povos aparecem sobretudo como comunidades de culto, excitação, esforço e inspiração. Enquanto **vasos autógenos**, vivem e sobrevivem apenas sob sua própria redoma atmosférica e semiosférica. Por meio de seus deuses, suas histórias e suas artes, proveem eles próprios o sopro- e com isso o estímulo- que os torna possíveis. Eles são, nesse sentido, bem - sucedidas estruturas pneumotécnicas e autoestressantes (Sloterdijk, 2016, p. 57, **grifo meu**).

A formação das esferas que contém os humanos é considerada pelo filósofo como **vasos autógenos** que a partir do seu insuflar são capazes de formatar outras estruturas, que são as suas próprias redomas, chamadas de estruturas '**pneumotécnicas**', pois a sua produção técnica advém dos seus próprios meios técnicos, das suas próprias relações socio-culturais que preenchem o espaço que se forma que partem principalmente das necessidades de estarem sempre em ressonância e imunizados.

⁵¹ Cf. Paulo Cesar da Costa Gomes nos brinda também com a seguinte visão sobre o espaço: "O objetivo geral desta vasta empreitada era de sistematizar e difundir a totalidade de conhecimentos em todos os domínios do saber. (...). Essa concepção de natureza parte de uma visão materialista que afirma a unidade de todos os fenômenos observáveis, naturais e sociais, e que busca de maneira lógica uma cadeia de conexão entre elas" (Gomes, 2011, p. 77-78).

Por isso, na concepção sloterdijkiana esses espaços insuflados por seus insufladores devem ser verificados como morfologias do redondo, as bolhas e as espumas.

Nesse sentido, observando o que Peter Sloterdijk considera sobre o insuflado e o insuflador, podemos ter uma compreensão mais apurada, pois, “o insuflado é necessariamente um gêmeo ontológico do insuflador” (Sloterdijk, 2016, p. 42).

Podemos realizar um exercício de deslocamento para o campo da Geografia em que o espaço insuflado só surgirá no exato momento em que seguramente ocorrer uma ação de insuflar, de preencher, de encher.

A grande questão que reverbera nos quadros geográficos, nos faz pensar mais ainda e: quem é o gêmeo ontológico do espaço geográfico?, pois ao se interpelar sobre quem ou o que é o Ser do espaço, acabamos nos deparando com está mesma questão.

Certamente, há miríades de interpretações, respostas e especulações que por vezes embaralham ainda mais a concepção do fenômeno da pesquisa em Geografia. Não é desejo aqui afirmar que será dada uma resposta incisiva e final para tal questionamento, mas que a partir dos encontros, das diferentes insuflações teóricas, serão colocadas para que possamos chegar a novos caminhos labirínticos e percorrer por eles.

A espacialidade discutida na Geografia se refere a essa maneira que produzimos parte do espaço geográfico, isto é, na observação que Soja faz sobre a espacialidade, podemos entender que:

É necessário começar deixando tão clara quanto possível a distinção entre o espaço *per se*, o espaço como um dado contextual, e a espacialidade de base social, o espaço criado da organização e da produção social. De uma perspectiva materialista, seja ela mecanicista ou dialética, o tempo e o espaço, no sentido geral ou abstrato, representam a forma objetiva da matéria. Tempo, espaço e matéria estão inextricavelmente ligados, sendo a natureza dessa relação um tema central na história e na filosofia da ciência. Essa visão essencialmente física do espaço influenciou profundamente todas as formas de análise espacial, quer filosóficas, teóricas ou empíricas, quer aplicadas ao movimento dos corpos celestes ou à história e ao panorama da sociedade humana. Tendeu também a impregnar todas as coisas espaciais de um sentido remanescente de primordialidade e composição física, de uma aura de objetividade, inevitabilidade e reificação (Soja, 2013, p. 88, *grifo meu*).

Para aprofundar um pouco mais na temática sobre a produção do espaço a partir da própria constituição da espacialidade, podemos ver com essa

rica contribuição de Soja (2013) para que mais à frente possamos compreender a formação das ‘bolhas geográficas’.

Por enquanto, temos a espacialidade vista como uma co-produção de base social e que podemos dizer sobre os coletivos humanos que se empenharam para que se pudesse identificar conquanto a um espaço.

Demonstrar a diferença entre três pontos que identificam a questão de uma bolha geográfica no sentido que está sendo desenvolvido aqui, a saber: o espaço, a espacialidade e a geograficidade seguramente legitimam o andamento deste pensamento.

A diferença entre elas pode ser denotada pela possibilidade de se interpretar a ontológica bolha geográfica e de perceber que de maneira recorrente sempre fomos motivados a entender o espaço como um dado material, físico, ficando por muito tempo servindo — e ainda serve — como bases para análises filosóficas e para tantas áreas da ciência.

Entretanto, “esse espaço físico foi uma base epistemológica ilusória para se analisar o sentido concreto e subjetivo da espacialidade humana” (Soja, 2013, p. 88) e esse é um ponto importante a ser destacado.

É parte integral do nosso pensamento amplificar as compreensões acerca do espaço, da espacialidade e da geograficidade, pois se entremeiam nas teias da ontotopologia como fenômenos articuláveis entre si, construtores da composição das ‘bolhas geográficas’ e dos sistemas de construções morfoimunológicas⁵² [*casa, habitação, cultura, a linguagem dentre outros*] em que os coletivos humanos, o Ser-aí na sua particularidade, entendem como estar-no-mundo, “o que no discurso dos filósofos recentes se denominou estar-no-mundo significa, para a existência humana, em primeiro lugar e sobretudo, estar-em-esferas” (Sloterdijk, 2016, p. 44).

Observa-se ainda que essas possíveis congruências entre os conceitos geográficos e as particularidades dos seus desenvolvedores servem como meios, formas, conteúdos, extensões, considerados pelo tratado esferológico de Peter Sloterdijk.

⁵² Cf. Nesse sentido, esferas são sempre, além disso, construções morfoimunológicas. Só em estruturas imunes formadora de espaço interior podem os homens levar adiante o processo de suas gerações e impulsionar suas individuações (Sloterdijk, 2016, p. 44).

De maneira precisa, Sloterdijk trata sobre esse estar-aí-no-mundo pelos seres humanos expondo um sentido que devemos observar:

Se os homens estão *aí*, então existem de início em espaços que se abriram para eles porque, ao habitá-los, lhes deram forma, conteúdo, extensão e duração relativa. Mas, como as esferas constituem o produto original da coexistência humana - algo que nenhuma teoria do trabalho jamais levou em conta-, esses lugares atmosféricos - simbólicos dos homens dependem de sua contínua renovação; esferas são instalações climáticas em cuja construção e operação não se colocam, para os que realmente vivem em comum, a possibilidade de deixar de colaborar (Sloterdijk, 2016, p. 44).

E na colaboração múltipla dos sujeitos humanos, no contexto da Geografia vão se constituindo as diferenças entre o espaço, a espacialidade e a geograficidade.

Tomando como ponto de vista os caminhos a serem percorridos nessa Tese, considerando um afastamento da ideia matriz de espaço enquanto apenas uma dimensão física e material, mesmo que para muitos seja difícil compreender, pois para muitos, o que é o espaço geográfico senão, coisas, objetos ou como diria Milton Santos: “fixos e fluxos”, marcados por uma rugosidade visivelmente estampada na historicidade e no tempo-espaço que delimitaram uma forma quase única do pensamento geográfico.

A fim de confirmar parte desse olhar miltoniano o próprio geógrafo situou a questão:

Ante a banalidade e o mistério da técnica atual, o objeto técnico é inspirador de metáforas. Acostumados à ideia de que o ator é o homem, ficamos, a um tempo, chocados e intrigados com a frase de Baudrillard (1973, p. 62), quando ele diz que os objetos são atores. E o Sartre de *L'Imagination* escreve que o objeto atual é um objeto que se tornou sujeito. Esse objeto-ator nos aponta comportamentos, porque ele próprio é um sistema, um mecanismo que apenas funciona se obedecemos às regras próprias predeterminadas (Santos, 2006, p. 141).

Importa ressaltar que são diversos olhares que se interrelacionam em suas perspectivas heteroconceituais, se manifestam na tentativa de responder a questões que se encontram diretamente no *corpus geográfico* e que precisam ser mais exploradas.

Alicerçados em referências da apresentação de que o Ser humano, a sociedade, os agentes ou atores sociais, são os sujeitos diretos na produção do espaço, a questão é partir da análise mais hermética no sentido kantiano do

espaço⁵³, para a compreensão de uma outra forma de pensar sobre essa mesma formação do espaço, que seja envolvido pela rotundidade?

Nesse caso, o que é apresentado aqui e que vai além do filósofo-âncora deste trabalho: são diálogos diretos com a poética do espaço de Gaston Bachelard, sendo ele um dos incentivadores da Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk que revisam esse *modus* de compreender o espaço.

Talvez, um exercício de superar o viés matriz de apenas se pensar o espaço a partir do dado absoluto⁵⁴ permitindo-me ruminar⁵⁵ diante das questões que envolvam a subjetividade, colocadas em suspensão para desenvolver mais um ponto de vista sobre a formação, produção ou mesmo da criação do espaço geográfico.

Entretanto, ao apresentar um levantamento à despeito do espaço para o campo da Geografia, mas com um direcionamento que envolva o sujeito humano, assim como suas formas de Estar-no-mundo, a sua presença, ocorre uma conversão clara de que a Geografia poderá sempre estar se renovando, pois, ao apresentar um trabalho que envolva o fenômeno das bolhas geográficas e das espumas geográficas envolvidas em um contexto fenomenológico com base na Teoria das Esferas, fica evidente que seguimos mais uma vez com alguma contribuição para renovar a inquietante ciência geográfica.

Nessa formatação que desenvolvemos outras construções teóricas analisando os mais diferentes fenômenos e diante do tema que possui um grande quilate, que é a própria discussão sobre o espaço geográfico, percebemos que novamente a Geografia poderá lograr êxitos.

Aprendemos através das leituras harvenianas em um dado momento quando nos deparamos com suas colocações, mas que marcadamente

⁵³ Sobre o sentido kantiano do espaço, em Crítica da Razão pura ele nos transmite de seguinte maneira: “Que são então o espaço e o tempo? São entes reais? Serão apenas determinações ou mesmo relações de coisas, embora relações de espécie tal que não deixariam de subsistir entre as coisas, mesmo que não fossem intuídas? Ou serão unicamente dependentes da forma da intuição e, por conseguinte, da constituição subjetiva do nosso espírito, sem a qual esses predicados não poderiam ser atribuídos a coisa alguma?” (Kant, 2008, p. 37).

⁵⁴ Aproximo as considerações teóricas expostas pela professora Dirce Suertegaray, pois, “partindo destas breves considerações, passemos aos conceitos. Considerando o exposto, entendo que o campo de atuação da Geografia está balizado pelo conceito de espaço geográfico. Constitui este, o conceito mais abrangente, por consequência o mais abstrato” (Suertegaray, 2001, p. 01).

⁵⁵ Tomo emprestado o termo nietzschiano que destaca um movimento de pensar o pensamento. Desenvolver uma habilidade de estar para além da reflexão, pois, reflete-se sobre algo por mais vezes.

pontuamos que essa é uma das nossas pretensões e anuíamos ao que o autor coloca em seu texto:

Frequentemente, a inovação teórica surge do choque entre as diferentes linhas de força. Numa fricção desse tipo, nunca se deve abandonar o ponto de partida; as ideias apenas apagarão fogo se os elementos originais não forem completamente absorvidos pelos novos elementos (Harvey, 2005, p. 23).

Ademais, a ideia cerne pautada na maneira que pensamos sobre a produção do espaço já se caracteriza em uma condição envolvente do trabalho de agentes sociais, do ser humano e seus modos de fazer.

Contudo, essa é uma perspectiva condensada diretamente na construção a partir de uma premissa econômica, área que é de extrema relevância para análises na Geografia, e que ao longo da sua implementação no *corpus geográfico* tem sido amplamente debatida sob diferentes ângulos como a dos geógrafos: David Harvey (2005, 2008, 2011a, 2011b), Henry Lefebvre (1974, 2001), Doreen Massey (2008, 2017), e muitos outros que estão envolvidos diretamente nesse processo da compreensão do tema, mas que não serão aplicados como meio interpretativo mais centrado nos diálogos que estão sendo desenvolvidos.

Extraí-se as principais condições de se converter apenas uma investigação caricaturada, mas que possa perpassar e dialogar com as abordagens sobre o espaço geográfico, o lugar e a habitação. A princípio, se interpreta que há possibilidade do deslocamento de um determinado assunto para outras linguagens como recurso inteligível, não apenas uma ferramenta na constituição de metanarrativas metafóricas, mas no expansivo meio de ser uma transferência do que seria um texto mais linear para uma substitutiva variedade antológica e revelação ontológica.

Nesse caso, é importante considerar que partindo de uma retomada ontológica sobre os modos de se ‘Estar-em-esferas’ e assim ‘constitui-las’, ‘produzi-las’ e ‘organizá-las’ com vias a promover maior interesse pelos fenômenos do estudo, deveremos estar navegando em águas certas.

Concordamos que estamos mais direcionados em busca de uma autenticidade emocional, assegurada pela desmedida relação narcísica típica desses tempos sombrios, nos faltando aquilo que nas palavras de Byung-Chul

Han é incrivelmente necessário “a relação como mundo que deveria intermediar as coisas, fica, desse modo, cada vez mais perdida” (Han, 2021, p. 15).

Precisamos nos apressar em entender as relações que estamos sobreposicionados e que modificam a produção do espaço e das esferas em nossos tempos, pois, se cada momento epocal estabelece em-si-mesmo, as relações com o mundo tendem a se mostrar diversificadas de tempo em tempos.

Estamos certos que todas as mudanças, inclusive as ontológicas do espaço, ou ainda somos precoces sobre o entendimento no que diz respeito às alterações incorridas no seio do espaço e esse fenômeno é bem mais elástico do que se possa depreender?

Tempo-espaço e mundo sustentam diferenças ontológicas e existenciais. Por isso, considero como elásticos não apenas no aspecto de esticar-se e retornar ao ponto inicial, mas também de um movimento de estiramento para frente, sem marcar limites. Isso ocorre com o tempo-espaço e com o mundo de todos nós, seja no fato real ou na imaginação dos fatos.

Concordo com Giddens, quando se pensa o tempo e o espaço da seguinte forma, “(...) não pode explicar um tipo especial de mudança — mudança em eventos —. Deste tipo de mudança — às vezes chamado de *devir* (...) — de ser passado, presente e futuro” (Giddens, 1972, p. 219).

O *devir* sendo, o fator impacto de todas as movimentações elásticas ou conforme a escolha do teórico principal dessa Tese ampliações das bolhas tempo-espaço-mundo em que somos apenas parte do seu conteúdo.

Vale considerar que as esferas trazem consigo, desde que se envolvam com o ser humano, suas peculiaridades entre formas, conteúdos, extensões e durações relativas.

CAPÍTULO

III

3ª ROTA

3. DE BOLHAS A ESPUMAS: o fenômeno espaço geográfico como um sistema de imunização

Si pensamos em el sistema inmunitario como um sistema cognitivo, buscaremos explicarlo y entenderlo em términos cognitivos según lo que pensamos que es um fenómeno cognitivo. (...) El sistema inmunitario existe em la continua producción de si mismo como uma red celular y molecular que produce las moléculas y células que la componen, se intersecta com otras dinámicas celulares y moleculares que com ella participan em la realización de la autopoiesis del organismo que integram (Maturana; Yañez, 2008, p. 363-364).

Intento a iniciação dessa parte da Tese com observações particulares voltadas para um contexto biológico⁵⁶ fornecendo um sentido de tornar evidente a importância da imunização contra agentes infecciosos - vírus e bactérias - evitando o adoecimento na relação Ser-no-espaço, Ser-em-esferas, Ser-em-bolhas cruzando com a Teoria das Esferas.

Para isso, importa considerar que existe claramente a diferença entre imunização e exposição-desproteção bem como a maneira que estamos imunizados nas 'bolhas geográficas'. Acabamos constituindo o que torna evidente novos questionamentos, como também a tentativa de suscitar novas compreensões, mas que se não alcançadas rapidamente, possam seguir com base na interpretação da Teorias das Esferas.

⁵⁶ Os estudos dos professores Humberto Maturana e Francisco Varela são influenciadores na distribuição conceitual e das interpretações fenomenológicas de Peter Sloterdijk. Logo, tomando emprestado e desenvolvendo a partir do seu olhar, não poderia deixar de conduzir o entrelaçamento de ideias sem sugerir que se observe essa fenomenologia biológica desenvolvida por esses pensadores. Por isso, observando que "de todo lo dicho es claro que la clave para comprender la fenomenología biológica es entender la organización del individuo (Maturana, 1998, p.110), fica evidente que a organização dos seres humanos ou biuidividuos humanos, podem ser compreendidos fazendo esse jogo entre o fenômeno biológico e o fenômeno geográfico, neste sentido peculiar do espaço em questão.

Nesse momento é -sempre é- importante destacar aquilo que está sendo amplificado nesse estudo observando atentamente nas palavras de Peter Sloterdijk:

O que aqui se denomina esfera seria, pois, numa concepção primeira e provisória, uma bola constituída de duas metades, polarizada e diferenciada desde o início, embora articulada internamente, subjetiva e viva - um espaço biunitário comum da vida e experiência (Sloterdijk, 2016, p. 44).

Mediante algumas perguntas podemos estar questionando: de que maneira o ser humano se imuniza ao constituir 'bolhas geográficas'? De que forma, esse mesmo ser humano na sua facticidade e contingência conhecida se consome e é consumido pela bolha? Como o ser humano e suas relações de coexistência insuflam as bolhas que são partes do processo de imunização? E contra o que se busca proteção?

Na relação do espaço geográfico, como perceber esse processo de imunização do ser humano? A bolha faz parte da esfera ou é a própria esfera como um espaço biunitário comum da vida e da experiência envolta na capacidade de imunizar todos os seres humanos independente dos seus traços étnicos, biológicos, culturais, sociais, econômicos e políticos?

Em que momento na história (tempo) da humanidade as bolhas se tornaram espaços de contenção e imunização? Mesmo sabendo que "a sublime bolha biunitária está condenada a explodir" (Sloterdijk, 2016, p. 50), de que maneira ocorre sua explosão. O que leva à explosão das bolhas? A explosão das bolhas na configuração de espacialidade são modos de ampliação das suas estruturas ou seu desaparecimento pleno? Com a explosão das bolhas-esferas, o ser humano se desprotege? O que ocorre com sua espacialidade rompida?

Todas essas perguntas se inserem no cerne do que me proponho a desvelar com o auxílio da esferologia de Sloterdijk, o mesmo caminho de se pensar a ontotopológica investida do Ser-aí na produção do espaço que só é concebível se o mesmo buscar por sua imunização. Portanto, as bolhas geográficas envolvem o Ser-aí em mundos próprios e espaços particularizados que mudam de acordo com a variação do tempo.

Existem mais interpelações que respostas para uma abordagem temática que, mesmo parecendo simplória, torna-se extremamente instigante em

conduzir uma pesquisa que possua uma capacidade de ressonância futura para a Geografia Humanista.

Para discutir sobre a formação das bolhas, a princípio, deve-se observar de maneira fenomenológica como parte da constituição ontológica da microesferologia de Peter Sloterdijk retrata a partir de uma tela pintada a óleo, do pintor *Sir Jon Everett Milais* (1829-1896), um quadro introdutivo para a formação das bolhas, como assim ele mesmo destaca nas primeiras páginas do livro *Esferas I -Microesferologia- Bolhas*.

As observações que Peter Sloterdijk faz são dignas de um crítico de arte, com amplo conhecimento, não da estrutura da imagem, com cores, textura, enquadramento, iluminação ou classificação quanto ao aspecto artístico da obra em si nada de uma semiótica.

Na realidade, o quadro *Bubbles*, uma gravura de meia-tinta de *G.H. Every* datada de 1887 é utilizada como um caminhar fenomenológico sobre a constituição das bolhas.

Ao observarmos atentamente que a criança exposta na imagem ao ganhar um presente e se animar⁵⁷ se inclina na sacada de onde se encontra para acompanhar a trajetória daquilo que ela acaba de produzir pequenas bolhas de sabão que podem ser vistas na tela.

Peter Sloterdijk então descreve todo o processo que ocorre como se ele mesmo estivesse na própria tela como que pudesse ser a própria criança ou até enxergar com uma lupa especial o próprio Ser da criança diante de sua obra [*a bolha de sabão*] destacado pelo espanto localizado na face da criança, mas não um espantar-se diante da estrutura frágil e provisória, mas um espanto de satisfação e encantamento.

A bolha encanta o sujeito e seu Ser, logo, porque parece claramente na expressão facial da criança que:

Segue-o a esperança da criança extasiada. É ela própria que desliza com a sua bolha mágica no espaço exterior, como se, por alguns segundos, seu destino estivesse ligado ao daquela ansiosa criação. Quando, após um voo oscilante e prolongado, a bolha finalmente rebenta, o artífice da bolha não deixa escapar, do alto da sacada, um som que é ao mesmo tempo um suspiro e uma exclamação de júbilo. Durante o tempo de vida da bolha, seu insuflador [o menino] esteve fora de si, como se a subsistência daquela bolha dependesse de

⁵⁷ É importante atentar para esse termo muito utilizado por Peter Sloterdijk, pois, ele faz uso recorrente na sua Teoria das Esferas.

permanecer envolvida por uma atenção que desliza junto com ela (Sloterdijk, 2016, p. 19).

Esse apontamento inicial, é importante para compreender em que ângulo ela consegue se enquadrar. É possível continuar a olhar para a conduta perceptiva da tela e das bolhas ali formadas, sobretudo, quando novos voos, novas bolhas são co-criadas no instante quase que infindável, onde a criança extasiada faz seu “eterno retorno do mesmo” se tornar eternizado.

Pois, aquilo que tem a capacidade de extasiar a criança, fazer um deslocamento é a sua apaixonada ideia de que suas bolhas são como formas mágicas lançadas para o alto, em um voo livre, como que um milagre autoconsumado⁵⁸ e que contém partes do seu espectador.

Ademais, nota-se alguns pontos. Nessa descrição fenomenológica e que considero serem importantes de destaque. Vejamos ao que a tela pintada nos direciona: (i) finas paredes de corpos insuflados, (ii) solidariedade entre a bolha de sabão e o insuflador, (iii) sobrevida momentânea do sopro contido na bolha, (iv) movimento das bolhas no espaço e o insuflador fora de si, (v) expansão anímica advinda da bolha, (vi) bolha e insuflador co-existem em um campo tensionado pela simpatia, (vii) a bolha seguida pelo olhar da criança não a transforma em um sujeito cartesiano, mas transforma o espaço aberto em esfera de animação.

Esses pontos surgem para construir a trajetória que cria a bolha, seja no sentido da integração entre os sujeitos humanos em outros termos à premissa da própria alteridade *coexistiva*, também apoiada na ideia de *autopoise* de Humberto Maturana e do próprio Peter Sloterdijk ou da produção e organização do espaço geográfico como ‘bolha e imunização’.

Convém indagar, transcrevendo literalmente o que Peter Sloterdijk destaca e endossa, a partir de indagações transcritas do filósofo das Esferas e que podem ser extraídas pontos merecedores de atenção: a necessidade, justificação — embora não tenho intuito de justificar, antes compreender e interpretar — concepção e a exterioridade:

Primeiro: De fato, é conhecida a necessidade (Schopenhauer denominou-a de a necessidade metafísica) de que tudo que pertence ao mundo

⁵⁸ Cf. E1-B, p. 20.

ou ao ente em todo esteja contido em um sopro, como em um sentido indelével. Pode essa necessidade ser satisfeita? Pode ser justificada?⁵⁹

Segundo: Quem primeiro concebeu a ideia de que o *mundo* [nesse ponto faço o jogo substitutivo por espaço ou lugar] não seria absolutamente nada mais que a bolha de sabão de um alento que tudo engloba? ⁶⁰

Terceiro: A qual exterior pertenceria, então, tudo o que é o caso?⁶¹

Portanto, a necessidade, a justificativa, a concepção e a exterioridade em que a bolha insuflada se direciona é o mesmo trajeto que a Geografia na produção do espaço geográfico realiza, isso partindo dessa leitura particular de se imaginar essa constituição do espaço?

Há seguramente, uma necessidade do ser humano ter um espaço e na medida que este apresenta o espaço, a partir da sua intenção, elaboração, construção, produção, organização e por fim ocupação, justifica o mesmo *[refiro-me ao espaço e a variedade de se pensar ele como lugar, território ou região]* de acordo com a ordem que o mesmo prioriza, seja o espaço para fins produtivos e para as relações econômicas, para as disposições de demarcações territoriais, identificando assim uma unidade do espaço total, para sua autopoiese no sentido que Peter Sloterdijk, Humberto Maturana e Francisco Varela⁶² discutem no processo de hominização⁶³.

⁵⁹ Cf. E1-B, p. 21.

⁶⁰ *Idem.*

⁶¹ *Idem.*

⁶² Cf. Nota para autopoiese segundo as contribuições da fenomenologia biológica de Humberto Maturana e Francisco Varela, logo, dentro da proposta, consideram que os seres vivos *[e isso inclui os seres humanos em questão]*, possuem mecanismos que podem se identificar enquanto sistemas de autônomos, nesse sentido, chamam de autopoiese. Mais à frente irei ampliar essa discussão interessante sob o viés da Geografia. Importante, ainda ressaltar a interna ligação dos teóricos aqui citados e o filósofo Peter Sloterdijk no que diz respeito à autopoiese.

⁶³Cf. Na dissertação de mestrado do hoje Dr. Rodrigo Petrônio intitulada: **UMA ANTROPOLOGIA PARA O ALÉM: RELIGIÃO E HOMINIZAÇÃO NA OBRA ESFERAS DE PETER SLOTERDIJK**, tem como objetivo cerne, “o estudo da hominização sob o ponto de vista filosófico, ou seja, das concepções antropofânicas, que modelaram a fisionomia humana no âmbito das ciências, analisadas de um ponto de vista filosófico. A hominização, portanto, é um conceito mais amplo, não apenas distinto do humanismo e anti-humanismo, mas que inclusive os redescobre epistemologicamente. Está ligada à própria seleção, preservação e adaptação da espécie, e aos mecanismos antropológicos que concorreram nesse movimento de especiação. De certa maneira, visões humanistas e anti-humanistas, entendidas em termos filosóficos, também dizem respeito a uma longa cadeia de hominização, mas não apresentam séries temporais e periodizações tão longas (Ribeiro, 2013, p. 37). Complemento ainda com a visão de Yuk Hui, “A intervenção dos seres humanos no ambiente define o processo de hominização, o tornar-se humano evolutivo e histórico e as políticas daí decorrentes” (Hui, 2020, p. 105-106).

A própria existencialidade parte da necessidade criativa da geograficidade e das contingências que tomam direção do tempo-espço do ser humano. Deste modo, as maneiras de constituir a própria existência dos objetos envolvem o espaço e nos fazem ser um ‘Ser-com’ e a conquista das exterioridades monstruosas que largamente foram sendo adicionadas ao conjunto de unidades configuradas no conhecimento geográfico como a própria dimensão de global⁶⁴. O processo de globalização posto ao olhar de Peter Sloterdijk no livro *Esferas II – Macroesferologia - Globos*, descreve o caminho ontológico desta ampliada visão de uma maneira envolvente.

É através da Geografia também que reforço o desejo em atravessar por um caminho ontológico que seja capaz de tomar mesmo que de assalto, por identificações que pensamos e questionamos se tornando trilhas para uma compreensiva forma de interpretar o sentido das ‘bolhas geográficas e das espumas geográficas’ em sintonia com a esferologia sloterdijkiana. Logo, acredito que as bifurcações acabam gerando encontros.

Desde o momento que surgiu o interesse pelo campo epistemológico e ontológico, essa ardente ‘vontade de potência’⁶⁵ nietzschiana, de certa forma, tornou-se presente para o andamento de todo o processo.

O que está se tentando realizar é também um “eterno retorno” em pleno prazer na escrita, proporcionando um *encontrar-se e encontrar-me*. Digamos que dentro de uma bolha de realização pessoal e explodindo-a para uma espumização coletiva e colaborativa com a Geografia Humanista e Fenomenológica, dependendo da maneira de ver e enxergar, pois são duas situações totalmente diferentes.

Nesse caminho, parece-me que o gestaltismo⁶⁶ é um ponto convergente e perceber os detalhes da teorização universalizada epocalmente sobre

⁶⁴ Se há um desconhecido mundo, então, os sujeitos não imaginavam que a exterioridade das suas vivências do seu mundo vivido era de tantas outras subunidades de mundos vividos, com hordas (nas palavras de Sloterdijk) capazes de desenvolver as suas próprias circunscrições culturais e sociais. Assim como as suas micropolíticas, no sentido de se auto-organizarem para a sua própria evolução. Esse mundo exterior possivelmente não representava uma possível imaginação.

⁶⁵ Portanto, para Nietzsche a fim de conduzir essa explicação sobre a vontade de potência nós que nós seres humanos “(...) construir algo além de ti. Mas primeiro debes construir-te a ti mesmo, diretamente no corpo e na alma” (Nietzsche, 2014, p. 96).

⁶⁶ Cf. “A filosofia da *Gestalt* serve como uma orientação de vida, um lembrete de que a consciência é sempre útil, e oferece técnicas e estratégias específicas que podemos usar para caminhar em direção a uma maior tomada de consciência” (Perls, *et.al*, 1977, p.15).

determinados conceitos e categorias envoltórias da Geografia é sabidamente fulcral.

Os diferentes axiais que as diversas áreas do conhecimento realizaram, a fim de recepcionar o considerado objeto de estudo da Geografia [o espaço geográfico], se amplificou de tal maneira que os próprios estudos geográficos buscaram evidenciá-lo de maneira mais intensa, até mesmo em uma construção abalizados em resgates ontológicos, como os relacionados aos intuitos de Milton Santos (2020) em criar uma metadisciplina⁶⁷ que se assegurasse nesse campo de maneira a ter calibre para discutir na mesma plataforma de debates com outros áreas [filosofia, sociologia, i.e]⁶⁸ ou como o de Reis (2012, 2019), que em seus trabalhos segue a tessitura da discussão da problemática ontológica.

Portanto, partindo dos pressupostos mais detidos na fenomenologia heideggeriana, sua recepção no Brasil e sua auto-consumação nas universidades, que por sua vez, possibilitou muitos estudos no campo da Geografia Fenomenológica e ainda refletem grandes possibilidades de entrelaçamentos e diálogos entre Martin Heidegger e o geógrafo Milton Santos.

Por isso, diante da contribuição da Geografia para os estudos que envolvem a humanidade, suas realizações transformadoras do meio e da sua própria capacidade de existência, conduzem seus estudos às observações da materialidade e da temporalidade na condição de fomentar dúvidas à respeito da relação ser humano, tempo e espaço em que se retoma a condição ontológica de fazer uma ciência antecipada ou uma antecipada ciência⁶⁹.

Por que esse interesse insistente de discutir ou problematizar a Ontologia do espaço? Por que esse campo é pouco explorado pelos geógrafos? Para que tenhamos um esclarecimento acerca do sentido do Ser do espaço, já encaminhando para um *start* fica evidente que conhecer a própria questão

⁶⁷ Sobre essa questão diz ele [Milton Santos]: “O que nos falta, aliás, seria uma metadisciplina da geografia” (Santos, 2020, p. 47).

⁶⁸ Cf. Para o célebre geógrafo baiano [Milton Santos]: “É por falta de epistemologia (...), que a própria geografia tem dificuldade para participar em um debate filosófico e interdisciplinar. A meu ver, essa é a razão pela qual especialistas de outras disciplinas, não sabendo o que claramente o que fazem os geógrafos, renunciam a incluí-los nos seus próprios debates” (Santos, 2020, p. 47).

⁶⁹ É possível que o texto seja capaz de seduzir ou mesmo de embaralhar aqueles que estão presos a métodos e pensamentos extremamente rígidos.

ontológica é um caminho que se faz necessário a trilhar, ou como bem observa essa Tese, águas para serem navegadas.

Ademais, é a constituição dos aspectos centrados na hermenêutica do termo que teremos a principal ideia por onde perpassa as questões de relação ontológica, sobretudo, se tudo no fato existencial requer uma compreensão mais detalhista, no sentido de mergulho ontológico advindo do uso da fenomenologia e das *epochés*, tantas quantas forem necessárias para essa compreensão, a Ontologia e a ontificação devem ser motivos a termos uma chave para essa busca que tem atravessado décadas.

No sentido mais *lato* da questão ontológica com vias à constituição inicial da pergunta: O que é isto, o Ser? Então, o sobressalto para trás é bem mais longo, pois é, desde Parmênides, que temos o desejo de revelação do Ser que os entes comportam.

Logo, desejo iniciar uma conversa que seja entendível e ao mesmo tempo abrir um caminho para que assim possa, ser compreendido a questão de cunho ontológico na Geografia, sobretudo, da real necessidade da contribuição epistemológica que possa nos enveredar por esse árduo caminho.

Mas, o que seria da vida se tudo fosse fácil? O ardor da vida em sua tenacidade pode nos deixar mais determinados a conduzir ou ser conduzidos pelos braços ontológicos de vermos as coisas. E assim quem sabe deixar uma contribuição, uma espécie de *copyright* da nossa própria maneira de pensar e existir o/no espaço.

Na próxima tomada, os entrelaços de diferentes autores sobre a questão ontológica serão apresentados, isso levantando alguns olhares complexos e outros que são um pouco mais digestivos, no sentido em que não se requeira tanta ruminação.

Conduz-se rumo à uma prerrogativa estabelecida pela conduta fenomenológica sobre as diversas ontologias que recuperam a noção primordial sobre o espaço e como o lemos na atualidade.

Constitui-se, portanto, uma narração ontológica da espacialidade filosófica e não do *a priori* ou do *posteriori*, mas antes da atenção e atravessamento dos entes às ideias múltiplas.

Não coloco uma balança para pesar os diferentes olhares, nem mesmo incorrendo no interesse de apontar aquela que é a certa, ou mesmo a que está equivocada, pois busco um entendimento sobre a Ontologia do espaço.

3.1 A Ontológica Narrativa do Espaço Geográfico: pressupostos ontológicos

Por que considerar um aparte dessa Tese como uma ampla narrativa? Acredito que seja pela diversidade de tantos colaboradores do debate ontológico que não temos uma posição confortável diante desse extenso debate. Ainda bem, pois não é uma degladiação em que ataques e defesas se constituem marcas imperantes.

Pode-se, considerar aspectos relativos de caminhos que se destacaram e que surtiram efeito no pensamento filosófico e geográfico. Por isso, penso que seja necessário iniciar a apresentação do elemento ontológico para que mais tarde se pense no endosso complementar na Geografia.

O que introduz essa sessão se refere ao encaminhamento ontológico, e para tanto, início com Martin Heidegger e seu pensamento sombrio⁷⁰, como menciona Peter Sloterdijk no primeiro capítulo § 1º de 'Ser e tempo' se tornando necessário para que então possamos dar continuidade.

Neste sentido, ele menciona aquilo que se identifica com este trabalho, pois:

No início desta investigação não se pode discutir em pormenor o conjunto de preconceitos que constantemente rebrotam e nutrem de novo a opinião de que é desnecessário perguntar pelo ser. Eles têm suas raízes na própria ontologia antiga. Esta, por sua vez, só pode ser interpretada de modo suficiente- quanto ao terreno de onde nascem os conceitos ontológicos fundamentais e relativamente à adequada demonstração e ao número completo das categorias- pelo fio-condutor da pergunta pelo ser, uma vez que esta tenha sido elucidada e respondida. Por isso levaremos a discussão dos preconceitos apenas até onde se possa ver a necessidade de uma repetição da pergunta pelo sentido de ser (Heidegger, 2012, p. 35, grifo meu).

⁷⁰ Cf. No livro Esferas I – Bolhas - microesferologia, já partindo para as últimas páginas, Peter Sloterdijk fala acerca dessa sombria forma de pensar. Assim, ele deixa registrado: “À luz das exposições precedentes, pode-se elucidar melhor em que consiste a magia de ‘Ser e tempo’, que vai além de qualquer simples atração filosófica. Se o livro, com toda a sua obscuridade, cativa o pensamento, é principalmente porque repete, em perfeito anonimato, as ideias mais profundas da gnose cristã” (Sloterdijk, 2016, p. 566).

Ante a reviver os preconceitos insistentes sobre a problemática da questão do Ser, pode-se insistir em algum momento que o Ser do espaço compareça como um axial necessário a ser amplificado também. Logo, na mesma composição [*este ponto também será visto mais à frente*] do espaço geográfico, requer-se de alguma maneira que se pergunte pelo Ser.

Mesmo que seja considerado um conceito universal, [“o ser é o conceito mais universal” (Heidegger, 2012, p. 35)], deve-se compreender que uma virada seja evidente, isso, em decorrência das muitas investidas ontológicas medievais em busca de respostas, pois, “ao se dizer, por conseguinte que “ser” é um conceito universal não se diz, contudo, que esse conceito seja o mais claro, de sorte que toda discussão ulterior se faz desnecessária” (Heidegger, 2012, p. 36).

O que importa diretamente é que seja evidenciado nesta composição que o “ser não pode ser derivado por definição de conceitos superiores e não pode ser exibido por conceitos inferiores” (Heidegger, 2012, p. 36), um equilíbrio de ‘entres’ para que se possa avançar na discussão sobre o problema do Ser.

Além de não incorrer em uma derivativa conceitual onipotente, a busca pelas evidências do Ser está, de acordo com a nossa interpretação, nas suas próprias possibilidades de “que-pode-ser-entendido-por-si-mesmo” (Heidegger, 2012, p. 39).

Isto ocorre em relação ao ente e ainda no seu próprio “comportar-se-em-relação-a-si-mesmo” (Heidegger, 2012, p. 39), mas que ainda segundo Heidegger (2012) existe por detrás uma falta de entendimento dessa manifesta possibilidade de entender o Ser.

Então, significa que algo de mais incrível existe nesse debate em que só entram os que tentam se afirmar diante do mundo do pensar, pois, ao ser observado que “o sentido de ser esteja ao mesmo tempo encoberto na obscuridade, demonstra a necessidade de princípio de que haja uma repetição da pergunta pelo sentido do “Ser”” (Heidegger, 2012, p. 39). Como sair desta obscura penumbra que, de tempos em tempos, revigora-se propondo a pergunta pelo Ser? O Ser é mais complexo de entendimento do que se possa deduzir, o que já é um erro.

Por isso, fica latente no que escreve Heidegger:

(...) a consideração dos preconceitos ao mesmo tempo pôs em claro que a pergunta pelo ser não falta unicamente uma *resposta*, mas que

até a própria pergunta é obscura e não tem uma direção. Por isso, repetir a questão-do-ser significa elaborar de modo suficiente e de uma vez por todas o que é preciso para *fazer* a pergunta (Heidegger, 2012, p. 39).

O que esperar então quando não se tem uma direção para tal questionamento, sendo que a resposta *per se* considera-se como algo obscuro? Mesmo nessa obscuridade desejamos seguir os passos que estamos conduzindo em uma interpretação que acredito ser inteligível sobre a Ontologia, primeiro com o olhar mais filosófico — isto diretamente dos filósofos — e depois, um outro olhar de geógrafos.

Uma boa abertura é ver que “a regressão na ontologia relembra a regressão, agora familiar, na semântica da verdade e das noções aparentadas” (Quine, 1978, p. 161), por isso. A tentativa de se encontrar com uma verdade que seja um sentimento intrínseco da pesquisa.

Não seria diferente mesmo na Geografia levantar suspeitas das suas categorias e conceitos teóricos a tal ponto de ser escrutinado pelas vias da função vicária da Ontologia.

Daí, reforça-se a posição que:

(...) houve recentemente uma retomada de questões ontológicas, (...), com o tratamento de muitas questões, sem que isso tenha levado, de modo geral, a uma busca de interconexões [*esse desejo já está constituído nessa Tese*] entre essas questões e ainda estejamos hoje longe de um acordo a respeito de uma definição das tarefas da ontologia (Oliveira, 2014, p. 06, *grifo meu*).

Fica evidente que a retomada para as questões de caráter ontológico tem uma ou mais respostas para as indagações que suscitam. Isso ocorre devido à necessidade de colidir interseccionalmente com outros olhares, mesmo nas distâncias existentes entre os campos do conhecimento.

Portanto, o que temos é justamente “uma virada ontológica da filosofia, o que certamente abre novos horizontes e desafios para o pensamento filosófico” (Oliveira, 2014, p. 06).

Ademais, tento fazer o movimento parecido com a proposta do filósofo Quine (1978), no sentido de que tudo o que posso dizer sobre o mundo já *per se* compreende uma rede de complexidade enunciativa. Isto significa que quem usa a linguagem já assumiu de certa maneira um compromisso ontológico e já se encontra no cerne de uma teoria do mundo. Desse modo que são as discussões

ontológicas que deverão explicitar os mesmos pressupostos ontológicos da fala que é utilizada.

Algumas dessas observações fiz questão de trazê-las aqui. Através das posições do professor Manfredo Oliveira (2014) que a partir das digressões reflexivas do campo teórico e ontológico demonstra um quadro de teóricos de alto relevo que discute os pormenores da Ontologia. Por isso, aquilo que está sendo feito aqui, em movimento de aproximação com diálogo direto com essas constituições ontológicas para que ocorra, no campo da Geografia sobre o olhar do objeto de estudo deste campo bem como sua categorização mais um esforço e reforço do seu pensamento.

Isto porquê é interessante levar para o campo geográfico discutindo o espaço geográfico como um objeto de estudo da Geografia:

A categoria fundamental de nossa compreensão do mundo é a categoria da coisa singular, que podemos localizar num sistema espaço-temporal singular unificado. Os particulares básicos desse sistema são corpos materiais publicamente observáveis como objetos, animais e de pessoas. Por isso, no centro da ontologia está a pergunta pelo critério de identificação desses objetos. No entanto, para ele, ainda na ontologia coloca-se a pergunta pela forma de ser das entidades que são particulares (Oliveira, 2014, p. 22).

Desta forma, a contribuição direta da Ontologia no debate geográfico é fundamental, pois envolve a postura natural do ser humano em procurar explicitações sobre as coisas no tempo e no espaço, como bem colocados seus corpos físicos, nos objetos, animais, não-humanos e também sobre as pessoas. Daí, a condição da pergunta pelo critério da identificação de tais objetos.

Faz-se assim um deslocamento para o próprio espaço geográfico e a sua compostura enquanto uma ‘Esfera-bolha’ ou uma ‘Esfera-espuma’. Por isso, preferimos estar apoiados na premissa que “a ontologia de cada um está na base do esquema conceitual por meio do qual interpreta todas as suas experiências, mesmo as mais ordinárias” (Quine, 1978, p. 229).

Para isso, eis o filósofo das esferas Peter Sloterdijk e apoios para esse debate como Gaston Bachelard o filósofo da poética do espaço.

Importante fazer uso aqui das palavras de Quine sobre essa deriva ainda pela forma que ele trata sobre o tema:

Nossa [*minha*] aceitação de uma ontologia é, creio eu, semelhante em princípio a nossa [*minha*] aceitação de uma teoria científica, digamos, de um sistema de física: adotamos [*adotei*], ao menos na medida em que somos [*tento ser*] razoáveis [*razoável*], o esquema conceitual mais

simples no qual os fragmentos desordenados da experiência bruta podem ser acomodados e organizados. (...) fica determinada uma vez fixado o esquema conceitual global destinado a acomodar a ciência no sentido mais amplo; e as considerações que determinam uma construção razoável de qualquer parte desse esquema conceitual por exemplo, da parte física ou da biológica não são diferentes em espécie das considerações que determinam uma construção razoável do todo. Tanto quanto a adoção de qualquer sistema de teoria científica pode ser dita uma questão de linguagem, o mesmo - mas não mais -- pode ser dito da adoção de uma ontologia (Quine, 1978, p. 233, *[grifos meu]*).

Aceitar uma Ontologia que organize um desordenamento das experiências em que estamos sujeitos, e ainda acomodando a ciência em seu sentido *lato* determina uma razoabilidade de qualquer espécie do aporte conceitual em sua forma de sistema seja indicando a variável física ou mesmo biológica.

Entrementes, mesmo adotando algum sistema científico mais fechado, não se poderá fazer o mesmo com a Ontologia. Deliberadamente ocorrem controvérsias que não estaremos adentrando nesta seara. O que estamos sujeitos a percorrer, é justamente na constituição do pressuposto ontológico à grosso modo, pois, o tempo urge para o enquadrar neste campo de interesse.

Vejamos, portanto, um pouco mais para que se possa ter o entendimento da necessidade ontológica em qualquer estudo teórico. Primeiro, é mais que óbvio compreender o que é significa o próprio termo em questão, já que tanto se utiliza do mesmo em um desgaste que, às vezes, nem é compreendido:

(...) modernamente, costuma-se empregar o termo ontológico, como referente ao ser elucidado, ao ser em geral, à sua razão, ao seu logos; e ôntico ao ente, tomado determinadamente, como facto de ser. Esta divisão evita a confusão entre realidade ontológica e realidade ôntica, que inseparáveis na ordem do ser, são, no entanto, distintas na visualização filosófica (Santos, 1959, p. 12).

Distintamente, devemos atentar para a diferença latente entre o que estuda o Ser daquilo que estuda o ente. Para isso, importa saber, em uma rápida observação, que o ente encerra-se em si mesmo, sendo que o Ser, não possui essa mesma condição.

O rapsódico momento de se atentar para essa diferenciação é justamente este em que se percebe a distinção filosófica ou mesmo de outras naturezas.

Por isso, para quem busca na filosofia respostas claras para esse tipo de debate deverá ainda conhecer que no período dos escolásticos, os mesmos

não realizavam essa distinção. Como previamente indicado, eles consideravam que “ôntico significa o ente ainda não descoberto pelo espírito *como intelligibile in potentia* (...), e ontológico, o ente já esclarecido, descoberto, *intellectum in actu*” (Santos, 1959, p.12).

Desta forma, a imanência [a materialidade] é o ôntico e aquilo que se considera relacionado à transcendência [além da materialidade] dos fenômenos é distinguido ou captado pela Ontologia.

Na observação do filósofo brasileiro Mario Santos (1959), fica evidente a seguinte Tese sobre a ideia do que é a Ontologia. Em sua reflexão temos a seguinte afirmativa:

Desta forma, a Ontologia procura penetrar na intimidade do ser, na sua realidade mais íntima, na sua exuberância concreta, dissociando-se pela atividade noética [*referente a noese*⁷¹], mas jamais esquecendo (...) de devolver à sua concreção o que, por ***aphaires***, foi separado. (...) pode se dizer que a ***prôte filosofia*** de Aristóteles, a filosofia prima dos escolásticos, (...) referem-se à mesma ciência do ser enquanto ser, que é a Ontologia (Santos, 1959, p. 14, **grifo meu**).

Essa intimidade do Ser⁷², a sua realidade, é aquilo que identificamos como a grande dificuldade geradora das discussões sobre o *quid* do Ser, e a pergunta fundante da Ontologia, o que é afinal Ser? O que ocorre nessa trilha é tomar conhecimento que em um mundo que o devir se apossa a todo instante, o Ser pode estar sempre e é de fato, a própria mudança, já que não é apenas um atributo ao ente, seu mudar-se, modificar-se na transcendência, gera a difícil tarefa de uma identificação final.

Já que não é um conceito, não há um ponto final ‘em si mesmo’, mas interrogações a respeito das ‘coisas em si mesmo’, “mas já quando perguntamos “que é ‘Ser’?”, nos mantemos em um entendimento do “é”, embora não possamos fixar conceitualmente o que “é” significa (Heidegger, 2012, p. 41)”. A fenomenologia usada como método para essa empreitada será o meio condutor e revelador das respostas.

⁷¹ Cf. “É a atividade da consciência. Refere-se a cada ato da consciência. É o pacto subjetivo da experiência vivida constituído por todos os atos da compreensão que visam apreender o objeto, como perceber, o lembrar, o imaginar” (Ribeiro Junior, 1991, p. 54).

⁷² Considero necessário apenas para estabelecer uma pequena diferença entre o ser [*modo de estar*], com o Ser [*enquanto estou tratando aqui*]. Por isso a diferença das letras iniciais da palavra.

Um pouco mais à frente essa abertura será o fio condutor, o ponto de equilíbrio para as questões relacionadas ao Ser do espaço ao Ser das bolhas, já que o foco principal é justamente este entrelaçamento.

Um ponto é saber que “Ser é cada vez o ser de um ente” (Heidegger, 2012, p. 51), e que a partir daqui começa a verdadeira busca pelo sentido do Ser que o ente apresenta, apesar de que “não conhecemos sequer o horizonte a partir do qual devemos apreender e fixar o sentido” (Heidegger, 2012, p. 41).

Não obstante, uma observação muito importante está relacionada diretamente ao interrogado, que se deseja saber do ser. Por isso, “que aquilo a que se pergunta [o perguntável] na questão-do-ser é o ente ele mesmo” (Heidegger, 2012, p. 45).

Então, podemos considerar neste sentido que o espaço geográfico pode ser tido como um ente, pois é a partir dele [o interrogado], que questionamos qual o seu Ser? [o perguntável]. Ainda falta muito caminho a ser percorrido, mas tenho que ir aclarando as possibilidades que se apresentam em um *continuum* ritmo para que não se perca o olhar do Ser— se é que o avistamos —: caminhar sem parar se torna frequente.

É justamente essa tentativa de uma elucidação aclarada que torna o ente transparente. Sem obliterar daquilo que supomos saber:

O mundo apenas nos diz o que significa um ente intramundano determinado, por exemplo, uma cadeira, ou seja, ele torna possível, a partir de certa familiaridade com o campo de uso desse ente intramundano um comportamento adequado a utilização da cadeira. No entanto, a significância sedimentada não é capaz de abrir uma possibilidade de determinação do caráter utensiliário de uma cadeira, de proporcionar uma apreensão - ainda que não teórica - do ser propriamente do utensílio (Lessa, 2019, p. 85).

O que significa tudo isso? Como transgredir os muros da complexidade do ontológico? E o caminho para a Geografia, como identificar a transparência do Ser do objeto de estudo da ciência geográfica? Como fazer a pergunta ao interrogado de maneira correta? São muitas questões que distintamente buscam compreensão no campo ontológico.

Por isso, antes mesmo de encabeçar a propositura na Geografia, fazer esse levantamento revisional nos entrementes da Ontologia gera uma maior condição para perceber, a partir dessa adumbração, as recorrentes investidas que são atravessadas na Geografia e o seu requisitar da Ontologia.

Mais à frente, trataremos dos pressupostos que levaram uma maior adesão às necessidades da Ontologia na Geografia e das investigações que possuam um teor mais concentrado na perspectiva existencial do Ser. Desta forma, nomes como os dos geógrafos Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Ruy Moreira, Armando Corrêa da Silva e outros comentadores são alguns deste quadro teórico que iremos apresentar, bem com as suas interpretações.

Cada um desses nomes defende pontos de vista sobre a produção do espaço e a Ontologia do espaço de maneira a sustentar suas óticas particulares, sobretudo, quando observa-se que existem pontos de divergências, mas aquilo que marca é a colaboração teórica de cada um.

As divergências estão mais alicerçadas nas teorias escolhidas ou dos teóricos requisitados para os firmamentos dos ensaios, livros e artigos desses estudiosos da Geografia Humanista Brasileira.

São esses teóricos que também são requisitados para compor o quadro teórico desta Tese em diálogo com Peter Sloterdijk. Uma observação se faz importante ao se constituírem parte desta investigação não significa que deverão concordar ou mesmo discordar da Teoria das Esferas.

A convocação *natura* destes geógrafos-filósofos acontece tão somente para beneficiar as perspectivas acerca do que se busca. Por isso, a íntegra validade do que já fizeram, fazem e ainda farão dentro dessa bolha ontológica.

De maneira a fazer uma antecipada apresentação é importante acrescentar que existem outros nomes que serão trazidos a reboque para o *corpus* da discussão.

Para tanto, reafirmamos uma posição de não criticar as revisões já realizadas sobre esses mergulhos ontológicos e as interpretações próprias dos interlocutores da Ontologia, seja sartreana, seja heideggeriana.

Para isso, temos trabalhos atualizados e outros que se esforçaram para fomentar essa questão na Geografia. Um caso está visível nas abordagens de Edward Soja, pois, segundo ele:

Empenho-me nessa luta, primeiro, mediante uma *reavaliação crítica* das ontologias temporalmente distorcidas de Sartre e Heidegger, os dois teorizadores mais influentes do ser no século XX; e depois, (...), mediante uma análise e uma extensão da ontologia social reformulada da “estruturação espaço temporal” que vem sendo desenvolvida por Anthony Giddens (Soja, 2013, p. 12).

Na mesma sequência, só que agora em *terrae brasiliis* de uma reavaliação crítica do tema, temos:

(...) o resgate da investigação ontológica desta ciência como uma alternativa que permite restabelecer um diálogo fecundo com o filósofo, o que supõe que o geógrafo assuma a analítica do ser-aí como uma tarefa legítima e imprescindível à investigação ontológica na geografia (Santos, 2017, p. 11).

Ambos os autores Soja (2012) e Santos (2017), desenvolvem seus trabalhos nas vias diretas que dialogam com as obras de *Martin Heidegger*, em especial fazendo interpretações sobre temas concentrados na analítica existencial do *Dasein*, na espacialidade, na questão ontológica, no método fenomenológico dentre outros temas contidos na obra de 1927 [*Ser e tempo*].

3.2 A Construção de uma Visão Ontológica sobre o Espaço Geográfico no Brasil: resgate ontológico dos principais expoentes

Para começar esta sessão, uma interpelação geral nos vem acerca do tema que será apresentado a partir de agora, destacamos ela da seguinte maneira: a Ontologia na Geografia é um campo de entendimento coletivo ou tem suas raízes fincadas em uma multiplicidade de interpretações aleatórias que faz com que ela se torne frágil no campo teórico?

A Geografia já se convenceu que a ontológica discussão sobre o Ser tenha depois de tantos escrutínios, chegado a um veredicto capaz de paralisar os debates acerca do tema em seu campo?

Desde quando e por quem, no Brasil e no mundo se tem discutido a Ontologia de maneira satisfatória na Geografia? Onde está a grande dificuldade, caso exista, em fazer Ontologia na Geografia?

Devido aos tantos questionamentos, iremos dividir essa parte específica da viagem com alguns autores do nosso país e através dos seus trabalhos. Os nomes que contemplamos são daqueles que não passam despercebidos na Geografia Brasileira.

Seus estudos já ganharam, em algumas ocasiões, prêmios e com o empenho destes geógrafos chegamos a ter grandes discussões a partir das problematizações levantadas em muitas ocasiões.

Já destacamos que em nosso país nomes como o de Milton Santos tem exponencial admiração pelos estudiosos da Geografia, quanto em outras áreas do conhecimento. Logo, suas contribuições possuem um longo alcance.

Seja, por discutir o viés direto da produção do espaço e a massiva exploração do espaço pela classe econômica, detentores dos meios de produção, seja no campo dos debates diretamente ao processo de urbanização, fazendo uma espécie de interligação com a transformação do espaço geográfico.

Os aspectos da Globalização apresentam fenômenos que marcam incisivamente o pensamento miltoniano. Entretanto, o que será articulado aqui tem relação com a sua visão ontológica do espaço.

Portanto, na sequência desenvolvemos o pensamento não com o anseio em apresentar detidamente as obras ou vidas de cada um dos colaboradores desta Nova Geografia⁷³, haja vista, que levaríamos muito tempo para tratar com máxima especificidade sobre cada uma, já que são tantas, mas temos o arguto interesse em apontar de soslaio, suas incursões ontológicas e epistemológicas.

Um outro enfoque que, de certa maneira, segue uma trilha dos achados e escritos do Milton Santos são aquelas que tem o geógrafo Ruy Moreira como contribuidor das mudanças ocorridas na Geografia Brasileira, em especial se concentrando na vertente ontológica e epistemológica.

Antecipo, o nome desses dois geógrafos, mas sem obliterar de outros que fazem do ponto inicial das investigações ontológicas da Geografia no Brasil como Armando Corrêa da Silva e Roberto Lobato Corrêa, anteriormente destacados.

Na realidade os considero sendo os vanguardistas desse debate e resgatar essa discussão se faz necessário, pois a Nova Geografia que temos observado, tem seguindo outros domínios, mais conectada com as análises do empiricismo geográfico e de matizes econômicas ou políticas, como sentido do empírico e do ontológico colocados de esquiva.

⁷³ Cf. Para Milton Santos: “Quando propugnamos uma nova geografia, isso pode, à primeira vista, parecer uma enorme pretensão, como se nos dispuséssemos a inventar o novo. A verdade, é que tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se” (Santos, 2004, p. 17-18).

3.3 A Ontologia na Geografia Brasileira: o que fizeram, o que fazem?

Os pressupostos que deram início às discussões da Ontologia em nosso país, podem ser vistos como uma tarefa nada simples, por isso essa parte da Tese visa resgatar alguns dos encaminhamentos existentes sobre o assunto. O que requer cabalmente um envolvimento com as obras dos estudiosos da nossa Geografia Brasileira.

Irei, portanto, apresentar em um módulo sintético os principais olhares acerca das interpretações de cada um, sem usar de aferições críticas entre os mesmos, mas criar o endosso para essa Tese.

Quanto mais ela se fundir na bolha, a reação poderá ser mais duradoura *a posteriori* para outras discussões que insuflam novas bolhas teóricas.

Neste sentido que atribuímos entre o campo esferológico, ontológico e geográfico, camadas envoltórias que se estendem e são preenchidas pelos autores que estiveram antes de nós e que são os bastiões de alguma forma para o sustentável debate. Iniciaremos o aparte, de forma mais detida em partes das obras.

Nesse percurso, tratarei por mostrar as considerações hermenêuticas abauladas na Geografia. Também evidenciarei, no entrelaçamento da interpretação que será realizada, àqueles que se dedicaram aos estudos sobre a Ontologia do espaço, seguindo um planejamento. Entendo que é melhor dialogar com poucos comentadores, não desmerecendo nenhum outro nome que instituiu em seus estudos o pensamento fenomenológico-ontológico, como parte da Geografia Brasileira.

Ademais, quando o assunto se abrir para uma discussão mais contundente no que diz respeito à proposta da Tese, tratar sobre esferologia e uma ontotopologia, diversos outros geógrafos terão sua liberdade para expor as suas contribuições para a Geografia. E, isto não será apenas centralizado nos brasileiros, mas de outras partes.

Um dos precursores de considerar o uso do método chamado por ele de 'fenomenologia ontológica' foi o geógrafo Armando Corrêa da Silva⁷⁴, constituído

⁷⁴ Apontado como um incentivador do livre pensar, mas acompanhado de elevado rigor, propôs, portanto, para muitos e em especial para a constituição de legado cultural na Geografia o método intitulado de Fenomenologia ontológica, realizando as interlocuções com diferentes filósofos. No

parte do acervo registrado nos anais da Geografia brasileira, considerando que a sua contribuição é proporcional aos muitos seguidores da sua proposta metodológica e do seu pensamento.

Neste sentido, expor um brevíário sobre este nome notadamente se faz devido todo o seu percurso para a Geografia e as questões que estão no *corpus* da sua contribuição. Observa-se que:

Ele participou ativamente do Movimento Geografia Crítica no Brasil e publicou vários textos sobre os mais variados temas – Geografia Política, Geografia Regional, Geografia Urbana, Epistemologia em Geografia, Ontologia em Geografia etc. –, dos quais destacamos para esta discussão os de epistemologia e ontologia em Geografia (Bernardes, 2013, p. 114).

Tal requisição em dialogar com esse pensador de uma Geografia fenomenológica se deve em partes às suas publicações de grande relevância, não apenas se concentrando unilateralmente sob uma perspectiva na Geografia, mas acossando, para as muitas áreas que celebram a ciência geográfica.

Contudo, a Ontologia, neste caso específico, ganha um espaço especial, assim, como o artigo de Antônio Bernardes (2013) que é uma contribuição, pois mostra de uma forma convertida em uma pequena biografia parte dos pensamentos epistemológicos de Armando Corrêa da Silva para a Geografia.

Em certa medida, muitas arestas desses pensadores deixam sem amarrações definitivas, aquilo que problematizaram - e nem podem - sempre acontecem novas orientações, novos pontos de vistas.

Sendo assim, “considerando que muitos dos temas trabalhados em suas obras mais antigas foram retomados em outras posteriores de modo mais aprofundado, mas não, necessariamente mais sistematizados” (Bernardes, 2013, p. 115).

Isso demonstra a grandeza que existe na Geografia e em qualquer outro campo do conhecimento. Ela, nunca está finalizada, de maneira alguma há um ponto final, pois outros retomam as investigações, novos pontos de vistas surgem se multiplicando o que gera um modo de caminhar em diálogo com o autor principal.

Desta forma, é perceptível que para que se possa compreender o que esses autores pensaram, um verdadeiro exercício se faz necessário, isto é, de como a total respiração em detrimento a inspiração, para registrar alguma nova contribuição teórica é extenuante.

As provocações epistemológicas e ontológicas que se configuram como meios para serem exploradas requerem do *Kommentator* maior aproximação com o pensamento daqueles que de maneira primária desenvolveram as suas impressões sobre o assunto.

É importante ressaltar as influências que Armando Corrêa da Silva utilizou para desenvolver o seu modo de interpretar a Geografia ao longo da sua carreira. Muitas dessas de cunho filosófico e que reverberam em suas obras, filósofos como Jean-Paul Sartre⁷⁵ e György Lukács deram orientação para os estudos mais delineados e aprofundados, sendo as suas principais propostas teóricas na Geografia, abalizadas nesses filósofos (Bernardes, 2013). Um texto importante que gostaria de apontar nesta exposição sobre essa Geografia, tratada por Armando Corrêa da Silva tem como título: “**Aparência, ser e forma: Geografia e método**”.

Certamente, já se percebe a presença marcante das constituições de uma filosofia fenomenológica, bem como da ontologia social apresentadas pelos filósofos como base das ideias teórico-metodológicas do professor Armando Corrêa da Silva.

Aparentemente, o encaminhamento é presumido em que a discussão ontológica no campo geográfico como uma condição de evidenciar a questão do Ser, problemática basilar da Ontologia que se evidencia logo de início no título do texto.

Principalmente, quando se trata de colocar em debate a questão da Ontologia do Espaço, deslocando-a à maneira do tratamento por Armando Corrêa da Silva, onde a partir do Ser-no-mundo ou Ser-do-homem, busca-se essa fundante abordagem para a relativa contribuição na esfera da Geografia.

⁷⁵ Cf. A influência de Sartre sobre a obra de Milton Santos é inequívoca. A importância das materialidades, o papel das rugosidades, o espaço como instância social, as temporalidades, as totalidades e as totalizações, horizontalidade e verticalidade, o cotidiano, evento, co-presença, vizinhança, dentre outras, são questões, noções e conceito, imbricados, trazidos por Milton Santos e que carregam uma forte marca de Sartre (Dantas, 2014, p. 56).

Uma questão pertinente que é extraída das observações de Armando Corrêa da Silva é pensar como a empolgante ideia de Ser-no-mundo - ontologicamente falando - pode influenciar os estudos geográficos?

Com base na revisão de Bernardes (2013), é concordável que:

(...) [Armando] Silva utilizou de certos procedimentos comuns a gnosiologia, a ontologia e ao existencialismo para colocar em debate na Geografia como e de que modo os homens como ser-no-mundo, pensam e objetivam seus pensamentos no lugar de sua existência (Bernardes, 2013, p. 116).

Uma questão que envolve uma boa parte das pesquisas fenomenológicas, o fundante modo de pensar do Ser, o como se dá o pensamento refletindo-se na própria existencialidade do Ser-no-mundo.

Assim, os pontos se direcionam em convergência para se concentrarem na esfera do existencialismo e na esfera ontológica, propiciando, desta maneira, um empenho de se pensar o Ser-no-mundo conforme o entendimento da Geografia.

De certa forma, existe uma intenção ao se aproximar de métodos que se voltam para assumir uma postura que seja aquela de compreender a relação que envolve o Ser e o espaço.

Neste sentido, vale-se dos pressupostos ontológicos para que se possa compreender melhor esse pensamento do Ser-no-mundo, sem se colocar a observá-lo apenas como um adepto à prática de *voyeurismo*. Para tanto, usando-se de capacidades em que captar aspectos que manifestados nas mais variadas formas de correlacionar-se com o mundo circundante, com as coisas e com os outros, seja uma demanda necessária na instituição do próprio encontro com o método e trazer interpretações múltiplas, pois, sendo presença do mundo⁷⁶, esse *Dasein*⁷⁷ que sou, que somos, me/nos ajuda a considerar os fatos dos escritos

⁷⁶ Cf. Ao ser presença no mundo, “a possibilidade também pode nos aparecer como estrutura ontológica do real: aí, então, pertence a certos seres como sua possibilidade; é a possibilidade que eles são, que têm-de-ser. Nesse caso, o ser mantém no ser suas próprias possibilidades, é o fundamento dessas possibilidades, e, assim, não cabe derivar de sua possibilidade a necessidade de ser” (Sartre, 2011, p. 130).

⁷⁷ Ao me direcionar para o livro ‘Ser e tempo’ de Martin Heidegger, datado inicialmente, em 1927, o termo *Dasein* é utilizado por vastas vezes ao longo desta obra, segundo o recurso tecnológico de busca. Nas prévias leituras que ao longo dos anos realizei na tentativa da compreensão cabal do termo e seu significado, me defrontei com variadas traduções de muitos comentadores da obra. Mas, que o Ser-aí desperta muita discussão, sobre isso não há dúvida alguma. Uma relevante observação acerca do *Dasein*, nas palavras de Heidegger “por isso, o *Dasein*, nunca pode ser ontologicamente apreendido como algo qualquer ou como exemplar de gênero de ente como subsistente. A esse ente, seu Ser lhe é “indiferente” ou mais precisamente “é” de tal modo

de Armando Corrêa da Silva, para um melhor encaminhamento teórico e metodológico na Geografia.

É loquaz apontar que “o discurso é aberto a novas variáveis, que se põem no processo da história de vida” (Silva, 1992, p. 128), as construções que se encadeiam no discurso geográfico. Desta forma, não podem de forma alguma se afastar do Ser-no-mundo. Porquanto parte da própria existencialidade compreender o fenômeno Ser, desde que se possa ultrapassar apenas uma variável e utilizar de tantas quantas forem necessárias, de maneira que onde quer que estejam distribuídas possam ser confrontadas em algum momento, compreendidas ou explicadas, quando houver capacidade para se chegar a esse ponto.

Em uma apresentação introdutória sobre o campo categorial que muito envolveu Armando Corrêa da Silva, o fenômeno espaço foi uma das suas principais linhas de estudo.

Em uma das suas obras, o autor apresenta da seguinte maneira um destaque que se reproduz o olhar que: “as categorias como forma de Ser” (Silva, 1983, p. 01) a serem observadas.

Aproximando-se de uma linguagem mais analítica, as categorias geográficas são as chaves para a convocação deste pensamento epistemológico e ontológico na Geografia. O foco de Armando Corrêa da Silva foi essa constelação de trabalhos deixados na perspectiva da compreensão desta categoria importante que é o espaço.

Para tanto, se faz mister revisitar cabalmente os usos da escrita e falas do professor Armando Corrêa da Silva, sobretudo, ao trato das categorias. Na sua cognoscente colaboração, ele afirma que há distinção entre os dois tipos de categorias: as filosóficas e as científicas. Em uma primeira análise, diz ele da seguinte maneira sobre as categorias filosóficas como sendo aquilo que: “(...) determina o conteúdo dos conceitos que são utilizados por um autor” (Silva, 1983, p. 03).

que para ele seu ser não pode ser nem indiferente, nem não-indiferente. O pôr em questão o *Dasein*, conforme o caráter do ser-cada-vez-meu desse ente, deve incluir sempre o pronome pessoal: “eu sou”, “tu és” (Heidegger, 2012, p. 141).

Entretanto, há uma situação em que “o problema da relação entre as categorias e os conceitos filosóficos não tem tido solução satisfatória” (Silva, 1983, p. 03).

Fica esclarecido que, mesmo com a empolgante forma que a Filosofia nos convida a pensar, ainda ocorrem problemas que refletem em outras direções, isto é, ocorre uma quase definição de categorias como a de conceitos (Silva, 1983).

Mesmo na possibilidade de incorrer em uma problemática, para Armando Corrêa da Silva:

A categoria é algo que se sobrepõe ao conceito dando-lhe conteúdo e esse conteúdo deve ser concreto. A categoria define os modos do ser enquanto o conceito define a ideia ou conjunto de ideais a respeito de alguma coisa ou fenômeno. O conceito é a representação do objeto do pensamento, por suas características gerais. Ele difere da definição que é a determinação da compreensão de um conceito (Silva, 1983, p. 03).

Essas observações refletem a construção do autor em conduzir para a Geografia as similares reflexões incididas na Filosofia e nas demais ciências, ou seja, na esfera do pensamento filosófico, alguns estudiosos se detiveram em atribuir às categorias conforme as fundamentações kantianas de que as condições mínimas exigidas na organização dos fenômenos, levariam a um fim de fornecer-lhes inteligibilidade.

Neste ínterim, sobre as categorias científicas, Armando Silva Corrêa da Silva é enfático quando define que:

A física trabalha com as categorias massa, corpo, luz (...); a biologia com a vida, espécie (...), a estética com o belo, cômico (...). São modos do ser, determinações da existência desses particulares. Se elas são mais concretas que as categorias da filosofia isso se deve a que elas reproduzem a existência em nível de menor abstração que aquelas. Mas, esta maior aproximação ao singular não significa que sejam o mesmo que os conceitos a elas referidos e muito menos a definições. Portanto, a categoria, como um concreto-ontológico sempre deve dar conta do real, seja como um universal, um particular ou um singular. No caso da ciência ela terá um significado relativo à divisão intelectual do trabalho que é uma determinação histórica. Por isso a sua dimensão menor em relação às categorias filosóficas e não uma determinação do pensamento lógico (Silva, 1983, p. 03-04).

O que posso parcialmente depreender dessas considerações? Em primeiro lugar, percebo que o conjunto de categorias que fazem parte da Geografia às vezes sofrem o mesmo processo de confusão com a conceituação.

De um lado, se tem o conteúdo no concreto, gerado pelas categorias ao conceito, e do outro, a categoria como a definição dos modos do ser.

É justamente isso que a construção epistemológica e ontológica faz. Elabora indagações acerca de questões que parecem ser superficiais, mas que requerem muita atenção, sobretudo, que sempre essas dúvidas bailam no seio da Geografia.

Por isso, Silva (1983) ao discutir essas problemáticas, sugere que olhemos para as categorias na Geografia. Já que ele mesmo mostra a diferença entre as categorias filosóficas e categorias científicas como se atesta na citação. Importa ressaltar que são as categorias, nos diferentes campos do saber, que estão diretamente relacionados com o escolhido fenômeno de estudo.

Mesmo não discutindo separadamente na Geografia algumas categorias que fazem parte do seu escopo de estudo se tornam pontos importantes a serem tratadas com o aporte ontológico: o espaço, o lugar, área, a região, o território, o habitat, a paisagem e a população. São portadoras da definição do próprio objeto da Geografia em seus relacionamentos (Silva, 1983).

Toda a estruturação no sentido de organizar essa Tese carrega consigo, em uma primeira instância, a sondagem de uma ou mais categorias que se sustentam em uma outra direção, que são convertidas a partir dos fenômenos. Nesse caso, o espaço enquanto lugar envolve um outro enfoque que é a existência como firmadora da geograficidade. Uma das certezas que aprendemos na Geografia é que o espaço está constituído notoriamente como a categoria-mor ou melhor, como fenômeno específico desta ciência e da mesma forma elevo para este trabalho.

E neste caso específico, concordamos com o professor Armando Corrêa da Silva, quando diz que “de todas, a mais geral (o espaço). E que inclui as outras (...). Qual a sua gênese?” (Silva, 1983, p. 04).

Apesar de não estar intencionado a enveredar pela discussão genealógica, em sentido mais restrito sobre o fenômeno, a realidade que estou interessado em ampliar o diálogo com este fenômeno, esta categoria, se manifesta em relação ao Ser que o envolve no campo esferológico, sendo essa a premissa que defendo.

A fim de considerar uma pausa nesta questão de abertura dada pelas palavras diretas dos estudos de Armando Corrêa da Silva sobre as categorias, sua inferência pode ser transmitida da seguinte forma, depois de discutir diferentes outras categorias composicionais da Geografia.

Conforme ele mesmo menciona sobre a:

(...) consideração geral das categorias passou-se à sua consideração na Geografia como um concreto ontológico.
Fica evidente, então, que as categorias do ser geográfico, como natureza e sociedade não são postas *a priori* ou *a posteriori*, como na divisão epistemológica entre o racionalismo e o empirismo, mas parte-se do espaço dos homens reais para chegar-se ao objeto (Silva, 1983, p. 09).

Em busca de maior compreensão sobre o espaço dos homens reais e o esclarecimento do espaço, dessa ideologia do cotidiano que constitui a própria Geografia é a partir da vivência do cotidiano no espaço e no tempo que teremos como ver melhor e com as lentes da teoria uma visão do interior carregada de múltiplos significados.

É expressamente importante tomar cuidado quando se aprofunda esse olhar no sentido teórico, pois no sentido mais fenomenológico, conseguimos explorar zonas de profundidade que vão além da teoria. Percebe-se o espaço, pensando-o, e sua espacialidade nos espaços do corpo, no espaço da mente, sendo ele “fundante do existir e, portanto, do pensar” (Silva, 1983, p. 14).

Neste caso, “o ver geográfico, configura-se principalmente como o perceber o espaço em todas as suas formas e relações” (Silva, 1983, p. 16).

Atribuir aos sentidos um papel importante para poder ver e pensar a Geografia e seu fenômeno de estudo é um elemento importante para a própria compreensão.

Além da própria “manifestação do espaço” (Silva, 1983, p. 16), que segundo as considerações de Armando Corrêa da Silva na obra: **A Aparência, o Ser** e a forma produzem a espacialidade que “pode ser confundida com sua aparência fenomênica” (Silva, 1983, p. 16). Deve-se tentar ultrapassar, deixar revelar-se, pois para Armando Silva “o espacial possui a sua própria ontologia específica” (Silva, 1983, p. 16).

A cada instante, a partir das leituras dos textos de Armando Corrêa da Silva, fica evidente a grandeza colaborativa entremeados em seus escritos para a Geografia e para o interesse da nossa compreensão, pois, há uma montanha

de teorizações registradas para o campo da Ontologia na Geografia a serem ainda exploradas.

A exemplo desta grandeza quando ele diz que “**Organização do espaço**”, “**produção do espaço**”, “**formação territorial**”, “**estudo do espaço produzido**”, etc., são proposições que visam revelar o ser geográfico, conseguindo-o, mas como abordagens parciais” (Silva, 1983, p. 16, **grifo meu**).

Essa forma de se defrontar com o Ser do espaço, se caracteriza como um estudo da produção primitiva do espaço como *‘bolhas e sua reorganização como espumas’*, mediante as convergências possíveis na proposta esferológica de Sloterdijk. Ou seja, possibilita levar a um refinamento tanto da questão epistemológica, a partir da permissão de encontros, dos desencontros rizomáticos agenciados pelo texto quanto dos diálogos que são geradoras de ideias de multiplicidades aqui apresentadas.

Em uso do direito de consubstanciar a perspectiva do geógrafo Armando Corrêa da Silva com o multiperspectivismo das Esferas de Peter Sloterdijk, leva-me ao ponto de ir percebendo a “produção do espaço” como revelação do Ser é algo mais que motivador ao desbravar por essas rotas geográficas.

Observei nas leituras realizadas uma defesa incessante realizada pelo geógrafo Armando Corrêa da Silva na Geografia demonstrando de fato que há um trabalho junto a Ontologia. Isso ele mesmo destaca:

Não há, na minha posição, a tentativa de lutar contra o racionalismo, ou contra o empirismo, embora minha práxis intelectual tenha que considerar essa problemática, na medida em que o movimento geográfico pende, ora para uma posição, ora para outra. Minha preocupação é, lançando mão dos fundamentos enunciados e, talvez, de outros- tendo como referência o objeto geográfico- encontrar uma solução sistêmica para a contradição. Por isso, trabalho com *ontologia* (Silva, 1985, p. 82).

Tornando-se marca dos trabalhos produzidos a inerente articulação entre Ontologia e Geografia fez com que o geógrafo apresentasse nessa filosofia ontológica uma sustentação inexoravelmente geográfica.

Na busca de responder à mais célebre pergunta da ciência geográfica: o que é o espaço? o geógrafo Armando Corrêa da Silva envidou todos os esforços ao longo das décadas no afã de apresentar uma resposta com a merecida responsabilidade ontológica e marcadamente com o uso de rigorosidade metodológica.

Percebe-se que nos seus muitos trabalhos e outros tantos temas e categorias exploradas, a questão que envolve o espaço reverbera de maneira pujante em seu legado, ficando evidente a partir das afirmações como a que podemos mostrar aqui como exemplo:

Muitos geógrafos, hoje, estão tentando encontrar a via de solução teórica para o trabalho que a geografia deve fazer agora. A geografia realizada até o presente ganhou o estatuto, que deve e necessita ser reconhecido como amplamente alcançado, de uma disciplina científica, que deveria autodeterminar-se geografia descritiva ou geografia empírica. O movimento contraditório do pensamento, ao relacioná-las, a primeira e a segunda, defronta-se com um grande número de questões, sem que consiga resolvê-las. É que essa geografia descritiva é um produto acabado, ao passo que a geografia teórica está apenas surgindo (Silva, 1982, p. 53).

Estamos em uma posição em que afirmo que ainda há um grande número de questões que envolvem a ciência geográfica e suas categorias e que necessitam de aportes teóricos capazes de nos tirar do *status quo* quando assim consideramos esse expressivo destaque mencionado pelo autor.

Apesar desta escrita do geógrafo que, neste momento dialogo, ter ocorrido no final século passado, percebemos que ao longo de mais de 40 anos, uma geografia teórica ainda se põe em curso no sentido mais *lato* e que incessantemente inclina-se a compreender o espaço, o lugar, o território, a região e a paisagem por meio dos recursos e métodos possíveis, em aproximação direta com a Ontologia e a Fenomenologia.

Neste sentido, utilizando-as como método para se fazer o próprio conhecer geográfico envolvendo todos os fenômenos, seja em alguns momentos separados, juntos ou atravessados busca-se o que se permite fazer nos “entres” pontos e recortes.

Compreendo que as construções dos diversos teóricos que iniciaram seus trabalhos - alguns desde a década da 1970 incompreendidos na época como o caso do professor Armando Corrêa da Silva⁷⁸-, representam em nós que bebemos dessas fontes, um sentimento de maior engajamento para fazer da

⁷⁸ Em certa ocasião, no seu pleito pela livre-docência da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo- USP, o professor Armando Corrêa da Silva, apresenta uma parte que tem como título: Livre Docência: uma tentativa sem êxito, que ocorreu no ano de 1979. Por sua vez, a banca teve apenas um membro que apoiou a proposta citada em seu memorial. Falta de compreensão? É interessante, que o ocorrido nesta ocasião, deu um fôlego maior ao professor, fazendo com que ele se encontra-se definitivamente com o mistério epistemológico. Algumas dessas situações estão descritas em seu memorial. Isso tudo ainda ocorre em nossos dias, considero algo lamentável.

Geografia um pensamento autônomo com as mesmas condições e respeito que outros campos detêm.

Armando Corrêa da Silva que propositalmente nesta Tese foi escolhido como o primeiro ontólogo, como assim também compreendo pela sua jornada em uma perspectiva geográfica brasileira, introduziu parte dessa sessão nas observações sobre categorias e conceitos que enobrecem os filamentos da nossa Geografia, sobretudo, como ele mesmo datilografou em seu memorial do ano de 1982 sobre a representação da Ontologia:

O discurso ontológico, como ponto de apoio axiomático pode mostrar-se desde logo consistente, porque referido ao ser e, com isso, ao objeto considerado. A redescoberta da Ontologia- diversa da validade metafísica-, repõe a discussão sobre o teórico-metodológico em seus parâmetros corretos, *sendo por isso instrumento valioso na compreensão da realidade* (Silva, 1982, p. 05, grifo meu).

Para isso, o esforço e a satisfação pessoal em traçar os rumos desta Tese, em congruência com esta posição de que a Ontologia é seguramente, como o próprio geógrafo destacou; *“um instrumento valioso na compreensão da realidade”* em que estamos envolvidos.

Por isso, convidar os geógrafos destaques na Geografia Brasileira com diálogos abertos entre si e entre eles, rediscutindo temas correlatos, percepções e compreensões ontológicas, é uma conduta que considero como respeito à toda a contribuição que deram à Geografia até nossos dias.

Desta forma, a fim de continuar com a apresentação dos geógrafos brasileiros que se lançaram no campo do discurso ontológico, se permitindo sem tomar conhecimento das ‘escolas e seguidores’ que fizeram no sentido de muitos pesquisadores, alunos e professores, terem suas obras como pilares e legitimarem as suas estruturas teórico-metodológicos, seguimos com o geógrafo Milton Almeida Santos, também companheiro dos debates geográficos de Armando Corrêa da Silva, pois teve como elemento a defesa da técnica e da Ontologia do espaço.

Inicialmente, desejo alertar que foi e ainda é uma das tarefas mais difíceis, sobretudo que posso mencionar desenvolver uma espécie de *script* ou *dossiê* de um dos nomes mais respeitados da Geografia Brasileira, uma tarefa que requer muito engajamento. É notório que seus trabalhos, artigos, livros e palestras mudaram o panorama da Geografia no Brasil.

Uma verdadeira revolução como podemos interpretar, pois tratou de temas que não eram assimilados pela Geografia Descritiva e tiveram suas inserções mediatizadas por este geógrafo.

É surreal o respeito que os geógrafos tanto brasileiros, quanto estrangeiros possuem pelo pensamento de Milton Almeida Santos e facilmente seu nome ultrapassa as barreiras geográficas.

Assim, como o quis seu envolvimento com um estudo e entendimento da totalidade na Geografia, Milton Santos é conhecido universalmente, em relação aos estudos da totalidade Global, principalmente nos nichos da Geografia, mas que outros campos sempre o mencionam como um aporte teórico.

Ressalto que há uma Geografia anterior à Milton Santos e uma Geografia Renovada depois de Milton Santos. Nas viradas que a ciência geográfica passou em nosso país, o pensamento miltoniano teve uma grande parcela de contribuição e destaque.

Sabe-se que a Geografia tem um quê excepcional, pois, consegue atrair muitas áreas para dentro dela. No caso específico, a formação inicial do geógrafo Milton Santos, foi a de Direito - nunca exercendo a profissão -, mas deu segmento diretamente na Geografia. Foi na Universidade de Strasburgo, na França que defendeu sua Tese de doutorado no final da década de 1950.

O seu alcance fez com que tivesse muitas participações em diferentes países como professor convidado: Peru, Venezuela, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França e Tanzânia⁷⁹. Devido ao seu notório saber, também recebeu diversos título de Doutor *Honoris Causa*, como na Universidade de Toulouse, Buenos Aires, Madri e Barcelona e muitos outros no Brasil. Um grande feito foi ter recebido o 'Prêmio Nobel da Geografia', o prêmio *Vautrin Lud*, algo de muito destaque para uma vida de sensibilidade geográfica.

Três grandes características podem ser extraídas da vida e obras de Milton Almeida Santos. Irei destacar algumas delas: um pesquisador implicado com a realidade local, um pesquisador viajante e a de um pesquisador engajado.

⁷⁹ Cf. Essas partes biográficas do professor Milton Santos podem ser pesquisadas com mais atenção no endereço eletrônico disponível: <http://miltonsantos.com.br/site/biografia/>. Acessado em: 01 dez. 2022.

Mas, de que maneira ao ler Milton Santos, podemos ver a congruência de todas essas peculiaridades? Onde podemos ler sobre a implicada ação na realidade Local? E sobre o seu engajamento na pesquisa geográfica, como conhecer mais profundamente?

As respostas para tais perguntas, para obtê-las, basta conhecer suas obras, que foram muitas: livros, artigos, palestras, conferências e aulas deixadas por Milton Santos. Seu engajamento sempre esteve relacionado com uma matriz peculiar da compreensão da produção e organização do espaço geográfico, motivo pelo qual se fez reconhecido internacionalmente.

Sua intensa contribuição com a renovação da Geografia no final da década de 1970 teve e tem até hoje reverberações na compreensão da magnitude presente do seu esforço epistemológico e o exato lugar em que ele desejava que a Geografia estivesse em relação às ciências de rigor. Para ele:

Acreditamos poder escapar à “parcialização” da disciplina (e, destarte, das intervenções a partir dela), com a busca firme e continuada de uma ontologia do espaço geográfico. Esta busca pode ser entendida como a construção de um conjunto de proposições epistemológicas que, formando um sistema lógico coerente, e sendo fundada nos avanços metodológicos já conseguidos pela disciplina no século XX, aprimoraria o que se pode chamar de “núcleo duro” da geografia, desembocando, necessariamente, numa visão geográfica totalizadora. Conseguimos, desse modo, um rechaço à “indolência epistemológica” (situação que, aliás, não é só brasileira) na produção do conhecimento geográfico (Santos, 2000, p. 06).

“Núcleo duro” e “indolência epistemológica”⁸⁰, duas questões levantadas por Milton Santos, fazendo referência ao objeto de estudo e às letárgicas ações da investigação epistemológica na Geografia - parece-nos que até hoje se percebe um pouco dessa ataraxia geográfica.

A iniciativa é a busca firmada em um primado ontológico do espaço geográfico que seja capaz de a partir, do seu estudo, desenvolver mais

⁸⁰ Cf. Como uma forma de endossar ainda mais essa linha de pensamento, mas não ficando apenas no que aponta Milton Santos, o professor Yves Lacoste, destaca uma importante reflexão à respeito do que ocorre com a Geografia: “Faz somente uns vinte anos que começamos a nos preocupar com a falta quase total de toda reflexão teórica na corporação dos geógrafos universitários. Enquanto essa disciplina deveria ter incitado amplos debates epistemológicos, ao menos por sua posição na junção das ciências naturais e das ciências sociais e pelo número de “empréstimos” que ela fez a essas múltiplas ciências, os geógrafos propalaram um desprezo pelas “considerações abstratas” e frequentemente se gabaram de um “espírito terra-a-terra”. Até esses últimos anos, as raras declarações teóricas reservadas aos mestres que atingiram o pico da carreira colocaram a tônica sobre seu desejo de ver mantida a “unidade” da geografia: unidade afirmada no plano do princípio entre geografia “física” e uma geografia “humana” que são, de fato, cada vez mais separadas na prática universitária” (Lacoste, 1988, p. 44-45).

proposições que, para Milton Santos, servem como um sistema coerente. Por isso, a rigorosidade na pesquisa ontológica.

Um outro destaque que se pode utilizar da mesma lente é a forma como se discute ainda o espaço de maneira fragmentada. Segundo Milton Santos ao fim de tudo se “perde a substância” (Santos, 2000, p. 07), incorrendo em desaparecer dos currículos escolares⁸¹, como ele mesmo menciona.

A apologia sempre foi característica de Milton Santos em relação a Geografia está presente em suas muitas contribuições teórico-metodológicas realizadas por ele. Contudo, não apenas ele de maneira isolada, mas através de um coletivo de colaboradores que fizeram e fazem a Geografia ser temida pelos sujeitos de poder, algo que é visto até como clichê, em relação a destacar que com ela [a Geografia] se pode “fazer guerra”⁸² ou que com ela se pode criticar as desigualdades econômicas, sociais e culturais, mas que acima de tudo com ela se pode “pensar”.

Percebo que alguns dos seus trabalhos traduzem uma tônica firme, na construção teórica da Geografia, indo além das fronteiras, mesmo que criticando nomes da Geografia estrangeira, considerados precursores da Geografia ‘Humanística’ - assim representado por ele em texto -, os mesmos da Geografia Fenomenológica.

Apesar de evidenciar em seus trabalhos o elevado grau de crítica sobre a postura teórica dos geógrafos-fenomenólogos, podemos observar essa contundência quando ele mesmo expõe “também se poderia criticá-los pela falta de coerência filosófica que a abundância e o amontoado de citações⁸³ só fazem tornar mais clara” (Santos, 1982, p. 10) ou ainda que:

⁸¹ De certa maneira, Milton Santos previu o futuro, pois, hoje com o Novo Ensino Médio, a Geografia perdeu muito espaço para consolidação dos seus estudos, se tornando praticamente uma disciplina coadjuvante e quase desnecessária para o currículo escolar, que prioriza as disciplinas que não requerem um nível maior de criticidade social. Não sendo mais considerada como uma disciplina obrigatória a Geografia se coloca em um espaço não da totalidade, nem da síntese, mas da exclusão, partindo para o seu ostracismo total.

⁸² Cf. A pergunta já atravessa décadas, mas ainda está em voga: Para que serve a Geografia? Como resposta escreveu Yves Lacoste: - Serve, em primeiro lugar, para fazer Guerra. Embora, saibamos que não se trata apenas disso, mas essa objetiva observação, pode ser deslocada para outras guerras e batalhas possíveis. Ela requer total conhecimento do espaço com nível de criticidade para um enfrentamento. E, nas palavras de Yves Lacoste: “A geografia não serve apenas para fazer guerra” (Lacoste, 1988, p. 43).

⁸³ Apesar de que, em todos os livros e artigos de Milton Santos, ele usar do artifício de muitas citações, mas não que torne alguma incoerência no que ele tenta defender. Fica apenas como um título explicativo, que o uso de citações, não reduz ou minora o pensamento subjetivo e

Ensaio como os de Buttimer, poderiam tirar mais partido do enfoque fenomenológico para mostrar como o “dinamismo do mundo vivo” depende de um processo que vai, incessantemente, da sociedade ao espaço e vice-versa. Mas, o encasulamento nas ideias de Heidegger acarreta uma concepção individualista e idealista, cujo resultado mais claro é o de substituir a práxis coletiva por uma práxis individual, suprimindo, assim, a possibilidade de captar o movimento da sociedade e o do espaço como dois contraditórios e ao mesmo tempo complementares (Santos, 1982, p. 10).

Assertivo e implacável com as suas interpretações e palavras? A resposta fica a cargo de outras interpretações, mas como já realizado por muitos os trabalhos dos geógrafos mencionados no texto que baseou esse fragmento, são vistos como produtos de uma dedicação na Geografia Descritiva e a Geografia Fenomenológica.

Se acertaram ou se estiveram equivocados não é esta a função deste trabalho. Contudo, trazer essas considerações que estão ligadas aos textos de Milton Santos e como ele interpretava a Geografia fora do nosso eixo territorial e o seu engajamento, eleva a discussão deste campo.

Na sequência o direcionamento será para as representações objetivas do pensamento miltoniano, suas análises que incidem na Ontologia do espaço, categoria de extremo quilate o espaço se tornou uma das categorias da Geografia que é a mais discutida nas obras de Milton Santos.

Início com um dos seus célebres livros intitulado: **Por uma Geografia Nova:** da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica, a fim de evidenciar um possível mapeamento da abordagem inclusiva da Ontologia do espaço nessa obra datada originalmente em 1978. O interesse em mostrar a variação que o campo da Geografia ganha com a virada que ocorre do quantitativismo ao formato qualitativo de se pensar Geografia está latente na obra.

A Geografia da percepção e do comportamento, por exemplo, é mencionada por ele como uma das novas tendências, em que se abre para a contribuição das ciências do comportamento, a saber, a psicologia e a psicologia social (Santos, 2004).

Essa abordagem tem em suas relações gerais uma forte proposta naquilo que envolve o ser humano, principalmente em se tratando da sua existência e das suas formas de se espacializar diante do mundo circundante,

própria, mas que ao pensar conjuntamente, se tem um olhar multiplicado, podendo desta forma, direcionar para uma multiplicidade interpretativa.

voltando-se para as suas particularidades, nas porções do espaço, em suas múltiplas correlações.

A posição do ser humano no espaço se torna parte dessa tendência, em que a significação da individualização no espaço tem seu ponto de partida nas condições pessoais de um ponto de vista psicossocial que vai além da velha tradição de entender o espaço a partir das meras formalidades centradas de entendimento nas diferenças econômicas concretas, por exemplo, mas se dirigindo para um processo na totalidade social. Suas observações se concentram especificamente em um movimento do processo social em que o ser humano esteja efetivamente envolvido.

Na mesma trilha, a geografia da percepção buscou aprofundar as suas análises das percepções que o ser humano obtém em referência aos objetos geográficos, identificando que as percepções são, de certa maneira, dados objetivos. Contudo, Milton Santos mostra problemas oriundos desse formato⁸⁴. O que importa é destacar as posições em que o ser humano esteja envolvido com o espaço, pois Milton Santos considera que:

(...) o espaço, por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção e localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais (Santos, 2004, p. 96).

As relações sociais também foram amplamente difundidas por Milton Santos. Para os seus leitores, é sabido que estudiosos como Jean-Paul Sartre e Györgi Lukács⁸⁵ foram matriciais na influência direta - em parte - do seu modo de pensar a Geografia articulada à Filosofia.

Daí as abordagens que direcionavam o olhar para o movimento de produção do espaço e o movimento da sociedade. É algo evidente para ele que “o espaço (...). Sendo um produto, isto é, resultado da produção, o espaço é um objeto social, ele pode ser apreendido sob múltiplas pseudoconcreções (...)” (Santos, 2004, p. 161).

⁸⁴ Cf. O que não é interesse desta tese entrar em alguns méritos, apenas apontar um caminho realizado pelo autor e suas interpretações geográficas, até chegar no assunto principal.

⁸⁵ Cf. Pode-se perceber que uma boa parte da Geografia pensada e desenvolvida por Milton Santos, tem suas raízes também nesses dois matriciais. De um lado a filosofia sartreana e do outro lado a sociologia lukácsiana. Tudo representado para se desenvolver a Ontologia do espaço. Essas evidências podem ser vistas em suas obras, em especial: **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.**

Essa é uma problematização que se sustenta e que ganha um outro âmbito no debate ontológico sobre o ‘Ser do ente espaço’. Logo, há fortes evidências de que na constituição ontológica o que é considerado Ser deste ente [espaço geográfico] seja a própria sociedade. Isso será tratado um pouco mais à frente.

Por enquanto, ainda pretendo destacar observações, pontuais que estão presentes em suas obras evidenciando o espaço. Nessa direção que se reporta a compreensão inicial da definição sobre o espaço Milton Santos comenta da seguinte forma:

A palavra espaço é uma dessas que abrigam uma multiplicidade de sentidos. Nosso desacordo aparente e nosso quase desespero fundamental vêm menos do fato de cada qual dizer e impor uma definição do nosso objeto de trabalho — o espaço habitado — e muito mais que frequentemente dele não tenhamos nenhuma definição. Impõe-se uma clara intenção epistemológica na conceituação do espaço e na busca de seus materiais analíticos. Devemos, em segundo lugar, nos precaver da crítica sem análise, atitude frequente entre parcelas volumosas da esquerda. A análise tem que preceder a crítica, para que esta possa ser eficaz e para que se possa elaborar um discurso eficaz. Devemos, em terceiro lugar, nos precaver de pensar o lugar sem o mundo. Por tudo isso, e esta é a quarta precaução, devemos abandonar todo preconceito, ao risco de sermos apontados exatamente por não ter preconceito (Santos, 1994, p. 44).

Já foi mencionado algumas vezes que as múltiplas características que o espaço abarca o torna uma categoria que se encontra no limiar entre o entendimento concreto-objetivo e o entendimento abstrato-subjetivo. A questão suscitada por Milton Santos seria a interferência de outras áreas em se envolver com o objeto de estudo da Geografia e por sua própria conta desenvolver definições próprias em consonância às suas vontades particulares de análise.

Devido essas posturas que Milton Santos observou em seu período de estudos geográficos, a dificuldade para a própria Geografia em definir esse espaço habitado. Essa é a forma que interpreto, e isso nos faz incorrer nos muitos equívocos ou será que de fato já sabemos taxativamente em que se define o espaço na Geografia? Será que já estamos satisfeitos com alguma das muitas respostas, pesquisas e análises que definiram o espaço?

O que nos deixa em alerta é saber que muitos dos estudiosos da Geografia não tenham o mínimo apreço pelo conjunto teórico. Importa, para eles todos, as geografias capazes de serem percebidas na concretude e a Teoria é posta de lado.

Daí o problema do espaço, que não é algo novo e que já atravessa décadas. Com isso, ainda não termos um marcador confiável, caso contrário, já se bastaria por si qualquer possibilidade de levante ontológico e teórico sobre essa camada da Geografia: o espaço.

Por diversas vezes, foi apontado por Milton Santos que há visivelmente um grande interesse de diferentes áreas do conhecimento sobre o estudo das categorias geográficas: espaço, lugar, região, território e paisagem. Sejam estes: urbanistas, planejadores e outros especialistas como economistas, sociólogos, etnólogos, etc. Perceptivelmente, sondam há muito tempo a Geografia e seu fenômeno de estudo.

Portanto, não posso negar que exista uma série de diferentes percepções da mesma coisa e essas maneiras de ver as coisas *[o objeto i.e.]*, colocam o espaço para a Geografia de diferentes maneiras. Já que as diferentes áreas produzem suas próprias definições no conjunto de categorias geográficas. Como essa situação avança no campo da Geografia, segundo as contribuições miltonianas?

Para Milton Santos, em certa medida, é salutar atentar para algumas necessidades específicas no debate sobre o espaço. Desta forma, antes mesmo de definir a semântica da palavra, ele considera que:

Muito tempo e talento foram dissipados recentemente por geógrafos numa discussão semântica sem saída. Chegou-se mesmo a inventar novas denominações. Por exemplo, alguns preferem falar da espacialidade ou até de espacialização da sociedade, recusando a palavra espaço, mesmo o espaço social (Santos, 1988, p. 10).

Temos conhecimento de que o uso dos termos espacialidade e espacialização mudam até em certo tom o texto escrito, mas que ao fim de tudo recaí na matriz principal, no radical da palavra que é o espaço. Por isso é que Milton Santos chama a atenção, mas que mesmo com essas escolhas de substituição da palavra por outra equivalente não modifica a definição conceitual da categoria.

Para o geógrafo, o “espaço não é uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (Santos, 1988, p. 10). Acredito que é uma assertiva mais do que coerente, pois não existe nenhuma produção, criação e organização sem que ocorram conexões e interferências.

Destas interferências, podemos pontuar que se elas dão em meio às relações diversas e de seus efeitos. Tais relações podem ser agrupadas da seguinte forma: (a) relações com o espaço (meio); (b) relações com o espaço e com os outros (sociedade); (c) relações com o espaço, com os outros e com as coisas (no sentido heideggeriano: os utensílios).

Essas relações são possuidoras de uma ignição temporal inicial em que a proposta ontológica é capaz de alcançar. Ela vai se preocupar em situar as atuais relações do Ser-aí no espaço, partindo dos pressupostos pretéritos que se deram as primeiras relações.

Relações de povos arcaicos [hordas, conforme pontua Peter Sloterdijk], entre esses povos e entre eles e o meio em que habitavam, recriam seus próprios espaços de mimo na linguagem sloterdijkiana ou sendo seus próprios vasos autógenos, na constituição dos seus espaços-bolhas. Tudo isso incide na perspectiva de que não há no espaço e nem na sua definição a falta de relacionamento, possivelmente seguindo as ordens apontadas entre $(a)+(b)+(c)=Eg$.

Posso acreditar que esse pensamento de que (a) deve-se somar com (b) e (c) para que juntos criem Eg [Espaço geográfico]. Tudo é relação! O mundo é relacional e as coisas que o contêm se relacionam também, não existe um exclusivismo. Mas, para que usar de uma linguagem matematizada?

Apenas para que se o texto escrito subjetivamente não tiver a força o bastante para indicar ao sujeito que o espaço só é real, na medida em que este se mantém e se constitui relacionalmente. Nesse caso, uma outra linguagem pode mostrar que há uma amálgama na construção do espaço.

São apontamentos memoráveis, atraentes, atualizados e que se articulam com essa novíssima Geografia dos nossos tempos. Nunca é demais pontuar aquilo que Milton Santos chama de periodização e que Peter Sloterdijk chama de epocal. Trata-se do tempo que se apresenta em cada instante, modificando e sendo modificado, as estruturas convencionais e até mesmo o uso das suas formas de definição.

Suas obras tem uma forte concentração no final da década de 1970 até o final da década de 1990, já adentrando em um novo milênio. Enxergar que são situações temporais distintas e que muita coisa mudou ou quase nada.

Contudo, uma coisa é certa, o espaço na visão de Milton Santos:

Deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento (Santos, 1998, p. 10).

Não existe inércia no espaço, ele é sempre movimento e está sempre em mudança. A questão é observar não apenas no sentido físico, mas da participação do Ser-aí nesse processo. Ao mesmo tempo em que ele preenche o espaço, o Ser-aí, individualmente ou coletivamente, anima a forma. A estrutura, a forma e a extensão, podem ser concebidas pelo Ser-aí, assim como o conteúdo dessa forma.

Que o espaço é relacional. Atesto com base na Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk, sendo ela é uma forma de complementar o pensamento geográfico que tem se colocado a entender desta maneira e colabora ainda que podemos sentir o espaço como um fenômeno que tem sua gênese na *correlação*.

Destarte, aquela premissa de que o Ser-aí é um Ser isolado, solitário, até mesmo um demiurgo do espaço, deve ser reanalisada, pois todas as manifestadas *correlações* exigem sua presença no espaço.

Porventura, se há quem esqueça deste detalhe é devido a um pensamento incompatível com aquilo que podemos entender da obviedade? A questão que pode ser variável é de reconhecermos em quais diferentes raízes sócio-culturais essas correlações de produção dos espaços parecem ser mais organizadas e sem interesses, como aqueles que são gerados pelos modelos econômicos possuidores de uma grande força.

Por isso, as investigações das subtotalidades⁸⁶ do espaço, se tornaram parte de estudos sobre essas correlações, logo, se pode inclusive deter mais atenção a unidades isoladas do contexto Global como recortes e desta maneira compreender as diferentes escolhas espaciais, desde a forma de habitar o espaço, até a constituição, produção e organização.

⁸⁶ Cf. A fim de mencionar na apresentação do professor Milton Santos, achamos pertinente, evidenciar esse tema abordado pelo professor Armando Corrêa da Silva. Nos seus memoriais, me atentei para o interesse de desenvolver no conjunto de suas teorizações geográficas e, nesse caso, a de subtotalidade que, segundo ele, é uma substituinte do subsistema: "A subtotalidade reconhece a autonomia possível de um recorte do real teórico que se remete ao empírico, dando conta de um discurso espacial que se complementa na interdisciplinaridade" (Silva, 1982, p. 04).

Até aqui, onde chegamos? O espaço na visão de Milton Santos é translúcido em sua definição? Podemos adiantar que de certa maneira, ele [Milton Santos] propugnava as cabíveis concepções sobre o fenômeno espaço, na tentativa de romper com o velho olho caolho da Geografia — não só a viúves⁸⁷ do espaço, como ele mesmo menciona —, retratada aqui como disciplina das localizações, mas o espaço geográfico como território usado⁸⁸, tendo como resultado o envolvimento com os processos históricos que refletem nas bases materiais.

Neste caso, a discussão desse momento epocal [a que Milton Santos escreve para nós], e atravessada por muitas tendências na Geografia não deixam de apresentar o seu objeto [fenômeno] do amplo discurso. Por isso, pensamos ser necessário a utilização das suas próprias menções sobre o fenômeno em questão:

A compreensão do espaço geográfico como sinônimo de espaço banal obriga-nos a levar em conta todos os elementos e a perceber a inter-relação entre os fenômenos. Uma perspectiva do território usado conduz à ideia de espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço. Trata-se do espaço de todos os homens, não importa suas diferenças; o espaço de todas as instituições, não importa a sua força; o espaço de todas as empresas, não importa o seu poder. Esse espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social. É uma visão que incorpora o movimento do todo, permitindo enfrentar corretamente a tarefa da análise. (...). É indispensável afinar os conceitos que tornam operacional nosso enfoque (Santos, 2000, p. 03).

Os termos utilizados por Milton Santos ao dissertar em um Encontro de Geógrafos sobre o papel ativo da Geografia, *território usado e espaço banal*, é um guia para adentrar no campo da *relacionalidade*, pois, ao se permitir [a sociedade, outras áreas] que o território ou mesmo o espaço, seja considerado um espaço banal, só significa que é um espaço em que todos são partes de uma totalidade.

No que diz respeito a definição deste fenômeno, a totalidade é vista por ele como um caminho necessário à aplicação teórica-metodológica para se chegar à concepção do que é o espaço. Ela imbrica-se a uma ontológica busca da totalidade para a compreensão da Ontologia do espaço.

⁸⁷ Cf. Assim diz Milton Santos: “Conforme já escrevemos alhures, a Geografia acabou de se tornar viúva do espaço (...)” (Santos, 1982, p. 06).

⁸⁸ Mais acima, ele usa o termo espaço habitado.

Por isso, para Milton Santos [*é importante sempre atentar para seu lugar de fala*]: “o conceito de totalidade constitui a base para a interpretação de todos os objetos e forças” (Santos, 1977, p. 40).

Já havia antecipado que nenhuma crítica mais direta seria motivo para a constituição desta Tese, tampouco a reprodução pela reprodução de falas em citações sem uma escuta mais apurada, já que me posicionei enquanto tripulante de uma embarcação que tem diferentes teóricos que falam consigo, falam comigo, falam para mim e falam entre eles.

Um sentido que posso considerar é estabelecer a partir dos correlatos discursos ao longo das décadas em nosso país sobre um fenômeno mais que importante para a Geografia, intercalares meios de se avançar sobre o ponto cerne das relações que produzem o espaço.

Retomando a posição anterior diante da colocação de Milton Santos, para ele uma base forte é marcadamente necessária para a interpretação dos objetos e das forças — acrescento fenômenos—, que se dão por meio da observação da totalidade. É certo que outras interpretações a respeito desta posição existem, bem como críticas sobre essa manifestada forma de pensar, onde ‘todos’ os objetos e ‘todas’ as forças são mediatizados ao entendimento pela totalização dos fatos.

Continua Milton Santos sobre a totalidade: “o estudo da totalidade conduz a uma escolha de categorias analíticas que devem refletir o movimento real da totalidade” (Santos, 1977, p. 40). A partir da totalidade, a Geografia e suas categorias estarão asseguradas de refletir sobre o manto do movimento que recai sobre a realidade?

A totalidade miltoniana parece ser a sua mesma ideia de Globalização, pois em um determinado trecho de onde foram extraídas essas demarcações sobre a totalidade ele diz da seguinte forma: “trata-se de uma totalidade doente, perversa e prejudicial” (Santos, 1997, p. 42).

Referenciamos diretamente à uma das suas obras em que ele caracteriza o fenômeno da Globalização, conquanto, ele pontua as três maneiras de se imaginar que podem partir desde o real-sentido, ao imaginado-impossível. Neste sentido como ele classifica sendo a: Globalização perversa, a

Globalização como ela realmente é, e por último a utópica mensagem de como a Globalização poderia ser (Santos, 2000).

Parece um mesmo sentido, o Global e a totalidade, tendo que desenvolver as regras do jogo e até mesmo da maneira de se pensar, mas, essa é uma outra abordagem.

Nas leituras acerca da construção ontológica do espaço partindo das interpretações miltonianas, merece destaque o livro: **“A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção”** e para essa Tese utilizamos a quarta edição, servindo como base dos congruentes diálogos acerca da Ontologia e do espaço. Logo, tratando diretamente do tema em questão, na primeira parte o professor Milton Santos, irá tratar sobre o tema central: **Uma Ontologia do Espaço: Noções Fundadoras**.

Apesar de ser uma das partes em que consideramos mais instigantes deste trabalho, o processo de desenvolvimento sobre o estudo do Ser do ente, como assim se define a Ontologia, ficará para as coadunações que irão ainda ocorrer na perspectiva geradora do título desta Tese. Mas, antes que isso ocorra, pontuar sobre o discurso de mais um dos ilustres geógrafos do nosso país, serve para enriquecer e endossar os comentários.

No decorrer da sua construção teórica, esse olhar ontológico sobre o fenômeno espaço, Milton Santos percorre caminhos como a noção de espaço, como também sobre a questão da técnica, essa segunda é o elemento de maior defesa percebida nesse livro.

A realidade é que no discorrer dos pressupostos sobre o espaço, em constante diálogo com muitos dos estudiosos da Geografia internacional, o professor Milton Santos não apontará em nenhum instante o Ser que reflete o espaço e seguirá evidenciando muitas características do espaço, como os objetos técnicos.

Percebe-se que o enfoque é a natureza e o papel das técnicas, interligadas ao motor de produção do espaço e da vida, pois são marcadas por diferenças temporais que contam histórias. Um verdadeiro congresso de autores e obras fazem o levante desta Ontologia do espaço.

Conforme aponta Milton Santos, tempo-espaço, objetos-ação, sociedade-humano e espaço-paisagem são dicotomias presentes não como

apenas categorias de análise, mas na restituição epistemológica dos primeiros discursos sobre o espaço. No entanto, não se perceberá ao longo da obra diretamente com o termo Ontologia, a não ser no título provocador. De fato, há uma intensa digressão realizada que aponta para também a busca pelo Ser do espaço, bem como a chave-conceitual do fenômeno espaço na Geografia, pois, ele evidencia os componentes elementares que fazem parte da sua composição na produção do espaço.

Vale acrescentar a relevância, segundo artigos sobre a produção do espaço em nosso país que discutem diretamente uma articulação com Martin Heidegger, Milton Santos e a Geografia levando em conta a seguinte consideração:

(...) é relevante desde já observar, o escopo da reflexão (...), enquanto Milton Santos a técnica constitui elemento fundamental à elaboração de uma ontologia do espaço tecida sob a perspectiva de prover orientação teórica-metodológica (...) (Reis, 2012, p. 04).

Essa é uma das variáveis centrais do pensamento de Milton Santos, apontado pelo articulador da discussão com associação a um resgate ontológico, em que enfatiza a técnica como amplificadora no sentido de se conhecer, enquanto na compreensão de o ser o Ser do espaço.

Logo, para ele existe claramente uma negligência que recai sobre as técnicas, por isso, sente-se a necessidade de generalizar o olhar para a construção teórica ou mesmo de um método geográfico como ele mesmo defende. Reconstituindo aquilo que Milton Santos expõe no livro *Natureza do Espaço*, identifica-se que os geógrafos acertam sempre que pensam na operação da sociedade no espaço geográfico por meio dos sistemas existentes.

Destacam-se os meios de comunicação e de transportes, contudo a observação relacional deve ser ampliada para além. Segundo o que o geógrafo considera, cabe estender o olhar da relação entre o espaço e o fenômeno técnico, sobretudo na abrangente manifestação que a técnica evidencia incluindo a sua própria ação.

Para Milton Santos, ocorre um desvio no caminho para a compreensão do fenômeno, ultrapassando a visão sobre as técnicas específicas, como, por exemplo, as técnicas de produção, se dirigindo para alcançar o fenômeno na sua abrangência necessária para que se conceba o entendimento sobre a noção de espaço geográfico.

Seguindo essa mesma trilha de Milton Santos, deslocar o olhar para um pouco mais além se torna fundamental, pois, ao se tratar do fenômeno espaço, podemos incorrer em uma outra variável de entendimento que é a questão da ‘necessidade’ do Ser-aí. Sendo a questão da técnica um elemento importante de atenção nessa constituição ontológica, Ortega y Gasset (1963) se torna uma ponte a ser atravessada por onde sou conduzido para um lugar seguro de análise.

Desta maneira, Ortega y Gasset (1963) em seu livro **Meditação da Técnica**, tece importantes reflexões do como se tem pensando a Técnica [sempre é importante observar a demarcação temporal] e para Ortega y Gasset (1963, p. 22), “A técnica é a produção do supérfluo: hoje e na época paleolítica”.

Decerto, acrescenta que é um meio para satisfazer as necessidades desse Ser-no-mundo. Mas, como entender essa ‘superfluosidade’ que ele menciona? O que ele transmite é justamente que a nossa relação com a própria existência é decorrente do nosso bem-estar, e nesse caso, a técnica consegue colaborar com a resolução das necessidades como assim ele manifesta.

E o espaço? Então, será a partir daí, tanto na visão de Milton Santos como a de Ortega y Gasset, equivalentes em relação ao uso da técnica e como necessidade do Ser-no-mundo para o seu próprio bem-estar e existência?

De um lado, Milton Santos vê em primeiro lugar que se deve olhar a ‘técnica como um meio’ (Santos, 2006, p. 22). Em segundo lugar, a combinação dos sistemas técnicos importantes, capazes de serem observados suas diferentes idades, pois, terão consequências, que segundo Milton Santos, sobre as formas existentes de uma determinada área. Nesse caso, específico o espaço na sua aparência real e concreta (Santos, 2006).

Em terceiro lugar, não em razão de grandeza, pois poderia constituir uma classificação bem extensa Milton Santos aponta que:

Todavia, o objetivo correto não é uma geografia preocupada com investimentos, mas com todas as formas de existência. *Trata-se, desse modo, de privilegiar um enfoque que leve em conta todos os aspectos de uma dada situação.* Toda situação é uma construção real que admite uma construção lógica, cujo entendimento passa pela história da sua produção. O recurso à técnica deve permitir identificar e classificar os elementos que constroem tais situações. Esses elementos são dados históricos e toda técnica inclui história. Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas

(econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história (Santos, 2006, p. 29, *grifo meu*).

Na percepção do geógrafo, a conduta da Geografia deve ultrapassar o enfoque meramente da ideia de uma ciência voltada para o investimento, mas, sobretudo, as situações em que ocorrem as alterações do espaço e sua formação, levando em consideração a técnica como o meio responsável. Assim, ele analisa o envolvimento da técnica diretamente com a própria história, situando-a enquanto um tempo congelado que revela a sua própria história, parte de seu Ser em um determinado tempo.

Portanto, “(..) a maneira como a unidade entre tempo e espaço vai dando-se, ao longo do tempo, pode ser entendida através da história das técnicas: uma história geral, uma história local” (Santos, 2006, p. 29).

Por isso, no incurso ontológico, vemos a técnica assegurando o fator de uma historicização e geografização do fenômeno espaço, isto é, considerar que o espaço tenha as condições de apresentar “uma epistemologia geográfica de cunho historicista e genético, e não apenas historicista e analítico” (Santos, 2006, p. 29).

A fim de tentar fechar esse quadro-síntese sobre a contribuição de Milton Santos, no que diz respeito a Ontologia do espaço, englobando a produção, formação e organização do espaço, considero que se fosse tratar na Tese, apenas os temas recorrentes no modo de ver a Geografia como assim fez Milton Santos, teríamos muitos outros fenômenos a serem observados e tratados.

Desta forma, o trabalho deveria tomar outro norte e navegar em direção a outras ilhas. Além de mudar sua perspectiva inicial. Aquela em evidenciar mais ainda as obras de Milton Santos, muitas outras Teses e Dissertações, assim como livros e artigos já foram publicados com essa abordagem sobre as obras do autor que faz esse diálogo.

Contudo, o escopo central é trazê-lo para a ‘roda de discussão e diálogos’ com outros sujeitos da Geografia e/ou fora dela, no interior desta Tese, para contribuir, não para criticar ou solucionar algum tipo de problema, mas uma espécie de conversa e em especial articulada com Peter Sloterdijk.

Onde mais, ou de que maneira, isso poderia ser possível, principalmente levando em consideração o fator atemporal, ou mesmo na situação em que

sabemos um filósofo vivo e um geógrafo que muito contribui com a ciência geográfica, mas que a maior parte do seu pensamento encontra-se apenas nos livros.

Desta vez, dirijo a palavra que será repassada aos trabalhos e ao pensamento de Ruy Moreira, no ato de levantamento sobre questões relacionadas à sua carreira dentro da Geografia. Percebi que o seu início esteve intimamente ligado à vertente da Geografia Crítica de influência Marxista. Daí, a extensão no perceber como suas obras são voltadas para a crítica, é o caso do livro: **O DISCURSO DO AVESSO**: para a crítica da Geografia que se ensina; demonstrando total preocupação, acima de tudo, com a ciência geográfica e, portanto, há muita reflexão em seu interior.

Devida essa questão da reflexão sobre a Geografia, Ruy Moreira aponta que “seja como for, é sobre essa base *ontoepistemológica* que ela vem sendo erguida desde os tempos através de universidades e das escolas” (Moreira, 2014, p.13, *grifo meu*).

Na realidade, o professor trata sobre o formato que a Geografia é repassada com um forte apelo e enfoque aos elementos visíveis, sejam as paisagens, o meio ambiente, isolando-os, determinando o velho pensamento da Geografia, como uma ciência descritiva das paisagens.

Apesar de hoje termos um olhar mais direcionado para um enfoque das relações homem-natureza, homem-meio ambiente, Ruy Moreira ainda reforça defendendo a Tese que “ao longo do tempo, cada definição expressa a escola de uma categoria por objeto, aqui a paisagem, ali a relação homem-meio e acolá a organização espacial como base da construção discursiva” (Moreira, 2014, p. 13).

Observando adiante, isto em relação aos estudos de Ruy Moreira e a sua preocupação com o conjunto epistemológico e ontológico da Geografia, uma outra obra muito importante no sentido ontológico pode ser utilizada aqui para discutirmos sucintamente, tendo como título: **PENSAR E SER EM GEOGRAFIA**. Ela traça um percurso sobre a própria história do pensamento geográfico e finaliza em observações da problemática que envolve a existência e o Ser no conceito de geograficidade.

A partir deste enfoque que interessa esta Tese, traçar o perfil dos seus estudos na perspectiva ontológica do espaço, onde o existir e o Ser se combinam e que constituem razões para criar suas esferas.

Apesar da grande contribuição para a Geografia trataremos um pouco mais de maneira resumida para apresentar outros contemporâneos desta Geografia Ontológica.

No sentido restrito de observar o aspecto ontológico Ruy Moreira evidencia que há que se pensar a Geografia em que o geógrafo-teórico constata que:

Há, entretanto, uma consciência geral dos geógrafos quanto a essa dimensão epistemológica do problema teórico, muitos dos quais a tomaram com um tema de enfrentamento. São teóricos que buscam dentro da própria casa a categoria que reúna a diversidade do mundo sensível numa unidade geográfica. Muitas categorias estruturantes podem ser distinguidas nessa busca, rompendo e indo além da lista da tradição triádica da paisagem, do meio e do espaço, umas trilhando o caminho da epistemologia, outras o caminho da ontologia, mas, havendo as que buscassem os dois trilhos: o recorte, a região (...), o espaço vital, (...), a forma-conteúdo, a situação, a geograficidade, a grafia, o lugar, o espaço, o território, a escala (Moreira, 2009, p. 114).

Fica evidente nesta pequena introdução da Ontologia percebida por Ruy Moreira que os teóricos da Geografia buscam na Ontologia a possibilidade de tratar sobre uma representação mais sensível em que seja inclusive ultrapassado a tríade já conhecida da Geografia apontada por ele.

Será que essa consciência já alcançou a todos os geógrafos da contemporaneidade? As repostas podem ser encontradas em trabalhos atuais que discutem esse caminho.

Devido a intenção de se colocar mais voltado com a realidade sensível o campo da Geografia, o espaço então deverá se apresentar a partir de uma relação de ambientalidade (Moreira, 2009). Esse é o aparte em que Ruy Moreira começa a tratar da condição da geograficidade em que estamos envolvidos.

Tudo no processo da conceituação da geograficidade para Ruy Moreira ocorre quando estamos ambientalizados, tomamos conhecimento dentro das nossas experiências-experimentadas, em que o enraizamento no 'sentir-se no mundo' (Moreira, 2013), além de estender para o "sentir o mundo-do-homem" nas palavras afirmadas por ele.

Para ele, a geograficidade só ocorre no instante em que partindo da ambientalização do homem, do seu enraizamento, o homem começa a constituir-

se como parte integral do mundo, trata-se de uma espécie de fusão que ocorre a partir de uma troca metabólica capaz de fundir o homem e o seu mundo em um só. Isso cria assim um mundo-do-homem que conforme Ruy Moreira, considera essa perspectiva ontológica como elemento de destaque em seus estudos sobre o Ser do espaço.

Obviamente que seu pensamento teve influências como as de Henry Lefebvre, Vidal de La Blache, onde ele obtém um apoio para a formatação de parte do que defende, tendo como característica um retorno ontológico em que esses autores irão mostrar a própria condição no processo de hominização do ser humano.

Para essa apresentação sobre o processo de hominização, que é um dos temas caros da Filosofia de Peter Sloterdijk, anfitrião de toda a construção dos diálogos temáticos, o também filósofo Rodrigo Petrônio Ribeiro (2013) mostra que:

Do ponto de vista de Sloterdijk, podemos afirmar com certa tranquilidade: a conceituação proposta pelos humanismos é insuficiente para se pensar o fenômeno humano nos mundos moderno e contemporâneo. Mais do que isso, *podemos afirmar que a esferologia é um dos poucos projetos filosóficos capazes de superar a dicotomia entre humanismo e anti-humanismo*. E Sloterdijk logrou êxito nesse percurso por ter intuído uma peça-chave desse debate, justamente aquela que obstruía a possibilidade de sanar as antinomias lógicas internas a todos os sistemas, tanto os humanistas quanto os anti-humanistas. Essa peça-chave se chama: hominização (Ribeiro, 2013, p. 38, *grifo meu*).

Desta maneira o que o geógrafo Ruy Moreira aponta e converge a um tema capital na esferologia de Sloterdijk. Portanto, penso para uma abertura, bem maior nos debates que envolvem a ciência geográfica, pode envolver os modos mesmos pelos quais “os seres humanos descrevem sua própria humanidade e a emergência da humanidade do homem na linguagem” (Ribeiro, 2013, p. 38).

Considero que o tema é importante e que se encaixa, tanto com a condição autopoietica do ser humano, quanto com a sua forma de ter seu mundo ou Ser-mundo com instituído pela compreensão da geograficidade.

Pois, o “espaço como modo de existência do homem, incluindo-o como elemento essencial de sua ontologia, e permitir ao homem mais do que estar, ver e pensar o espaço como seu modo de ser” (Moreira, 2009, p. 117). Sendo,

fundamental para a Geografia que veremos mais adiante com o conhecimento sobre o próximo geógrafo que participará deste diálogo.

O diálogo continua com as leituras realizadas sobre o geógrafo e professor Roberto Lobato Corrêa. O que me chama inicialmente atenção em toda a sua estrutura de produção escrita e investigação sobre a Geografia, se evidencia justamente na teia articulada com o enfoque na 'sociedade', como o objeto de estudo desse campo.

Reafirmo que isto me chamou atenção, pois, neste transcurso de apresentar o composto ontológico sobre o espaço da Geografia, aparentemente parece incidir aqui na mesma proposta lukácsiana do Ser do espaço ser o sujeito social.

Desta forma, como fica então essa questão? O Ser do espaço é de fato a sociedade? A sociedade, sendo o ente estudado como objeto da Geografia, apresenta qual Ser para a Ontologia?

Essas indagações são pertinentes e dialogar com os cinco geógrafos que trouxe até aqui através das suas contribuições sobre o estudo do espaço, a Ontologia do espaço e outras derivações se tornam importantes para que seja possível traçar a rede de ondas que possam seguir por convergências e divergências.

Por isso mesmo de início para esse questionamento que surge a partir dessa afirmação de Roberto Lobato Corrêa "o objeto da geografia é a sociedade, e não a paisagem, a região, o espaço ou outra coisa qualquer" (2003, p. 53). Parece que por um instante, essa afirmação vai na contramão do que os demais autores de sua época expuseram.

Mas, ainda irei percorrer mais sobre a visão deste autor, pois na percepção dele, a sociedade ao se organizar e se reorganizar, impacta diretamente na primeira natureza - um conceito prenunciado por Milton Santos - , e assim, gera as obras que marcam sua identidade.

Além das suas demarcações próprias em que cada particularidade envolvem as diferentes sociedades. Nesse olhar, as sociedades ao produzirem os espaços estão se organizando espacialmente, estão constituindo o próprio espaço do homem, se organizam espacialmente em sociedade ou simplesmente geram o espaço geográfico (Corrêa, 2003).

Portanto, para Roberto Lobato Corrêa é justamente a organização do fenômeno espaço que vai interessar ao entendimento desta constituição, sendo aí, a objetivação da própria Geografia, pois as demais áreas sociais que se incumbem em estudar a sociedade possuirão outros interesses. Um ponto importante a ser destacado sobre a sociedade é também comentado por Anthony Giddens e que retrato aqui:

Todas as sociedades são sistemas sociais e, ao mesmo tempo, constituídas pela interseção de múltiplos sistemas sociais. Estes podem ser totalmente “internos” às sociedades ou transpor as linhas divisórias entre o “interior” e o “exterior” formando uma diversidade de possíveis modos de conexão entre as totalidades sociais e sistemas intersociais. (...). Em suma as “sociedades” são, pois, sistemas sociais que “se destacam” em baixo-relevo de um fundo constituído por toda uma série de outras relações sistêmicas, nas quais elas estão inseridas (Giddens, 2009, p. 193-194).

Devemos observar a formação dos sistemas sociais que constituem a partir da intersecção de vários outros sistemas. Logo, esses sistemas podem estar completamente contidos dentro das sociedades ou ainda podem transpor fronteiras entre o “interno” e o “externo”, criando desta forma, uma variedade de modos de conexão entre as totalidades sociais e os sistemas intersociais.

Dito de outro modo, as sociedades são constituídas por múltiplos sistemas sociais, que podem ser tanto internos quando externos a elas. E são esses sistemas sociais que produzem um fundo em que as sociedades se destacam como se fossem relevos. Uma aferição basilar é como se as sociedades fossem ilhas em meio a um oceano de outras relações sistêmicas em que se encontram inseridas.

Ao mencionar as sociedades enquanto um sistema, percebe-se de antemão, sua organização estrutural, pois, é assim que se identificam os sistemas⁸⁹ biológicos e sociais, também apresentados por sociólogos.

Assim, a sociedade em forma organizada mantém uma presença de espaço, onde se torna para o geógrafo o objeto de interesse da Geografia.

⁸⁹ Cf. Em uma das observações de Niklas Luhmann sobre os sistemas ele considera que: “Quanto mais complexo é o próprio sistema, tanto mais complexo pode ser o ambiente no qual ele é capaz de orientar-se coerentemente. A complexidade de um sistema é regulada, essencialmente, por meio de sua estrutura, ou seja, pela seleção prévia dos possíveis estados que o sistema pode assumir em relação ao seu ambiente. Por isso as questões estruturais, (...) são a chave para as relações sistema/ambiente e para o grau de complexidade e seletividade alcançável nessas relações. Essas hipóteses, que pretendem validade para qualquer tipo de sistema social (...), importantes para a sociedade” (Luhmann, 1993, p. 168).

E, fica mais que evidente a aproximação do pensamento do geógrafo com a Sociologia. Quanto a isso, não há nada de errado, mas, onde ocorre o encaixe entre acossar a ideia de que o objeto de estudo da Geografia é a sociedade?

Há registros de estudos que apontam o olhar de Milton Santos praticamente para esse mesmo ponto, pois identificam que uma das suas teses no campo marcadamente ontológico é respaldar a sociedade enquanto Ser do espaço um verdadeiro embate criado.

De um lado se percebe a sociedade como objeto de estudo do espaço, objeto que pode ser definível e decifrável, explicativo e analítico, de modos particulares e, de outra forma, essa sociedade como um dado ontológico. Logo, se a Ontologia se reserva em prenciar o Ser de algo, e este algo se classificando enquanto ente, a sociedade é considerada o ente do espaço que por sua vez também é um ente, gerando um encontro de fontes ônticas capazes de serem percebidas na representação real, alcançável por uma hermenêutica mais que silógica.

Mas, não é o ponto de discussão ainda. E esta sessão é apenas para criar um diálogo entre os contribuintes da Geografia Brasileira, como tenho mencionado e não para gerar qualquer desconforto em relação aos seus pontos de vista. Isso ficará para *a posteriori* e em momento oportuno.

Retomando às prerrogativas de Corrêa sobre o espaço, nota-se que ele foi um fiel escudeiro da temática “organização espacial”, ou como alguns preferem “organização do espaço”. Inúmeros artigos, livros, entrevistas, aulas, marcam essa identidade característica do professor. O que se percebe, é claramente uma reação ontológica em seus estudos, matizados pela constituição da espacialidade brasileira como um resgate em busca da sua compreensão formativa e organizacional.

Por isso, ao destacar a questão urbana e em especial o fenômeno cidade, Roberto Lobato Corrêa (2003) demonstra que os processos sociais são produtores de formas, movimentos e conteúdos presentes no espaço urbano e responsáveis pela organização do espaço, viabilizando, portanto, o aparecimento de forças ao longo do tempo.

Ainda ele destaca o conjunto de forças que acontecem devido a existência dos empuxos de alguns processos espaciais, sendo eles a: centralização, a descentralização, a coesão, a segregação, a invasão-sucessão e a inércia (Corrêa, 1979).

Mas, os processos decorrentes da sua produção geográfica epistemológica não serão abordados amplamente neste trabalho, sobretudo, pelo rico trabalho diretamente alicerçado na organização do espaço.

Algumas das suas análises tomam partido, como já mencionado aqui, e se aproximam das análises de Milton Santos. Entretanto, se parecem, mas não se confundem, e focalizam, cada um à sua maneira, o estudo geográfico do fenômeno espaço.

Em uma das passagens do seu livro: **Região e Organização Espacial**, o professor Roberto Lobato Corrêa considera que:

(...) a organização espacial é uma dimensão da totalidade social construída pelo homem ao fazer a sua própria história. Ela é, no processo de transformação da sociedade, modificada e congelada e, por sua vez, também modifica e congela. A organização espacial é a própria sociedade espacializada (Corrêa, 2003, p. 53).

A organização espacial é claramente uma dimensão fundamental da sociedade, sendo construída pelo ser humano, como apontam diversos estudos. Na premissa destacada, em que a organização espacial é modificada e congelada nesse processo de transformação da sociedade, bem como tendo a capacidade reversa de modificar e congelar a sociedade, implica que a organização espacial possui uma dupla força, que está entre a própria expressão da sociedade e aquele que molda a sociedade.

A organização espacial lida como uma dimensão fundamental da sociedade que é tão importante quanto as demais dimensões que perfazem o conjunto relacionado ao espaço, seja a política, a economia ou a cultura.

Entender e compreender essa relação entre a organização espacial e a sociedade em geral, se torna importante para vislumbrar como a própria sociedade funciona e como pode ser transformada na visão do professor Roberto Lobato Corrêa.

Há uma forte ligação entre essa passagem e a explanação de Milton Santos, diz ele, “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva (Santos, p. 107)”, ou ainda: “o movimento da sociedade, isto é, o movimento da

totalidade (e do espaço), modifica a significação de todas as variáveis constitutivas (...)” (Santos, 2003, p. 128).

Encontros entre os dois teóricos refletiram ao longo das décadas positivamente para a Geografia. Esses encontros em referência aos fenômenos estudados, viabilizaram para o universo da Teoria Geográfica um novo olhar para a questão do espaço especificamente.

Por isso na atualidade temos geógrafos que em diálogos com filósofos nos instigam a pensar uma Geografia de caráter ontológico e fenomenológico com o mesmo quilate de interpretações sobre fenômenos como a existência, o Ser-aí, o Ser-no-mundo, a geograficidade e a espacialidade.

A pequena diferença é que um novo grupo de geógrafos estudam o espaço de maneira diligente às matrizes filosóficas. É o caso de muitos trabalhos que estão bem articulados com os pensamentos de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty três filósofos que são constantemente convidados para fazer parte do banco teórico de trabalhos em geografia.

3.4 A Ontologia Fundamental de Martin Heidegger e o Problema da Assimilação da Fenomenologia na Pesquisa Brasileira

O ponto de reentrada agora é para desenvolver observações sobre as matizes de perspectiva ontológica desenvolvidas sob o olhar da hermenêutica heideggeriana. Levo em consideração para promover um desvio para uma concentrada aproximação com a Filosofia que tem sido motivo de muitas discussões e desvirtuosas ofertas de entendimentos e compreensões sobre a Ontologia Fundamental de Martin Heidegger e a assimilação da Fenomenologia nas pesquisas em nosso país.

A discussão sobre a produção primitiva do espaço geográfico com uma base ontológica ao longo das décadas que sucederam os precursores dessa iniciativa no Brasil. Tiveram diferentes momentos e claramente nesses momentos os pesquisadores que se detiveram em pesquisar sobre o tema também produziram trabalhos como: artigos, dissertações e Teses, que destacassem sempre um ou outro filósofo, articulando-o com a Geografia.

Entretanto, muitos desses estudos tiveram suas interpretações bem particulares, sendo percebido por outros fenomenólogos que de prontidão iniciaram uma linha de contra-resposta fundamentada sobre tais assimilações filosóficas para o campo da Geografia⁹⁰.

Esses artigos visam tratar, especificamente, em uma primeira linha, sobre a questão do procedimento ontológico instituído no movimento do renovo geográfico que partiu da Geografia Crítica de base marxista como um esforço detido, no que tange a problemática da entificação social do espaço geográfico, por esse movimento e seus adeptos que levaram a esse encaminhamento, mas que o autor com um refinado olhar sobre a diferença ontológica, marcada por uma revisão ontológica segue um entendimento diferente daquele proporcionado pelo movimento da Renovação da Geografia em que se detiveram na análise do Ser do espaço, a partir de uma peculiar conduta da investigação ontológica.

Em um segundo momento, mas agregado ao primeiro de certa maneira, ocorre uma incursão sobre a Ontologia do espaço. Agora a partir dos trabalhos de Milton Santos, precipuamente sobre a técnica e a Ontologia do espaço com uma articulação concentrada no filósofo-base de um assunto que é destaque também na Geografia - Martin Heidegger é o filósofo que muito contribui com os estudos geográficos.

Por isso, os trabalhos de Reis (2012, 2019, 2021) vão interpelar o pensamento geográfico brasileiro de modo a elucidar os caminhos ontológicos pautados em Martin Heidegger, bem como a posição do filósofo da Floresta Negra em relação a questão da técnica, amplamente defendida por Milton Santos e outros geógrafos.

Em sequência, pós-apresentação célere, os artigos de Reis (2009, 2012) e a principal linha que ele desenvolve, tentarei envolver de maneira parcimoniosa

⁹⁰ Cf. Há seguramente muitos estudos e muitos pesquisadores que se empenham nessas temáticas. Entretanto, para esta sessão os trabalhos de Reis (2012, 2019, 2021) e as suas investigações nos chamaram bastante atenção, bem como aquilo que esses artigos manifestam acerca da produção do espaço, na ontologia do espaço, na Fenomenologia e na epistemologia geográfica brasileira. Sempre tendo o cuidado de como ela se desenvolve e por quais caminhos ela percorre. Esta sessão se abre apenas para apresentar um dos tantos comentadores de trabalhos geofilosóficos, e que possui uma forte vinculação com a hermenêutica de base heideggeriana, a partir de alguns artigos considerados aqui importantes na constituição ontológica sobre o espaço.

uma posição de como ele articula o pensamento de Martin Heidegger com a Geografia e a produção do espaço.

Destaco de antemão que existe uma intensa preocupação caracterizada pela forma que o pensamento do filósofo Martin Heidegger foi recepcionado, interpretado e reinterpretado, desde algumas décadas atrás e atualmente na Geografia Brasileira.

Apesar de não ser o fator intencional neste momento, será complementar essa discussão apresentada pelo geógrafo nas notas de rodapé oportunamente. O enfoque será o ponto cerne em que a Ontologia se manifesta em seu pensamento. Desta maneira para alicerçar a tessitura deste texto, Reis (2012) evidencia que:

A perspectiva da problematização sobre o tema da ontologia do espaço que se segue propõe desenvolver no que segue, é estimulada, fundamentalmente, pelo nexos entre o tema e a referida corrente do pensamento geográfico, (...) não obstante o assunto não seja desenvolvido de modo exclusivo sob a matriz da renovação crítica de inspiração marxista (Reis, 2012, p. 01).

A premissa que desejamos anunciar não é uma retomada histórica sobre o movimento da renovação da Geografia no período da década de 1970, mas atentar para o tema da Ontologia conforme o autor menciona. E, principalmente, neste sentido, observar os achados desta detida interpretação sobre a discussão ontológica por essa corrente [Geografia Crítica].

Para isso, Reis orienta a leitura para dois pontos cruciais e necessários desta sua hermenêutica. Primeiro partindo do pressuposto em que se tornou notório a entificação da noção do Ser do espaço, gerando uma confusão quase que indissolúvel entre Ser e Ente na esfera geográfica conduzida essencialmente pela articulação entre a sociedade e o trabalho como modos de aparência do Ser do espaço.

Nesse sentido, constata-se que os entes que produzem o próprio espaço e são parte existencial deste. Uma outra observação é o problema pautado na diferença ontológica resgatada por Martin Heidegger em seu tratado 'Ser e tempo'. E por meio desses dois cortes que Reis (2009, 2012) irá desenvolver seu olhar peculiar na posição em que a Ontologia deveria, segundo ele, se fazer presente da maneira que lhe foi imputada enquanto estudo do Ser do ente.

Contudo, ainda há de se observar que:

A perspectiva de problematização assumida em relação à posição da geografia crítica de inspiração marxista sobre a ontologia do espaço não deve ser precipitadamente confundida com uma reação criticista e refratária à legitimidade e rigor característicos da abordagem levada à cabo por este viés, que, sem dúvida, promoveu avanços fundamentais na reflexão ontológica na teoria da geografia (Santos, 2012, p. 01).

Destacado pelo próprio autor, seu interesse não é viabilizar um julgamento negativo ao movimento da Geografia Crítica. Pode-se ainda se considerar que seu olhar, sobre a marca indelével da teoria marxista impregnada na Ontologia do espaço, como salientados na Geografia, é algo que pode ter gerado interpretações equivocadas sobre o Ser do espaço.

É esta a condução deste seu primeiro trabalho observado pela nossa particular leitura e que está de acordo com o que ele expõe nos primeiros parágrafos do seu artigo em questão.

O foco, segundo o autor, é a maneira que se efetiva, no período da Renovação Geográfica, a abordagem em que o tema da Ontologia do espaço na Geografia se fará presente. A partir daí, há uma *'onto-socio-logização do espaço'*, que entifica o espaço partindo da visão marxista de se pensar uma Ontologia às avessas.

Em suas observações, o próprio geógrafo Milton Santos, desliza sobre a interpretação ontológica do Ser do espaço e considera que tal desequilíbrio interpretativo se dá por conta da forte coadunação tanto marxista quanto marxiana, gerando uma espécie de ambivalência equivalente a outros recortes de filósofos que debateram sobre o Ser.

Por isso, vale apresentar os excertos de Reis (2009, 2012), que segue analisando *vis a vis* as passagens de Milton Santos sob a Ontologia do espaço apresentado em: **A Natureza do espaço**. Assumindo assim, "(...) a rigor, o que em geral prevalece na reflexão ontológica na geografia é, como foi sucintamente indicado, a assimilação de princípios ontológicos (Ser $\approx$ Sociedade; Sociedade $\approx$ ser do espaço)" (Reis, 2012, p. 06).

Essa é a grande questão levantada e que o nosso desejo busca amplificar mais à frente para que não se esgote ou mesmo se torne redundante a discussão. Decerto, valem-nos de algumas dessas posições que formam as iniciativas da Ontologia do espaço, fundamentada nas obras de Marx e de Lukács, com a articulação na Sociologia especialmente, fazendo a conjugação na Geografia.

O que fica evidente é que a partir dessas apresentações muitas questões se constituíram como parte da própria Geografia, quase que debelando o interesse em estudar a Ontologia do espaço na atualidade, pois há uma marca incipiente de trabalhos voltados para esse campo, como é constatado nos reservatórios de busca e na produção de livros. Quase não há anualmente, produção geográfica que evidencie a Ontologia do Espaço ou aberturas para o debate teórico sobre esse fenômeno na Geografia.

Uma abordagem importante que nas observações de Reis é a evidência marcante das técnicas, que muito teve amparo nas apresentações teóricas de Milton Santos.

O fenômeno técnico em relação à interpretação do intérprete das obras de Milton Santos é justamente que há uma relação estrita possível de estudo sob o viés temático. Logo, a sua principal linha de defesa e destaque é situar a Ontologia na Geografia articulada com o filósofo Martin Heidegger.

E isso tem sido realizado com muita propriedade pelo autor. Através dos seus artigos, frutos de uma insistente busca de considerável preocupação movente captada pela leitura dos seus trabalhos.

Neste sentido, Reis (2012) interpretando as obras de Heidegger faz o seguinte destaque:

(...) é relevante desde já observar, o escopo da reflexão é essencialmente distinto em cada autor [*o intérprete se refere a Milton Santos e Martin Heidegger*]: enquanto em Milton Santos a técnica constitui elemento fundamental à elaboração de uma ontologia do espaço tecida sob a expectativa de prover orientação teórica-metodológica à geografia; em Heidegger a questão da técnica assinala uma alternativa de elaboração não-metafísica de pensar (o sentido do Ser). O sentido da questão da técnica no filósofo é, assim, relativamente mais obscuro e certamente, mais distante daquele que, usualmente encontra-se disponível nos limites do debate teórico de uma disciplina acadêmica, no caso, a geografia (Reis, 2012, p. 04, grifo meu).

A importância de deixar translúcida essa questão sobre a técnica é o esforço que o autor realiza, em que a visão sobre a técnica do ponto de vista miltoniano requer uma apurada interpretação, tanto quanto a técnica percebida como sombria, e que abarca a dissolução de um pensamento tradicional sobre o Ser. Isso é fundamental para que tenhamos um olhar mais preciso sobre essa discussão. Caso contrário, a depreciação que envolve o tema, continuará “sob uma aura de obscurantismo *“especulativo-filosofante”* que em nada favorece a

apreensão da eventual contribuição” (Reis, 2012, p. 05, *grifo do autor*) no campo da Geografia.

Para que se tenha mais afinidade com a clareza com os seus trabalhos, e o grau possível de comprometimento com a Ontologia do espaço, suas reflexões são oriundas da intrusão iniciada por Martin Heidegger em oposição ao discurso metafísico estabelecido pela tradição em relação ao Ser.

O discurso evidenciado pela estrutura do Ser do ente, leva, então, muitos sujeitos a perseguirem tal fenômeno, renunciando toda sorte de interpretações particularizadas em seus isolados meios de ver essa questão crucial para se obter a diferença fundamental que existe.

Portanto, a Geografia teórica e o método vêm se fundamentando - mesmo que lentamente - nas investidas anunciadas pela crítica de Reis. Há, na realidade, na sua suspensão teórica, o levantamento e a denúncia pela forma que vem sendo conduzida, a percepção e entendimento a despeito da Ontologia.

E são denúncias bem elaboradas que de certa maneira nos fazem refletir mais sobre o tema, pois o que ocorre em muitas ocasiões e não de forma velada, mas abertamente, uma postura de “recusa frontal à ontologia” (Reis, 2012, p. 08), uma espécie, em alguns casos, de rejeição à própria reflexão ontológica.

Em suas observações que penso ser pertinente, alguns autores, ao negarem a Ontologia como possibilidade ou mesmo como uma recursividade modificada de alguma maneira, abrem mais o campo do debate.

Contudo, o que ocorre é o inverso. Segundo o destaque de Reis, ocorre um olhar em que classificam a Ontologia como uma “*prisioneira do mundo abstrato das ideias*” (Reis, 2012, p. 09, *grifo do autor*), praticamente uma resposta com um teor preconceituoso para os que se detêm à compreendê-la, pois confundem que o seu uso recai apenas no mundo impalpável e o que se torna interesse é a dimensão real.

Por isso, para Reis, sua reafirmação é que:

No mesmo sentido, cabe destacar que, para asseverar de modo tão contundente que a investigação acerca da natureza ontológica do espaço promoveria uma negação quase total da “dimensão real”, (entenda-se, da “realidade”) é imprescindível, por força da lógica, saber (ou pelo menos supor saber) o que a “realidade” é. Trata-se, assim, de um juízo de cunho ontológico, referido, no caso, à “dimensão real”. Ou seja, a coerência da argumentação (...) (Reis, 2012, p. 09).

Na perspectiva do pesquisador, a importância da investigação ontológica do espaço, em que para se negar com tanta veemência a “dimensão real” - o que supostamente muitos apontam que essa investigação nega-, deve-se primeiro ter uma clara compreensão do que é realidade, sobretudo, que para se fazer um julgamento ontológico envolve a obtenção de um entendimento básico sobre o que é real e o que não é real.

A sugestão que se encontra aqui, àqueles que negam a importância da investigação ontológica do espaço, tem que ter como em primazia uma compreensão clara do que é a realidade para que sejam fundamentais a coerência argumentativa.

Esses pontos merecem ainda mais destaques, pois são explícitos para que se possa compreender que, de fato, o papel da Ontologia na Geografia teve, e ainda tem, incongruências não apenas relativas, mas insistentes e deficitárias para a contribuição teórica na Geografia.

Conforme evidencia Reis (2012) é fundamental decifrar “como” as tomadas ontológicas foram abraçadas na Geografia Brasileira. Também é fundante desvelar as suas interpretações de soslaio, sem a exigência mais depurada dos próprios termos e sentidos dados ao uso da investigação ontológica, sem se dar conta da necessidade de aprofundamento, como é o caso da compreensão da citada “dimensão real” ou “realidade”.

Essa reflexão é atravessada por uma negligência dos que não compreenderam a proposta ontológica que é “compreender o que algo é, no caso, como destaca Reis (2012, p. 10), a “dimensão real” é compreendê-la em seu ser”, que por sua extensão, se compete a ter uma compreensão que pode ser definida como “*compreensão ontológica*” (Reis, 2012, p. 10, *grifo do autor*).

O que gera muitos conflitos na interpretação retentora de equívocos, segundo o levantamento de Reis (2012), sobretudo, é o fato da sobreposição ocorrida pela determinação do ser social, sustentando um padrão corrente quase que difícil de romper seu tecido sendo autossuficiente. Isto ocorre mediante à sua fundamentação teórica que restringe novas formulações voltadas para a elaboração ontológica que incida sobre o ser do espaço, pois o que se sabe é que há “pouco amparo na ciência geográfica” (Reis, 2012, p. 15).

De certa maneira, aos que estudam a teoria na Geografia e o método não parece algo suspeito, as evidências se comprovam, quando se busca por artigos e livros que discutem essa temática. O que será facilmente encontrado são pesquisas, trabalhos e relatos que se dirigem ao fator ôntico do fenômeno: a dimensão real na sua extrínseca concretude visível e palpável.

Se for tratado de uma outra maneira, os trabalhos que exigem muito das articulações teóricas serão apenas vistos como abstratos, incompreensíveis, onde o mundo hermético se convalida com uma linguagem quase que inalcançável, sendo rotulado de complexo e muitas vezes até desnecessários.

Isto tem elevada repercussão no mundo das ideias, não no sentido platônico, mas nas ideias que são permissões para enfrentar a própria realidade, de maneira combativa, questionando-a, levando em consideração o que Peter Sloterdijk menciona:

Os pensadores se instalam em uma esfera dominada por um único exercício: esclarecer o significado de palavras, proposições e sequências de proposições que nos permitem expressar quando queremos dizer algo verdadeiro.

Pensar significa aqui, segundo uma antiga convicção, a busca do verdadeiro conceito de uma coisa. (...) esse esforço só pode levar a um resultado sólido se o discurso humano estiver ancorado em outro mundo, o reino das ideias (...) (Sloterdijk, 2009, p. 33).

A observação realizada por Peter Sloterdijk na discussão do pensamento filosófico é que os filósofos possuem uma tarefa específica, que é a de esclarecer o significado das palavras, das proposições e das sequências de proposições que estamos acostumados a utilizar para expressar verdades.

Neste sentido, a tarefa dos filósofos é buscar o “verdadeiro conceito” de uma coisa, isto é, entender o que algo realmente significa, só é possível, segundo Sloterdijk, se esse discurso humano estiver “ancorado em outro mundo”, esse sendo o reino das ideias.

A referência que é imputada aqui de “reino das ideias” é uma alusão à teoria platônica das formas ou das ideias, em que Platão argumentou que as coisas materiais que percebemos no mundo físico são apenas sombras ou cópias imperfeitas das formas ou das ideias verdadeiras que existem em um mundo transcendental.

Sendo assim, para o filósofo Peter Sloterdijk, assim como para a intenção dessa Tese, discutir o significado verdadeiro ou, ao menos, buscar

ontologicamente esse significado, é tarefa e objetivo central do pensamento filosófico, mas que também, importa ao pensamento geográfico.

Não se trata de relativizar a aceitação ou a desaprovação do que é exposto, mas tornar perene as condutas que se direcionam à pesquisa sobre a Ontologia do espaço, sejam estas com base heideggeriana, miltoniana, lukácsiana como uma nova propositura de base sloterdijkiana, colocando as coisas em pé de igualdade, tanto a importância dos aspectos mais teóricos, quanto aquelas relacionadas diretamente ao dado empírico.

Apontar aquilo que está certo ou errado parte da atenção interpretativa que cada sujeito possui dentro do seu domínio referente ao seu núcleo de conhecimentos. Por isso, Reis consegue desenvolver uma crítica contundente devido seu olhar de exegeta da epistemologia geográfica e da filosofia heideggeriana presentes em seus artigos e nos trabalhos dos seus orientandos.

Apresentei, mesmo que em um círculo sintético alguns expoentes e novos pesquisadores sobre a matricial Ontologia do espaço em que ficaram evidentes algumas divergências, mas que de modo geral ocorreram e tem ocorrido, o interesse pela investigação do Ser do espaço.

Em uma tentativa de sair do obscurantismo e clarificar um pouco mais esse entendimento, esses autores serão amplamente requisitados para colaborar dentro do que elegeram para seus estudos, bem como as suas descobertas nessa navegação geográfica pelas sendas das esferas sloterdijkianas.

CAPÍTULO

IV

4ª ROTA

4. EXISTÊNCIA E A ESSÊNCIA DO ESPAÇO: interpretações conflitantes na geografia

Apesar do tema ser bastante divergente, são observadas aqui as particularidades interpretativas de cada autor que se deteve a estudar os fenômenos da existência e a essência dos entes. Essa parte da Tese almeja, de alguma maneira, aproximar os fenômenos existência e essência vinculados ao discurso geográfico e que por sua vez nunca chegamos a uma posição totalitária de congruência entre os pesquisadores.

Neste sentido, se torna fundamental solicitar que no debate acerca da esferologia estes dois fenômenos sejam expostos a partir do olhar da Geografia, mas requisitando, de certa maneira a reboque, as contribuições da filosofia que tradicionalmente se inclinou a estudá-las. A sessão abre, portanto, uma densa explanação com diferentes pontos de vista sobre o assunto, todavia, de maneira seccionada, a fim de explicitar a contento o que se busca.

4.1 Existir no Espaço Geográfico: diferentes pontos de vista

Antes de iniciar esse apontamento sobre o fenômeno existir um exercício de pensamento, posso rapidamente sugerir indagações a respeito do tema. Só há existência no espaço se aquilo que supomos existir, esteja definitivamente revelado a nós enquanto um dado concreto? Partindo desse exercício de pensamento, como se dariam as respostas de uma maneira menos elaborada ou conduzida pela premissa da economia da resposta?

Poderiam como pensamos de uma maneira bem célere, apresentar as seguintes respostas: (a) tudo existe porque o existir só ocorre a partir da percepção do ver e do tocar; (b) a existência das coisas e objetos só é possível diante da presença de um mediador, pois este realiza a revelação no concreto; (c) aquilo que vemos, que tocamos, é de fato na dimensão real e porquanto existe, não sendo possível se afastar de qualquer intenção que não seja

proporcionada pelas relações dos sentidos biológicos e a aparição dos fenômenos.

Talvez estas três variações de respostas poderiam responder, sem depuração alguma a pergunta sobre o existir e sobre a existência, seja ela do Ser-aí ou do espaço geográfico.

Para isso, as reflexões e inflexões devem ser as válvulas capazes de insuflar as respostas mais adensadas. Daí a importância de uma construção ontológica sobre o existir que não seja concluída de qualquer maneira, mas que ao ser sufocada se abram as válvulas para que novas frentes realizadas para sustentar uma resposta cabível, não uma resposta finita. Para a Filosofia, as questões que estão inclinadas com os fenômenos da existência e da essência motivam continuamente muitos debates, sem se chegar a uma terminalidade.

Tampouco, se finda a proposta de se responder a contento. Alguns representantes de valor absoluto na Filosofia e absorvidos pela Geografia para sustentar o debate da existência e essência do espaço são os mesmos que contribuíram com o universo do método e da teoria em Fenomenologia.

Como destaque na Filosofia alguns nomes são precisos, para conduzir esse debate infindável: Platão; Aristóteles; Edmund Husserl; Martin Heidegger; Emmanuel Lévinas; Paul Ricouer; Jean-Paul Sartre; Don Ihde; Peter Sloterdijk.

No campo da Geografia, posto que a centralidade da proposta é a agregação entre os dois olhares, apesar de que a conduta geográfica se encontrar abalizada nos pensamentos destes filósofos os geógrafos: Stuart Elden; Mikko Joronen; Edward Soja; Jeff Malpas; Doreen Massey; Edward Casey; Eric Dardel; Milton Santos; Ruy Moreira são alguns de uma lista interminável de representantes das ciências do pensamento que se destacam por estampar nos seus trabalhos a problemática referentes ao existir e a essência.

A premissa é realizar a articulação entremeada com as vias esferológicas de Peter Sloterdijk acompanhadas principalmente pelas lentes da Geografia. Nos próximos parágrafos que seguem a viagem, iremos envidar um acoçamento ainda maior nas reflexões dos teóricos que se embrenham nesse lado do debate geofilosófico.

Seus empenhos se tornaram atemporais ao promoverem uma possível abertura de se pensar a Geografia conduzida por um *conatus*⁹¹ que transcreve os sentidos do ser-humano em uma transcendente postura capaz de romper com os conceitos metafísicos, produtores de estorvos de primeira ordem, amplificadores da visão pura do imanente real.

Tais empenhos, podem se apresentar nesta investigação como a um claviculário, portador das chaves que são capazes de abrir caminhos que sejam favoráveis para a permanência - não no sentido fixo, mas no provisório momento- e deslocamento que movimentam o debate ontotopológico. Neste sentido, vale girar a chave e levar o olhar para a direção que Ricouer olha no sentido de estabelecer a condição que este trabalho tem:

(...) o desejo desta ontologia que move o empreendimento aqui proposto e lhe permite não se enterrar nem numa filosofia linguística, à maneira de *Wittgenstein*, nem numa filosofia reflexiva do tipo neo-kantiano (Ricouer, 1978, p. 08).

A priori, como marcador do discurso, o que temos introdutoriamente no discurso é a manifestação da linguagem⁹² que nos servirá para nos conduzir nesse campo hermenêutico. Romper paradoxos: seria essa uma das funções da linguagem? Aliar-se, a algum lado de uma totalidade: seria essa a postura da Linguagem enquanto uma estrutura que está sempre em desconstrução? Ou ainda: a linguagem se valeria de apenas não coibir, mas coabitar o ser-humano a fim de que nunca seja alcançada as finitudes que performatizam a vida e a torna distinta de outras vidas que não possuem uma linguagem, que se interesse

⁹¹ Cf. *Conatus* é um conceito elaborado por Baruch Spinoza, que diz respeito a apresentado em seu projeto ético, com forte empenho em ativar a orientação para a teoria da afetividade. Para ele o *conatus* é a própria essência do homem, mas que também se amplifica para a potencialidade de existir do ser humano. A sua potência de agir, que se encontra entre dois estados da afecção sofrida. A adoção do conceito pelo filósofo surge como um critério que avalia a imanência da vida afetiva. Diversos outros filósofos pós-Spinoza, estudaram suas obras, Gilles Deleuze, um desses nomes, aponta que a principal tese spinoziana está centrada na ontologia de uma substância da qual decorreria todo o existente.

⁹² Uma importante passagem que gostaria de destacar sobre a linguagem, está presente no artigo de Jorge Larrosa Bondía, que apresenta a experiência e o saber da experiência: “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir da genialidade ou inteligência, mas a partir das palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo das sentido ao que somos e ao que nos acontece. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso” (Bondía, 2002, p. 21).

em descer ao âmago das ideias e tentar traduzi-las em notas, sons e símbolos que nem sempre são possíveis?

A distinção entre a linguagem filosófica e geográfica pode ser considerada por muitos como distantes e desaparelhadas entre si. Entretanto, é a partir dos sentidos dos “porquês” que se tem uma linguagem geográfica para se aprofundar em investigações que se tornaram importantes para toda a construção social.

Nesta medida, começar pelo absurdo da linguagem é interveniente para que logo após se estabeleça em um deslize normal - ou quem sabe anormal -, dos termos dicotômicos, às vezes partes integrais alteridáticas⁹³ entre si. Pois, embora às vezes, não se perceba, “a esta dicotomia fulcral ligam-se várias distinções subsidiárias. Uma mensagem é individual, o seu código é coletivo” (Ricouer, 1976, p. 15).

Logo, é aqui que se estabelece a diferença entre aquilo que desejamos escrever e aquilo que somos coagidos pelo tempo a escrever, seguindo os rituais não-autônomos da linguagem processada. Por isso destravar a absurdez pode se fazer no momento no desenvolvimento deste trabalho devido a toda compreensão ôntica e ontológica exprimir-se a partir da linguagem (Ricouer, 1976).

Entrementes, interpretando as oportunas contribuições, deixaremos de lado a coação da escrita e que se manifeste a sua presença como queira e que a cadência dos diálogos, suscitem demais formas de interpretar esse texto final.

De início Paul Ricouer, filósofo que muito tem sido articulado ao campo geográfico, e, neste caso específico, nos seus trabalhos na íntima congruência de uma Ontologia da compreensão em que se pode recriar uma condição direta do *cogito*, aponta que:

⁹³ As metáforas compõem parte desta tese, mas sempre partindo de pressupostos teóricos, artísticos, literários, biológicos já constituídos. Elas não são meras presenças forçadas de neologismos construídos pelo ímpeto do discurso teórico e ontológico, a fim de resguardar sua forma matriz, e evidenciar, sua própria ação. Em um aspecto filológico, a raiz das palavras seriam os aportes concretos e as metaforizações que derivam das raízes, seriam os nós rizomáticos na apresentação do pensamento. Isso ultrapassa o “*cogito, ergo sum*” e se dirige para a esfera do “*metaforizo, ergo sum*”. O sentido que será ainda tratado na sua raiz é a alteridade defendida por Emmanuel Lévinas. A postura alteridáticas, diz respeito a manifestação basilar da congruência entre o existir e a essência. A intenção é recorrer ao aporte teórico que corresponda ao fato de que a alteridade seja um ponto que não suscita a dicotomia entre o existir e a essência, mas como fenômenos que se instalam unificados.

É preciso agora compreender que ao articular estas significações multívocas no conhecimento de si, transformamos profundamente a problemática do Cogito. Digamos imediatamente que é esta reforma interna da filosofia reflexiva que justificará mais adiante que aí descobramos uma nova dimensão da existência (Ricouer, 1976, p. 19).

Destarte, para que possamos seguir essas trilhas sobre a existência, as articulações que Ricouer chama de ‘multívocas’ solicitam o engajamento de conhecimentos diversos, geradores das reformulações da compreensão do si e da dimensão do existir.

Para que isso possa ocorrer, sem cair em uma equivocidade redundante no fio semântico deve-se levar o debate no transcorrer hermenêutico do uso da linguagem para uma:

(...) justificação da hermenêutica [*que*] apenas pode ser radical se se procura na própria natureza do pensamento reflexivo o princípio de uma lógica do duplo sentido. Esta lógica já não é então uma lógica formal, mas uma lógica transcendental. Ela estabelece-se ao nível das condições de possibilidade, não das condições da objectividade duma natureza, mas das condições da apropriação do nosso desejo de ser; é neste sentido que a lógica do duplo sentido, própria da hermenêutica, pode ser chamada transcendental. Se não se levar o debate a este nível depressa seremos encurralados numa situação insustentável: em vão tentaremos manter o debate num nível puramente semântico e dar lugar às significações equívocas ao lado das significações unívocas, mas a distinção de princípio destas duas espécies de equivocidade, a equivocidade por semântico de sentido (...) (Ricouer, 1976, p. 20).

É por isso que o debate deve ser estendido para evitar e pairar soturnamente sobre interpretações meramente semânticas sem as devidas reflexões. Nesse caso específico, sobre o existir no espaço e da busca pela essência deste espaço, tão requerida e frequentemente discutida na esfera ontológica. Esse esforço não será em vão, pois as matrizes reforçam essa hermenêutica.

Obstinadamente transportamos um intenso desejo e vontade de compreensão das diferenças que possam incidir sobre os fenômenos. A questão é que agora, além de enfrentar as linhas desenvolvidas e radicadas na epistemologia, temos que reconfigurar o código para que de alguma maneira o existir tenha o reforço da contribuição da Teoria das Esferas.

Retomando a ideia da existência e seus incursos, na obra clássica de **Platão**: Obras completas - diálogos polêmicos, temos o diálogo entre Sócrates e Teeteto. Em que Sócrates aduz que “a definição de Protágoras; por outras palavras ele (...). Afirmava que o homem é a medida de todas as coisas, da

existência das que existem e da não existência das que não existem” (Platão, 2013, p. 86).

Sendo o ser humano o responsável pela existência das coisas, aquelas que existem concretamente bem como daquelas que não-existem concretamente, mas que são tidas como uma maneira relativista de se pensar dependendo da percepção humana, haverá que se deparar com as incessantes causas da realidade e de sua fruição.

Partindo desse pressuposto, as realidades da existência em que a subjetividade se fará presente reforçam esse ponto daquilo que está enquadrado na existência por uma subjetividade, como o que para uma outra subjetividade⁹⁴ seja percebida como um inexistente.

Dito de outra maneira, o existir poderá ser de fato existente para tantos quantos se aperceberem dele ou não existirá essa existência pela mesma medida em que o Outro o perceba como existencial, logo:

(...) quando encaro o Outro em minha experiência cotidiana, de modo algum escaro uma realidade numênica, assim como não capto ou encaro minha realidade inteligível quando tomo conhecimento de minhas emoções ou pensamentos empíricos. O Outro é um fenômeno que remete a outros fenômenos: a uma ira-fenômeno que o Outro sente contra mim, uma série de pensamentos que lhe aparecem como fenômenos de seu senso íntimo; o que encaro no outro nada mais é que aquilo que encontro em mim mesmo. Só que esses fenômenos são radicalmente distintos de todos os demais (Sartre, 2011, p. 294).

A existência, significa que as circunstâncias ao se modificarem, promovem a própria percepção da realidade, gerando um relativismo em que não se saberá a partir deste instante, o que existe e aquilo que não existe. Sartre trata dessa questão expondo que “o conhecimento, intermediário entre o ser e o não ser, remete-me ao mesmo ser absoluto se pretendo fazê-lo subjetivo e me remete a mim mesmo quando suponho captar o absoluto” (Sartre, 2011, p. 286).

Uma verdadeira navalha de *Ockham* em que algumas inflações ontológicas ao se apresentarem de maneira desnecessárias possam ser cortadas de antemão, mas que geram reflexões.

⁹⁴ Cf. Como o filósofo Jean-Paul Sartre foi um dos estudiosos que serviram como base para Milton Santos, em relação a um pensamento geográfico ligado a filosofia. Sartre menciona sobre a totalidade e a subjetividade, temas que também são abordados nesta tese, que “Confrontada com tal totalidade, a subjetividade não deixa de ser concebida nos termos da clássica filosofia do sujeito, os termos de uma reflexividade cuja vocação é assumir, também de modo dialético, o ser dessa totalidade” (Sartre, 2015, p. 14).

Nas *Meditações Metafísicas*, Descartes, ao apresentar suas Teses sobre a existência, incorre na seguinte observação:

Agora, quanto ao que concerne às ideias, se são consideradas somente em si mesmas, e se não são relacionadas a alguma outra coisa, elas não podem, para falar propriamente, serem falsas, pois, seja que eu imagine uma cabra ou uma quimera, não é menos verdadeiro que eu imagino tanto uma quanto a outra (Descartes, 2005, p. 99).

A interpretação provisional que se tem é que Descartes, ao distinguir a separação entre ideia e conteúdo da ideia, ou seja, aquilo que é representado por ela [a ideia] revelará a existência de algo ou alguma coisa.

Na sua maneira de pensar, os pensamentos assim como as ideias se tornam verdadeiros à medida que retornam à coisa pensante; ocorrendo a partir daí o juízo sobre uma ideia acrescentada de uma afirmação ou negação, podendo ser verdadeiro ou ser falso e, por isso, a questão que se verticaliza é buscar saber com que direito se daria crédito ao juízo realizado de que porventura existem coisas que estão exteriormente localizadas ante ao eu pensante.

Essa forma de pensar a existência não é uma construção que deva ter um prolongamento na atualidade, pois para muitos o subjetivismo é de certa forma uma situação em que muitos estudiosos defendem que a subjetividade não é uma verdade, isto é:

El error de esta tesis se basa en sugerir que sería lícito entender el supuesto clásico de la identidad de ser y percepción como dependencia absoluta de los objetos de un sujeto pensante. De ahí no queda lejos el absurdo hipnótico del idealismo subjetivo, según el cual, a objetos de los que se aparta ocasionalmente un observador humano les falta también su ser como tal. El error complementario se encuentra en la segunda respuesta, que plantea una preexistencia, objetiva e independiente del conocimiento, de lo descubierto antes del descubrimiento, representándose el ser de la cosa como algo de lo que puede abstraerse fácilmente, sin que su consistencia pierda lo más mínimo, el hecho de ser percibida por una inteligencia. En esta concepción, cercana al ejercicio cotidiano de la ciencia, el objetivismo de una ontología insuficiente celebra éxitos engañosos: según ella, lo existente es siempre terminantemente así y sólo así como subsiste <<en sí mismo>> antes de toda percepción⁹⁵ (...) (Sloterdijk, 2006, p. 169).

⁹⁵ Tradução: O erro desta tese baseia-se a sugestão que seria legítimo entender o pressuposto clássico da identidade do ser e a percepção como dependência absoluta dos objetos de um sujeito pensante. Daí, não está longe o absurdo hipnótico do idealismo subjetivo, segundo a qual, para objetos dos quais um observador ocasionalmente se afasta dos humanos, eles também carecem de seu ser como tal. O erro complementar encontra-se na segunda resposta, que postula uma preexistência, objetiva e independente do conhecimento, do que foi descoberto antes da descoberta, representando o ser da coisa como algo que pode ser facilmente abstraído,

O que se evidencia nessa base é que existência ou existências ocorrem necessariamente com a extrema dependência dos objetos e o ser pensante, como assim defende Sloterdijk.

Assim, o que gira em torno de um idealismo puramente subjetivo que apresenta limitações e insuficiências direcionadas para um caminho centrada em uma postura filosófica especulativa.

Devemos entender o que preenche o subjetivismo, tendo o cuidado para não o sentir como um idealismo, mas como um poder em que o sujeito do pensamento possa usar de sua co-decisão em modos a edificar aquilo que ele poderá dominar.

É observando que a subjetividade levada a maneira correta de entendimento será caracterizada sempre pela permanente capacidade de ação, conforme Sloterdijk (2016, p. 105), “não no sentido de um *raptus* irracional ou de uma exterioridade de tensões pulsionais não resolvidas”. Isto significa que o pensamento autônomo a partir de si próprio intrinsecamente feito por interesses.

Por isso que a subjetividade do sujeito, importa ter um pequeno destaque para a tentativa de interpretação da existência de algo ou de alguma coisa.

Nesse sentido, retornamos e acrescentamos um pouco mais do movimento descartiano, apesar de ter um forte apelo teológico, ao sondar essas contribuições da prova da existencialidade que são necessárias para a constituição de uma contra-prova ontológica no sentido que está sendo percorrido, pois foram essas primeiras indagações e meditações que recaíram para os diversos campos do pensamento no afã de se explicar, entender ou compreender os fatos discutidos sobre a existência do espaço.

Portanto, Descartes cita que:

(...) ainda que de fato eu não possa conceber um Deus sem existência, não mais do que uma montanha sem vale, todavia, como do simples fato de eu conceber uma montanha com vale não se segue que haja alguma montanha no mundo, assim também, embora eu conceba Deus com a existência, parece que por isso não se segue que haja algum Deus que exista; pois meu pensamento não impõe necessidade nenhuma das coisas; e como só depende de mim imaginar um cavalo alado, ainda que não haja nenhum que tenha asas, assim eu talvez

sem perder em nada a sua consistência, o fato ser percebido por uma inteligência. Nesta concepção, próxima ao exercício cotidiano da ciência, o objetivismo de uma ontologia insuficiente celebra sucessos enganosos: segundo ela, o que existe é sempre estritamente assim e somente assim, pois subsiste “em si” antes de toda percepção (Sloterdijk, 2006, p. 169, tradução livre).

pudesse atribuir a existência de Deus, ainda que não houvesse nenhum Deus que existisse (Descartes, 2005, p. 101).

Essa relação teológica apresentada por Descartes não é o critério avaliativo da existência que delibero nesta seção, mas como os seus apartes na Geografia e em muitas outras áreas se tornaram partes integrais motivadoras de diferentes debates, seja por causa do método ou da própria maneira de pensar, o olhar geográfico que está sendo revelado não poderia deixar de trazê-lo para participar deste diálogo.

Partindo do seu pensamento sobre a existência, Descartes impele-me a pensar que a existência está em um além-distante, pois a relação com meu pensamento no conceber de um algo que contenha a presença da existencialidade não é evidencia que esse algo exista.

Nesse jogo de conceber um algo ou alguma coisa, para Descartes concebe que a sua relação de existir e da existência das coisas está relacionada com o vetor sobrenatural, caracterizado pelo firmamento religioso cristão. Essa interpretação sobre a existência de um ponto de vista teológico, agrada a um conjunto muito seleto de pessoas que se utilizam do não-ver para assegurar que mesmo não vendo, exista.

A causa-efeito gerada de uma relação do não-físico para o pensado, imaginado. Na esfera religiosa se distribui apenas para cornucópias que pensam que o existir de fato esteja para além do que é provado na materialidade.

A existência nesse ponto ganha um outro entendimento. O enfoque é geográfico, mas, se nas discussões teóricas adentramos em diferentes territórios que não os nossos [da Geografia] e, assim, abrimos os espaços para diálogos extra-geográficos para responder a qualquer pergunta, a razão de pincelar o fato teológico ocorre devido acreditar que para a Ontologia, todas as variáveis possíveis, são reforços para se estudar o Ser das coisas com maior latência mesmo que para isso em um texto geográfico se faça presente, um enxerto teológico carregado de suas perspectivas teleológicas.

Se partimos de um giro convencional, que vem do berço do pensamento antigo, dialogando inicialmente com Platão e seus representantes mais atuais, como Santo Agostinho não podem estar de fora observando o movimento que vem distante sobre o fenômeno existência.

Na Patrística, na obra *Confissões*, Santo Agostinho desenvolve seu pensamento sobre a existência no **VII livro em Busca da Verdade**. Santo Agostinho faz destaques importantes para as reflexões da sua época e também para a atualidade, sendo sobre a “dificuldade” em tratar sobre a essência, mas que também, nessa busca pela verdade, a existência é uma questão essencial.

Confessa, portanto, Santo Agostinho, a respeito da existência das coisas e das que não existem:

Observando as outras coisas que estão abaixo de ti, compreendi que absolutamente *não existem*, nem totalmente deixam de existir. Por um lado, existem, pois provém de ti; por outro não existem, pois não são aquilo que és. Só existe realmente aquilo que permanece imutável. “Bom para mim é apegar-me com Deus”, porque, se eu não permanecer nele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo. “Ele, imutável em si mesmo, renova todas as coisas. Tu és, o meu Senhor, porque não tens necessidade de meus bens” (Agostinho, Livro VII, § 11, 2006, p. 191).

Santo Agostinho reflete sobre a natureza da existência e a importância de Deus em sua vida. Assim, ele observa a partir de outras coisas abaixo dele e percebe que elas não existem completamente. Isto é, elas existem de alguma forma, mas não são essenciais ou permanentes. Essa lógica leva a concluir, segundo esse pensamento, que só existe realmente aquilo que é imutável, isto é, aquilo que não muda, que permanece em uma condição inalterável.

Parece que esse pensamento é bem complexo, mas para ele, essas coisas não existem de alguma forma. Relativizar entre termos, palavras ou fenômenos, para se compreender o aspecto da existência é o que está sendo também proposto nesta Tese.

Tudo para que sequencialmente se tenha uma resposta sobre a existência do espaço. Adrede, todos os meios de se aproximar dessa compreensão, penso ser profícuo. Já que da mesma forma, a *verdade* é um algo tão necessário para a vida humana.

Esse tipo de procura que ocorre às vezes de maneira incessante possui um nome: a dúvida. Contudo, não é apenas uma dúvida de caráter científico ou uma dúvida dos problemas relacionados ao comportamento existencial ou tampouco religioso. Uma dúvida que como nas palavras de Vilém Flusser (1985) “é um novo”, “moedor de hesitações e das decisões em grãos de areia”. E que sendo esta dúvida é um empreendimento característico de toda a existência que

presenciamos no pós-industrial, necessariamente precisando ser acompanhada mais de perto (Flusser, 1985).

Compreender a existência entra no rol das questões metafísicas de maior destaque. Logo, existem mundos pessoais em que seus frequentadores podem perceber a existência de modo variado.

É o caso da existência para os sujeitos que defendem as matrizes do campo teológico, um outro modo para os matemáticos, assim como também para os estudiosos da fenomenologia.

Este último representando aqueles que partilham os princípios metodológicos desta viagem. Eles estão interessados nos caminhos do conceito de modo implícito, migrando para o explícito, mesmo que não haja um consenso definitivo, mas que em meio às equivalências de sentenças que venham constantemente se aproximar da hermenêutica fenomenológica.

Por isso, a intenção de se aproximar mais ainda a esse ponto agostiniano entre o fato da existência pura e sua existencialidade, a partir de uma força maior [sobrenatural] para que realmente exista na figura de Deus enquanto criador da existência e de tudo que existe, existindo na imutabilidade, e por convenção do pensamento agostiniano, as coisas terrenas, não existentes, devido a sua mutabilidade.

Nota-se, portanto, que essa matriz do pensamento nos faz imaginar que o espaço não existe, isto, por extensão ao argumento exposto antecipado, pois o mesmo é passível de variabilidades temporais.

O fator determinante do axial na matéria é justamente o fluxo temporal que se mostra assimétrico⁹⁶. A cinética impregnada no Espaço, que é capaz de gerar o dado observável, só se faz perceber pela ação do *Chronos* e isto, tanto em relação à matéria rígida quanto ao próprio Ser em suas condições de Ser-no-mundo.

É importante desdobrar o novelo para onde se puder desdobrá-lo nesse labiríntico modo de pensar. É por isso que justamente:

⁹⁶ Cf. Para Lacey, as diferenças entre a linguagem temporal e a espacial, devem ser evidenciadas, em se tratando do assunto em relevo, deve-se atentar para as relações com o tempo e com o espaço. “Os termos de relação “é anterior a” e “é posterior a” indicam relações que valem entre eventos do contínuo apenas. Neste sentido, o contínuo temporal é assimétrico. As relações de anterioridade e posterioridade são suficientes para distinguir umas das outras em direções do contínuo temporal” (Lacey, 1972, p. 23).

(...) essa forma de pensamento (o pensamento geográfico) permite ver que o geográfico não se reduz ao espaço, pois este enquanto reflexão sobre a existência invoca as outras categorias do existir, como o tempo, o movimento e, sobretudo, a *relação* (Martins, 2014, p. 41).

O destaque que Milton Santos faz é enquanto a reflexão sobre a existência que por extensão, ela invoca outras categorias do existir, como o tempo, o movimento e, sobretudo, a relação. Desta forma, para se entender verdadeiramente o espaço à maneira miltoniana é importante considerar como ele está relacionado com outras dimensões da existência, como a temporalidade e a dinâmica dos processos sociais, econômicos e culturais que ocorrem nele e através dele.

Esse pensamento deve ser compreendido como uma forma de análise que leva em conta não apenas o espaço físico, mas também as relações sociais e culturais que nele ocorrem. Essa abordagem leva à compreensão de como as diferentes sociedades e culturas se relacionam com o espaço e como esse relacionamento influencia sua história, sua economia e sua cultura.

Assim, por exemplo, em Milton Santos a existência do espaço de certa maneira, é percebida pela sua revelação, aquilo que ele vai chamar de “rugosidades” devido a fenomenalidade do ser humano desterrada no espaço e manifestada “o fenômeno ser humano é dinâmico, e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado” (Santos, 2014, p. 42).

Por isso, a metamorfose que ocorre no espaço é parte da sua própria existência. Nesse caso, se tratando do elemento geográfico, mutável. Suas marcas ônticas podem conduzir a respostas ontológicas. Pois, caso contrário, como poderíamos classificar o não-imutável, levando em consideração a necessidade de se compreender a existência das coisas e do espaço? Observando que ele mesmo [*o espaço*] está impregnado de mutações⁹⁷.

⁹⁷ Cf. Milton Santos pondera que “o espaço construído que daí resulta é variado. Formas de idades diferentes com finalidades e funções múltiplas são organizadas e dispostas de múltiplas maneiras. Cada movimento da sociedade lhe atribui um novo papel” (Santos, 2012, p. 60). Mesmo sustentando uma visão utilitarista para o espaço, percebo que a sua representação dos elementos múltiplos que estão contidos no espaço, indicam existências temporais, que criam o espaço palimpsesto, com suas sobreposições, no passado, a partir do presente, visando alcançar o futuro. O espaço existe nessa multiplicidade, transformando-se, pela própria transformação do ser-humano.

Avançar para que sejam evocadas as possíveis respostas, é aquilo que deve ocorrer, para que não tenhamos apenas uma via de análise, mas todas as possibilidades reais e se possíveis irreais. Na Geografia, estamos acostumados apenas com o real-concreto ou com o localizável.

Será que não está mais do que na hora de se mudar essa maneira de se compreender o espaço? Justamente porque essa mesma concretude do espaço tem em si outros sentidos, assim como o localizável que podem ter outras interpretações.

Retomando mais um pouco sobre a existência e para garantir que a trilha desenvolvida siga o rumo certo, vejamos o que Peter Sloterdijk endossa sobre o assunto:

Enquanto isso, foi justamente a modernidade existencialista que aprendeu por que, para os homens, é menos importante saber *quem* eles são do que *onde* estão. Enquanto a banalidade sitia a inteligência, os homens não se interessam pelo seu lugar [*amplo para lugar-espaço*], que parece estar dado, mas dirigem sua imaginação para os fogo-fátuos que pairam à sua frente como nomes, identidades e negócios. O que os filósofos recentes denominaram o esquecimento do Ser mostra-se, antes de tudo, como uma teimosa ignorância quanto ao lugar atemorizador da Existência. O plano popular de esquecer-se de si mesmo e do Ser opera por meio de um zombeteiro descaso pela situação ontológica (Sloterdijk, 2016, p. 28, *grifo do autor*).

Essa reflexão sloterdijkiana, destaca três pontos que resgatam, de certa monta, a problemática que envolve o Ser e sua existência, nesse caso não apenas para o Ser-aí, mas também para o Ser do espaço. Podemos destacar que em lugar de *saber quem somos*, como uma primeira premissa voluntária da Ontologia, *o saber onde estamos pode mudar a frequência*.

Não apenas como uma segunda premissa, pois é empolgante pensarmos que por trás de uma simples pergunta existem muitas complexidades para suas respostas. Por fim, como uma terceira premissa o descaso que a Ontologia leva, pois, esquecer o Ser é olvidar ao mesmo tempo a espacialidade do Ser e sua existência, esquecer a possibilidade de pensar sob uma abóboda Ontotopológica.

Como esta Tese se relaciona diretamente com a trilogia das Esferas de Sloterdijk, um pensamento pujante que nos permite que seja discutido na Geografia conceitos que antes eram absorvidos somente pela Filosofia, mas que agora, ao sair da zona de conforto, a Geografia vai além, e sobretudo, porque a

‘ciência do espaço’ busca incessantemente compreender, de maneira cabal, a produção primitiva do espaço.

Contudo, o espaço existencial, a existência amparada pelo *onde estamos*, e não no interesse de quem somos ou para onde vamos? Mas, criar pontes que levem ao entendimento do lugar e até mesmo de nós mesmos, em um segundo plano, pois, o ‘Eu’ e o ‘Outro’ que são as verdadeiras raízes do espaço.

A existência do espaço, em termos do concreto-material, só é possível mediante a soma dos esforços diádicos, da constituição de esferas que comportem essa díada, da formação de sistemas que a imunizem e de todas as configurações de forma, conteúdo, extensão e duração relativa que são chaves desse processo.

Ao iniciar o primeiro capítulo desta Tese, em um momento da abertura, apresentamos a condição dada por Peter Sloterdijk em relação ao *estarmos-no-mundo*, e que esta ação, ocorre similarmente para a existência, como um *Estar-em-esferas*.

Não devemos obliterar de maneira nenhuma que a condição da existência está de fato relacionada com o tempo e no *onde estamos no mundo*, compreendidos sob outra perspectiva.

A existência do espaço, assim como a existência do próprio *Dasein* heideggeriano, só é possível mediante esse entendimento. Friedrich Nietzsche⁹⁸, enquanto um existencialista em suas “Considerações intempestivas”, afirma que tudo é um processo e que ao seguirmos esse caminho nos deparamos com reflexos daquilo que se encontra atrás [no passado], para que o presente compreendido possa garantir um almejar pelo futuro pelo Ser-aí. Retornaremos a esse ponto mais à frente quando tratarmos da coexistência.

Uma das relações com o conceito de existência, pode ser trazida pela leitura sartreana na obra “**A imaginação**”. Nas suas primeiras incursões, Sartre recria uma espécie de exercício do olhar e, nesse caso, olhar uma folha em

⁹⁸ Cf. Para Friedrich Nietzsche: “Estes homens históricos acreditam que o sentido da existência se iluminará no decorrer de um processo. Assim, apenas por isto, eles só olham para trás a fim de, em meio à consideração do processo até aqui, compreender o presente e aprender a desejar o futuro impetuosamente; eles não sabem o quão historicamente eles pensam e agem apesar de toda a sua história, e como mesmo a sua ocupação com a história não se encontra a serviço do conhecimento puro, mas sim da vida” (Nietzsche, 2014, p. 11).

branco e na sua percepção, as descrições são realizadas quase que semiologicamente.

Mas, o que me chama atenção é o fato de que o papel branco e as características visíveis, segundo Sartre, são a própria constatação da coisa, isso por si, já seria o existir? Nesse mesmo momento, Sartre considera que a espontaneidade, falta à coisa papel.

Pensando assim, se falta a espontaneidade característica das relações entre o Ser e o mundo, essa mesma configuração se daria com o espaço? O espaço enquanto uma folha de papel? Inerte, somente existindo em si.

O espaço é parte da minha espontaneidade para que se pense as relações? Ou ele é apenas uma coisa que não Existe de fato? Logo, “Existir (...) é ter consciência de sua [própria] existência” (Sartre, 2008, p. 07).

Parece que se abre uma outra linha de observação em que a produção do espaço primitivo deve mergulhar. Mesmo que este ponto seja mais abstrato, do que aquilo que a Geografia ao incorrer no processo de desvelamento da existência e da essência do espaço tem usualmente realizado.

Contudo, isso não significa que há uma incorrência no erro ou mesmo que estejam ultrapassados, e até mesmo visto como descarte para a banalidade.

Penso que no percurso ontologicamente dado ocorra o surgimento de questões de todas as naturezas e esses diferentes enfoques contribuem para um olhar que não seja apenas aquilo parametrizado como ideal.

Neste sentido, o filósofo Frantz Fanon comenta que: “o observador atento dá conta da existência de uma espécie de descontentamento larvar, como essas brasas que, depois da extinção do fogo, ameaçam sempre atear-se novamente” (Fanon, 1961, p. 73).

Se existe finalidade, então, nesse aspecto espero que as brasas deixadas possam aquiescer outros, para que novos aportes teóricos e ontológicos sejam evidenciados sobre a Ontologia do Espaço.

Portanto, acredito ser fundamental acrescentar mais na discussão sobre essência, pois ao longo dos tempos percebo que muitos defenderam seus pontos de vistas e há seguramente um olhar na teoria das esferas que atrela-se ao debate geográfico.

4.2 A Essência do Espaço: o que apontam seus defensores e de qual essência a teoria das esferas apresenta?

Essa parte da Tese tem início com uma importante declaração de Milton Santos, pois para ele “melhor, talvez, é opor e confrontar essência e existência, pois isso nos obriga a refazer o caminho que leva a essência à existência e no qual encontramos as coisas em movimentos” (Santos, 2006, p. 82).

Na deriva de instituir ontologias sobre os conceitos que permeiam o pensamento geográfico e em especial seu fenômeno de estudo principal, tratar sobre a essência é *ipsis litteris*, uma parte cabal, pois sem ela não se tem o olhar para a existência. Sobretudo, por esses dois fenômenos estarem muito próximos um do outro, e em muitas vezes, são até mesmo explicados como um contendo o outro. A essência, nessa parte da Tese, orienta para uma possível compreensão sobre a essência do ente espaço.

Inicialmente o termo essência tem sua gênese, podemos assim dizer, nas observações aristotélicas, pois, é de modo geral, que para ele a essência é entendida como:

(...) um conjunto de propriedades organizadas de modo a constituir a determinação necessária de um ente e aquilo que ele é. Dito de modo mais simples, a essência é o conjunto de propriedades que nos permite definir um ente e dizer aquilo que ele é (Oliveira, 2018, p. 03).

Começar pela Filosofia é salutar, pois, se considera o berço dos demais campos do pensamento e das ciências. Seus questionamentos levaram, e ainda nos levam, a indagações como as relacionadas a essência das coisas e a essência dos entes. Uma discussão tão ultrapassada, diriam, quanto atualizadíssima, para os tempos em que vivemos.

Ao que me parece estamos em tempos em que a necessidade de aterrar-se virou necessidade; tempos em que a sociedade, o Ser-aí, não se reconhecem, seja o seu *conatus*, sua essência, sua substância, potência, sejam os termos atribuídos, praticamente todos perdidos, flutuando em meio a uma sociedade que produz êxtases muito diferentes daqueles em que os tempos não eram regidos pela grande mídia, pela era da Tecnologia Moderna.

Desta forma, reativo essa necessidade de deslocar e descolar, ao mesmo tempo do onde estamos por um instante, para que consigamos, nos aterrar naquilo que poderá dentro das nossas possibilidades gerar diálogos

sugestivos para os que fazem Geografia, aqueles que já incorporaram a Geografia em si.

Dos grandes filósofos que introduziram o debate sobre a essência nas imensas dúvidas da humanidade, sem sombra de dúvidas, Aristóteles é um desses nomes de grande importância. No seu livro **Organon**, ele expressa da seguinte maneira:

O necessariamente essencial e necessariamente crível não é, nem uma hipótese, nem um postulado, porque a demonstração, e ainda mais o silogismo, não visa o discurso exterior, mas sim o discurso interior da *psiqué*. Podemos encontrar sempre objeções ao discurso exterior, mas nem sempre as encontrar ao discurso interior (Aristóteles, *Organon* IV, Livro I, p. 350).

Desta forma, podemos destacar que Aristóteles argumenta que, ao contrário do discurso exterior que pode ser facilmente contestado por um opositor e suas objeções, o discurso interior da *psique* é muito mais poderoso e difícil de ser contestado. Logo, se baseiam em premissas que são inerentes ao pensamento humano individual e subjetivos.

Sendo assim, um argumento sobre a essência que se torna necessariamente essencial e crível não é simplesmente dado a partir de uma arbitrária afirmação, mas como algo que pode ser demonstrado e aceito através da forma racional e lógica, segundo expõe o filósofo.

Segundo o filósofo Aristóteles, a essência é a forma substancial de um ente. Ou seja, é aquilo que o torna o que ele é. É justamente essa forma substancial que, segundo ele, se constitui a partir de um conjunto de propriedades necessárias capazes de gerar a definição do ente em questão.

Por exemplo, a essência do ser humano é a sua capacidade neurológica de raciocinar, assim como a sua capacidade de fala, a linguagem, a sua sociabilidade entre muitas outras características que são essenciais para definir o que ser humano é.

Nesse sentido, a essência é uma noção central da filosofia aristotélica para entender a natureza dos entes e como eles podem ser definidos e compreendidos. Para Aristóteles, cada ente possui uma única essência, pois ela é a forma substancial desse ente, aquilo que o torna o que ele é. E essa forma substancial é única e indivisível, constituída pelo conjunto de propriedades essenciais que se tornam necessárias para definir esse ente. Contudo, outros filósofos irão analisar de uma outra maneira.

Em uma passagem que nos chama atenção do filósofo alemão Ludwig Feuerbach, ao apresentar uma extensa análise sobre a essência do homem, ainda pontua:

O homem *nada é sem objecto*. Homens grandes, exemplares — esses homens que nos revelam a essência do homem— confirmaram este princípio com a sua vida. Tinham *uma única* paixão fundamental dominante: a realização daquele fim que era objecto essencial da sua actividade. Mas o objecto ao qual um sujeito de refere essencial e *necessariamente* não é senão a essência própria, mas *objectiva*, desse sujeito. Se esse objecto é comum a vários indivíduos, iguais no género, mas diferentes na espécie, então ele constitui, pelo menos *enquanto* é objecto desses indivíduos segundo a sua diversidade, a sua essência própria, mas *objectiva* (Feuerbach, 2018, p. 13, *grifo do autor, (sic)*).

Para Feuerbach ao desenvolver parte do seu pensamento apontando para o ser humano, considera que o homem só pode ser compreendido em relação a algum objeto externo - o objeto geográfico, por exemplo - ou seja o homem, segundo ele, é definido por aquilo que ele se dedica, por seus objetivos e paixões.

Nessa mesma compreensão, Feuerbach, afirma que os homens que revelam a essência de si são aqueles que possuem uma paixão fundamental pela realização de um objetivo essencial em sua atividade. Isso significa que o objeto de sua paixão é a essência própria, mas objetiva do sujeito.

Contudo, ressaltamos que o filósofo acrescenta que se o objeto ao qual o sujeito se refere é comum a vários indivíduos, então ele constitui a essência própria, mas objetiva, desses indivíduos que contudo se manifesta de maneira diferente em cada um deles. Por fim, a importância do objeto externo na definição do homem.

Desta maneira, reinterpretando a colocação de Feuerbach, não em relação direta ou indireta ao aspecto religioso-teológico, mas para um encaixe geográfico, já que ele não ignora o homem na perspectiva geográfica que o objeto citado, pode ser o espaço geográfico que é responsável por instituir a identidade e existência desse Ser que precisa desse objeto.

É por isso que o fenômeno geográfico é o espaço, além de ser parte indivisível de sua essência, pois é moldado por ele e na investigação ontológica desta essência do espaço. As essências que são do ser humano refletem na idealização e existência, bem como na essência do espaço.

Sendo geográfico, não há como nesse deslocamento e descolamento, me distanciar para muito longe de Martin Heidegger ou mesmo me distanciar por completo da sua forma de pensar a existência, a essência, o *Dasein*, a Ontologia e a própria Fenomenologia.

Precisamos seja para concordar ou criticar esse autor muito requisitado para discutir essas categorias na contemporaneidade, sem termos que dar um passo muito lá atrás. Contudo, ficar em estado de alerta é importante e os seus críticos nos darão o sinal de quando Heidegger se equivoca na sua absurdez filosófica.

Para Martin Heidegger, em sua seleta obra: *Sein und Zeit* [*Ser e tempo*], antes de estabelecer ou de expor a essência, é importante que tenha-se em mente que se deva examinar o ente e, como início, nós mesmos. Agora que faço um deslocamento para o espaço, tento aqui dar um giro para quem sabe, se reflita em um outro ente que o ente privilegiado [*Dasein*] tem contato direto.

Óbvio que tomando as precauções devidas na própria analítica existencial, na Ontologia fundamental que tem sido resgatada seus estudos para a Geografia, como já mencionado por Reis (2009, 2012). Sobre a essência, a fim de gerar uma compreensão introdutória, o filósofo pondera que:

A “essência” desse ente [*Dasein*] reside em ser *ter-de-ser*. O ser-que (*essentia*) desse ente, na medida em que em geral disso se pode falar, deve ser concebida a partir do seu ser (*existentia*). Nisso está precisamente a tarefa ontológica de mostrar que, ao escolhermos para o ser desse ente a designação de existência, o termo não tem e não pode ter a significação ontológica do tradicional termo *existentia*, o qual, segundo a tradição, significa ontologicamente, tanto como subsistência, um modo-de-ser que não convém essencialmente ao ente que tem o caráter de *Dasein*. Para evitar a confusão, empregamos sempre para o termo *existentia* a expressão interpretativa *subsistência* e existência como determinação-de-ser unicamente para o *Dasein* (Heidegger, 2012, p. 139, *grifo do autor*).

O Ser-aí de Heidegger, reside em seu ter-de-ser. Isso significa que o ser humano, conforme aponta o filósofo, sempre tem que ser algo, ter uma possibilidade e ainda estar sempre em um estado de potencialidade. Isso implica que a existência humana é marcada por uma constante tensão entre o que se é e o que pode vir a ser.

Nessa questão da relação entre a existência e a essência do *Dasein*, Heidegger (2012) considera que o Ser desse ente que é o ser humano não pode ser compreendido como *existentia*, no sentido tradicional do termo. Dito de outra

forma, a *existentia* é uma forma de ser que não é essencial para o *Dasein*, isto é, não é uma característica fundamental ou inerente ao ser humano.

Para que esse possível conflito perdure, Heidegger usa a expressão “subsistência” para fazer referência a *existentia* e usa o termo “existência” para se referir a determinação-de-ser que é única para *Dasein*.

A ideia que permeia o campo dessas discussões é o de transpor esse pensamento para um lugar que supostamente não caberia em sua totalidade este mesmo olhar, mas, que pode ir se derivando deste. Isto é, para não incorrer em equívocos de uma significação ontológica.

Indo direto ao assunto, o espaço, enquanto ente, tem convencionalmente uma essência⁹⁹, um Ser - aqui começamos a fazer o desvio direto do *Dasein* -, revelado não como uma subsistência, mesmo que embora na analítica de Heidegger isso só possa ocorrer em direcionamento ao ser privilegiado, que é o *Dasein*, como uma determinação-de-ser e não como um modo-de-ser.

O espaço, na revelação da sua *essentia*, traduzir-se-ia, conquanto, a um modo que se revela ou a uma determinação pré-condicionada? Parece que o portador dessas duas condições [modo e determinação] geram diferenças colossais na interpretação. Mais à frente do olhar heideggeriano sobre a analítica do *Dasein*, pausando por um micronesíssimo de segundo o tempo interpretativo, Heidegger, retoma a explicação de quem é o *Dasein*, sendo este um “ente que não exprime o seu que, mas o seu ser” (Heidegger, 2012).

Uma maneira de marcar diferenças entre o *Dasein* e o espaço extensivo, real, concreto como percebido pela Geografia gera uma tentativa de destituição de uma forma de pensamento que às vezes gera interpretações que ofuscam a própria Ontologia. Por isso, me sirvo do diálogo com as obras de Sloterdijk para tenta realizar mais a sondagem ontológica que pode esclarecer um pouco mais sobre as questões do *Dasein* e do espaço.

Retomando Heidegger (2012), o *Dasein* não pode ser construído de uma forma que se ligue a ideia concreta de existência possível, nem mesmo pode ser

⁹⁹ O espaço ou qualquer outra coisa, seria mesmo passivo de uma única essência? Apenas uma essência bastaria para caracterizar o Ser de algo? Se em algum momento da Filosofia, a essência foi estudada como substância e as vezes até mesmo como predicções sobre o algo, pensar de maneira unitária, quanto a isso, pode ser um equívoco. Então, posso pensar que existem muitas essências que dão sentido ao Ser.

interpretado pela maneira que em um determinado modo de existir manifeste-se diferente, mas descoberto no seu próprio ser indiferenciado naquele instante e quantas mais acontecerem.

A diferença marcada pela cotidianidade leva o *Dasein* a ser pensado como um ser que possui caráter fenomênico devido indiferenciação a cotidianidade. Um certo cuidado quando se trata das construções heideggerianas, como ele mesmo menciona: “Não é, pois, um capricho terminológico que nos leva a evitar esses termos da mesma maneira que as expressões “vida” e “homem” para designar o ente que nós mesmos somos” (Heidegger, 2012, p. 151).

Essa substituição efetuada por Heidegger não facilitou muito a investigação pelo Ser, mas marcou firmemente a Filosofia, em que temos criteriosamente que entender a Filosofia antes de Heidegger e pós Martin Heidegger. Isto se deve ao fato que o seu pensamento tem como núcleo a superação da tradição filosófica do Ocidente através da pergunta pelo sentido do ser.

Nessa direção, Heidegger pretende estabelecer uma possibilidade de afirmar que “o único ente diverso dentre os outros existentes, o *Dasein* (ser-aí), seria o único capaz de compreender o ente diverso dele” (Roberto, 2009, p. 01, *grifo meu*).

Assim, há de se observar que na visão de Heidegger os demais entes que nos circundam, que estão no aí ou são estes próprios o aí, não teriam como se compreender e, devido isso, o único então a existir seria o *Dasein*, pois é este que consegue compreender os demais entes. O espaço estará nessa mesma situação, entre a sua existencialidade ou não.

Mesmo sabendo da força teórica e metodológica que Martin Heidegger representa, não é do nosso maior interesse deixá-lo em um monólogo, apresentando a busca pelo sentido de Ser e a essência do Ser. Entretanto, ainda serão necessários seus estudos no decorrer deste trabalho. Neste sentido, Heidegger mostra um caminho a ser percorrido:

A essência do mundo, pelo caminho que aqui temos que percorrer, apenas se deixa notificar-se. Mesmo este notificar limita-se à defesa relativamente àquilo que, por agora, poderia perturbar o olhar da essência (Heidegger, 2002, p. 42).

Para Heidegger, a essência do mundo é algo que só pode ser percebido, segundo ele, de forma limitada. Desta forma, ele [Heidegger] considera que ao longo do caminho que percorremos na vida, iremos notar a presença da essência do mundo, mas que essa nossa percepção é, de sobremodo, limitada e defensiva, pois serve para nos proteger daquilo que poderia perturbar nosso entendimento atual.

Sua consideração a “essência do mundo” se refere a algo fundamental que dá significado e sentido à existência. No entanto, Heidegger acredita que à compreensão da essência do mundo não pode ser alcançada através do conhecimento convencional ou da forma lógica formal. Em vez disso, ele acredita que devemos nos concentrar na experiência direta do mundo e na própria existência como seres-no-mundo.

Na questão direcionada ao geográfico e a essência do espaço, quando observamos que o *Dasein*, dentro das suas possibilidades e aberturas, se auto-demonstra o único ser dotado de existência, ainda sim, a pergunta pela sua essência não se preenche por completo.

Existindo o Ser-aí nos seus modos-de-ser, o espaço necessita que esse Ser se defronte com a sua essência [do espaço] e absorva de si para que compreenda o seu sentido de Ser-no-espaço e Ser-o-espaço.

Na Geografia, temos algumas pistas sobre a essência do espaço quando as primeiras apresentações sobre o que significava o espaço, tiveram início. Muitos geógrafos não aceitaram unicamente uma visão reducionista de que o espaço teria como traço designado a pura noção extensividade. Esse modo de ver o espaço vai para um pouco mais à frente, e o caso do geógrafo Tricart¹⁰⁰, que entendia o espaço como um ponto de interação em que está contido nesse meio, conteúdo e essência da forma real (Moreira, 2010).

¹⁰⁰ Cf. Jean Tricart, foi um dos geógrafos conhecido da velha escola da Geografia que estudou a relação homem-meio. A presença do homem para Tricart foi fundamental. Em sua época era nítido, um geógrafo iniciar a carreira como geógrafo humano e mais tarde finalizá-la com geógrafo físico. Considerado também como um geógrafo urbano, foi muito utilizado na geografia brasileira seja por Aziz Ab'Saber ou por Milton Santos, considerado pelos dois geógrafos brasileiros como seu mestre. Introdutor do pensamento dialético na Geografia Física, teve o cuidado em olhar a paisagem através dos olhos da interação. Realizou a fusão entre os campos da Geomorfologia, Edafologia, Geografia Agrária, Agronomia, uma espécie de História Agrária (Moreira, 2003).

Para Milton Santos, ao estudar com mais afinco a essência do espaço, sua contribuição é de extrema importância para visualizarmos uma possível compreensão do que seria a essência do espaço, mas, ressalto que não significa em hipótese alguma que o que ele escreveu e definiu como a essência do espaço seja realmente uma verdade indissolúvel.

Entretanto, não há como descartar seus preciosos estudos teóricos. Logo, sabemos que seus estudos são clássicos e com eles [os clássicos] aprendemos essas lições para o entendimento geográfico, possibilitando, obtermos o entendimento necessário para o próprio movimentar-se geográfico constituído.

Milton Santos reflete sobre o objeto de estudo [o espaço] e explica a partir de um outro filósofo português, Vasco de Magalhães-Vilhena¹⁰¹, que reflete sobre a essência e a existência do objeto. Refaz essa análise, constituindo os fatos de que se tem essência porque possui uma determinada natureza que acaba por se diferenciar de outros objetos.

Por isso, me coloco a pensar e falar, que uma coisa é diferente de outra coisa (Santos, 2006). Nesse sentido, para o espaço que é o objeto [fenômeno] da Geografia, na visão de Milton Santos, essa essência pode ser “o todo de essências” (Santos, 2006, p. 79).

Deveria para reforçar o que se busca, em relação ao “Ser” de algo, de alguma coisa, mas que nesse caso se discute o espaço, pois é a partir desse soerguimento ontológico que seguiremos as trilhas, e por isso, como dito, poderia ter tentado esclarecer, de certo modo, aquilo que também se deseja nessas premissas da Fenomenologia esferológica.

Para tanto, convém destacar um importante apontamento em que o filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel faz ao levantar, a partir da Doutrina da Essência, em que:

O ser é imediato. Na medida em que o saber quer conhecer o verdadeiro, o que o ser é *em si* e *para si*, ele não se detém no imediato e em suas determinações, mas o penetra com a pressuposição de que *atrás* desse ser ainda está algo diferente do próprio ser, de que esse

¹⁰¹ Vasco de Magalhães-Vilhena, foi um filósofo marxista português, nasceu no ano de 1916 e morreu no ano de 1993. Iniciou a sua carreira académica em Coimbra, participando ativamente de uma das revistas portuguesas entre os anos de 1942-45. Devido ao fascismo português e as pressões do mesmo, teve que se exilar na França durante um período de 30 anos para ser exato. Sua imensa contribuição filosófica foi amplamente utilizada pelo geógrafo Milton Santos (Antunes, 2016).

pano de fundo constitui a verdade do ser. Esse conhecimento é um saber mediado, pois ele não se encontra imediatamente junto e dentro da essência, mas começa a partir de um outro, a partir do ser, e tem de fazer um caminho prévio, o caminho de ir além do ser ou, antes, de entrar o mesmo. Somente enquanto o saber se *interioriza* a partir do ser imediato, encontra, através dessa mediação, a essência. A língua [alemã] conservou a essência (*Wesen*) o tempo passado, “*gewesen*”, do verbo ser (*sein*), pois a essência é o ser que passou, mas passou atemporalmente (Hegel, 2017 p. 31, *grifo do autor*).

O Ser é imediato na percepção de Hegel, isto é, algo que é experimentado diretamente, sem mediação ou interpretação. No entanto, ele considera que quando o conhecimento tenta compreender o ser, ele não pode simplesmente aceitá-lo como é. Em vez disso, o conhecimento deve supor que há algo mais profundo, uma “verdade do ser”, que encontra-se oculta por detrás de sua aparência imediata.

Por isso, para Hegel o conhecimento não pode ser alcançado de forma imediata: ele requer mediação. Deve passar por um processo de ir além do Ser, ou entrar nele, para alcançar sua essência. Essa essência é o Ser que passou, mas que ainda é atemporal, isto é, continua existindo independente do tempo.

Mesmo diante de uma longa citação, o que mais interessa é que dentro dessa manifestação filosófica, podemos ter muitos achados sobre qual o significado da essência ou também ter apenas um caminho.

O que me chama atenção é considerar que, em uma primeira observação, o “Ser” é imediato. Como proposto, assim que desejamos buscar a verdade, conhecer o verdadeiro, aquilo que o Ser carrega consigo, seu *em si* e seu *para si*, levando a pensar que para que se conheça, ainda exista algo a mais atrás do Ser que não tomamos conhecimento e é justamente lá que se poderá encontrar a essência do Ser.

Ir além do Ser é outra questão que nos conclama minha atenção, pois como acionar o modo ‘*transcendência para além do Ser*’? Se existe um meio, talvez encontraremos. Porém, nesse caminho as indagações que permeiam as mentes que se debruçam sobre esse interesse comum ainda não foi possível desvendar o caminho total: ir do seu início e chegar ao fim, mostrando que há apenas um meio de se chegar à essência do Ser. Entretanto, como bem colocado, o *saber interiorizado*, o *ser imediato*, gera a partir dessa mediação o encontro com a sua essência e, assim, reencontra com a essência de um Ser que passou atemporalmente, conforme menciona Hegel.

Indubitavelmente, tudo recai sobre a temporalidade dos fatos e dos fenômenos para que nesse movimento epocal [usado com frequência por Peter Sloterdijk], nos leve então ter definitivamente o encontro com o Ser que buscamos. Sabe-se que apenas através da Fenomenologia isso é possível, esse reencontrar-se com o que está lá atrás só se dará na condição de mergulho ontológico, pois ainda pode ser confundido na busca pela essência do Ser com a aparência do Ser.

O que pode gerar equívocos graves e às vezes deletérios. Essa, *per se*, é uma jornada complexa e temporal que requer acima de tudo análises mais profundas dos fenômenos e uma compreensão muito cuidadosa de contextos históricos e culturais em que ocorrem esses eventos que se relacionam com o Ser.

O movimento em que o Ser está envolvido e que nos envolve nos faz aceitar que sua essência é, “dentro do todo, aquilo que a quantidade era dentro da *esfera* do ser” (Hegel, 2017, p. 33), isto é, “a absoluta indiferença frente ao limite” (Hegel, 2017, p. 33).

Para a essência do Ser não existem limites determinantes: é um Ser para si infinito, buscando tornar-se aquilo que se é em si. Logo, para Hegel, a essência do Ser apresenta três manifestações diretas, em primeiro lugar, a essência é reflexão; em segundo lugar a essência, precisa considerar essas reflexões, que são as suas essencialidades; por último, ela torna-se um fundamento que passa para a existência e para o aparecimento (Hegel, 2017).

Tais efeitos diretamente relacionados à essência, percebidos na maneira de Hegel refletir sobre o assunto, me leva a considerar que o Ser em si e o Ser para si, que é a própria essência, constituem o Ser-aí: tornam o que é.

O Ser-aí, é igual ao seu Ser-em-si: um conceito que ele destaca, como um conceito absolutamente em e para si no seu Ser-aí. Não há como negar a necessidade de compreender essas características do Ser e da essência. Por isso, no próprio Hegel, já existe um movimento esferológico de incidir sobre o debate. Segundo ele, o que nasce dentro da esfera do Ser é aquilo que está dentro da essência:

Dentro da esfera do ser, defronte ao ser como imediato, nasce o não ser igualmente imediato, e a verdade deles é o devir. Dentro da esfera da essência, confrontam-se primeiramente a essência e o inessencial,

logo depois, a essência e a aparência— o inessencial e a aparência como restos do ser (Hegel, 2012, p. 42).

Na observação de Hegel, na esfera do Ser, o não ser é imediato e ao mesmo tempo inseparável do ser, a verdade que os ampara é o devir, ou seja, a mudança que ocorre constantemente.

A essência, para ele, é vista como a verdadeira natureza das coisas, enquanto o inessencial e a aparência são considerados “restos do Ser”. Isto é, os elementos que persistem mesmo após as mudanças constantes.

A essência é mais duradoura e fundamental do que a aparência, que pode ser enganosa. Por isso, para Hegel, há mudanças constantes que alcançam tanto o ser quanto a essência, inessência e a aparência e que, além disso, há também uma complexidade entre estes.

Neste sentido ontológico, o devir que se mobiliza dentro da essência, o seu movimento que é a reflexão, o movimento do nada para o nada, através do retorno a si mesmo, o Ser como parte desse movimento do nada para nada, se revelam aí como essência, sendo que ela [a essência] não possui esse movimentar-se dentro de si.

O movimentar-se do nada para o nada, conforme aponta o filósofo, determina ulteriormente a si mesma [a essência], pois significa que a essência, garante por si a reflexão ponente que tem como início um imediato pressuposto, uma reflexão exterior que segue uma supraassunção de uma pressuposição que, ao mesmo tempo, se transforma em uma reflexão pressuponente, isto é, uma reflexão determinante (Hegel, 2017).

Uma parada para que possamos recuperar o fôlego e continuarmos. O que fazemos sempre que nos deparamos com essas reflexões? Certamente, são as mesmas condutas impercebidas por nós em relação a algo dado aprioristicamente pela externalidade visível do fenomênico em sua reveladora aparência constituinte da representação do que se diz realidade.

Para que isso aconteça no devir, façamos um retorno novamente em Hegel, pois, segundo ele “a reflexão é, portanto, o movimento que, na medida em que é retorno, somente nisso é aquilo que inicia que retorna” (Hegel, 2012, p. 44).

Parece ser fundamental que se parta para a reflexão sobre algo a partir de *um retorno de um* e, nesse movimento, a reflexão entrará em contato consigo

mesma no dentro de si. Isto é, “a reflexão dentro de si é essencialmente o pressupor daquilo a partir do qual ela é o retorno” (Hegel, 2017, p. 45). O que acontece na própria investigação ontológica é assegurar que se reflita diante daquilo ou sobre aquilo.

Nesse caso, por diante daquilo, refiro-me como as aparências representadas e o sobre aquilo como sua constituição. Assim, acredito que podemos ensaiar parte de uma congruência ôntica-ontológica que me será reveladora em decorrência do esforço reflexivo. Sem isso, não há meios para se alcançar a compreensão.

Ainda nessa observação, Hegel (2017, p. 45) nos afirma da seguinte maneira “a reflexão, portanto, encontra diante dela um imediato, além do qual ela vai e a partir do qual ela é o retorno. Mas, esse retorno é somente o pressupor do que foi encontrado”.

O imediato são todos os elementos observados e que para a ciência servem como objetos para estudos que classificamos em sua grande parte como os fenômenos dos quais somos partes integrais.

Esse imediato levará à reflexão desde o início, ao gerar um retorno, pressupondo que o ‘sobre aquilo e o diante daquilo’ tenha sido realmente encontrado. Assim, “na esfera do ser, o finito vale como primeiro, como o real, dele se inicia como daquilo que subjaz e continua a subjazer, e o infinito é a reflexão dentro de si que se contrapõe a ele” (Hegel, 2017, p. 47).

No momento em que a essência vem a aparecer, desenvolve-se uma essencialidade que teve progresso na imediatidade e que assume a própria existência, existente de algo ou de alguma coisa, posta diante do outro, um mundo do aparecimento que é um contraposto do mundo refletido dentro de si, ou seja, o mundo que é em si como é colocado por Hegel (2017).

Na Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk, a questão da essência é vista da seguinte maneira: no livro *Esferas I- Bolhas- Microesferologia*, o termo essência tem destaque principalmente quando é tratado inicialmente pelo sopro divino na construção do vaso adâmico [o homem]. No momento em que Sloterdijk refaz o caminho que relaciona a intimidade ontológica e a constituição das microesferologia, seu ponto de partida é justamente a metafísica teológica, mas a essência percebida por Sloterdijk não é meramente a essência em si, mas

o que ele chama de quinta-essência, isto é, o próprio sopro divino na argila [barro na linguagem religiosa] que faz nascer o ser humano.

Peter Sloterdijk se esforça para descrever para nossos tempos pós-metafísicos essa expressão da criação humana através de um único sopro:

Aqui o inspirador, o senhor da criação, apresenta-se ao leitor de Gênesis como uma figura muito bem demarcada no plano ontológico: ele é o primeiro artesão em plena posse de seus poderes. O inspirado, por sua vez, adentra a cena da existência como o primeiro homem, protótipo de um gênero a quem ideias podem ocorrer (Sloterdijk, 2016, p. 31).

Ao perfazer esse caminho de ir nas fontes bíblicas para rechaçar e até mesmo complementar estatutos já desenvolvidos sobre o estudo da essência, da existência e ou da criação do ser humano, Peter Sloterdijk reencena as caricaturas de Gênesis como um meio de indicar as formas que o ser humano, desenvolve para estar intimamente em esferas.

Sloterdijk descreve Deus como “o inspirador” e “senhor da criação”, além de enfatizar seu papel como o primeiro artesão que está em plena posse de seus poderes criativos. Isso sugere para Sloterdijk que Deus seria um modelo para todos os artistas, criadores e artesãos que vieram depois do seu Criador.

O primeiro ser humano protótipo de um gênero a quem ideias podem ocorrer demonstra que a capacidade criativa de Deus reflete na sua criação, que inclui os seres humanos, capazes de ter ideias criativas e transformá-las em realidade. Deus e o homem, portanto, são partes um do outro, pois o ser humano e seu criador compartilham da mesma dimensão criativa, essa criação é a extensão da imaginação e da capacidade de realização.

Novamente, quero reforçar um ponto que penso ser extremamente importante a Tese que está sendo apresentada não é uma Tese religiosa ou filosófica, entretanto em momento algum pensei em um foco direto na Geografia sendo que a questão da investigação ontológica poderia me arrebatara para outros campos e foi justamente isso que aconteceu.

Vale ressaltar que as diferentes contribuições de filósofos para a Geografia, fizeram dela ser o que é hoje, uma ciência que possui método e que está sempre investigando o seu objeto [fenômeno] de estudo. E, dependendo da época em que viveram esses filósofos, em sua grande maioria, suas ligações e

articulações filosóficas tiveram arraigadas de alguma forma, na matriz teológica, na metafísica.

Ademais, a própria concepção ontológica é uma destruição¹⁰² da metafísica tradicional. Sua investigação sobre o sentido do Ser, da essência do Ser, tem como ponto fundamental, pôr a mostra o aparato conceitual, e para isso, a necessidade da destruição, a liberação da força denominativa da linguagem (Stein, 2004)

Retomando a questão dessa rotina teológica apresentada por Peter Sloterdijk, que nos serve como demonstração de outras maneiras de relacionamentos de intimidade nas esferas. Depois de realizar toda a descrição do vaso adâmico como um artefato insuflado, como é apresentado no livro bíblico de Gênesis, ao ser lido para além dos lugares-comuns - como é o que ocorre agora nessa Tese de Doutorado de Geografia -, assim como as suas fases, mostrara que os relatos em Gênesis servem como uma escancarada radicalidade da questão da técnica, que envolve a criação do Ser humano, mas que fazer despertar a estátua criada através do insuflar - do sopro -, é algo que até pouco tempo não era estudado de uma maneira que se considerasse que há um pensamento *'teotécnico'*, por detrás de toda essa constituição ontológica do homem, partindo principalmente da visão europeia.

Por isso, Sloterdijk expõe que “poderíamos ceder a uma suspeita: a própria história, enquanto processo da técnica, obedece à regra e que aquilo que, em Deus, era técnica secreta, deve tornar-se procedimento humano público” (Sloterdijk, 2016, p. 37).

Do ponto de vista microesferológico, a relação que se forma entre aquele que insufla e aquele que é insuflado pode trazer uma explicação de que as Essências do insuflador seriam as mesmas compostas no Ser insuflado. Nesse caso, a imagem e a semelhança, “a semelhança da imagem é apenas uma expressão de fortes conotações ópticas, ligada ao jargão dos ateliês de arte, para designar uma relação de mutualidade pneumática” (Sloterdijk, 2016, p. 40).

¹⁰² Cf. A observação que se segue é importante para entender a antítese insinuada, sendo assim na concepção heideggeriana sobre destruição, mais diligentemente podemos apreender que: “Destruir quer dizer desconstruir, mas desconstruir no sentido de remover, entendendo-se remover, portanto, enquanto “suspensão”. Remove-se aquilo que impede que algo apareça. Este procedimento diz respeito ao “método” fenomenológico que, embora seja tema do parágrafo sete de ‘Ser e tempo’, já é desenvolvido no parágrafo seis da presente obra” (Silva; Silva, 2020, p. 72).

Essa primeira relação considerável e marcadora de identidades religiosas extremas tem nas observações do filósofo mais de absurdo¹⁰³ do que uma realidade que tenha acontecido. Por isso, que essa complementação original, seguirá no campo esferológico, já que no espaço espiritual, “sob a suposição, ainda a confirmar, que o “espírito” indica um tipo de espacialidade” (Sloterdijk, 2016, p. 40). Logo, se observa que há dois lugares ou uma bipolaridade se faz presente, como uma teoria dos pares entre Adão, através de Deus e de Deus através de Adão. Sendo um no outro, uma bipolaridade, uma esfera.

Essa esfera comum criada está dotada de um espaço interior, pois é vista por Sloterdijk, como uma bola em que existam duas metades que se completam: dois polos que se ligam. Nela, o espaço espiritual se liga um no outro. Peter Sloterdijk transmite que são espaços atmosféricos-simbólicos que necessitam se renovar pelos seres humanos (Sloterdijk, 2016).

Um outro ponto de se destacar nesse empreendimento de se definir uma essência do espaço está na conduta que ele leva utilizando-se do simbólico para identificar a ocorrência da troca pós-espaço uterino.

Na microesferologia, Peter Sloterdijk além de apresentar diferentes panoramas das espacialidades criadas a partir de dois, faz uma Ontologia da ginecologia negativa, em que marca um território mais profundo, sobre as relações entre o feto e a placenta e entre a mãe e o feto—aqui sendo apenas uma síntese base¹⁰⁴— e as relações consanguíneas diádicas.

Ele demonstra que a essência do simbólico referente a esse espaço constituído pela relação entre o feto e o cordão umbilical ocorre em uma troca do elemento acompanhante mais antigo por algo mais recente.

Nesse caso, ele aborda a condição de uma similar castração que envolve aquele que veio ao mundo, partindo para situações mais arriscadas e independentes ao se envolver com o exterior. A criança agora terá que ser autônoma para a sua própria sobrevivência, mas ao mesmo tempo dependente devido a sua condição.

¹⁰³ Cf. EI-B, p. 40.

¹⁰⁴ Cf. Aquele que desejar entender mais sobre a ginecologia negativa, o uterotopos que Peter Sloterdijk explora, deve ler os livros Esferas I e III, Bolhas e Espumas e os capítulos, 4 e 1 respectivamente.

Na independência, o que era mais fácil, ser alimentado através de um cordão umbilical, agora castrado, fará com que o mesmo tenha que usar das suas forças sonoras, solicitando assim, o alimento para sua sobrevivência no espaço externo.

De certo modo, percebo e concordo que Ser-aí, agora necessita essencialmente desta troca. Ou seja, o leite e as bebidas, além dos mimos que representam aconchego na exterioridade e seus acompanhantes. Pode-se perceber que aqui há uma essência do que vem-ao-mundo [que de maneira alguma é um solitário] que precisa das trocas. Assim, para o recém-nascido que está iniciando uma espacialidade “estar no exterior poder chamar eu chamo, logo existo” (Sloterdijk, 2016, p. 257).

O que tudo isso tem a ver com o espaço estudado pela Geografia? O espaço que nos acostumamos a tratar, a estudá-lo sempre foi analisado em uma forma de necessidade totalitária para a sua apreensão, ou então, uma busca pelo holismo para entender as partes.

A esferologia abre uma nova frente que está mais interessada em interrogar e evidenciar outros espaços. E estes envolvem o Ser-aí, envolvem relações e/ou estão em conformidade com o nosso ponto de vista, sendo espaços para a Geografia explorar.

Por exemplo, nas congruências e arranjos que a Geografia ao longo da sua evolução teve e vem tendo, não se negou a estudar até mesmo a Psicologia, por isso, temos uma Psicogeografia¹⁰⁵ e as contribuições de Guy Debord¹⁰⁶ para o campo da Geografia.

¹⁰⁵ Cf. Para Paola B. Jacques, a ‘psicogeografia seria então uma geografia afetiva, subjetiva, que buscava cartografar as diferentes ambiências psíquicas provocadas basicamente pelas perambulações urbanas que eram as derivações situacionistas” (Jacques, 2003, p. 23).

¹⁰⁶ Cf. Autor do livro “sociedade do espetáculo”, Guy Debord pode ser considerado um autor para todos os gostos. Em sua análise por exemplo do espetáculo, uma redescoberta de algumas categorias marxistas fundamentais como mercadorias, valor e fetichismo, presentes em sua obra. Sendo uma das obras mais reconhecidas de Debord, sobre o fenômeno da espetacularização, é notório que enfrentamos no cotidiano cada vez mais sua presença, seja no espaço midiático ou no espaço político. As imagens da sociedade se tornam importante sobre um ponto fulcral nas observações de Guy Debord, a alienação. Guy Debord, se intitulava “doutor em nada” e “pensador radical”, e uma das suas principais teses defendidas era de que todos deveriam fazer críticas ao sistema através da criação de situações significativas. No campo da Geografia, além de temas relacionados aos modelos econômicos, a sociedade e outros temas. Segundo esse pensador, frente as questões urbanas a arte não cumpre seu papel revolucionário e não contribui para a libertação do homem, mas para a sua alienação.

Antes da contemplação artística, é preciso praticar uma vivência artística e poética como os experimentalismos espaciais propostos pela psicogeografia (*psychogéographique*) e pela deriva

No Brasil, o envolvimento com a epistemologia genética fez com que estudos seguissem essa linha de estudar o espaço, a partir da teoria psicogenética. Foi o caso da Tese de livre-docência defendida pela professora Livia de Oliveira¹⁰⁷ que impulsionou uma nova frente de investigações sobre o espaço, a percepção deste no geográfico.

Na constituição dos espaços e a procura pela essência, Peter Sloterdijk, constitui não apenas um retorno para o teológico, mas vai também no campo da Psicologia e, mais ainda, da Psicanálise concentrada não no indivíduo, mas no biindivíduo.

Assim, em se tratando que esses espaços que ele revela são dotados de intimidade, ele aponta para nós uma sequência de microesfera que nos encontramos e que são importantes de destacar, que vão do espaço intercórdial, passando pela esfera interfacial, daqueles que envolvem os efeitos dos campos mágicos e dos efeitos hipnóticos que decorrem da proximidade, no espaço interior da mãe, bem como das metaforizações pós-natais, do que Sloterdijk chama de co-díada, sendo a duplicação placentária e as constituições posteriores, espaços de ressonância que marcam a voz materna, dando as boas-vindas ao Ser que vem ao mundo (Sloterdijk, 2016).

Estamos acostumados a seguir praticamente os mesmos caminhos que os outros fizeram. Às vezes, é preciso sair de um caminho único, já explorado, e com o mesmo interesse, ir por outros caminhos, mais largos, mais estreitos, mais fáceis ou mais difíceis. Assim, da mesma forma que navegar é preciso, caminhar por outros lugares também é preciso.

Caso contrário, nunca poderemos pensar de maneira diferente, ou mesmo nos defrontarmos com o diferente. Acreditamos ser por isso que neste

(*derive*) (Fernandes, 2017, p. 12). A Geografia, portanto, vai dialogar e construir estudos com a metodologia da experimentação espacial desenvolvida por Debord e pelos situacionistas. Neste sentido, para ele o conceito de Deriva “está indissoluvelmente ligado ao conhecimento dos efeitos de natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-constructivo, o que o opõe em todos os pontos às noções clássicas de viagem e de passeio” (Debord, 2003, p. 89).

¹⁰⁷ Cf. A professora Livia de Oliveira sempre teve a preocupação de pautar o geográfico, que se geografiza pelo espaço. Na sua tese de livre-docência, a professora relata que sua preocupação com a percepção ambiental tem início nos fins dos anos de 1970 e por isso, ela afirma “estudei, li, digeri e refleti profundamente sobre o sistema de *Piaget*. Meu interesse inicial foi o espaço geográfico: conceito, representação, construção” (Oliveira, 2017, p. 103).

momento Ítalo Calvino nos ajuda e dele extraímos para este trabalho a seguinte verdade traduzida aqui da seguinte maneira:

Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o Pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável — árvores e pedras são aquilo que são (Calvino, 1972, p. 08).

Longe de ter a pretensão de ser um Marco Polo, mas como referência comparativa, pelo desvio dos traços já demarcados. Reconheço a minha postura desta forma, nessa aventura entre navegar e caminhar. Refaço caminhos, deixando meus rastros também na Geografia.

Se tratamos sobre a essência do espaço, enquanto espaço que somos, eis um pouco da essência que se possa traduzir na palavra “indeterminado”, no sentido mais amplo possível de não se deixar rotular prontamente, extenso.

Dependendo da conotação que estamos sinalizando, a essência do ser pensante, além de não poder ser singularizada, considera-se em uma extensão que me é dada pela investigação e os acessos diversos, uma espécie de fim sempre indeterminado, aquilo que não possui um caráter fixo, mas que é uma indefinição, decorrente das mudanças eventuais que ocorrem.

Desta forma, será que existe uma essência determinada e determinante do Ser do espaço? O espaço possui apenas uma unilateralidade essencial que entra na constituição determinante ou ele possui composições que o indeterminam?

Se o olhar não se fixa a um único ponto, mas procura meios intercambiáveis como a de um viajante, em busca seja do prazer, das descobertas, das experiências e das aprendizagens seria o que acontece quando desejamos buscar o sentido da essência do espaço.

Por isso, intercambiar na indeterminabilidade presente sobre a essência, me faz conjugar ao movimento geográfico o movimento esferológico que se redistribui para espaços antes pouco ou nunca explorados.

Alguns espaços que Peter Sloterdijk redistribui em sua digressão ontológica, ainda será abordado em outro capítulo. A iniciativa até agora, é perceber quais as essências que ele considera para os espaços diversos que ele apresenta na Teoria das Esferas.

Entretanto, são muitos os espaços que o Ser-aí cria em suas esferas. Não há um critério que estabeleça a mais importante, mas existe a ideia de que há um espaço que começa na Ontologia da produção primitiva do espaço e uma ideia centrada nos espaços que estão mais próximos do nosso momento epocal.

Então, poderíamos ser a essência do espaço. Não uma única, mas uma concentração de essências que chega até nós como características que revelam, entre as relações que ocorrem, - ser humano-meio [*espaço*] - ser humano, e, a partir desses encontros, o espaço se manifesta, tanto em existência como em essência.

Posto a existência precede a essência, como aponta Sartre (2008), nos parece não existir de fato uma essência marcada por uma espécie de genética do espaço. Isto é, não há uma essência antecipada que componha o espaço, pois sua essência, advém das muitas relações que são absorvidas pelo ser humano e aplicadas no espaço, tanto no geográfico como em sua espacialidade.

Por isso, a coexistência é uma chave para abrir mais uma caixa que represente a ideia da essência. O próximo passo, então, é compreender em que se constitui essa coexistencialidade, conquanto seja ela uma antecipação da essência do espaço.

4.3 Coexistência: o giro da existencialidade presente na Teoria das Esferas

A coexistência é um fenômeno atual que merece maior destaque. Caberia então, principiarmos com um questionamento: Será que estamos sendo coexistentes em nossos dias? A coexistência ainda se faz presente em uma sociedade que se desesperou pelo pavor pandêmico instituída no final do ano de 2019? Quais os traços característicos da coexistência, antes, durante e depois da Pandemia do Sars CoV-2 [Síndrome Respiratória Aguda Grave-Coronavírus 2], popularmente conhecida como Covid-19?

Essas perguntas que iniciam essa parte da Tese se separam entre: a evidência da Teoria como proposta de esclarecimento do fenômeno, no que se diz respeito ao termo e ao fenômeno [*coexistência*] a partir das observações da realidade no período de temor social e biológico.

O período recente, de um estado virológico global que criou novas esferas de convivência e de coexistências humanas e não-humanas, se torna um motivo para que dentro das possibilidades do resgate ontológico e da Ontotopologia possamos compreender como as mudanças decorrentes da situação global supracitadas levam a pensar a existência, essência e coexistência do Ser, sobre uma outra perspectiva. Talvez a perspectiva de que “isolar-se” é “reencontra-se” ou “perder-se” por completo.

Por isso, há uma necessidade de atualizar os aspectos centrais dessa esfera coexistenciária que nós estamos envolvidos. A princípio, algumas situações que ultrapassam as linhas do teórico e se encaixam diretamente com o espaço vivido e as nossas experiências revelam que se o fenômeno coexistência, seja em Bolhas ou em Espumas, foi alterado de alguma maneira. Isto é, as situações arroladas como: distanciamento social, mudanças de comportamento humano, mudanças na produção e consumo de alimentos, dentre muitas outras, são percebidas como fatores que se desenvolveram devido as alterações sentidas nas relações sociais de todas as espécies.

Nesse sentido, propomos aqui tanto teorizar a questão da coexistência, mas valendo da possibilidade de uma configuração ontotopológica mais recente, enfrentada pelo Ser-aí-no-mundo.

A trajetória que introduzimos sobre o fenômeno da coexistência tem como traços marcantes aquilo que promulgamos quanto ao interesse em estudar as obras de Peter Sloterdijk e que, me permitiu ter as condições de tratar o tema em questão.

Um elemento importante nas obras de Sloterdijk é a capacidade de transmitir o fenômeno, isso ocorre, tanto a partir de um olhar temporal mais distante ao atraí-lo ontologicamente, para o momento epocal [*in tempore*], sem se distanciar deste fenômeno. Ou seja, Sloterdijk, mesmo indo buscar na construção histórica adâmica sobre a formação das bolhas, *i.e.*, ele retorna com o mesmo fenômeno na atualidade, porém agora com suas variações. Por isso, às vezes, esse mesmo caminho pode ser percorrido por aqui, levando ao encontro com o geográfico.

O momento em que Peter Sloterdijk inicia a sua apresentação sobre a coexistência, ocorre através do resgate ontológico do espaço espiritual,

sucintamente aqui já apresentado, sob a forma de tentar empreender esse mesmo resgate do ponto de vista de um outro fenômeno que se interconecta a este que é a essência do Ser.

No momento em que Sloterdijk trata sobre a coexistência nas primeiras páginas do livro *Esferas I - Bolhas*, ele apresenta Adão e seu Deus uma coexistencialidade entre o insuflado, o vaso argiloso, o espaço oco e seu insuflador o depositário de vida, o sopro divino.

Desta maneira, Sloterdijk fala que:

(...) mencionar o criador sem enfatizar a antecedente coexistência de Adão já é incorrer em um erro de monarquismo originário, assim como os que pretendem falar de seres humanos sem falar de seus inspiradores e intensificadores—ou, o que dá no mesmo, dos meios de comunicação que o envolvem— já falsearam o tema pelo próprio modo de trata-lo (Sloterdijk, 2016, p. 41).

Não se pode deixar de tratar do ponto de vista da Ontologia das esferas, do par que possui uma íntima partilha, esse par primordial que paira em uma dupla unidade, a partir de uma correlação mútua, que observada por ele em que um não pode separar-se do outro. Adão e Deus, perfazem um cossujeito que estão engajados entre si. Esse engajamento poderia ser a própria coexistência inicial, entre o divino e o humano.

Não é o que está no entre, no meio, mas nesse sentido do estar-no-outro, uma verdadeira aliança quase que monádica, no sentido final de entender. Entretanto, esse pensamento é extensamente condicionado à esfera teológica, pois na esfera humana, em que os fenômenos da dimensão real são mais precisos e atuantes, o Ser-aí constitui com Outros da sua espécie a coexistencialidade ao mesmo tempo que cria esferas como produtores de espaços de coexistência.

Contudo, não é o foco principal de Sloterdijk e da sua Ontologia, mas ampliar o olhar para além dos fatos já conhecidos e explorados. Coexistir possui como definição Estar-junto-ao-outro e esse Estar-junto na interpretação teológica é Estar-no-outro, constituindo espaços mútuos entre si, entre dois.

Conforme Sloterdijk vai desenvolvendo essa fenomenologia em busca do Ser, ele se envolve para que de fato mostre como as relações do que ele mesmo chama de mito judaico seja apropriado para discutir a coexistência a partir desse olhar.

A primeira bolha pneumática, quase que intacta, por uma coexistência, agora não mais de um, mais de dois e três, ao sofrer seu primeiro movimento de trincar, através de uma segunda inspiração, de uma voz sedutora da serpente e da mulher, resulta na expulsão do espaço santificado: o Paraíso. Uma bolha rompida, uma coexistência modificada.

Assim, para Peter Sloterdijk fica evidente que “o que se chamou de expulsão do Paraíso é uma denominação mítica para a catástrofe esferológica primordial” (Sloterdijk, 2016, p. 49).

Essa é apenas a primeira observação ontológica que Sloterdijk traça para dar vazão à microesferologia. Outras importantes abordagens são realizadas e têm total separação com o aspecto religioso. Porém, ao mesmo tempo que olha para Sloterdijk, outros aportes complementam a percepção a respeito do fenômeno coexistência no espaço.

No aspecto geográfico, Massey (2008, p. 89) destaca que o “‘papel do espaço’ poderia ser caracterizado como fornecendo condição para a existência dessas relações que geram o tempo”.

As relações, geram com o tempo, no próprio tempo, correlações e estão intimamente interligadas alusivamente como a um cordão umbilical. Não apenas se conectam a uma existência pessoal, individual e egóica, mas a uma coexistência desde sempre. Desde o princípio da formação do Ser, que antes de Ser-aí no mundo da externalidade imanente, da *res extensa*, esse Ser-aí, é um Ser-com, com a placenta, Ser-com a mãe. O Ser é atributável?

Se ele for, então, ele deixa de Ser, ele se torna apenas um ente, mas se ele mesmo em todo o devir que rompe e o encontra da corporeidade, porquanto, “mesmo os filósofos que estão conscientes da corporeidade como um elemento em um mundo interconectado (isto é, espacial)” (Massey, 2008, p. 92).

Na sua pessoalidade, o Ser-aí, só “é”, de fato, com as relações profundas ou não, que ocorrem quando cria seus próprios espaços.

E nas primeiras correlações, sem que o Ser-aí tenha despertado para a imanência, estando em seu mundo exclusivo, nas cavernas carregadas por um outro ser que o alimenta e que, estando de fora, faz com que seja reconhecido pelo movimento sonoro, de fora para dentro, como será percebido essa correlacionalidade?.

Esse Ser coexiste? A resposta, é sim. Há correlações com aquilo que Sloterdijk chama de nobjetos¹⁰⁸, uma relação do Ser-Com, e uma outra relação sanguínea com um outro Ser que já teve a mesma experiência¹⁰⁹.

Marcado por uma experiência recente de coexistencialidade, Sloterdijk (2016, p. 455) reforça que “quando a descoberta da gravidez tem, para a mulher, um caráter positivo, sua conduta desenvolve uma teia de ternas antecipações da coexistência com a nova vida”.

Por mais que alguns possam imaginar que este debate não leva para lugar nenhum, afirmamos que estão enganados, pois é um dos debates mais atuais sobre espacialidade: uma Ontologia inversa do dentro para compreender o fora. Somente um olhar arguto seria capaz de desenvolver toda a hermenêutica compreensiva das coexistencialidades que surgem de uma outra maneira de serem compreendidas.

No inspirado olhar de Doreen Massey, a coexistência é substituída pelo termo coetâneo, mas que o sentido segue para o mesmo fim, com pequenas diferenças entre os dois. Essa condição advém da temporalidade que marca a coetaneidade, pois as coisas e pessoas que viveram em determinada época, são marcadas pela maneira que se relacionaram nessa época.

Portanto, quando ela considera sobre a concepção do espaço, expõe que

Conceber o espaço como um recorte estático através do tempo, como representação, como sistema fechado e assim por diante, são todos modos de subjugar-los. Eles nos permitem ignorar sua verdadeira relevância: as multiplicidades coetâneas de outras trajetórias e a necessária mentalidade aberta de uma subjetividade especializada (Massey, 2008, p. 94).

¹⁰⁸ Cf. Na realidade, Peter Sloterdijk toma emprestado o termo ‘nobjetos’ de Thomas Macho, para tratar de “entidades dadas de maneira esfericamente envolvente que, ao modo de presença não confrontativa, planam como seres originários de proximidade, no sentido literal do termo, diante de um si que não lhes faz face, precisamente o pré-sujeito fetal. Seu estar-aqui-perto (que não é ainda um estar-aí-demonstrável) se transmite à criança sobretudo pelo primeiro dom que lhe é feito: o sangue placentário. O sangue placentário, é dentre os nobjetos do primeiro mundo “empírico”, o exemplo mais antigo a que se pode chegar. (...) Através do sangue, a biunidade é concebida, de antemão, como uma entidade trinitária, o terceiro faz de dois um (Sloterdijk, 2016, p. 270).

¹⁰⁹ Cf. Nesse caso estou me referindo a mãe, pois, sua constituição passa pelas mesmas etapas, pois, devemos observar que “o homem é o produto de um hiper-nascimento que faz do lactente (*Säugling*) um habitante do mundo (*Weltling*) (Sloterdijk, 2000, p. 34).

Por isso, para que não venhamos incorrer em um juízo que subjuga o espaço, conforme os olhares da geometria e sua rigidez hermética ao lidar com o espaço.

Devemos ter uma postura que seja capaz de perceber que a formação e estrutura do espaço, além dos seus demais componentes, também envolve os aspectos das coetaneidades existentes nas relações, e dessas as correlações sociais em um determinado período histórico devem ser observadas.

Por isso que para Milton Santos (2020) essas relações envolvem o trabalho humano, geradores de espacialidades coetâneas do tipo exploratórias, ou mesma das coetaneidades alcançadas pelo olhar em espaços públicos, *i.e.*, que traçam ao mesmo tempo linhas de subjetividades e das relações de poder no espaço em um determinado tempo.

Tais observações podem ser amplificadas pela Geografia, mas que antes podem ser refletidas com a filosofia. Contudo, devem ser muito bem observadas para que, como instituído pela filosofia ocidental, que apresenta, na maioria das vezes, uma Ontologia que apenas reduz o Outro ao mesmo (Lévinas, 1980).

A propósito, não é disso que se trata aqui. Logo, e de fato, há um querer conhecer ontologicamente, os opostos, mas que em algum momento se relacionem, sem neutralizar qualquer manifestação. Isto é, dada a coexistência e a coetaneidade, formalizar uma mediação entre ambas para encurtar as distâncias do entendimento.

O espaço tem marcadamente uma coetaneidade na coexistencialidade deliberada pelo tempo e isso gera a abertura em que deve ser o espaço.

Como estamos atestando nesse esforço fenomenológico, Sloterdijk enseja que “em certos limites, toda a coexistência humana nos espaços de proximidade é pericotérica, pois a lei fundamental do espaço psíquico e microsocial é a expansão de indivíduos dentro de indivíduos” (Sloterdijk, 2016, p. 560).

Teremos que observar que ele aborda a palavra pericotérica que, por sua vez, foi utilizada por João Damasceno como *perichoresis*, “que em grego antigo poderia tanto significar algo com “dançar ao redor de alguma coisa” ou “estar preso em um turbilhão circular” (Sloterdijk, 2016, p. 544).

O que se compreende é que a coexistência nesse modo de ver pericotérico se revela como um envolvimento entre um-estar-no-outro¹¹⁰, similar, de certa maneira, a concepção inicial do próprio ser humano, quando se deixa ser preenchido pelo seu insuflador originário.

Se um está desta forma imbricado no outro, interpenetrado, o Outro praticamente se torna nulo¹¹¹. A ideia que Sloterdijk pretende transmitir que as pessoas não são localizáveis. Como ele menciona, uma ideia pretensiosa, mas que se bem observada, o coexistir é fenômeno que nos envolve e que ao mesmo tempo nos abre às condições de criar novos espaços. Espaços coetâneos, em meio a turbilhões que me envolvem com outros, também estão envolvidos na relação.

Nessa relação interexistencial entre os interhumanos, conforme aponta Martin Bubber (2009), que considera no aspecto da existência humana a necessidade de que essa realização ocorra mediante uma vida dialógica. Ou seja, na existência ou na coexistência do Ser, no espaço, que tudo esteja fundamentado no diálogo, e certamente esta é uma das ferramentas antropológicas e autopoéticas do processo de hominização.

Estar-aí na pericorese do mundo, em lugares não localizáveis [no sentido geométrico], é antes de mais nada, estar em diálogo com o Outro [seja pela fala ou pela escrita], promotor de coexistências¹¹².

Sendo assim, Peter Sloterdijk afirma pois:

Assim que os seres **humanos falantes** começam a viver juntos em grupos maiores e se ligam não só às casas da linguagem, mas também

¹¹⁰ É importante ter cuidado com essa questão, pois, estar-um-no-outro pode implicar ser seduzido pelo outro a ponto de anular as individualidades do outro, sendo dois, cada um, que é o outro se projeta e é projetado na experiência com o mundo, ao longo do seu Estar-aí, na existência, nenhum dos dois que está na bolha íntima, se autoproduz solitariamente, sempre há algo do Outro, no Em-si. O cuidado é que em decorrência de pensarmos com O Outro, nessa indivisível maneira de vermos, pode-se cair em uma estrutura da metafísica, em que um é o outro e o outro é este anterior, pois, carrega enxertos deste. E, em toda a sua vida isso ocorrerá. Na ontologia religiosa, Estar-um-no-outro, significa estar convicto que o sobrenatural, habita e se espacializa no ser, e que este ser, sendo parte da força maior, se parte, com as mesmas características que o seu Outro, que não é seu oposto, mas seu completo. Uma espécie de acompanhante como menciona Sloterdijk. Quando a Teologia fala da 'angeologia' é sobre isso que ela está tratando.

¹¹¹ Na realidade não há como anular o Outro quando essa relação de criação de espaços acontece, pois, o Outro faz parte integral do movimento temporal da coexistência.

¹¹² Cf. Peter Sloterdijk mostra que as mudanças na estrutura de comunicação geraram claramente coexistencialidades: "Com o estabelecimento midiático da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiodifusão) e depois de 1945 (televisão) e mais ainda pela atual revolução da internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases" (Sloterdijk, 2000, p. 14).

a casas construídas, eles ingressam no campo de força do modo de vida sedentário” (Sloterdijk, 2000, p. 35, **grifo meu**).

Foi dessa forma que Heidegger é introjetado nas observações de Peter Sloterdijk, no livro **“Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo”**. Nele, o filósofo comparece como um entabulador de amizades¹¹³, mesmo depois de se ver em uma situação delicada.

As evidências deixadas na carta endereçada a Jean Breufret podem ser também interpretadas como um deslocamento existencial do filósofo de ‘Ser e tempo’, mas com um tema específico sobre o humanismo [não entraremos mais profundamente no tema]. A nossa posição é de recolocar a missiva heideggeriana como uma forma de abrir novamente os espaços da coexistencialidade, mesmo com desconhecidos e para além do seu Ser e do seu tempo.

Não se trata do mérito, do teor - por hora -, do texto, mas de como, a partir do diálogo, o filósofo tenta angariar novas amizades, mesmo que não seja um discurso amplo para a Nação alemã com escusas transparentes sobre a sua participação na nacional socialista. A partir de uma carta, haveria então na vontade de Heidegger de manter uma coexistência que fosse capaz de não se importar com a sua escolha? Heidegger nesse momento, habita em qual espaço? Da vergonha, da liberdade ou da falta de importância aos seus críticos? Mas, não quero ir por esse caminho nesse momento, quem sabe mais à frente posso rediscutir essa finitude de Heidegger.

Retomado a questão da coexistência no espaço pelos seres humanos. Sloterdijk, nas primeiras páginas do tomo Esferas III- Espumas, faz alguns destaques ontológicos no sentido de levar a compreensão da formação das espumas. Nesse caminho conduz uma interpretação que demonstra que a morfologia das espumas é uma demonstração de mostrar aglomerações de bolhas no sentido microesferológico que é apresentada em Esferas I-Bolhas.

Essa expressão segundo Sloterdijk é válida para identificar os sistemas agregados de vizinhanças esféricas que em cada célula se constitui em diversos

¹¹³ O contexto que faço a reviravolta é que amizades se constituem a partir de diálogos e sentimentos, geradores de coexistências pericoréticas.

contextos que se autocompletam como: a linguagem comum, um mundo e um lugar.

O que mais se poderá sentir nesses espaços espumas do ser humano são que se tornam espaços com significados íntimos que são acentuados pelas ressonâncias diádicas ou as ressonâncias multipolares existentes. Os lugares que se formam com essas características são verdadeiras simbioses e alianças manifestadas em estufas de relacionamentos fortes.

Desta forma, Sloterdijk aponta que essas conformações podem ser descritas como “sociedades de dois”, pois para ele quando lugares dessa forma são constituídos, a existência-para-um daqueles que se associaram na proximidade vão atuar com autênticos agentes da conformação do espaço interior coexistencial. Esse é produzido pela extroversão entre os simbioses, e de maneira recíproca, nesse movimento, “atemperan el interior común como um fogón antes del fogón” (Sloterdijk, 2006, p. 48), e que cada uma das microesferas acabam constituindo nessa simbiose, em si mesmo seu próprio eixo íntimo. A questão é mostrar como esse eixo se dobra de maneira individual, segundo Sloterdijk.

Assim, aquilo que é a introversão de cada um dos que são agregados familiares nessas observações de Sloterdijk não geram contradições na condição de se aglomerarem em alianças mais densas e nisso ele se refere às relações que produzem as espumas sociais.

Como uma constatação, o elo de vizinhança, mais que ao mesmo tempo, de uma separação em que ele interpreta com duas faces do mesmo fato. É o princípio de co-isolamento aplicado à espuma, que “según el cual una la misma pared de separación sirve de limite em cada caso para dos o más esferas” (Sloterdijk, 2008, p. 48). Posso considerar que as espumas são as novas maneiras de coexistir no espaço, co-isolados no mundo mais que moderno e que uma pós-fenomenologia pode ser útil em se analisar de mais perto, essas correlações coexistentiais e co-isoladas que devemos estar atentos.

Na observação de Sloterdijk voltada para o campo da compreensão humana, as células individuais são unidas por imunizações, separações e isolamentos, tudo isso de maneira recíproca.

Essa interpretação que Sloterdijk vai nos mostrando, compõe de fato o que vemos em nossa sociedade o co-isolamento, que se manifesta, nas multiplicidades de casas-bolhas, como ele menciona “hogares burbujas” (Sloterdijk, 2006, p. 49), em diversos bairros que fazem parte de uma organização espacial que espacializa a tudo e a todos por separações em bolhas e células.

Essas casas-bolhas, espaços co-isolados, ao possuírem dupla função, estão abertas ao mesmo tempo em que se encontram fechadas para o mundo exterior.

A convivência, a coexistência e a coetaneidade, como tríade, se fundamentizam em morfologias espumais mais evidentes na atualidade. Bolhas amorfológicas, por suas características pessoais e embora, às vezes, todos tenham a impressão que se conhecem, são as amorfológicas das bolhas e os seus conteúdos que somente os que estão mais intimamente ligados a elas são capazes de conhecer.

Embora também não se tenha um conhecimento do campo total, as bolhas se fecham e se abrem no momento e instante em que se sentem confortáveis diante do Outro. É o campo vasto para a Psicologia desvendar, tanto quanto a Psicogeografia, pois são dessas relações que as manifestações mais esquizofrênicas do espaço e dos seus relacionados diretamente podem ser sentidas.

Desta maneira, seguindo a fenomenologia de Sloterdijk, as espumas, ao estarem em movimento contínuo de *open and close* com o mundo, ele acrescenta que é:

Por eso la espuma constituye un interior paradójico, en el que la mayor parte de las co-burbujas circundantes son, a la vez, desde mi emplazamiento, vecinas e inaccesibles, e están, a la vez, unidas y apartadas¹¹⁴ (Sloterdijk, 2006, p. 49).

Essa análise de Sloterdijk é de fato uma resposta por um momento satisfatória ao *status quo* que as relações em espumas na coexistência dos tempos atuais se apresentam. Segundo ele, as bolhas são vizinhas, o que

¹¹⁴ Tradução livre: Por isso, a espuma constitui um interior paradoxal, no qual a maior parte das bolhas circundantes são, ao mesmo tempo, vizinhas e inacessíveis do meu ponto de vista, e estão, ao mesmo tempo, unidas e separadas (Sloterdijk, 2006, p. 49).

poderíamos imaginar em total imbricação, mas também são inacessíveis, tudo isso de maneira recíproca.

Dito de uma outra forma: embora as bolhas que constituem o que chamamos de comunidade de bairro, sociedade ou vizinhança, pareçam estar fisicamente próximas umas das outras, elas encontram-se inacessíveis diretamente. Essa situação gera que acaba gerando a sensação de bolhas em separação e distância, criando em muitas ocasiões tensão entre a unidade e a individualidade.

É a própria manifestação do espaço multifacetado, complexo por si mesmo, pois é onde tentamos interagir, onde habitamos com tudo que está ao redor. Sendo ele relacional, acima de tudo, mas que nessa construção morfológica, também há de se presenciar, nesse sentido esferológico que Peter Sloterdijk nos faz pensar que toda a sociedade comprimem-se em espumas. Cada vez mais próximas, mas também cada vez mais distantes e separadas.

Desfaz-se nas argumentações de Sloterdijk sobre a sociedade enquanto espumas, em que se apresentam como associações agitadas e assimétricas de multiplicidades-espacos e multiplicidades de processos.

As várias células que compreendem essa espuma [sociedade] estão em constante movimento e mudança e de maneira alguma podem ser consideradas com uma totalidade orgânica coesa. Isso implica dizer que não são homogêneas ou mesmo como outros grupos tradicionais pensavam fantasiosamente que estavam em uma hiperesfera omni-mancomunada e omni-inclusiva, tudo para satisfazer a interpretação de que era defendida por impérios religiosos, *i.e* (Sloterdijk, 2006).

A forma mais natural de se perceber quando essas associadas agitações sociais, em suas assimétricas maneiras de habitar e coexistir se distanciaram quase que ao máximo e se separaram na mesma proporção, foi no instante que houve a promulgação de leis para que os já co-isolados, as espumas, se isolassem ainda mais.

O distanciamento social emplacado nos anos de 2020¹¹⁵ e 2021 reformatou novamente as espumas, de modo que as bolhas constituíram

¹¹⁵ Sobre as medidas sanitárias, o site da 'Fiocruz' traz diversas matérias a respeito. No artigo intitulado: Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da Covid-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. O começo das práticas de maior isolamento

paredes mais densas contra o mundo externo e contra um mundo peculiar interno.

Os principais aspectos que levaram as medidas de segurança sanitária que envolveram todo o mundo, me faz em pensar no próprio sistema de imunização que é base do pensamento esferológico de Peter Sloterdijk. Sobretudo, posto que a única maneira dos grupamentos humanos se autossustentarem, foi se precavendo antecipadamente e criando os meios possíveis para enfrentar o mundo exterior.

Um olhar rápido sobre o cenário pode ser encontrado em diversos trabalhos publicados no período do isolamento. Alguns autores, como Bruno Latour, propuseram a instituição de um “Novo Regime Climático” (Latour, 2020, p.93), em que tais mudanças aceleradas no Antropoceno decorrentes da maneira que o ‘Ser’ contido no mundo exterior e no seu interior desenvolvam suas próprias relações.

A pandemia mostrou a forma que os arranjos espaciais e a coexistência destes com o ser humano afetavam a vida em proporções elevadíssimas. Algo que não era de desconhecimento da humanidade, mas que com as pessoas em isolamento, viu-se que toda a redução de poluentes primários para a atmosfera, propiciou também essa nova atmosfera, embora que momentânea, mas que mesmo diante de toda a provisória ação de redução da atividade industrial gerada pelos distanciamentos sociais ainda seria possível constatar que:

Mesmo hoje, com as atividades industriais impactadas pela pandemia, não há razão para se dar por satisfeito com a redução das emissões projetadas: a concentração dos gases de efeito estufa acumulados garante aquecimento suficiente para décadas e até milênios. (...) as emissões globais vão aumentar, até de modo dramático, assim que a crise sanitária passar, com aconteceu em situações anteriores (Latour, 2020, p. 97).

Esse também é um ponto que merece ser destacado, pois não há coexistência no espaço sem que o ser humano se depare diariamente como a disposição dos arranjos espaciais que impactam a sua vida diretamente, inclusive mudando as práticas relacionais.

social com as medidas de distanciamento social tiveram início no epicentro do problema, na cidade de Wuhan, na China, mas outras cidades chinesas e países asiáticos também adotaram as práticas para salvaguardar as pessoas (Silva *et al*, 2020).

Bruno Latour é um dos filósofos que Peter Sloterdijk tem um grande acesso. O engajamento de Latour e seu olhar no aterramento¹¹⁶ do mundo têm uma relação com a construção ontológica, sobretudo por ele mesmo mencionar que há uma perda de orientação. O “*onde estamos?*” é a busca por uma orientação que não segue os padrões cartográficos tradicionais, porquanto implica na existência do Ser-no-mundo.

Para ele, é necessário aterrar. Se levar em consideração a leveza do ser, em que este vive desde as mudanças da modernidade, o que decorre em partes de muitos diante desses quadros. Buscar pela leveza na imaginação se traduz em algo belo, positivo, mas que marcadamente seu atroz, o peso, é considerado negativo. Para aterrar no mundo é preciso de peso, isso está relacionado também com a gravidade, o que nos mantém presos ao solo é justamente a quantidade de peso se a fosse a leveza, estaríamos como balões, soltos pelo ar, sem direção.

Para endossar esse aparte, Milan Kundera, no seu romance filosófico: “**A Insustentável Leveza do Ser**”, trata sobre a perspectiva em que se tem de início os contrapontos peso e leveza, ao apontar que o eterno retorno de Nietzsche seria um fardo pesado. Como menciona o autor “se o eterno retorno é o fardo mais pesado, então, sobre tal pano de fundo, as nossas vidas podem recortar-se em toda a sua esplêndida leveza” (Kundera, 1984 p. 04).

Parece que diante do que está exposto — em um tom de ironia —, podemos imaginar que viver é estar em profundo contato com a leveza, distanciando-se dos fardos e dos pesos.

Mas, a realidade é que:

(..) o fardo mais pesado é também, ao mesmo tempo, a imagem do momento mais intenso da realização de uma vida. Quanto mais pesado for o fardo, mais próximo da terra se encontra nossa vida e mais real e verdadeira ela é. Em contrapartida, a ausência total de fardo faz com que o ser humano se torne mais leve do que o ar, fá-lo voar, afastar-se da terra, do ser terrestre, torna-o semi-real e os seus movimentos tão livres e insignificantes (Kundera, 1984, p. 04).

¹¹⁶ Apesar de Bruno Latour, sustentar em seu livro “Onde Aterrar? A ideia central e pautada em uma ficção política elaborada em torno da eleição de Donald Trump, fazendo um esforço para demonstrar uma “política pós-política”, que tem como base a não constituição de um mundo comum, mas na dissolução deste. Sua narrativa geo-histórica serve como referência para amplificar as discussões e projetos nas mais diferentes vertentes das humanidades, das ciências e de outros campos. Introduzo no texto dando um outro significado, não fugindo dos pontos centrais, mas também não absorvendo tudo que está colocado por Latour, principalmente na questão política.

Mudar a perspectiva, mas sem se desviar do olhar principal, aterrar-se no mundo, diante de todas as ocasiões dadas ao ser-no-mundo e ter a capacidade de enfrentá-las é também uma postura de espacialidade. Só se espacializa mediante o estabelecimento de um 'onde', mas que não significa em sua literalidade que este onde seja rígido ou fixo de fato, como estudado pelos geômetras.

O que se constrói nessa Tese com esses diálogos é que o aterrar-se, o peso, são também formas do Ser-aí, o ser humano. Isso se reflete na capacidade das suas relações íntimas ou em seus co-isolamentos espumais em saber lidar com os fatos decorrentes do Estar-no-mundo.

Nesse sentido, aterrando-se no mundo o ser humano cultiva o senso de presença, sendo capaz de perceber sentimentos e pensamentos, além das sensações físicas no corpo, de uma forma mais clara e objetiva.

A Covid-19, os problemas ambientais, a extrema poluição e o distanciamento social são fardos que fazem com que o Ser tenha contato e que são capazes de determinar em certa medida com as formas que muitos estão se aterrando no mundo, as coexistências aterradas pelas convivências.

De fato, os seres humanos de tempos mais distantes que essa nossa realidade contemporânea tinham suas próprias formas de aterrar-se em um determinado lugar e deste [lugar] criar as relações que imunizavam os grupos sociais.

Ainda conforme o que menciona Sloterdijk:

El ser humano se experimenta como uma forma hueca y ligera, no adscrita a contenido alguno que la llene; a lo largo y ancho nada a la vista que eleve la existencia a la dignidad de lo real. Aquí se expone conceptualmente la insoportable levedad del ser, que en este punto se llama: "necesidad de la falta de necesidad". La expresión ofrece el primer diagnóstico filosófico claro de la sociedad de consumo desarrollada¹¹⁷ (Sloterdijk, 2006, p. 550-551).

¹¹⁷ Tradução do texto livre: O ser humano se experimenta como uma forma vazia e leve, sem estar associada a nenhum conteúdo que a preencha; em toda parte não há nada à vista que eleve a existência à dignidade do real. Aqui é conceitualmente exposta a insuportável leveza do ser, que neste ponto é chamada de "necessidade da falta de necessidade". A expressão oferece o primeiro diagnóstico filosófico claro da sociedade de consumo desenvolvida (Sloterdijk, 2006, p. 550-551).

O que se pode depreender do ponto de vista slorterdijkiano é que o Ser-aí, embora estando no mundo, sente-se vazio e leve, o que gera a falta de conexões significativas com o mundo em que se encontra.

Isto dificulta ainda mais o preenchimento dos vazios, principalmente nos dias atuais em que as bolhas que se produzem cada vez mais estão isoladas. Toda essa insuportável leveza do ser' é motivada pelo pensamento de uma vida efêmera ou de um olhar niilista sobre o mundo, o que gera uma sociedade constituída com relações mais com os objetos do que com os demais seres.

Quando Sloterdijk aponta "a necessidade da falta de necessidade" é como se pode descrever a situação atual do Ser-aí, pois, sendo compelido a buscar coisas para se sentir realizado, ainda assim não encontra aquilo que o preencha de fato por completo. Os espaços pessoais ficam com suas câmaras de ecos abertas esperando que algo os preencha e dê sentido.

Como estamos na era digital, a interação entre as pessoas se dá em dimensão diferente da física-material que não ocorre com tanta intensidade, mas a do mundo virtual que, de uma certa maneira gera desconexões com o mundo físico, proporcionando maiores alienações.

Nas esferas, o mundo com a constituição morfológica de espumas é percebido através das distrações e os excessos que são impedimentos do Ser-aí aterrar-se no mundo.

Alguns indicativos dão conta de que as bolhas íntimas, que geram espaços de intimidade, hoje são afetadas pela tecnologia, pelo consumo, pelo entretenimento superficial e muitas outras formas que distraem o ser-no-mundo levando-o a uma desconexão alienante em relação aos espaços em que se encontram.

O mundo e os espaços em que o Ser-aí mais tem estado presente, não no sentido material¹¹⁸, um não estar-presente¹¹⁹, mas virtualmente faz com que se perceba um verdadeiro deslocamento existencial. Como consequências de

¹¹⁸ Cf. Pierre Lévy no livro "Cibercultura", trata das questões relacionadas ao Ciberespaço e a Cibercultura, evidenciando o novo meio de comunicação e o oceano de informações que a internet abriga, assim como os seres humanos que por sua vez se alimentam dessas informações (Lévy, 1999).

¹¹⁹ Cf. Como defensor do universo do Ciberespaço, Pierre Levy, considera que "apesar de "não-presente", essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis...ou em alguma parte (Lévy, 2011, p. 20).

uma prática de *exodus*, o ser humano recodificada o seu mundo extenso e exterior, mesmo sendo estranho a ele, suas novas espacialidades geram verdadeiros esfriamentos, vazios de si e quedas significativas nos sistemas imunológicos das relações esferológicas.

O sentido até aqui era de conduzir as observações atentas para questões muito específicas e de alto teor no campo em que atua uma Geografia fenomenológica, pois recupera de certa maneira, questões que são pouco ou quase nunca discutidas.

Existência, essência e coexistência, o que de fato importa? Todos os três fenômenos ligados aos nossos modos de ser e estar no mundo, de possibilitarmos espacializar o mundo, são observados com atenção ou são apenas conectivos para textos e de uso comum na linguagem?

Por que não nos importamos com o fato de que sentimos e percebemos as mudanças, mas não compreendemos que repercutem diretamente na coexistencialidade, afetando nossas permanências em lugares, em criar novos espaços e de nos imunizarmos com o Outro

Mesmo usando da linguagem filosófica, que é configurada a questionar os fatos e os fenômenos e se possível compreendê-los, esclarecê-los, explicá-los e interpretá-los, a Geografia é uma filosofia, pois necessariamente trilha pelas mesmas veredas, navega pelas mesmas águas turbulentas, respira da mesma atmosfera.

Isso me permite levar um pouco mais à frente essa discussão em que permito-me a questionar: É existência, a essência ou a coexistência do Ser-aí com os entes que realmente importam para que se tenham posturas éticas diante do mundo? Com a coexistência não se pode de uma vez agregar ao mesmo tempo a existência e a essência?

4.4 Nem Existência e Nem Essência, apenas a Coexistência: um palco giratório para o lugar-nenhum

O Ser-aí, na sua coexistência, está juntamente com outros seres-no-mundo em constante movimento, mesmo se percebendo, como anteriormente tratado, que estes movimentos ocorram em um fluxo bem maior no espaço

virtual. Esse movimento da coexistência do Ser-aí pode ser compreendido como aquilo sem uma ‘teleológica maneira de estar-no-mundo’ sem pré-definições. Ele pauta em constituições diádicas e, estando em uma espécie de ‘palco-giratório’, tanto o Ser-aí se encontra em movimento contínuo quanto aos mundos em que ele frequenta. Por isso, a grande dificuldade de se estabelecer uma estabilização referente a sua localização.

Como cita Peter Sloterdijk:

Só os corpos dos mortos podem ser localizados sem ambiguidades; o anatomista, diante da mesa de granito, não se pergunta duas vezes onde está seu objeto: para os corpos no espaço exterior, só o sistema de coordenadas do observador tem importância (Sloterdijk, 2016, p. 77).

A diferença entre estar fixamente em uma localização pós-morte e estar vivo, em mudanças constantes, é compreendida a partir da expressão que Peter Sloterdijk utiliza no livro *Esferas I - Bolhas*, e que acrescenta quando expõe a diferença entre os que encontram-se vivos. Desta forma:

Em relação a seres que estão mergulhados *na vida*, à maneira extática dos homens, a pergunta pelo lugar se põe de forma fundamentalmente diferentes, pois, a produtividade primária dos seres humanos consiste em operar sua inserção em situações espaciais peculiares e surreais (Sloterdijk, 2016, p. 77, *grifo meu*).

As premissas fundamentais do pensamento sloterdijkiano têm como base argumentações da própria filosofia heideggeriana e isso está explícito no Ser-no-mundo preconizado por Martin Heidegger. Ele contempla, os seres humanos como habitantes do mundo. Através dessa relação de habitação, ele se torna elemento fundamental para a compreensão do sentido do Ser e do próprio ser humano.

A percepção do ser humano está intimamente ligada ao espaço e ao corpo, partes das experiências do mundo que, sendo inseparáveis do corpo e da percepção sensível, são essenciais para a nossa capacidade de agir e de interagir, conforme as observações de Merleau-Ponty. É justamente a partir da nossa capacidade de relacionamento com o mundo que tanto existimos quanto coexistimos.

Na apresentação sobre o ‘lugar-nenhum’, pensando um pouco mais além do que estamos acostumados a projetar, a falta de localização, gera esse pensamento de que a falta de um lugar definido, um destino final ou de

identidade fixa, que possibilitam coexistências que estão sempre em altas rotações e novas adaptações, sem nunca se chegar a um estágio final.

Por isso, a hercúlea dificuldade em definirmos um “onde” quando estamos em intensas e estressantes relações com as pessoas e com o mundo. Na condição Ontotopológica, poderíamos sugerir a seguinte pergunta: *estamos realmente presos a algum lugar?*.

Indico que se observe atentamente a pergunta, sendo necessário sair da interpretação objetiva e perceber um pouco mais o que ela realmente está intencionada. Em um mundo virtual, estamos realmente presos a um lugar? No mundo físico estamos também afixados?

As incertezas e desorientações não são manifestações coletadas devido a concepção de que nos falta um espaço nos dias atuais? Assim, podemos conceder no olhar de Martin Heidegger que as características do ‘lugar-nenhum’ são fundamentais no mundo moderno de onde temos a perda do senso de pertencimento e também a alienação em relação ao mundo e aos outros. Por sua vez, isso gera vazios existenciais e de sentido da existência do ser humano, em que nos falta conexão com o mundo e com os outros.

Antecipo que podem haver estudos que possam ser admitidos por quem promove o discurso contrário, de que não existe um “lugar-nenhum”. Contudo, a diferença que estou apresentando é bem diferente da promovida por Marc Augé, que no seu livro **“Não-Lugares: Introdução a um Antropologia da Supermodernidade”**, em que define os não-lugares como espaços que são desprovidos de identidade cultural ou social que os identifiquem, como ele mesmo apresenta: aeroportos, rodoviárias, shoppings centers, *i.e.* Seguido por outros como Jean Baudrillard (1991), que considera estes espaços como simulacros, lugares que não remetem de fato uma realidade exterior, classificados como espaços vazios e desprovidos de sentido: não-lugares.

Para Jean Baudrillard (1991), um verdadeiro “deserto do real”, que reporta a uma realidade substituída por um mundo de simulacros e de representações, onde não há mais a possibilidade, segundo ele, de experiências autênticas. Onde podemos assegurar que temos ou que mantemos nossas experiências autênticas?

Para Jean Baudrillard (1991, p. 09), “dissimular é fingir ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem”. Desta maneira, se pensarmos o espaço como uma dissimulação e ao mesmo tempo como uma simulação, teremos “o lugar-nenhum”, pois o ser humano pode muito bem simular que está em um espaço - isso ocorre quando ele está de fato naquele lugar -, mas observando por outro ângulo, caso esse mesmo ser humano esteja diante de uma obra-prima em que a partir da contemplação das cores, do estilo, do artista em si, este poderá ser transportado para diferentes lugares.

O ‘lugar-nenhum’ pode apresentar essas características em que se pensa estar, mas não se está de fato. Vai mais além do que a velha Geografia sempre se importou, a fixidez. Será que estamos representando estarmos no espaço? Somos preenchidos por um espaço material enquanto nos permitimos, contudo, nos preencheremos muito mais de ‘ares’ que nos invadem, mas que nos parece estarmos em muitas ocasiões vazios, ocos e sem motivações para sermos preenchidos.

Essas motivações Peter Sloterdijk chama de animação. Para ele, “toda história é a história das relações de animação” (Sloterdijk, 2016, p. 51). A história humana está envolvida por esferas de animação, espaços que se produzem como modelos “nas quais animações recíprocas se produzem por ressonância radical; em cada um deles, mostra-se que para constituir uma subjetividade real precisa-se de dois ou mais” (Sloterdijk, 2016, p. 51).

Estar animado é o mesmo que compartilhar com um outro indivíduo diálogos, sentimentos e sensações. Isso permite criar animações que também podem gerar des-animações e buscas pelas re-animações. Por isso que, nos dias atuais a exterioridade pode ser considerado como não-animável. Será o motivo para os enclausuramentos pessoais?

A desanimação das relações esféricas tem levado a humanidade a produção das relações em formas de espumas? As animações que atualmente acontecem com as pessoas que vivem solitárias em apartamentos [esfera-espaço-lugar] são animações fortes ou apenas formas de enfrentarem a realidade?

A possível visita da sensação de desanimação, as esferas-espaços-lugares [apartamentos-condomínios-casas], está muito relacionada à falta da

experiência e contato que antes da grande Revolução Tecnológica o mundo estava inserido.

Desta forma, hoje o que percebemos é que faltam elementos que conduzam do “lugar-nenhum” para “algum-lugar”, como respostas para o “*onde estamos?*”. Nesse tratado, é possível acrescentar que ontologicamente o lugar: “(...) é um fenômeno experiencial. Algo que desde o início marca uma parte essencial da vida. O lugar está incorporado à anatomia ontológica de toda a experiência humana” (Karjalainen, 2012, p. 06).

Precisamos que essa incorporação seja mantida para que os lugares e os espaços não se desfaleçam. A própria noção de habitar está intrinsecamente ligada ao que incorporamos ao longo das nossas experiências no mundo. Sem essas experiências não habitamos em “nenhum-lugar” e não há “lugar-nenhum” em que não possamos construir mundos.

Um dos fenômenos que vem ao longo dos anos modificando o nosso estar-no-mundo é seguramente o “Capital” decorrente de uma acelerada corrida financeira que desestabiliza espaços e formas de habitar. O “lugar-nenhum” vem tendo uma ascensão, pois “a aceleração atual talvez esteja fortemente determinada pelas forças econômicas, mas não é só a economia que determina nossa experiência de espaço e lugar” (Massey, 2000, p. 179).

Assim, a geógrafa específica que não é apenas a economia a orientadora e modificadora das nossas relações com o espaço e o lugar, e acrescento aqui que também o nosso modo de habitar. Contudo, devemos atentar para o que ela considera que não é apenas esse fenômeno [a economia], mas um deles.

Importante destacar o que Massey registra sobre essa questão em relação com as mudanças e aquilo que ela trata como compressão do tempo-espaço. Nessa compressão, as mudanças mais radicais sobre o modo que o Ser-aí se encontra no mundo e em “lugar-nenhum” ocorrem constantemente, pois o ‘onde’ cada vez mais se torna complexo e difícil de localizar-se, mesmo não sendo um interesse. Assim, em seu registro, ela diz que:

Então, a busca pelo “verdadeiro” significado dos lugares, a exumação de heranças, e assim por diante, interpretam-se como sendo, em parte, uma resposta ao desejo de fixidez e de segurança de identidade em meio a todo esse movimento de mudança. Um “sentido de lugar”, de enraizamento, pode fornecer— nessa forma e sob essa

interpretação— estabilidade e uma fonte de identidade não problemática (Massey, 2000, p. 181).

Assim como já havia antecipado, a nossa coexistência precisa de fato ter essa estabilidade, pois ela reflete diretamente a caracterização de pertencermos, não no sentido de ‘arvorizar-se’, criar raízes incapazes de movimentos, mas que, nesse sentido metafórico, arvorizar-se cria essa ideia de que as pessoas não podem ter deslocamentos e não se deslocar é estar sempre no mesmo lugar.

Com isso, o “lugar-nenhum” não se confunde com um “lugar-fixo” e mais seguro, talvez, para localizar-se sem erros. Entretanto, a identidade a ser formada das coexistencialidades de lugares mais rijos, em que as raízes se fincam e buscam mais e mais as profundezas podem construir “sociedades”, com um certo limite de conhecimento de outros mundos, de outras experiências. Aterrar-se, não é o mesmo que fixar-se por completo, sem condição de movimento, mas de sempre ter a ideia de aterramento, de pouso.

Tal necessidade, seja para os dias em que uma grande parcela mundial de seres humanos está sem destino em atmosferas que não possuem áreas reais para que se possam aterrar-se. Dessa forma, os espaços constituídos pelo Ser-aí nas redes de comunicação virtual e nas arquiteturas em formas de espumas revelam que o desfastamento se torna uma maneira de coexistir no mundo em que estamos.

Dois comentários que acredito serem também importantes problemática: primeiro, não é a busca do culpado que importa para que ocorram mudanças e, segundo, não é o interesse solucionar nenhuma situação como que a uma entrega de um manual a ser seguido. A premissa é compreendermos os fenômenos em que nós temos sido absorvidos e que nos absorvem.

Faz parte dessa constelação de ideias que as identidades que são formalizadas se constroem a partir de histórias que estão voltadas para dentro, em uma introversão como aponta Massey (2020). Voltar-se para dentro é retomar a posição de estar em esferas diádicas, em bolhas.

São justamente as bolhas que manifestam as capacidades de relações íntimas e duradouras com os outros e com os espaços. Há seguramente uma crise nessas relações e, dessa forma, se superarmos a crise do habitar a partir de leituras diferentes de identidades mais profundas, poderemos “reaprender

sobre o habitar” da mesma forma que poderemos “reaprender sobre o ser que somos”. Talvez essa seja uma condição ou fórmula para reaprendermos também os modos de coexistência.

A riqueza da fenomenologia do redondo, em que podemos extrair muitos ensinamentos e voltar um pouco o olhar para as nossas próprias experiências, tem como precursor Gaston Bachelard.

Mas, por que uma fenomenologia do redondo? Porque no livro ‘A poética do espaço’ Bachelard apresenta o *“Dasein ist rund”*, isto é, “o ser é redondo”. Ele dedica em um capítulo para apresentar, ultrapassar e se afastar de qualquer evidência do campo geométrico (Bachelard, 1978).

A partir desse ponto, posso explorar mesmo que por um pequeno instante que, nas palavras de Gaston Bachelard, “o ser é redondo” devido ao espaço ser para o Ser uma dimensão fundamental que está entre a linha da existência humana e da relação que se tem com o mundo. Neste sentido, Bachelard defende que o espaço é uma esfera que envolve o ser humano e o conecta com o mundo e que pode, a partir das nossas experiências, moldar a forma como percebemos a realidade.

Essa é a Tese que estamos interessados em evidenciar, pois a partir de uma Ontologia do esférico no espaço pode-se ter uma clara acepção do pensamento da Geografia Humanista e Fenomenológico. É importante considerar que a Ontotopologia combina a Ontologia e a Topologia em sincronia, o que se torna uma ferramenta teórica de alto potencial para explorar a relação do ser humano e o espaço, considerando principalmente, as dimensões afetivas, culturais e simbólicas um via para a Geografia Humanista-Fenomenológica.

É uma perspectiva geofilosofica valiosa para agregar a Geografia Humanista maior abrangência, que absorva o início da rotundidade em bolhas e que se dissipe em espumas. Se justifica, portanto, o convite formal que existe nessa Tese para o diálogo com Gaston Bachelard e Martin Heidegger, devido ao teor das suas obras.

Enquanto Gaston Bachelard oferece uma Ontologia do redondo para que se construa uma relação de proximidade, Martin Heidegger (1954) é provocador e esclarecedor sobre como são construídos e habitados esses espaços redondos, posto que a própria condição existencial do ser humano, está

na condição de habitar receptáculos que são construídos como esferas. Logo, basta atentarmos para o que Heidegger (1954, p. 02) considera, que:

(...) A velha palavra *bauen* significa que o homem existe na medida em que habita. A palavra *bauen* significa abrigar e cuidar ao mesmo tempo. Não se trata apenas da fixidez, mas que ganha outro entendimento, “construir como habitar, (...), estar na terra, para a experiência cotidiana do ser humano (...)” (Heidegger, 1954, p. 02).

É fundamental para marcar a sua espacialidade, mas que ela deve acontecer com os outros. Por isso, Heidegger explica que habitar é cuidar, tendo como sua essência essa característica que perpassa a própria vivência (Heidegger, 1954). Somos em meio tanto quanto as circunstâncias quanto pelo cuidar e assim coexistimos.

Constitui parte de nós ir a lugar-nenhum e “uma das belezas de ir a lugar nenhum é que você nunca sabe onde vai parar quando segue nessa direção” (Iyer, 2015, p. 31).

Desta forma, uma jornada de descobertas inesperadas e possibilidades realmente ilimitadas. O lugar-nenhum traz a simbologia de espaços que estão além dos destinos convencionais e finalidades pré-definidas, levando a transcendência dos movimentos abertos e incertos.

CAPÍTULO

V

5ª ROTA

5. ESPAÇO COMO CONTINENTES AUTÓGENOS: a derivação da esferologia para o espaço geográfico

Mares revoltos, nuvens carregadas de elétrons heteroquísticos. Parece-me que a atmosfera da viagem não envolve apenas divagações, mas o conhecimento vai se aprofundando na mesma velocidade que vão ocorrendo as mudanças radicais dos próprios fenômenos.

Antecipei na introdução desta Tese que a navegação por entres mares e oceanos pode também ser manifestada por diferentes encontros, sejam com as águas, com as suas tonalidades e temperaturas, assim como com as tipificações atmosféricas que se diversificam a todo instante, apresentando diferentes matizes.

Ademais, existe um desejo de não considerar apenas aquilo que ocorre a partir de especificidades objetivas, mas que tenham correlações com aspectos da subjetividade congruentes com um leme hermenêutico que trata de evidenciar as proposições das mais elementares às mais inespecíficas, geradoras de novas formas de atravessamento e interpretações do fenômeno espaço.

Tenho mencionado que a matriz cerne da discussão está abalizada em diálogos capazes de redimensionar o cunho estático de ver o espaço como que a partir de um sentido meramente extensivo.

Neste sentido, discernir a sua própria formação ontológica é uma proposta condutora que parte do centro das observações fenomenológicas para conformar uma caixa de ressonância capaz de amplificar a Ontotopologia na perspectiva geográfica. Por meio dela, o espaço geográfico deixa de ser apenas um ente indisposto a subjetivação em sua imanência fechada, transcendendo pelo atravessamento para se compreender o quanto ele reflete a capacidade esferológica em que o Ser está envolto. Para isso, a base da Fenomenologia da rotundidade nos ampara neste constituir-se das evidências que o espaço apresenta.

Agora cabe um questionamento inicial nessa fase. Por que apontar essas questões? A resposta é que para cada mudança de rota ou segmento da rota, devo estar esclarecendo aos que virão *a posteriori* desta viagem que o que surge no diálogo que envolve o espaço. Assim como os fenômenos podem estar a espera e ao mesmo tempo em movimento, pode ocorrer que não daremos conta de tantos fenômenos e ainda porque temos que passar com nossa embarcação temática em um mar revolto.

Talvez estejamos mais perto de algum descanso, parte mais sólida da viagem, ou ainda não sabemos as novas possibilidades a surgirem nessa empreitada-isso é apenas uma especulação, não sabemos de fato ainda onde vamos parar.

Este capítulo segue em uma rota que acompanha o ritmo do diálogo que ocorre no sentido de quem está embarcado. Tanto a tripulação quanto o capitão se propõem a novos sentidos, pois durante a viagem não há um único pensamento. Ao mesmo tempo que o tempo avança com o avançar da embarcação, novos questionamentos se manifestam. Parece-me como uma ida ao porão do navio em que cada descida gera uma nova descoberta.

As provisões, bem como as riquezas, ficam no porão da embarcação, resguardados com segurança. Apenas alguns têm acesso livre a esses espaços. Por isso, sempre desço até o porão e de lá trago para o convés algo para ser desenvolvido. São tesouros quando pensados desta forma. Aqui, os tesouros são as constituições teóricas e ontológicas.

Ademais, ainda entendo a descida ao porão como uma descida à intimidade, ao interior. Nesse interior outras revelações se dão por aparecer, ou se não aparecem as revelações, revelam-se as questões. Ambas estão lá, tanto as questões quanto as revelações, e aqui as revelações ganham uma definição exclusiva de compreensão.

Tudo o que acontece extrapola a embarcação, há o contato com a exterioridade que também conduz às interferências na viagem. A atmosfera externa implica em novas condições que vão readequando o conjunto de perspectivas levantadas nos diálogos dos 'Entres'. Não são apenas entes que se dispuseram ao tentar enlevar o sentido do Ser das coisas, mas, antes de tudo, foi o estar 'entre' os fenômenos, para que assim suas *epochés* fossem parte das

fenomenologias que delegam diligentemente os novos olhares e as novas expedições.

A 5ª rota, como uma exploração perpassando pelo mar, vai ao encontro dos continentes autógenos que são derivações de uma esferologia no/do espaço. Suspende-se, portanto, as definições que entre os diálogos são expostos em busca de uma convergência não apenas fenomênica, mas fenomenológica de fato do espaço.

Ademais, esclareço a referência de interesse sobre o manto desta apresentação que, embora tendo partido de um continente firme, como é introdutoriamente a fase inicial de uma viagem, a busca por multiplicidades de espaços é o que revigora a presença de se estar em contínua navegação.

A ideia derivada de Sloterdijk em que ‘esferas não são isoladas, mas que se interconectam’ produzem um emaranhado de sentidos manifestados pela sua autogênese, possuindo autonomias e peculiaridades em sua formação.

Essa compreensão, como anteriormente mencionada, é ontológica e não apenas empírica, ela é também imaginária e não apenas material. Este capítulo narra um interessante ponto de início acerca da ideia de fenômeno como aquilo que deve ser amplificado para gerar maior capacidade de entendimento sobre as diferenças espaciais e como essas ocorrem.

Assim, o fenômeno como uma construção inicial da compreensão sobre o espaço é o primeiro encaminhamento para chegarmos a essa continentalidade autógena advinda das bolhas. Em segundo lugar, uma proposta de pensamento reflexivo é introduzida pelo que denomino de “transcendência inversa”. Ela me leva a pensar uma condição dada como um movimento de retornar para dentro, pós-contato com a primeira fundamentação do ponto metafísico, representado como materialidade do mundo (em outros termos, a ocorrência do nascimento).

Reforçando essa síntese que será desenrolada mais à frente, para uma compreensão rápida, o Ser, mesmo quando experiencia um lugar, pode de maneira concomitante criar outros lugares internamente a partir de um retorno.

O ato da transcendência, que é a saída de um casulo para uma amplitude desconhecida, pode, na minha concepção, ocorrer de maneira inversa: um puxar para trás.

As *epochés* ocorrem quando realizamos as suspensões necessárias. Essas mesmas suspensões, ao serem puxadas para trás depois de um contato com o dado, convergem em uma transcendência inversa.

Tal situação também é possibilitadora da criação de espaços. Logo, os espaços, mesmo sendo próprios ou pessoais, nunca são ou estão isolados, mas constituídos a partir das redes que estamos sujeitos a conviver naturalmente como requisito da nossa existencialidade.

Esse diálogo que começo a traçar é desenvolvido aqui para anuir ao pensamento de que estar em algo é sempre estar em um movimento de retorno: uma ida até o externo e do externo, um retorno para o interno.

O contexto que busco para fundamentar é concebido pela abertura dada no conjunto das observações de Sloterdijk na esferologia. Quando aqui é considerado que a Tese segue por um caminho que tenta verificar a sua fenomenologia como uma via para a Geografia se fazer entender por meio das Esferas, a transmissão que é realizada é capturada para uma reflexão permissiva e transversal que consiga fazer com que a Geografia possa ter a sua particular validação.

Desde que não se detenha a apreciação no sentido de se legitimar por uma constituída corte epistêmica, que inapropriadamente são creditados como sendo a partir delas as únicas verdades e a inconfundível maneira de interpretar as coisas.

Vamos por um caminho que fuja das convencionalidades, colocando-as em suspensão [as convenções], em um verdadeiro varal teórico para irmos desenrolando, se possível, os nós e aguardando pacientemente o intercalar do pensamento.

A nossa disposição de construir uma teia que não seja apenas dentro de um meandro por onde se consiga ver suas margens, mas em um mar repleto da insistência e essa palavra para o ato do transgredir é muito peculiar como entendo, pois Em-si significa, uma não-linearidade.

Como vejo, não é uma postura tomada a partir de um sistema fechado e assegurado pela forma que a ciência impõe através de aplicações de métodos verificáveis ou de um amontoado de variáveis que devam passar por um crivo estabelecido.

Logo, o conjunto de discussões possui níveis amplamente diferentes abrem novos capítulos e rotas que são capitaneadas por uma tripulação que apresenta seus direcionamentos. Neste sentido, vamos dialogando com essas aberturas explicitando um ‘mundo esferológico’ que não seja, como alguns que existem, sistemático e frio em sua observação.

5.1 O Fenômeno como uma Construção Inicial da Compreensão sobre o Espaço

O espaço enquanto continentes autógenos pode nos remeter aos lugares em que a sua produção apresenta-se de maneira que o impacto da autogenia ocorre devido, às necessidades aparentes e os meios presentes. Isso se manifesta em ocorrências espaciais que me faz compreender como o Ser se autorrealiza nos espaços que produz. E justamente essa a concepção que aqui desejo especificar tomando como base a constituição ontológica dessas esfericidades no espaço.

Parto do pressuposto de uma questão chave: de que maneira posso acrescentar uma verificação sobre essas condições da produção dos continentes autógenos que se tornam ao mesmo tempo espaços fechados e abertos para trocas quando se observa esse espaço advindo da produção técnica?

Um dos sentidos possíveis de se imaginar o espaço sendo produzido é quando o observamos na sua representação física. Assim, temos construído a ideia de espaços ao longo dos posicionamentos teóricos. A representação física em sua materialidade. Percebemos, a estrutura e o conteúdo externalizado, mas o que neste caso importa são as sensações produzidas de imediato.

Quando falamos que o espaço é um fenômeno, assim como o lugar, devemos voltar a compreensão para o lado da sensação, pois o fenômeno, ao longo da conjuntura filosófica e, principalmente, das observações da filosofia fenomenológica, apresenta variadas interpretações que podem incorrer em dificuldades para compreendermos o posicionamento que estamos percorrendo até aqui.

O afã é sempre “abrir o pensamento e a ação na direção de possibilidades que mostrem novos horizontes e caminhos” (Lefebvre, 2001 p.

09). Por isso, não temos como descansar ou mesmo baixar as velas como forma de repouso enquanto não tivermos um contato mais claro – se possível- do que se manifesta no decorrer da navegação.

Devido a essa necessidade da possibilidade hermenêutica, considero importante pontuar sobre esse viés do fenômeno para encaminharmos a construção da autogenia dos espaços esferológicos e a sua reinterpretação enquanto um espaço geografizado.

Acredito que aplicar a ideia de geografizado é bem mais sustentável devido a sua diversidade multipolar interpretativa, levando-o a um enquadramento de espaço geográfico. Certamente existem diferenças que podem mais à frente serem discutidas. Por hora, o caminho a ser navegado é sobre a distinção e o entendimento sobre o fenômeno. Partindo desse pressuposto, farei aqui algumas considerações relativas ao fenômeno de maneira escalonada.

Costa (2022), em sua interpretação kantiana, considera que o fenômeno ou os fenômenos são as aparições que se encontram estruturadas em nossa subjetividade e que atrás destas estruturas se encontram as coisas em si, mas que de forma alguma temos acesso a elas. Isso ocorre porque, segundo a interpretação que ele faz da visão de Kant, só conhecemos a partir das nossas formas cognitivas subjetivas e que essa maneira de se pensar não nos dá a condição exata de acondicionar as formas que mantemos relações, mesmo que sejam relações cognitivas.

Essa questão é um marcador problemático na base da noção de fenômeno, pois, citando Costa (2022):

Enfim, o outro problema enorme que está na base da noção de fenômeno se refere à ideia segundo a qual o aparecer seria, originalmente, um *caos inarticulado*, a partir do qual não apareceria nada, porque algo aparece só enquanto consciência, a linguagem, as estruturas aprióricas da subjetividade ou do cérebro estruturam o aparecer *a partir do exterior*. Assim, Kant tinha partido da ideia segundo a qual o conhecimento começa das sensações, mas estas assumem forma e se tornam manifestações de algo apenas porque a subjetividade *estrutura* o aparecer a partir de certas *formas* que pertencem a subjetividade em geral. Desse modo, todavia, vinha a ser criado um hiato entre o fenômeno e a coisa em si (Costa, 2022, p. 21-22, *sic*).

Depreende-se desta citação a possível complexidade de se entender a essência do fenômeno em uma primeira tomada. Isso que nos permite uma

maior concentração nas questões sobre a aparição do fenômeno como uma primeira linha de observação: a estruturação desta aparição articulada pelo pensamento, as manifestações que se codificam neste processo, os pontos de subjetividade, as sensações que se destacam e as formas finais.

O fenômeno, é conforme imergimos no 'em-si', uma aparição que se manifesta produzindo sensações no pensamento estruturadas em formas codificadas percebidas pela condição subjetiva. Sobre isso, temos que ir um além, pois para a geografização esferológica, como está sendo transmitida aqui, descobrir a esfera de qualquer possível turgidez desnecessária.

Outro marcador importante nesse aspecto é a determinação do fenômeno como uma condição perceptiva e uma condição sensitiva, embora pareça que esteja se falando da mesma coisa em relação ao se chegar no fenômeno. O que temos é uma distinta maneira psíquica no ato da aproximação ao fenômeno. Tal condição é interposta nas primeiras observações de Brentano. Conforme nos indica Costa (2022), sua argumentação está calcada na ideia de intencionalidade da mente, convertendo-se em uma perspectiva sobre as coisas, como é apontado por ele.

Costa (2022) aponta, através da interpretação brentaniana, que os fenômenos e o seu alcance são previstos dentro de uma condição em que se separam as características do fenômeno físico das características dos fenômenos psíquicos.

A importância de se observar essa distinção é para acossar que os atos psíquicos em sua base revelam os objetos dotados de identidade, mesmo variando o universo das sensações, apenas na psique se revelam de fato os fenômenos, enquanto que em uma posição fenomenista, tal fenômeno não teria a chance de ter a sua revelação considerada verdadeira.

Temos aqui a chance de irmos fundamentando estes aspectos tomando os diálogos em atravessamentos como uma maneira apropriada de se compreender o fenômeno, verificando os diferentes olhares sobre o mesmo tema.

Como o diálogo é amplo, pois, diversas matizes deste pensamento deram suas contribuições, percebe-se que não se trata de quem tem o

pergaminho da verdade, mas considerar as premissas que proporcionam uma flexibilidade interpretativa no âmbito de uma descida ontológica.

Desta maneira, Husserl, discípulo de Brentano, se constitui parte integral de toda essa discussão inicial. Costa (2022) pontua que é justamente Husserl que incluirá os fenômenos físicos na esteira da fenomenologia, de maneira a distanciar-se das ciências naturais. Nesse ensejo, ele desenvolveu a concepção de uma fenomenologia transcendental, como uma das mais instigantes formas de se considerar o estudo fenomenológico, em que tudo que existe parte das nossas experiências com o mundo, conforme este se manifesta.

Há um afastamento, menciona Costa (2022), entre o discípulo e o seu mestre, pois, o que se revela para Husserl como contraposição a Brentano é justamente que a psique já é algo traçado pelas sensações. Isto é, não é apenas um dado mental, pois o objeto intencional parte das condições das experiências.

No sentido husserliano da compreensão do fenômeno, levando em consideração que “se nós tivermos os fenômenos intuídos, então parece que nós também já temos uma fenomenologia, uma ciência desses fenômenos” (Husserl, 2020, p. 62), de modo a conhecer com mais propriedade o fenômeno espaço. Devemos ultrapassar os portões que nos levam a pensar a constituição do espaço e a sua ocorrência como uma mera extensividade, permitindo assegurar uma monitoração cautelar para esse sentido.

Defendemos que o ato de intuir no que diz respeito a concepção fenomenológica do espaço - este ente que se revela a nós- deva ultrapassar o sentido meramente concentrado e absorvido por respostas superficiais e visuais apenas e ir para mais profundo, de fato ir nas profundezas (Husserl, 2020). Logo, são nelas que temos as obscuridades e delas, a gestação dos problemas para que possam ser discutidos, assim como nos revela Husserl.

Por isso, chamo a atenção quando Husserl alerta “que a tarefa da fenomenologia, ou antes, o campo da sua tarefa e da sua investigação não é uma coisa tão trivial, como se eu tivesse que meramente intuir, meramente que abrir os olhos” (Husserl, 2020, p. 68).

Contudo, se faz necessário aprofundar-se, quando se busca no quadro ontológico. Na compreensão do Ser das coisas que se manifestam na presencialidade do mundo. Entretanto, cabe perguntar se a revelação como se

sugere das coisas, dos entes no fenomenismo do mundo ocorre em primeiro lugar na interioridade ou na exterioridade?

Assim, concordamos com Heidegger que declara:

O espaço que assim se mostra pode ser agora objeto de consideração pura, ao preço de abandonar a única possibilidade anterior ao espaço, o cálculo do ver-ao-redor. A “intuição formal” do espaço descobre as possibilidades puras das relações espaciais (Heidegger, 2012, p. 325).

Considera-se, que o espaço é munido de coisas-entes que de certa maneira estão nos lugares que deveriam estar por causa da organização dos seres humanos. Desse modo, os espaços se constituem de fato apenas quando o ser humano se relaciona em sua precisão, sendo apenas a partir daí, como aqueles que existem ou os espaços podem seguir uma ‘*transcendência inversa*’?

Como ocorreria essa ‘*transcendência inversa*’ sem que para se ter um espaço houvesse a manifestação do ente em sua visível aparição no exterior e a intervenção direta do ser humano em sua organização? Apenas o exterior é capaz de validar a transcendência? Seria válido pensar que podemos fazer uma curva de regresso diante do que está na exterioridade sem um avanço maior para uma conversão no interior, capaz de organizar outros espaços?

Ocorre que ainda deve-se pensar se vamos até o fenômeno ou se o fenômeno vem até nós? Se ele se constitui *por-si-só* ou se ele só se constitui quando é dada atenção a ele pelo Ser? Conforme vamos projetando essa rede de pensamentos, temos que levar em consideração as observações para não incorrermos em equívocos especulativos acerca do fenômeno.

Logo, poderíamos cair na rede que interpõe condições como que as tais já dirigidas tanto ao ser como ao que os fenômenos de onde parte toda a vontade de encontro fenomenológico.

A *coisa-em-si*, que por muito tempo foi nome dado ao Ser por Kant, não podia ser de certa maneira conhecido - isso é o que imaginavam-, só podendo ser nomeada com expressões abstratas, que expressam ideias sem relação com nada, absolutamente sem relação, não podendo pensá-la a um nível mais profundo, em seu âmago, apenas criando expressões que a designassem (Tiburi, 2013). É contra isso que estamos nos esforçando para criar uma compreensão mais próxima do fenômeno que intercala-se neste trabalho: o espaço.

Tudo por conta de uma conduta míope que distorce de maneira imprecisa e persistente a discussão sobre a teorização espacial, onde, por seu turno, criam opacidades como bem apresenta Soja (2013).

No mais, o que se deve enxergar para além deve ultrapassar a coletânea de coisas que se vinculam a uma espécie de causação social, refletida no apontamento de Soja (2013), que sustenta que a interpretação das aparências substantivadas, conflui para uma coisa-em-si no rebento de uma incognoscibilidade dicotômica daquilo que é substantivado-atributivo.

Essa concepção revigora o pensamento do fenômeno espaço, conforme a sua aparência objetivamente mensurável.

Por isso, recorreremos ao máximo cuidado de investigar no sentido de uma profundidade ontológica para não incorreremos em uma conduta capaz de ‘opacizar’ (Soja, 2013), quanto também distorcer em uma relativização inconsequente o fenômeno espaço e as suas derivações.

Neste viés que segue, amparamos essa discussão ainda no esteio que Heidegger menciona:

Mas, o fenômeno no mais das vezes já é sempre também objeto de mal-entendido fundamental ou é ontologicamente interpretado de modo insatisfatório. É que esse “ver” de certo modo e, no entanto, no mais das vezes, “entender mal” funda-se ele mesmo em nada (...) (Heidegger, 2012, p. 183-185).

O fenômeno como aquilo que se mostra e como se mostra é, conforme o filósofo de ‘Ser e tempo’, um elemento ainda de mal entendimento e ao mesmo tempo, tem a sua compreensão ontológica insatisfatoriamente gerada pelos interpretes que colocam os fenômenos às suas disposições.

Estar disposto e colocar o fenômeno à disposição, pode, às vezes, gerar interpretações um tanto incoerentes com o seu ‘mostrar como se mostra’ no mundo que nos envolve. Daí a real necessidade de romper o lacre dos equívocos, incorrendo em encobrimentos do próprio fenômeno.

Para Heidegger:

Mas que significa para a elucidação do *fenômeno do mundo* essa referência ao modificado vir-de-encontro do utilizável, no qual sua subsistência se revela? A análise dessa modificação faz também que ainda permaneçamos junto ao ser do que é interior-ao-mundo e que ainda não nos aproximemos do fenômeno do mundo (Heidegger, 2012, p. 225).

Assim, decorre da nossa reflexão sobre como as mudanças afetam as nossas relações com o ambiente que nos circunda, mas que também nos mantém ligados ao núcleo desse mundo que estamos inseridos. Todavia, mesmo com tantas modificações, ainda nos falta compreensão mais profunda sobre os fenômenos que subjazem a constituição do mundo.

Por isso que o intuir não pode ser algo desperdiçado no contexto intencional quando se desenrola o novelo do pensamento. Convém salientar, um pouco mais com base no que Heidegger (2012) menciona que a tessitura do pôr-em-liberdade o espaço puro consoante o que ou das suas morfológicas representações das figuras espaciais, passam mais deliberadamente por uma *analysys situs* até recair sobre o olhar meticuloso da ciência métrica, 'não cabe nesta investigação' (Heidegger, 2012, p. 325).

O que cabe a esse momento é distanciar-se de qualquer insípida forma de endossar um único olhar que tente delimitar o fenômeno em questão. Por isso, que posso assegurar que há outras possibilidades de introjetarmos novos questionamentos.

5.2 Transcendência Inversa: um retorno para dentro

A estrutura que tenho aqui do pensamento de Sloterdijk no primeiro tomo de Esferas, chamado de Bolhas, é a de uma microesferologia, um olhar para dentro, rumo a imanência que estabelece microformas. Sloterdijk nos convida a pensar através de uma fenomenologia da intimidade, uma fenomenologia em que as correlações são observadas antes mesmo de estar-no-mundo exterior.

Sloterdijk faz uma viagem para o interior nos convencendo a olhar com ele para uma ginecologia reversa em que o Ser busca reproduzir essa mesma ambientação - do útero em que se encontra o feto, a placenta e o líquido amniótico -, em que esteve presente antes mesmo de todo o processo do desenvolvimento cognitivo individual, quando este se encontra nas comunidades que lhe asseguram sua imunização.

Esse retorno para o dentro, essa inversão da transcendência em não se dirigir para o fora, mas fazer um movimento de voltar-as-coisas-anteriores, assemelha-se a redução husserliana de construir uma compreensão do sentido

do ser a partir de uma *epoché* dos fenômenos. O espaço anterior ao nascimento, abre uma condição de mundo próprio entre dois entes e mais entes que estão mais do que se correlacionando, um faz parte do outro, é o algo dentro de um algo em um algo.

A transcendência, em seu sentido mais literal, se revela como um ir-além da física. Assim, enquanto muitas questões não eram respondidas quando os fenômenos se faziam presentes, dado seu alcance ser difícil.

Os diferentes “mundos” constituídos pelo ser humano em vida como substratos importantes das suas relações com os outros, com as coisas e com o imaginário, podem ser reveladores quando o movimento imanência-transcendência e transcendência inversa é estimulado.

Nessa concepção, Nunes (1991) aponta que:

A vida humana individual é, desse ponto de vista, o fulcro onde se firmam essas totalidades significativas, que têm os mesmos conteúdos e que se chamam mundos. Ser “demasiadamente poliédrico”, o homem encontra em cada um desses mundos a forma insubstituível de apreender uma mesma realidade fugidia, que também os métodos científicos visam, e da qual extraem apenas fragmentos “objetivos”, cujo valor é tão relativo quanto o dos demais conteúdos, religiosos, éticos, artísticos, que participam da estranha e movente substância vital, a que todas as verdades remontam (Nunes, 1991, p. 76).

A partir desse movimento se percebe claramente, seguindo as pistas de Sloterdijk, que a exterioridade como é apresentada pode ser um simulacro das interioridades humanas. Esse simulacro ofertado para compreensão através da ‘fenomenologia da rotundidade’ de Sloterdijk, nos leva a observar as coisas expostas na exterioridade que se faz visível através da técnica humana de forma que, “El hacer técnico es esencialmente um substituir o protetizar” (Sloterdijk, 2006, p. 242-243).

A ideia de uma transcendência inversa revigora um pensamento que se implantou sobre a condição do espaço em sua manifestação. A base desse pensar para dentro não se torna equivoco, como alguns podem sugerir, pois, se a nossa conjunção material das coisas jogadas-aí – lançadas por aquele que também está lançado-no-mundo- só são possíveis em sua aparição, por ter sido constituído anteriormente em um outro espaço que não o externo, por isso esse atravessamento da fronteira de modo que seja não para fora, mas para dentro é a condição inicial de todo o *Dasein*.

Quando Kant, na “Crítica da Razão Pura”, denomina como “transcendental todo o conhecimento que se ocupe não tanto com os objetos, mas com o nosso modo de conhecer os objetos, na medida em que estes devam ser possíveis *a priori*” (Kant, 2008, p. 60), devemos ter o máximo cuidado, pois o sentido que Kant delibera para compreensão do mundo a partir da condição *a priori*, inata e que apenas essa é a verdade essencial do fenômeno pode nos levar a uma prisão em que os aspectos que envolvem as particularidades individuais não existem, no sentido de que tais particularidades se desenvolvam apenas mediadas pelas relações, situações, tempo e espaço.

Kant, ao se envolver com a transcendência do conhecimento, denegou uma parte importante do *Dasein* que são as suas possibilidades. É nesse sentido que levo a observação para o conceito de “transcendência inversa”, não como um psicologismo geográfico, mas apoiado na fenomenologia sloterdijkiana em que fundamenta esta Tese.

A Tese conceitual de que nosso entendimento sobre o espaço vai para um além, poderia ser metafísico, no sentido de ir-para-o-além de fronteiras que supostamente envolvem o sentido teológico. Essa é uma observação necessária a ser feita, pois tudo aquilo que durante muito tempo não obtiveram respostas, por mais questionamentos que fossem realizadas caíram no culto metafísico.

Acreditamos nas análises esferológicas que encontramos nas Esferas de Sloterdijk:

Por isso, a análise esferológica que se inicia com este primeiro volume, partindo das microformas, não é nem apenas uma projeção construtivista de espaços arredondados, nos quais os homens imaginam para si uma existência comum, nem apenas uma meditação ontológica sobre o círculo no qual os mortais seriam encerrados por força de uma ordem transcendental e incontrolável (Sloterdijk, 2016, p. 76).

Nesse sentido, a primeira obra de Sloterdijk nos traz inicialmente o decalque das constituições formais que estão presentes na imanência e que emergem com base de como os humanos e extra-humanos estão organizados, seja como ele menciona nos aspectos do *design* espacial dos povos primitivos ou como a autointerpretação teológica e cosmológica dos impérios tradicionais (Sloterdijk, 2016).

Esse reverso transcendente poderia ser confundido ao mesmo tempo com a imanência, mas o detalhe está na posição em que primeiro o Ser se

depara com a exterioridade, se comunicando com ela e desta (experiência transcendente), retorna para si. Nesse movimento de retornar para si que será desvelado que a imanência não pode ser possível, conforme o sentido estabelecido pelo olhar leibniziano na sua ‘monadologia e ideia do finalismo’, “Deus calcula vários mundos possíveis, mas faz existir o melhor desses mundos” (Leibniz, 1983, p. 98), que resta ao Ser é aceitar tal intervenção que segundo Leibniz seria o melhor projeto, com base no ‘princípio do melhor’.

O que me parece o melhor dos mundos possíveis (Leibniz, 1983), acaba amputando o universo das possibilidades, das multiplicidades de mundos, das cidades invisíveis (Calvino, 1972), quando as substancialidades monádicas não vêm acopladas à morfologia deste ente privilegiado, mas que em sua transcendência para um outro lugar – o mundo externo-, será capaz de retornar para dentro de si, tentando atestar que as suas criações espaciais são simulacros da lembrança do dentro, algo que pode confundir-se com um dos princípios que são sustentados por Leibniz à respeito das mônadas, isto é, “a noção de mônada mediante a experiência interior que cada indivíduo tem de si mesmo e que o revela como uma substância ao mesmo tempo una e indivisível” (Leibniz, 1983, p. 99).

Todavia, mesmo no contexto no qual considero que o reverso transcendente esteja pautado em um retorno de fora para dentro, a concepção de forças que as mônadas leibnizianas demonstram terem com foco na sua interioridade, evidencia-se que esse encaminhamento, é sustentado pelas notas que caracterizam as mônadas: a percepção, a apercepção, a apetição e a expressão.

Contudo, quando Leibniz confirma que as mônadas “não tendo “portas nem janelas”, não recebem seus conhecimentos de fora, mas têm o poder interno de exprimir o resto do universo, a partir de si mesmas: a mônada é um ponto de vista” (Leibniz, 1983, p. 99).

O caminho a se pensar a partir dessas observações é principalmente devido a alguns dos filósofos tradicionais como: Leibniz, Kant, Nietzsche, Husserl, Heidegger, terem iniciado, de certa maneira essas amplas discussões que perpassam pela esfera da imanência e da transcendência.

Uma busca considerável a respeito do sentido do Ser fez e ainda faz termos esse olhar voltado para essas esferas. Agora, o sentido não é meramente sobre o Ser, mas sobre o Ser e onde este Ser está. Logo, “onde” se torna uma palavra-chave da virada espacial que ultrapassa as construções geométricas. Compartilho do mesmo olhar de Sloterdijk quando menciona que “os seres humanos se tornaram esse grupo marginal ontológico que inquieta a si próprio” (Sloterdijk, 2016, p. 78).

Tal inquietação recai sobre o próprio processo de espacialização, deste ‘onde estamos’. Assim, vale reafirmar que estamos:

Envolto pela natureza exterior e assentados na natureza interior, os homens levam a vida de insulares que sempre tomam suas ações simbólicas, seus hábitos, seus caprichos, sua libertação de padrões instintivos como algo óbvio e, nessa medida, mais uma vez como algo conforme à velha natureza. Mas, quando se observa mais de perto, vê-se que eles **habitam apenas construções que brotaram deles mesmos como uma segunda natureza** — em suas línguas, seus sistemas de ritos e significados, em seus delírios constitutivos, que, entretanto, estão implantados em algum lugar na superfície da Terra (Sloterdijk, 2016, p. 78, **grifo meu**).

Percebe-se que, segundo a esferologia de Sloterdijk, ao observarmos mais detidamente e de perto sobre o ser humano e a sua forma de estar-no-mundo, em um primeiro lugar, temos o Ser como insular. Isso que nos leva a pensar em microcontinentes separados dos demais, com suas particularidades e sistemas próprios autopoieticos e autógenos revelados em seus símbolos, seus hábitos e sua cultura.

Em segundo lugar, mais revelador ainda, está na dinâmica de que o Ser, sendo insular, habita em construções que brotam e nascem dele mesmo: são partes de si que ao surgir se tornam uma segunda natureza, a parte de sua interiorização tornou-se exteriorização, no exterior, mas que teve como fonte inicial o espaço interior.

A imanência que é tratada como uma residência permanente no interior, foi distintamente incorporada nas discussões geográficas através dos estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Apesar de outros geógrafos e geógrafas também abordarem com uma certa nuance os aspectos da imanência.

O fato é que a imanência é ontologicamente percebida e compreendida como sendo a inerência do Ser. Ela pode ser confundida com os aspectos tratados no monismo, que decanta a ideia de substancialidade única, de

predicativos que na inerência do Ser são a parte de si que, conforme a visão dos filósofos, nos faz querer inquirir, se esta é realmente uma condição já estruturada no Ser.

Na esferologia, os seres humanos, enquanto construtores do seu modo de habitar, acabam seguindo, a profissão de incautos arquitetos de interiores. Por isso, a concepção de construtores de serem vasos autógenos e ao mesmo tempo partes desses vasos que se dilatam, mas que contém e são contidos, aproxima-se de uma radicalidade de pensamento quando imaginamos que sendo o Ser projetista do seu próprio espaço interior, mobiliado e ocupado com seus próprios objetos considerados relevantes, este deixa-se dispor como uma peça desse próprio mobiliário, tal qual uma caixa de ressonância e neste sentido, uma aguerrida muralha no involucro dos seres que estão interiormente próximos e contíguos (Sloterdijk, 2016).

Desta maneira, iremos perceber um verdadeiro movimento estabelecido a partir da relação entre os sujeitos humanos que, ao seu desenrolar do seu compartilhamento no campo proximal, os elementos constituintes da contenção e da exclusão recíprocas entre estes que se encontram em proximidade ocorreram no mesmo momento como condições de se Estar-no-mundo.

Esse enfoque está na base da microesferologia de Sloterdijk. Ele ainda nos permite considerar o pensamento acerca dessa forma relacional, me permitindo aqui aprovisionar, como adendo ao exposto, parte de como tradicionalmente se reflete sobre a condição de recipientes¹²⁰. Logo, o espaço e o Ser como vasos autógenos representam, “um paradoxo insuperável para as grandezas geométricas e físicas constitui, para a teoria dos lugares psicológicos ou humanos, a situação inicial” (Sloterdijk, 2016, p. 79).

Estamos nessa viagem na busca das ilhas pessoais que se dão enquanto lugares de suas realidades primárias e pessoais, responsáveis pelas

¹²⁰ Cf. Observando o que Sloterdijk comenta no endosso que realiza acerca dos vasos recipientes e nessa condição ele está tratando sobre o ser humano, comentando da seguinte forma: “A neurose básica da cultura ocidental é ter de sonhar com um sujeito que observa, denomina e possui todas as coisas sem se deixar conter, nomear ou possuir por qualquer coisa, ainda que Deus mais discreto se oferecesse como espectador, continente e mandante. Insistentemente retorna o sonho de uma esfera do eu, monádica e abrangente, cujo raio seria o pensamento próprio— um pensamento que atravessa sem dificuldade espaços até a periferia mais exterior, dotada de uma discursividade onírica e cômoda que não enfrenta a resistência de nenhuma coisa exterior real El-B, p. 79.

representações que a exterioridade a nós se revela, mas que faz parte de cada indivíduo.

No momento em que Sloterdijk remonta um enredo reverso, partindo do pressuposto da fábula religiosa de Jonas, ele conceitua de egoísmo panóptico e de complexo o Jonas. Ele mostra que o sujeito, ao estar confinado no ventre de uma baleia, caso ele tivesse criado para si um exílio apropriado, poderia anular a dramática diferença considerada original entre o interior e o exterior ou de mesmo cogitar tradicionalmente de que tudo está do lado de fora, ou de que tudo está do lado de dentro, mas possibilitar que a espacialidade interior é nutrida pelo conjunto dos que vivem uns nos outros.

Logo, é de se observar que:

Cada sujeito, no espaço cossubjetivo real, é um sujeito que contém os outros na medida em que acolhe e abrange uma outra subjetividade, mas é também um sujeito contido em outros, ao estar rodeado e consumido por olhares abrangentes e arranjos (Sloterdijk, 2016, p. 80).

Observa-se nesse quesito, a questão biuindivisível em que nos encontramos no sentido de contermos e sermos contidos. Isso perfaz a própria construção das identidades pessoais oriundas do conjunto relacional em que estamos envolvidos. Isso, quando pensamos a questão do Ser, e quando assim pensamos também a sua posição diante da espacialidade que é configurado por ele, como é que apercebemos?

Para fortalecer esse entendimento a respeito da espacialidade configurada no entremeio dos abrangentes rodeamentos, como assim menciona Sloterdijk, nosso envolvimento não nos deixa incólumes e é elemento indispensável para a confirmação da nossa existência.

O sujeito que contém os outros cria os espaços, tanto a partir de si, quanto na intervenção do que vem de fora. Ele, contudo, está em si e o aspecto ontotopológico ocorre, nesse mesmo sentido, ao existir em um lugar. Nossa existência nesse lugar está condicionada a compreender que não se estruturou individualmente, a cossubjetivação advinda das correlações fomentam a constituição de espaços que ocorrem da interioridade para o mundo mais aberto, alcançando aquele a que contemos.

O contenedor de subjetivações faz de outras subjetivações meios que lhe assegura espaços próprios, autógenos, criando e recriando mundos para se conter e conter o outro.

No sentido ontológico que assegura uma compreensão mais incondicional, seguindo considerações abalizadas nas observações das correlações que são asseguradas pelo *Mitsein* (Ser-com), a expectativa criada a partir das contenções que este elabora diretamente com o Outro Ser molda as morfologias próprias esferoidais, como é também alcançado aqui pela fenomenologia esferológica de Sloterdijk.

Ser-recipiente é ter a condição de reter conteúdos que lhe atravessam de outras esferas. O conjunto de bolhas que são formadas a partir das correlações posicionam-se como enquanto recipientes particularizados que marcam a recepção, a contenção e o despejo dos seus próprios conteúdos em outro Ser. O movimento é assegurado pelo envolvimento que ocorre em fluído dinâmico diante das possibilidades da cotidianidade.

Em busca de um entendimento desta questão, quando o Ser está envolvido com outro Ser, isso revela uma significação na ordem da troca de particularidades, outra maneira de ser atestado o conjunto de subjetividades surgidas das intencionalidades diante dos fenômenos.

Ao se envolver e gerar permutas, o *Mitsein* se esforça na manutenção do que ele cria enquanto meio para se estar e existir. O espaço, nesse caso, conquanto a parte do invólucro do Ser, deste *Dasein*, é o fenômeno que mais sofre na imensa receptividade de conteúdos¹²¹ oriundos destas relações.

Nessa mesma dinâmica para entrecruzar o olhar filosófico com o geográfico, nos acercamos com a posição de Massey quando ela afirma que “na medida em que o espaço é o produto de relações sociais, você também está ajudando, embora, neste caso, de mais bem mais sutil, a *alterar* o espaço (Massey, 2008, p. 175, *sic*).

Vale observar que essas relações seguem o padrão pensado por Heidegger (2012), quando expõe sobre o descerramento do mundo que ocorrem aberturas para a revelação das coisas.

No mesmo sentido de perceber as coisas enquanto utensílios (*zuhanden*) quando lidamos com estes no cotidiano, constituindo para ele

¹²¹ Quando estou tratando acerca do conteúdo, estou me referindo que tanto o *Dasein* quanto o espaço são estruturas que não são vazias. Seu preenchimento ocorre devido as instâncias criadoras alimentadas pela vivência, pela experiência e pelo contato com outros *Daseins*. Mesmo quando este contato não ocorre em grande profundidade, haverá algum conteúdo oriundo de fora para a real constituição existencial do Ser-aí.

relações ordenadas, relações que são aprovisionadas pelo ‘com-vistas-a’ (Crowell, 2012).

As coisas dispostas no aí do mundo são constituídas como partes do ser, essa disposição que tem a função de um ‘com-vistas-a’ ultrapassa seguramente apenas essa ideia. Para Sloterdijk (2016), a profundidade do correlacionar-se leva para um estágio de verdadeiros acompanhantes dos elementos que estão dispostos.

Nossa transcendência cotidiana de ‘ir-além’, quando acontece no processo de retração, traz consigo estes acompanhantes perfazendo o conteúdo de cada Ser.

Ir-além, neste caso, como estou me posicionando, é inverter para uma reentrada a partir de uma saída, de observações externas, e reaparelhar o interno com os fenômenos que estão já em um além-interior.

Dito de outra forma, não há seguridade inata das coisas ou dos fenômenos, nem mesmo o conhecimento destes como se o sujeito humano já nascesse com traços da realidade que o irá ampará-lo. Sobretudo, em termos de essência inabalável como a base das mônadas que são o que são, sem interferência externa, neste caso específico somos inclinados a pensar que são justamente as vivências correlacionais que desenvolvem uma parte significativa do que é o “Estar-humano”. Esse estar é topológico e ao mesmo tempo ontológico no sentido da existência, e tudo perpassa pela grade extensiva do ‘Estar-junto’, do ‘Estar-com’, do ‘Estar-in’ e do ‘Estar-em’.

Essas quatro variações do Ser, em sua correlacionalidade humana, constituem as bases para se Estar-no-mundo. A circuncidade é a manifestação dessa agremiação de fenômenos relacionais de onde a fenomenologia terá a maior aproximação com o que está antes dos conceitos pré-definidos.

Para se estar em algum lugar, não se marca apenas numericamente uma ôntica forma de se ver o espaço, tampouco se tem um lócus geométrico carregado apenas de extensões delimitantes. Isso tudo vai-para-um-além, trata-se de como uma elasticidade fundamentada na ampliação, no encolhimento, na retração e em uma nova amplificação. Iniciando com um interno, rumo ao externo. Por isso considero observar atentamente o que Sloterdijk retrata, pois:

(...) o espaço interior humano está constituído de corpos ocultos, paradoxais ou autógenos, simultaneamente estanques e permeáveis,

desempenhando o papel às vezes de continentes, às vezes de conteúdos, e possuindo, ao mesmo tempo, propriedades de paredes tanto interiores quanto exteriores. A intimidade é o reino dos continentes surreais autógenos (Sloterdijk, 2016, p. 81).

Essa posição apresentada por ele corrobora em destaque com as nossas observações iniciais. Faz parte da relação íntima, no sentido das ‘loucuras topográficas’ que Sloterdijk menciona em sua obra. A concepção dos espaços como vasos autógenos correspondem indubitavelmente as condições que se iniciam na teoria que ele identifica como íntima, sendo o primeiro passo da compreensão sobre o topológico. Por isso que é importante para dar maiores esclarecimentos sobre essa posição, o que Sloterdijk demonstra quando caracteriza a intimidade como:

A teoria do íntimo, a ser desenvolvida na análise das microesferas que se segue, está dedicada à tentativa de mostrar que todas as ciências do homem aportaram desde sempre contribuições para um surrealismo topológico, porque em nenhuma época foi possível falar de homens sem lidar com as bruxuleantes poéticas do espaço interior habitado (Sloterdijk, 2016, p. 82-83).

Até aqui, vislumbro que há um movimento **antes de Sloterdijk e posterior a Sloterdijk** no sentido de termos iniciativas ontológicas do tratamento acerca de uma questão importante, a intimidade como um espaço habitado.

O surrealismo topológico que estamos interessados também em investigar, está em total consonância com as alterações do tempo-espaço na mesma trilha do pensamento de Doreen Massey de que o “tempo é ou passado ou por vir, ou o tão minimamente instantâneo *agora*, que é impossível apreender. O espaço, por outro lado, está *aí*” (Massey, 2008, p. 174, *sic*).

Já que o espaço está aí, como menciona Massey, importa mencionar também que este *espaço-aí* é também partícipe do íntimo. Ele se altera conforme acontece esse contexto das correlações, inclusive as íntimas, que marcam suas topologias próprias.

Na medida que vou aprofundando a compreensão sobre a intimidade, confluo esse olhar a partir de outras afirmações de pensamento. Por isso, é importante acrescentar que:

O homem não é um ser jogado no mundo para dentro de uma única grande esfera impessoal, mas alguém que é parido, chega ao mundo e transita de um espaço para outro. No início sai do calor sonoro da piscina amniótica e da sustentação do íntimo placentário pra encontrar colo e o berço. Descrever essa transição do pequeno ao grande é a tarefa da Esferologia. As esferas comandam as migrações e o que é

transferido do mundo miúdo (microesfera) ao imenso (macroesfera) (Pessanha, 2017, p. 15).

A ideia de que o Ser é apenas uma construção material jogada no mundo, lançada de qualquer forma, como que para enfrentar o mundo que terá contato, suas angústias e adversidades de toda natureza, é um ponto de observação necessário para termos uma compreensão melhor a respeito do impacto de pensarmos desta maneira.

Quando jogados ou lançados, aparentemente parece que as relações estão distantes deste Ser que está em lançamento. Todavia, a verdade é que ao estar-no-mundo, sua primeira condição é relacional. O primeiro contato do Ser será com outros seres que o servirão como recipientes que irão conter, moldar e criar um novo Ser.

Amparado por outros seres, o Ser em construção sentirá sensações diferentes, espacialidades que ganham amplitude, atmosfera e ressonâncias. Em que ele tentará simular o espaço anterior à nova realidade; as intimidades não serão apenas diádicas, mas 'multiformadoras'.

Vale ainda restaurar - em continuidade - o olhar à respeito do que se estabelece sobre o conceito de espaços íntimos para Sloterdijk, pois a forma que ele compreende considera a microesferologia desses espaços como espaços interiores partilhados, cossubjetivos e interinteligentes, que expressam claramente que eles fazem parte dos grupos diádicos ou multipolares. Eles só podem de fato existir, caso os indivíduos humanos estabeleçam estreitas proximidades uns com os outros mediante diferentes formas, como ele aponta. Incorporações, invasões, imbricações, reflexões e ressonâncias, além das identificações, criam assim formas particulares de espaços como continentes autógenos.

Mais à frente, pretendo estender por *um braço a mais de mar* essa instigante produção destacada como continentes autógenos, pois se configura como um desmembramento de uma espacialidade interior em que o Ser do ente produz espaços individualizados. Esses são frequentados por muitos outros produtores de suas específicas espacialidades e serão um pouco mais observados dentro de um fenômeno específico, o 'habitar' espaços, partindo de espaços mais proximais, reveladores de ricas fontes de intimidade. Bachelard

será um dos orientadores nessa observação mais detida, sobretudo devido a sua poética do espaço.

A aproximação destes espaços enquanto continentes autógenos pode nos informar como a própria produção e evolução dos espaços, da resistência do ser humano, ocorreu em meio às diferenças do tempo e da técnica. Novamente, a técnica, como um dos principais suportes morfológicos da espacialidade, também sugere as amplificações que reduzem o desfastamento, o isolamento e a orientação.

CAPÍTULO

VI

6ª ROTA

**6. ESTRANHAMENTOS NO MUNDO PRÓLOGOS SOBRE
ESPACIALIZAR-SE: Habitar espaços ou Estar em espaços?**

A posição demarcada na sessão anterior teve um diálogo abrangente sobre temas importantes para a Geografia, desde a compreensão sobre o fenômeno, como na introdução de uma abordagem ontológica que apresento sobre a transcendência inversa, até um pensamento que fornece abrir novos caminhos possíveis de investigações que envolvam a Geografia.

Por isso, essa nova sessão se traduz como um novo caminho ou como prólogo. Considero o mundo como estranhamento e que devemos pensar sobre a ideia dicotômica no limiar que se encontra entre o habitar e o estar em espaços, algo que, na observação a respeito da espacialidade, requer uma depuração melhorada, mais uma suspensão à vista.

Neste sentido, tenho ainda considerado que é preferível sustentar a ideia de diálogo do que aplicar um termo que por vezes foi visto como padrão em que algo deve ser achado, definido, sondado, perscrutado, de maneira imparcial, sem feições, nem sensações ou afeições. Gerando muitas vezes determinações localizáveis bem demarcadas do pensamento de se estar ou mesmo de habitar.

E aqui, nessa abertura, logo me vem ao encontro a demarcação pelo escalonamento que as pesquisas buscam definir. Desta forma, sigo com o desejo de afirmar através deste posicionamento através de diálogos, tal posição me faz acreditar que possa ocorrer uma maior amplitude de pensamentos.

Quando nos distanciamos dos parâmetros tradicionalmente impostos, em que o tal elemento a ser pesquisado de um lado o tal objeto, e o pesquisador de outro lado, ambos intocáveis, ambos em distanciamentos, cada um em seu particular espaço, produz o pensamento de ultrapassar esse olhar.

Por isso, precisamos de maiores diálogos, daqueles que nos ouçam e que também possamos escutar.

Assim, reaproximar-me da fala de uma, duas ou mais, um dois ou mais pensamentos, um, dois ou mais olhares distintos nos faz criar reorientações sobre como também refletimos acerca do fenômeno em questão. Tudo através

dos diálogos como possibilidades infinitas. Justamente por isso não preciso e não desejo estar distante, quero e desejo estar perto: Estar-entre, Estar-em, Sendo-em-com-entre; o diálogo leva-me por esse caminho.

Esse novo diálogo atravessará por dois sugestivos diálogos, talvez estando na proa da embarcação. Logo, minha condição é estar enquanto um tripulante ansioso para chegar a um ponto fixo nessa viagem para revermos todos os nossos diálogos, todos os nossos achados.

Habitamos espaços ou estamos apenas frequentando espaços? Enquanto sujeitos produtores de espaços, nós apenas estamos provisoriamente nesses espaços ou habitamos com o entendimento que assim nos protegemos? E se nos protegemos no habitar, onde é que habitamos de fato? O *Dasein* habita o espaço ou permanece no 'estando' provisório?

Com estas perguntas, nosso interesse se revigora para responder, se possível, e partir para a compreensão do universo dessas perguntas que, por mais claras que possam parecer, são tão obscuras no seu oposto. Esse oposto é que nos instiga, pois ultrapassa o ponto dado: o Estar-aí para se ver. A transcendência desse ponto é o viés que gera a diferença no diálogo que se inicia como essas perguntas.

Tais questionamentos suscitam o olhar para o que Heidegger anuncia inicialmente como a questão do habitar, pois, há um aprofundamento, não no sentido de mera ocupação física, mas de encontro e relação com o ambiente que nos rodeia. No sentido mais amplo, o 'cuidar' se torna fator existencial quando se habita.

Nisso, o *Dasein* se surpreende enquanto seu modo de existência ao se relacionar com os mundos e o mundo ao seu redor de maneira única, mas tocado por muitos.

Conforme menciona Heidegger:

Ao habitar chegamos, ao que parece, apenas por meio da construção. Este construindo, tem por meta aquele, vivo. No entanto, nem todos os edifícios são roxos. Uma ponte e um edifício do aeroporto; um estádio e uma usina; uma estação e uma rodovia; o mudo de contenção de uma represa e o armazém de um mercado são edifícios, mas não casas. Este vai além dessas construções; por outro lado, porém, não se limita à habitação. (...). Essas construções abrigam o homem. Ele habita neles e, no entanto, não habita neles, se habitar significa hospedagem (Heidegger, 1954, p. 01).

Dar significado para que se integre a partir das correlações no habitar, essa é uma construção que o *In-der-welt-sein* (*Ser-no-mundo*) faz com total diferença em sua constituição existencial, ao invés de apenas estar como amontoado, se distinguindo pela imersão.

Antes de iniciar de fato as interlocuções sobre os modos de habitar, ou mesmo na singularidade sobre o habitar, enquanto parte de uma composição recaindo sobre o conjunto de ideias da *Ges-tell* (composição, enquadramento) heideggeriana, que parte para o pensamento do ‘cuidado’ ou seja do *Sorge* (cuidado, preocupação) aqui reside um sentido importante que merece atenção.

Nessa tentativa de ultrapassar a ideia da precedência do *Dasein* no seu Estar-no-mundo, poder-se-ia constatar o habitar enquanto parte das tonalidades afetivas que autenticam a pre-sença. Habitar enquanto uma tonalidade afetiva inclui a existencialidade do *Dasein* nos espaços devido a forma que ele espacializa.

Antes de mergulharmos mais profundamente sobre os dois temas centrais dessa sessão, é importante ressaltar que as interlocuções sobre os modos de habitar que estou sugerindo consideraram inicialmente uma outra ótica que ultrapassa a *Ges-tell*, no sentido de vasculhar pontos que atravessem a técnica moderna, onde o mundo é apenas visto como um reservatório de recursos para que possam ser explorados e manipulados.

O percurso que apresento aqui concentra-se atentamente para o conceito de cuidado (*Sorge*), não apenas no sentido de uma preocupação prática, mas de uma forma de relação fundamental com o mundo e com os outros, sobretudo na morfologia do habitar que atravessa as experiências emocionais, afetivas e existenciais.

Para que isso ocorra, isto é, para que este pensamento possa nos servir de fato, importa acrescentar que: “o habitar exigirá a vida em comunidade e o desvelar da linguagem” (Rocha, 2020, p. 05).

Neste sentido Benedito Nunes ao tratar sobre a abertura do *Dasein*, observa que:

O *Dasein* não habita o espaço, ele espacializa: abre o espaço que ocupa como ser no mundo. Preocupado em agir e fazer, e desta forma ocupado com ações e obras, o *Dasein* também cuida de outrem. Seja de maneira positiva, negativa ou indiferente, a existência não é só a minha existência, mas também a de outro, comigo compartilhada num ser-em-comum (*Mitsein*). Ser-no-mundo, o *Dasein* é igualmente ser

com os outros, tendo nisso uma outra via de acesso ao mundo, capaz, no entanto, de subtrair-nos a nós mesmos, de englobar-nos nessa busca de si em que nos empenhamos como um poder estranho, superior, anônimo, impessoal (...) (Nunes, 2010, p. 13).

A base do entendimento que Benedito Nunes (2010) nos direciona, pode de certa maneira se dividir em partes para gerar uma melhor compreensão. Uma primeira observação é a do *Dasein* e a espacialização. Importa que saibamos que o *Dasein* não ocupa um espaço físico, mas ele especializa. Isto significa que ele não existe apenas em espaço determinado, mas abre outros espaços através da sua existência, não sendo, portanto, apenas um objeto que está disposto no mundo, mas que carrega consigo a criação e a abertura que ativa quando se espacializa na sua existência.

Outra observação é a preocupação com os outros. Logo, o *Dasein* está sempre preocupado com as suas ações como também as suas obras, além de se preocupar com os outros, o que pode ser de forma negativa, positiva ou até mesmo uma preocupação indiferente em seus diferentes compartilhamentos.

Vale acrescentar o que Heidegger discorre em 'Ser e tempo':

A preocupação-com se prova, assim, como uma constituição-do-ser do *Dasein*, que nas suas diversas possibilidades se prende, de um lado, ao ser do *Dasein* em relação ao mundo da ocupação e, de outro, ao ser próprio relativamente ao *Dasein* ele mesmo. O ser-um-com-o-outro se funda de pronto e muitas vezes exclusivamente no que é, em tal ser, objeto de uma comum ocupação (Heidegger, 2012, p. 353).

Como a uma das premissas centrais deste trabalho é instigar o viés da ontotopologia, centramos aqui que o 'habitar' se torna parte dos modos do *existens do Dasein*. Antes mesmo de absorvermos mais compreensivamente esse entendimento, partimos para um amplo diálogo capaz de permitir evidenciar mais constatações sobre essa maneira que estou interpretando o 'habitar'.

Para isso, um outro artigo de um autor que já se pronunciou em um outra rota e que novamente através do seu ensaio sobre uma filosofia fisionômica, que evidencia a figura do filósofo Nietzsche e o estranhamento do mundo, inspirado na microesferologia sloterdijkiana, Juliano Garcia Pessanha (2014) apresenta uma série de observações que desencadeiam nessa temática.

Assim, podemos depreender em um primeiro momento que Pessanha (2014) traça uma fenomenológica incursão sobre a chegada de Nietzsche ao mundo.

Chamaria aqui em primeira instância do ‘habitar’ esse estado em que chegamos ao mundo, assim como ele escreve “(...), logo que cheguei ao mundo, aquilo mesmo que encontrei se achava em estado de atrofia e de diminuição” (Pessanha, 2014, p. 02). O estranhamento do mundo começa quando chegamos a ele de fato, mas a chegada é posterior a um outro estágio em que já habitamos.

Esse primeiro percurso da saída de um espaço – ventre materno - para um expansivo espaço com variados encontros produz singularmente uma estranheza diante do desconhecido. Logo, “um enorme estranhamento e um igualmente enorme pressentimento formaram a embocadura do meu começo” (Pessanha, 2014, p. 02).

Mesmo que o começo tenha sido no interno-interior das cavernas uterinas, como já assinalado pela fenomenologia da rotundidade suspensa por Sloterdijk (2016), vale retornar para um entendimento que “(...) a ordem, nesse sentido, é sobretudo o efeito de uma transposição do interior para o exterior” (Sloterdijk, 2016, p. 53), é justamente essa a margem de transbordo que iniciamos como Ser-em e como Ser-com-os-outros.

Não somos apenas jogados e dispersos para e pelo novo espaço exterior, mais amplo que o anterior, como sugere Heidegger, lançados no mundo. Ao contrário, chegamos a ele estranhando-o e aos poucos vamos nos familiarizando, simulando o espaço que é o início de toda a nossa trajetória ontotopológica.

Isso se dá porque, conforme Sloterdijk (2016) que faz sua interpretação, onde a nossa viabilidade diante do mundo só se torna possível pelas marcas que carregamos. Ou seja, trazemos conosco para o nosso novo ambiente estranho-acolhedor o que podemos considerar como legado de lembranças do nosso antigo campo simbiótico e sua força coesiva.

Logo, Sloterdijk afirma que:

Cuidados extáticos enredam mãe e criança em uma redoma de amor, cujos ecos permanecem sendo, em todas as circunstâncias, condições para uma vida feliz. Logo, porém, os dois associados se relacionam a um terceiro, um quarto, um quinto, com saída da vida individualizante para fora de seu invólucro original, aparecem polos suplementares e configurações espaciais mais extensas, que determinam, a cada passo, a amplitude das crescentes referências, dos cuidados e das participações, até se chegar ao nível adulto (Sloterdijk, 2016, p. 58).

A primeira redoma instituída é a do amor entre a mãe e a criança. Porém, ao longo das ampliações relacionais, outras e novas afeições vão se constituindo como parte integral do Ser. Novos invólucros com maiores dimensões começam a se apresentar e, portanto, a agregar a vida deste que é e concomitante está no espaço-tempo buscando acolher-se na exterioridade do mundo. Aqui já há uma espacialidade, ignorada pela Geografia.

A dispersão do invólucro original leva o sujeito a tentar requerer, mesmo que de maneira *fac-símile* da sua base protetiva de onde toda a sua história voltada para o espaço se inicia. Mesmo diante da dissonante ruptura, o Ser sempre se volta para reconstituir seu primeiro contato com o espaço de proteção.

Desta maneira, voltamos a identificar nas aparentes morfologias criadas que as suas próprias existências são para reafirmar um compromisso que o Ser tem com um espaço de aconchego.

Para muitos, pode parecer perturbador a ideia de que a vida na exterioridade da carne materna, nesse acoplamento biológico reprodutivo, seja uma das intenções que marca as coexistências do ser humano quando naturalmente tenta reproduzir esses espaços que o imunizam contra as agruras do monstruoso. Por isso, Sloterdijk, em sua obra, insiste pontuar que:

(...) no fundo, numa interpretação histórica como um nunca completo “vir ao mundo”, vigilante das coisas que vão tomando lugar na actualidade da experiência e das formas renovadas de natalidade que elas implicam. Neste sentido, é uma antropologia penetrada do espírito do tempo, fundada não no “quem somos?” kantiano, mas no “onde estamos?” heideggeriano, e que Sloterdijk pratica com fervor de uma cesariana filosófica (Parreira, 2008, p. 01).

É importante atentarmos para a própria situação do ser humano em sua odisseia existencial. Logo, esse não vir ao mundo de maneira totalitária, me faz repensar mais ainda no desiderato que está sempre em constância, em movimentos que são fluxos imparáveis na constituição existencial. Ademais, no que tange o habitar ou o estar-com-os-outros, há aquilo que torna parte de nós e que não chegamos nunca à completude.

A existência poderia se confundir a partir das ideias de Sloterdijk como um processo de natalidade? Existir é nascer, nascer é buscar abrigos, abrigar-se é habitar o espaço? Podemos pensar que não mais no que somos, ou quem somos, mas partir para novos pressupostos que instigam o “onde estamos” e da nossa existência situada no mundo.

Por isso, o fervor filosófico de Sloterdijk, enquanto uma verdadeira cesariana, é uma radical intervenção para que possamos chegar à compreensão da nossa condição no mundo.

Nossa condição de produzir bolhas internas que marcam as convivências íntimas parece em um primeiro instante inflexivelmente fechado e segura em si mesma e é justamente por isso que os polos comunicantes se alienam de forma completamente depositada pela doação de um à sua metade (Sloterdijk, 2016). Para Sloterdijk (2018, p. 51):

(...) as unidades simbióticas son conformadoras de mundo siempre en sí y para sí, junto a grupos-modeladores-de-mundo que hacen lo mismo a su manera y con los que aquéllas están constreñidas bajo el principio del co-aislamiento, formando un ensamblaje interactivo¹²².

Percebe-se que a própria construção de espaços a dois, a mesclagem que ocorre entre dois espaços ou duas pessoas na simbiótica história da produção antropológica da humanidade, dependem uma das outras, no sentido de sobrevivência e da própria prosperidade. Enquanto papel ativo, essas simbioses geram a produção de novos mundos, além de estarem sempre moldurando mundos.

Vale ressaltar que cada sujeito é um mundo, tem seu mundo próprio. São mundos incompletos que, em grupos simbioticamente ou a dois biunivocamente, conseguem gerar mundos que se congruem a partir dos mundos particulares. Apesar das unidades simbióticas serem grupos modeladores-de-mundo, um dos seus princípios é de estarem co-isolados e assim mesmo influenciando uns aos outros são também limitados e restringidos.

Mesmo ocorrendo interações, há também as separações ou isolamento entre as entidades. Contudo, com todas as possíveis privações, estar em simbioses no campo existencial é criar também montagens interativas, influenciando e sendo influenciados, contendo e sendo contido, inflando e sendo ao mesmo tempo inflado.

Essas trocas simbióticas que ocorrem entre os *Daseins* têm sua propagação por meio de ressonâncias, pois elas conseguem dispersar nos

122 Tradução livre: (...) as unidades simbióticas são sempre moldadoras do mundo em si e para si, juntamente com grupos que moldam o mundo que fazem o mesmo à sua maneira e com o qual os primeiros são restringidos pelo princípio do co-isolamento, formando uma montagem interativa (Sloterdijk, 2018, p. 51).

diferentes planos da existência humana no mundo o próprio aprofundamento que repercute como uma reviravolta do Ser oriundos da multiplicidade das ressonâncias (Bachelard, 1972).

Decorrente desta efetiva multiplicidade ressonante, destaco que daí surge o ponto crucial para a compreensão do habitar. Isto é, os *Daseins* precisam ser influenciados, pois também influenciam. Sempre que preenchem são também preenchidos por outros. Há uma parte isolada do Ser, mas também há uma parte do Ser que está em constante simbiose e é a partir deste ponto que nascem a produção de mundos, de cosmos e do habitar existencial.

Uma questão que merece ser destacada nesse decurso, diz respeito ao primeiro mundo do ser humano, que é a casa¹²³, conforme argumenta Bachelard (1972). Ela se torna parte integral do Ser como forma de habitar, pois:

O primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valo, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem: começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa (Bachelard, 1972, p. 201).

Mais à frente, em outra sessão, enveredaremos por um caminho que possa transcender inversamente para dentro com o intuito de recuperar as condições da nossa espacialidade inicial¹²⁴. Em um contexto geográfico, o mundo externo é uma representação das nossas vidas em invólucros iniciais. Das cavernas uterinas à uma projeção das nossas vontades mais internas de proteção e acolhimento.

O Ser atirado no mundo não condiz de fato com o que ocorre com o *Dasein*, posto que sua presença é um ponto de recepção por outros *Daseins* que já passaram por muitos devires e que irão envolver este que vem ao mundo externo.

Por isso, convém salientar que a proposta esferológica de Sloterdijk nos incute o pensamento do projeto humano enquanto sua descrição do espaço

¹²³ Já foi traçado uma possível parada em rota para que se discute mais amplamente sobre a questão das casas como espaços de mimo, esse esboço deliberado será parte do diálogo na próxima rota.

¹²⁴ Essa é uma questão que me chamou atenção quanto ao conhecimento existente sobre “transcendência”. Desta forma, chamo de exercício ontológico, de rebobinar a condição que temos a respeito dessa matriz de pensamento.

como uma construção relacional baseada na transferência e no acompanhamento original (Rocca, 2021).

Para isso, podemos observar que:

Esferas comienza convocando los sentidos, las sensaciones y el entendimiento de lo cercano; aquello que la filosofía suele pasar por alto: el espacio vivido y vivenciado. La experiencia del espacio siempre es la experiencia primaria del existir. Siempre vivimos en espacios, en esferas, en atmósferas. Vivir es crear esferas. La díada “madre-hijo” es la primera formación esférica, llena de tonos y de espacios sonoros. Un lugar de cobijo donde comienza la solidaridad con entre los seres humanos, la madre, el núcleo de la familia, los grupos próximos y finalmente la cultura en la que se vive. Las historias amorosas y las comunidades solidarias no son sino la creación de espacios interiores para las emociones escindidas (Rocca, 2007, p. 04)¹²⁵.

Concordamos com Rocca que compreendendo a ‘Teoria das Esferas’ de Sloterdijk, no sentido de trazer o olhar para o sentido: as sensações daquilo que está próximo e entre. Acrescento que o espaço vivido, experimentado e experienciado tem suas concepções distintas que são vivenciadas sempre como que de uma forma primária de existir.

Ressalto que o começo de toda essa rapsódica história do Ser advém primeiro espaço que se expande e se amplifica, mudando radicalmente as morfologias que o envolvem.

O drama da vida em sua espacialidade externa se sustenta nas imersões que fazemos ao novo mundo. Os estranhamentos diante dele são irremediáveis, posto que nosso “primeiro traslado” (Rocca, 2007) parte de um abandono espacial para a uma nova aventura do convívio espacial mais amplo. **Uma troca de habitações.** Temos, portanto: “El primer traslado, exílio o extrañamiento, el primer acto del drama, pues, sucede con el nacimiento” (Rocca, 2007, p. 04).

Nossa história do habitar começa quando sentimos novas atmosferas e aos poucos nos tornamos parte delas, inclusive alterando-as, preenchendo-as.

Para Bachelard:

(...) para atingir as virtudes primeiras, aquelas em que se revela uma adesão, de qualquer forma, inerente à função primeira de habitar. O geógrafo, o etnógrafo, podem descrever bem os tipos mais variados de

¹²⁵ Tradução livre: Esferas começa por convocar os sentidos, as sensações e a compreensão do que está próximo; o que a filosofia costuma ignorar: o espaço vivido e experienciado. A experiência do espaço é sempre a experiência primária de existir. Vivemos sempre em espaços, em esferas, em atmosferas. Viver é criar esferas. A díade “mãe-filho” é a primeira formação esférica, repleta de tons e espaços sonoros. Um lugar de abrigo onde começa a solidariedade entre os seres humanos, a mãe, o núcleo da família, os grupos próximos e finalmente a cultura em que se vive. Histórias de amor e comunidades de apoio nada mais são do que a criação de espaços interiores para emoções divididas (Rocca, 2007, p. 04).

habitação. Sob essa variedade, o fenomenólogo faz o esforço preciso para compreender o germe da felicidade central, seguro e imediato. Encontrar a concha inicial, em toda moradia, mesmo no castelo, eis a tarefa primeira do fenomenólogo (Bachelard, 1978, p. 199).

Podemos gerar um pouco mais de atenção com essa citação do ponto de vista da geografia, dado que algumas das suas preocupações estão voltadas para o que os seres percebem, interpretam e como estes atribuem valor ao seu ambiente.

O palco das nossas interações nos ajuda a estender a compreensão para as “virtudes primeiras” da habitação, que podem ser vistas como qualidades intrínsecas que nos despertam sensações de pertencimento ou mesmo de conforto emocional. Observando com maior intensidade o que Bachelard nos aponta, a relação mais profunda e essencial desta relação entre o Ser e o espaço construído, onde se destacam questões como a experiência individual e coletiva, mais também as questões psicológicas na formação de conceitos como “lar”.

Por isso, para ele, o ato de habitar vai além de condições que são meramente físicas-materiais. As sensações, emoções e significados não podem ser deixados de lado ou mesmo serem obliterados. A “concha inicial” que Bachelard fala representa a base emocional e psicológica do “onde habitamos”.

No sentido de usar alguma panaceia capaz de extirpar a “cegueira heideggeriana para o fenômeno esferológico” (Pessanha, 2018, p. 27), que o impediu não apenas de pensar a estabilidade do habitar, mas também de esclarecimento entre “a onda” matricial do ponto de partida (Pessanha, 2018).

Para Sloterdijk, como ao longo dessa rota tem-se considerado o ponto de origem da espacialidade humana, do Ser é extremamente oportuno enquanto estudo para se compreender melhor a exterioridade que se assemelha a uma vontade de transferência de um primeiro espaço.

Assim, como pretendemos compreender, refletimos juntamente com Sloterdijk quando diz que:

Los fenomenólogos propagan la buena nueva de que no hay un exterior al que no corresponda um interior; sugieren que no se topa uno con nada extraño que no pueda ser asimilado por apropiación em lo nuestro (Sloterdijk, 2014, p. 64)¹²⁶.

¹²⁶ Tradução livre: Os fenomenólogos espalham a boa notícia de que não há exterior ao qual não corresponda um interior; eles sugerem que não se encontra nada de estranho que não possa ser assimilado pela apropriação naquilo que é nosso (Sloterdijk, 2014, p. 64).

Deveras, poderia chamar para esse diálogo Antônio Carlos Robert de Moraes e Wanderley Messias da Costa (1987), no sentido que estes geógrafos também contribuíram sobre a perspectiva do espaço.

Contudo, ressalto que os apontamentos destes autores estão mais concentrados em um viés marxista, com um olhar da fenomenologia social. Em rotas anteriores mencionei sobre o trabalho da analítica a respeito da Ontologia do espaço em Reis (2012) que atentamente observou que há uma forte onto-socio-logia em trabalhos que derivam de Marx e Lukács, mas que não nos impedem nesse caso que possa ser aproximada em algum ponto a ser destacado, e que seja também oportuno, através de uma ‘lufada’ argumentativa capaz de apresentar ideias que muito contribuíram com o pensamento geográfico do nosso país.

Portanto, com base em um recorte de Moraes e Costa sobre o espaço me chama atenção que:

(...) ao modificar a “natureza externa”, o homem transforma a sua “natureza interna”, ou seja, se humaniza ao antropomorfizar a natureza ambiente. O homem é visto, assim, como o sujeito da natureza e está o seu corpo inorgânico (Moraes; Costa, 1987, p. 75).

Desta forma, relacionando ao pensamento esferológico de habitar o espaço, que de forma ontológica, estamos desenvolvendo este diálogo trazendo Sloterdijk, Bachelard e Heidegger essencialmente como figuras primárias para dirigir essa discussão, o ponto de vista de Moraes e Costa (1987), desemboca em certa medida nessa veia ontológica, sobretudo quando observa-se que a humanização das coisas advém das modificações que ocorrem na exterioridade. Vale ressaltar, conforme aponta Moraes e Costa (1987, p. 75), como uma “qualidade especificamente humana [que] denominamos teleologia, isto é, a capacidade que o homem tem de colocar finalidades conscientes em seus atos”.

Impera, portanto, um discurso de base onto-socio-lógica, voltada para a concepção do trabalho. Excessivamente foi a marca epocal, em que as discussões estavam nessa ordem, mas que aqui pensamos juntos com Sloterdijk e Bachelard, a teleologia parte de uma necessidade inerente ao Ser de extenuar seu primeiro espaço. Isto consequentemente, ocorre tanto nos ambientes externos ao Ser como em si, advindos das correlações e coexistências.

O intuito aqui, para não descompassar a Tese ou para que de repente se vá para rotas extras que acreditamos não serem possíveis de serem

navegadas nesse momento, constantemente estamos dirigindo a atenção para a chegada nas ilhas e nelas tentar gerar repousos para que ao içar novamente as velas possamos ter recuperado as energias dos diálogos antecessores. Isto é, não iremos incorrer sobre o pensamento de Moraes e Costa (1987), com mais contundência, tampouco sobre categorias como “trabalho”, essa inserção é devido a aproximação em alguns pontos com aquilo que marca de forma cabal o quesito produção, transformação, ocupação e suas variáveis do espaço, mas que nessa discussão que estamos levando tem uma outra perspectiva.

Nesse momento, inclui-se uma reparação a mais para o pensamento geográfico quando insere o Ser no contexto de “*designer* de interiores”, mas que não se retraem apenas em micromundos, expandem de suas pequenas particularidades para bolhas maiores, globos extensos e espumas desagregadas.

O que desejo é dar uma correspondente interpretação que ultrapasse, em certa medida, apenas o conchavo matriz de que o espaço é uma categoria, meramente física, materializada, prevista apenas na constante observação ôntica e fenomênica.

Navegamos pelo mar que tem ventos diferentes e que tem direções e velocidades bem distintas. Assim, como o mar com suas nuances e temperaturas distintas. Por isso, estamos nos dedicando a essas longas conversas, a fim de defender que pensar o espaço pode ultrapassar o ponto físico, isto é, não apenas o físico, mas também, não é algo ultrapassado. Neste sentido, concordo mais uma vez com Sloterdijk, ele afirma que:

(...). Pero sólo puede aferrar-se a la idea de que “pensar el espacio”, em general, sea algo superado desde entonces, quien se deje impresionar demasiado por las declamaciones que, em ese sentido, circulan desde los años veinte del siglo pasado¹²⁷ (Sloterdijk, 2018, p. 384).

Esse ponto torna-se crucial, pois abre-se para o campo da crítica em que se acredita que o pensamento sobre o espaço seja algo geralmente superado. Alguns pensadores ou acadêmicos adotam visões simplificadas e até mesmo superficiais sobre essa questão, influenciando constantemente narrativas que

¹²⁷ Tradução livre: Mas só aqueles que se deixam impressionar pelas declamações podem agarrar-se à ideia de que o pensamento sobre o espaço, em geral, já foi superado que, nesse sentido, circulam desde a década de vinte do século passado (Sloterdijk, 2018, p. 384).

sugerem o uso tão apenas de teorias que foram substituídas há muito tempo, bem como seus paradigmas.

Contudo, há uma vasta complexidade para que se encaminhe por continuidades no debate acerca do pensamento sobre o espaço bem como sobre o habitar reconhecendo assim as novas abordagens teóricas e metodológicas na Geografia, incluindo aqui abordagens fenomenológicas que geram *insights* valiosos sobre como os seres humanos percebem, experienciam e dão significados ao espaço.

Retomando para a questão do habitar o espaço, retoma a palavra Peter Sloterdijk, expressa que “como habitar significa sempre constituir esferas, menores ou maiores, os homens são criaturas que estabelecem mundos circulares e olham em direção ao exterior, ao horizonte” (Sloterdijk, 2016, p. 29).

O habitar é uma constituição esferológica partindo do pressuposto do pensamento sloterdijkiano, nosso envolvimento com o mundo ocorre de modo que a circularidade consiga constituir esferas maiores ou menores, dependendo dos graus de intimidade e das relações.

A Geografia em algum momento pode ter se esquecido que o Ser-aí, Ser-no-mundo, é um Ser que habita ontotopologicamente lugares demarcando sua existência, deixando suas marcas como partes das fontes imunológicas dos sistemas criados para si e para os outros, a fim da perpetuação no exterior bruto.

Acrescenta Sloterdijk (2016, p. 29): “viver em esferas significa produzir a dimensão na qual os homens podem estar contidos”. Contidos, mas não aprisionados. Contidos na busca de proteção em que espacialidade tem como pressuposto a proteção imunológica, pois, “(...) nas esferas, inspirações compartilhadas tornam-se o fundamento da possibilidade de convivência de seres humanos em comunidade e nações” (Sloterdijk, 2016, p. 31).

Ao tempo que nosso habitar nos autoalimenta como cavernas de ecos (Sloterdijk, 1999, p. 26), “vibrando em si mesmo”, em uma configuração “sociouterina” (Sloterdijk, 1999, p. 26), somos levados a reconhecer que outras possibilidades de espacializar-se não podem ser denegadas, mas insistidas em trilhar e navegar por suas aberturas.

Em sua obra **“O Sol e a Morte”**, Peter Sloterdijk apresenta praticamente os prolegômenos dos seus pensamentos esferológicos. A citação que segue ampara nosso diálogo que gera a convicção dos atos interpretativos, pois:

(...) o primeiro tomo de Esferas tem como intenção principal pôr em primeiro plano todas essas categorias pouco privilegiadas pela tradição filosófica (por exemplo, a relação, a conexão, a flutuação num dentro-de-algo e num com-algo, o estar-contido num entre), (...), com a ajuda de uma teoria profana ou antropológica do espaço partilhado ou do campo subjetivo (Sloterdijk, 2007, p. 115).

Dialogando com Hans-Jürgen Heinrichs, no **“O Sol e a Morte: Investigações Dialógicas”**, Peter Sloterdijk coloca que Esferas traz a necessidade de rever os contatos com categorias e conceitos pouco discutidos pelas tradições, não apenas a filosófica como ele considera, mas a Geografia também. São categorias como: a relação, a conexão, as flutuações ocorridas no dentro-de-algo e no com - algo, além do estar-contido no entre, que permitem refazer caminhos esquecidos ou deixados de como menor importância.

Esses pensamentos nos levam a anuir com algo que esteja um pouco além do convencional modo de pensar o espaço. A partir da abertura de outros horizontes do conhecimento, a Geografia nos leva para esse fim, aquele que está imbuído de repensar o que foi pensado. Por isso, conforme aponta Dardel, ela tem que ser uma:

(...) geografia em ato, [que possua] uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atinge o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva (Dardel, 2015, p. 01).

Quando, portanto, estamos propensos a compreender a ontologia do habitar na Geografia, estamos chamando a atenção para não corroborar apenas com os já estabelecidos pré-conceitos e definições que se fixam, mas diante do desconhecido, sondar o inatingível se torna parte de uma postura de inquietude geográfica.

Logo, essa postura deve ser tomada pelo geógrafo em que para compreender os pressupostos, pode recorrer à multiplicidade de questionamentos e de respostas.

Habitar o espaço não condiz apenas com um corpo estático na *res extensa* materializada, sem que ocorra as devidas inquietações, as suspeitas de que os pré-conceitos dados devam ser amparados por prismas diferentes. Para Dardel, é importante pensarmos o habitar enquanto:

(...) em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade. Existir é para nós partir de lá, do que é mais profundo em nossa consciência, do que é "fundamental", para destacar no mundo circundante "objetos" aos quais se reportarão nossos cuidados e nossos projetos. Elemento não abstrato ou conceitual, mas concreto. Antes de toda escolha, existe esse "lugar" que não podemos escolher, onde ocorre a "fundação" de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos. Todo homem tem seu país e sua perspectiva terrestre própria (Dardel, 2015, p. 41).

Além da compreensão física, esta é uma das importâncias fundamentais no ato de habitar. Ao adentrarmos no âmbito das relações íntimas do ser humano e de sua existência, a estrutura que estamos habitando nos leva a interações em imersões cada vez mais amplas.

O 'lugar' ontológico se fundamenta nas experiências do mundo em uma transcendência que nos impele a percebermos que a mera ocupação física não é a chave das perguntas mais densas como a própria questão do habitar o espaço.

Adrede, o conjunto de subjetividades que nos acompanham nesse caminhar ontotopológico nos faz ter perspectivas particulares que são a constituição da nossa existência no espaço que englobam as esferas das estruturas sociais, culturais e simbólicas.

A forma de pensamento abalizado na Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk é um incremento fenomenológico para vermos o quanto podemos buscar entendimento sobre o tema em questão. Sloterdijk não é, nesse caso específico, "nem crítico, nem desconstrutivista, o trabalho de Sloterdijk apenas mostra onde estamos quando estamos no mundo de hoje" (Pessanha, 2017, p. 80).

Assim, parte do nosso interesse gerar a compreensão ontotopológica de onde estamos quando estamos no mundo. Isso por seu turno, incide sobre o pensamento do habitar lugares.

Contudo, mesmo Sloterdijk não produzindo uma crítica aberta aos princípios filosóficos heideggerianos sobre a espacialidade, ao contrário disso um dos comentadores de Sloterdijk. em nosso país Pessanha (2017), apresenta uma abordagem um pouco diferente, apontando claramente que:

(...), mas ele (Heidegger) decepciona o seu leitor quando tenta explicitar positivamente o estar-no-mundo no sentido do poder-estar-em-casa e do habitar. *A semântica existencial heideggeriana é deficitária quando trata de dar conta da familiaridade e das suas matrizes.* Se as análises heideggerianas da filosofia cartesiana também apontam para o esquecimento do ser-em e do ser-no-mundo no pensamento moderno, *quando Heidegger, por sua vez, formula seus próprios enunciados positivos sobre a espacialidade do Dasein, não temos mais do que poucas páginas ou mesmo alguns parágrafos sobre o desdistanciamento (Entfernung) e a direção (Ausrichtung).* Para Sloterdijk, a sinfonia prometida nos acordes da abertura fica interrompida, e o leitor sente-se fraudado. É precisamente para preencher esse déficit que a palavra *Esferas* toma a cena (Pessanha, 2017, p. 26, *grifo meu*).

Pessanha (2017) nos traz o entendimento da limitação em que Heidegger sobre o Ser-em e o Ser-no-mundo. Há uma falha no fornecimento satisfatório da familiaridade e das raízes do habitar, onde, por sua vez, Sloterdijk vem preencher essa lacuna ao introduzir o conceito de Esferas, trazendo uma abordagem mais abrangente e com maiores detalhes da relação entre os seres humanos e os espaços que habitam.

Sloterdijk elabora uma “sinfonia” completa sobre o assunto, proporcionando ao leitor uma compreensão mais profunda e rica das dinâmicas envolvidas na relação próxima entre os seres humanos e seu ambiente.

Por isso, acreditamos que “Esferas” assume esse papel central ao nos oferecer uma estrutura conceitual mais ampla e articulada para explorar a complexidade do habitar e do estar-no-mundo como uma forma de preencher o vácuo deixado pelas análises de Heidegger, proporcionando uma visão mais completa e satisfatória da condição humana no mundo contemporâneo.

Importa atentarmos para o que Viveiros de Castro (2015, p. 23) nos dirige, pois, “(...) alguns programas filosóficos contemporâneos, tais aqueles que se desenvolvem em torno de uma teoria dos mundos possíveis”, são expressivamente importantes para nos conduzir pelos mares que estamos navegando, explorá-los se torna necessário.

6.1 Estar no/em Espaços: fixidez na exterioridade

Aprioristicamente, a fixidez do espaço ainda impulsiona as discussões do “Estar” no espaço. Muitos creditam que o espaço só pode ser compreendido enquanto sua posição estável, rígida em sua máxima expressão de se estar.

Esse entendimento construído ao longo das décadas fundamentou uma Geografia passiva, incapaz de perceber as multiplicidades formadoras e produtoras do espaço.

Da mesma maneira, essa Geografia se prontifica a analisar a predisposição dos entes diante da exterioridade. A imutabilidade, a dinamicidade e as múltiplas maneiras de se pensar o espaço ficam para um segundo plano, por muitas vezes.

Na sessão anterior, tentei iniciar com o movimento de pensamento inverso, para que posteriormente posicionasse essa questão importante para a ciência geográfica atual. Ultrapassar as ideias mais achatadas, herméticas em si, proporcionando impulsos e aberturas capazes de gerar outras concepções para aqueles que pensam o espaço.

Quiçá, outras formas, assim como as esferas de Sloterdijk. No discorrer dos pontos anteriores um dos pontos extensivamente apresentados, foi de considerar a perspectiva ontotopológica quanto a uma verdadeira ilha a ser explorada por desbravadores incompreendidos (sujeitos que, assim como eu, tentam explorar novos caminhos).

Há uma suposta ilha em que ainda não aportamos. Continuamos em pleno debate concentrando esforços conjuntamente para vermos onde chegaremos. Ainda, em plena perspectiva dos discursos, o estar enquanto condição conhecida de fixidez, espaço parado, surge como um ponto de bifurcação.

Habitar vai além do que seu simples verbete pode conduzir, se reduzindo a questão do ato de habitar apenas como a uma posição que pode se confundir com a mesma percepção equívoca do estar sem espaços.

Esses detalhes precisam ser corrigidos de uma forma que possa levar de volta mais intensamente a Geografia aos caminhos da Filosofia ou a Filosofia ao encontro com a Geografia. Certamente, esses diálogos já estão ocorrendo com certa frequência, mas reforçar essa necessidade sempre é importante.

Por algum momento, deve-se atentar, como diz Kant:

Espaço e tempo são quantidades contínuas (“quanta” contínua), porque nenhuma de suas partes pode dar-se sem estar contida em limites (pontos e instantes), e de tal sorte que essa mesma parte não seja por sua vez um espaço ou um tempo. O espaço, pois, não se compõe senão de espaços, e o tempo, de tempos (Kant, 2008, p. 85).

Na concepção kantiana, podemos externar que a imbricação espaço e tempo são fundamentais para o entendimento que será desenvolvido aqui. Neste sentido, percebemos que o espaço sempre será preenchido por outros espaços, bem como o tempo será preenchido por outros tempos.

Possivelmente o movimento deste processo ocorre com uma intenção marcante que produz distanciamentos da fixidez total. Contudo, precisamos verificar uma posição introdutória sobre o pensamento da rigidez do espaço, do seu não-deslocamento.

Aquilo que estou indicando como fixidez na exterioridade a partir de uma primeira observação pode ser visto como entes fixos em seus próprios eixos, uma desesperança de perceber a dinâmica das coisas, pois estas parecem criar suas raízes que as tornam inflexíveis, sem movimentos. O Estar na exterioridade se assemelha a uma condição de preenchimento sem ser preenchido quando se tem um olhar unilateral e ofuscado.

O 'Estar' pode ser ainda confrontado com a premissa de um não-envolvimento, uma aparição que desaparece. Dito de outra forma, quando um sujeito está em um lugar, o tempo e espaço o integraliza naquele dado instante, o que pode não o envolver para a *posteriori*, isto é, se um outro sujeito o inquirir na forma de que este esteve em um lugar?

Logo, o mesmo poderá anunciar que esteve em tal e tal lugar e que agora não está mais. O seu estado orgânico, físico em manifestação com o ôntico, mesmo que por um momento.

'Estar' em uma frequência que é sintonizada pelas ondas da fenomenologia não incorre apenas nos pressupostos comuns do pensamento fixo, mas identifica que o "Estar-em" ganha uma interpretação maior, pois "(...) o estranhamento do estar-em-suspenso a que o *Dasein* é conduzido, numa crescente falta-de-solo, permaneça cada vez oculto para o *Dasein*" (Heidegger, 2012, p. 479).

Tal condição nos leva a compreender que a crescente falta-de-solo do *Dasein* se torna um estranhamento à medida que faltam fundamentos sólidos para a sua existência. Na perspectiva social, o *Dasein*, ao estar ligado com as estruturas sociais tradicionais, espera que o orientem e sempre estejam o amparando. Quando ocorre uma desintegração, novos processos se revelam e

o *Dasein* pode consequentemente sofrer com as desorientações e com os desemparos do mundo em que se encontra.

Por isso, a constituição de bolhas ocorre para que estas insuficiências possam ser sanadas como extirpadores de sua condição e como imunologias a serem adquiridas.

Estar, vai além do que convencionalmente creditamos em nossas verdades atarácicas. Por isso, revolvemos a quietude para tentar compreender um Estar em conforme o sentido que envolve correlacionalidades.

Acrescenta-se que, no conjunto do pensamento de Peter Sloterdijk, Estar-em tem um significado muito mais expansivo que ultrapassa singularmente o tradicional. Estar-em estende-se para um Estar-em-esferas e isso leva a percebermos conforme a Teoria das Esferas que:

(...) Mais ainda: os homens jamais viveram de forma imediata diante da assim chamada natureza, e, acima de tudo, suas culturas jamais pisaram o solo disso que se chama de fatos brutos; eles já existem exclusivamente e desde sempre em um espaço insuflado, partilhado, aberto e recomposto (Sloterdijk, 2016, p. 44).

Traçamos até este momento uma reflexão que nos direciona a compreendermos que o produto original da coexistencialidade humana, do seu Estar-em, advém dos lugares ‘atmosféricos-simbólicos’ (Sloterdijk, 2016), dos quais todos os humanos dependem como forma de perpetuação e contínua renovação.

Estando em esferas, o ser humano constrói para si instalações climáticas cuja construção reverbera suas vivências em comum, criando seus próprios climas, correlacionalmente sob as condições previamente encontradas, dadas e transmitidas (Sloterdijk, 2016).

Nessa observação, pode-se levantar que, tais construções não partem de uma estabilidade intocável, incontornável, mas enquanto estruturas capazes de se sofrerem instabilizações que repercute no Estar-em, logo:

(...) as esferas são permanentemente afligidas por sua inevitável instabilidade; elas compartilham com a felicidade e o cristal os riscos inerentes a tudo que se quebra com facilidade. Não seriam construções da geometria vital se não pudessem implodir, e, menos ainda, se não fossem também capazes, sob a pressão do crescimento do grupo, de estender-se em estruturas mais complexas. Onde ocorre a implosão, o espaço comum enquanto tal é abolido. (...) em algum momento, abandonar o espaço no qual estiveram aliados a outros indivíduos em uma relação real e forte (Sloterdijk, 2016, p. 46).

O sentido que queremos dar aqui é que enquanto uma visão possível do incabível, sobretudo, pela forma que ainda pensamos acerca do espaço no sentido de estar- em. Invariavelmente distanciando de uma matriz que, ao longo dos séculos, se apresenta como conjunto dogmático de se pensar que se deva “começar com o estar-em-Deus de todas as coisas e todas as almas. Mas, como o Deus que tudo penetra e que está acima de todas as localizações finitas (...)” (Sloterdijk, 2016, p. 488).

O incabível que estou referindo aqui é a condição que alguns podem inflexionar o olhar sobre o que está se desejando compreender. Isto é, ultrapassar o *conditio do status quo* que aprisiona outras formas de pensar, das tantas divergências que são possíveis.

Na perspectiva ontotopológica, a topologia me desinsere em translocamentos e deslocamentos, que atravessam fortemente a fria rigidez do espaço. Estar – em pode ser uma condição entremeada em uma sensível tessitura incabível, e amplamente larga, rizomática e repleta de linhas de fuga que geram um ‘espaço em decorrência’.

Da mesma maneira, é o pensamento da rotundidade que reproduz espaços em decorrências, pois as multiplicidades são ataviadas pelas sensações e pelas atmosferas que constituímos enquanto o que somos ou enquanto tentamos ser. E o que somos no provisório e o que intentamos ser, quando ‘Estamos-em ou Estamos-com’ abala o pensamento geometricamente rígido.

Por isso que ao se referir ao pensamento de Sloterdijk percebe-se que “(...) essa teoria do espaço relacional íntimo deveria elucidar como uma vida é sempre uma vida-em-meio-à-vida” (Sloterdijk, 2016, p. 487).

Esse é um dos princípios que são estritamente debatidos na obra de Peter Sloterdijk, no sentido de contribuir com a elucidação de como a vida é um verdadeiro emaranhado. Podemos considerar que estamos sempre envolvidos por linhas que constantemente estão se atravessando e criando devires.

Em uma verdadeira reciprocidade, o ‘Estar-em’ no seu ‘Ser-em’ vai se afirmando no pensamento quanto a:

(...) coexistência de algo com algo no interior de algo. Aqui, conseqüentemente – para repetir nossa Tese -, nós nos perguntamos sobre o que se denomina, em termo atuais, uma teoria dos meios de comunicação. Pois o que é a teoria da mídia senão propostas para

explicar como e por que se obtém a ligação entre diferentes existências em meio a um éter comum? (Sloterdijk, 2016, p. 487- 488).

O algo com algo no algo me remete a permanências impermanentes. Por instantes, o Estar-em-algo pode mudar de perspectiva no sentido maior de entender as ligações que vão sendo desenvolvidas na existência e nos múltiplos espaços nas diferentes biunidades responsáveis por se “estar-no-espaço-partilhado” (Sloterdijk, 2016, p. 524).

Rocca comenta que:

Los seres humanos no pueden ser, o estar, en ninguna otra parte que en los invernáculos sin paredes de sus relaciones de proximidad. En ese sentido, la microsferología no es otra cosa que una antropología proxémica, una descripción de las distancias medibles entre las personas que interactúan entre sí. La percepción de la intimidad personal. De ella provienen los receptáculos autógenos de las solidaridades primarias. Para estas relaciones surreales cabe decir que son “(en) su propio lugar”. Quien participa en ellas vive, en un sentido topológicamente eminente, dentro¹²⁸ (Rocca, 2021, p. 327).

Desta forma, podemos afirmar juntamente com o comentarista que estar em um lugar é estar em estufas sem paredes, que nos levam a relações de proximidade. Baseado nessa antropologia proxêmica que Sloterdijk apresenta, as distâncias são topologicamente traduzidas em um Estar-dentro.

Por isso, o Estar-dentro-de algo-com-algo se traduz em uma geografia das relações proxêmicas em que as distâncias já não são problema, mas uma forma de enxergar de maneira diferente o espaço que se produz.

Da mesma forma, em qualquer tempo, como em nossos tempos, a realidade será que:

(...) las «sociedades» sólo son comprensibles como asociaciones agitadas y asimétricas de multiplicidades-espacios y multiplicidades-procesos, cuyas células no pueden estar ni realmente unidas ni realmente separadas. Las «sociedades» se consideran monosferas unidas desde el origen (o gracias a un estatuto excepcional) sólo mientras se hipnotizan a sí mismas estimándose como unidades homogéneas, algo así como pueblos nacionales, genética o teológicamente substanciales. Se presentan como espacios encantados, que gozan de una inmunidad imaginaria y de una

¹²⁸ Tradução livre: O ser humano não pode estar, nem estar, em outro lugar senão nas estufas sem paredes das suas relações de proximidade. Nesse sentido a microsferologia nada mais é que uma antropológica proxêmica, uma descrição das distâncias mensuráveis entre pessoas que interagem entre si. A percepção de intimidade pessoal. Dele surgem os receptáculos autógenos das solidariedades primárias. Para essas relações surreais pode-se dizer que elas estão “(no) seu próprio lugar”. Quem participa delas vive, num sentido topologicamente eminente, dentro (Rocca, 2021, p. 327).

comunidad de esencia y elección, mágicamente generalizada¹²⁹ (Sloterdijk, 2018, p. 49).

Com a criação das sociedades no sentido mais atual do termo, temos, portanto, o início das alterações físico-químicas das bolhas que se alteram de maneira pluriformes para um conjunto de espumas, as intimidades e o Estar-em-lugares mudam radicalmente. O Estar - em nesse momento se torna um Estar-em-espumas, um viver-em-espumas.

O processo de se Estar-em-espumas em um momento como o nosso, em que se perde a estabilidade das coisas e até mesmo a estabilidade de outrora no algo, ganha nova interpretação do 'onde estamos?'. É justamente a partir da Teoria das Esferas que conseguimos compreender o significado de 'não pertencer a um único lugar'.

Viver-em-espumas significa, de alguma forma, a quebra pela condição de se estar-fixo, do estar-ancorado, em um lugar único que quase nunca sofre interferências externas. Estar-em-espumas requer olhar através do pensamento da anomalia das coisas, das formas e das relações.

O pressuposto para se pensar assim somente é cabível quando vemos mudanças nas correlações que reduzem até mesmo a forma de se estar-com. O Ser-com não admite mais que as suas possibilidades sejam experienciadas na externalidade do mundo, em uma mundanidade no *lócus in natura*, mas ultrapassa severamente fronteiras, quebra regras estabelecidas e fundamenta reconstruções do modo de se Estar-no-mundo.

O Ser-aí já não é mais um ser ontológico que não tenha uma influência da radicalidade virtual. O *Dasein* de Heidegger, diferentemente do seu primeiro olhar, em 1927, quanto à sua intensa apresentação em 'Ser e tempo', muda de perspectiva e ganha novas releituras. Na nota de rodapé do livro: **Palácio de Cristal: por uma globalização filosófica** Peter Sloterdijk, argumenta que o *Dasein* significa Estar (com letra maiúscula).

¹²⁹ Tradução livre: (...) "sociedades" só são compreensíveis como associações agitadas e assimétricas de multiplicidades-espacos e multiplicidades-processos, cujas células não podem estar verdadeiramente unidas nem realmente separadas. As "sociedades" só se consideram monosferas unidas desde a origem (ou graças a um estatuto excepcional) enquanto se hipnotizam ao considerarem-se como unidades homogêneas, algo como povos nacionais, genética ou teologicamente substanciais. Apresentam-se como espacos encantados, gozando de uma imunidade imaginária e de uma comunidade magicamente generalizada de essência e escolha.

Acrescenta que para Martin Heidegger, só o ser humano existe, querendo assim com o termo (*Dasein*), “designar que o ente que coloca a questão do ser, esse mesmo ente que vai ao ser, ou está no ser (o aí)” (Sloterdijk, 2008, p. 77).

Adianta ainda que realizar uma torção sobre o termo, de se ‘Estar’ com letra maiúscula, a fim de identificar uma forma ativa, do Estar-a-ser. Portanto, o Estar pode se traduzir em *Dasein*. Sloterdijk finaliza considerando nessa nota de rodapé (nº 73), que “(...). Quem não concordar com esta solução pode sempre reter que o nosso Estar é o *Dasein* de MH (*Martin Heidegger*)” (Sloterdijk, 2008, p. 77).

O Estar-em-esferas “(...) certamente não é algo constatável empiricamente, mas ela está presente, ao seu modo, sempre que nos deparemos com seres humanos (Pessanha, 2017, p. 27).” Por isso que “la Fenomenología es la teoría que narra la explicitación de aquello que al comienzo sólo puede estar dado implícitamente”¹³⁰ (Sloterdijk, 2018, p. 63).

A fundamentação para o diálogo perpassa consequentemente pela maneira que estamos inclinados a pensar as Esferas e o Estar-em-esferas. Portanto a expressão do *Dasein*, citada por diversas vezes como Ser-aí, será motivo para Sloterdijk considerar que:

O presente projeto “Esferas” pode também ser entendido como uma tentativa de resgatar – ao menos em um aspecto essencial – o projeto *Ser e espaço* do subterrâneo em que ficou secundariamente confinado na obra inicial de Heidegger. Somos da opinião de que o interesse de Heidegger pelo enraizamento, na medida em que se pode salvar algo dele, só terá suas legítimas pretensões atendidas mediante uma teoria dos pares, dos gênios, da existência completada (Sloterdijk, 2016, p. 309).

A ideia essencial resgatada a partir do pressuposto heideggeriano, em que se debruce pelo conceito de Ser e espaço, posicionado inicialmente em sua obra, foi renegado de certa maneira para um papel secundário ou até mesmo foi confinado à áreas mais subterrâneas.

Há claramente uma tentativa de revitalização e até mesmo de trazer à tona a concepção fundamental que foi subdesenvolvida ou negligenciada por Martin Heidegger em obras anteriores. Implica que a Teoria das Esferas busca

¹³⁰ Tradução livre: “A Fenomenologia é a teoria que narra a explicitação daquilo que no começo só pode estar dado implícitamente” (Sloterdijk, 2018, p. 63).

desenvolver um complemento e ampliar os conceitos heideggerianos, de modo a atender suas verdadeiras aspirações filosóficas.

Seguindo na rota das Esferas sloterdijkianas, importa atentar na perspectiva que

(...) o *Dasein*, só pode estar lá [*da sein*] enquanto algo contido, circundado, apreendido, exposto, insuflado, sonorizado, afinado, interpelado. Antes que um *Dasein* assuma o caráter do ser – no – mundo, ele já tem a constituição do ser – em. Isto admitido, parece justo exigir que se reúnam em um padrão abrangente as variadas propostas sobre fechamento e a abertura da esfera íntima. Busca-se, então, uma teoria da espacialidade existencial (...) (Sloterdijk, 2016, p. 487).

Nessa reflexão que Sloterdijk promove à respeito do conceito heideggeriano e sua relação existencial, ele situa que este [*Dasein*], só existe verdadeiramente quando se encontra imerso em um ambiente que o circunda e o permeia de várias formas. Mesmo sendo ações físicas, elas representam os modos de interação essenciais para a existência do *Dasein*.

A inserção que precede nossa inserção no mundo circundante, o *Dasein*, já é um projeto prévio de Ser – em, em que pese sua íntima relação com espaços em que influencia e molda nossa existência no mundo exterior.

É justamente a busca por uma teoria capaz de se entremear no enlace da espacialidade existencial que com ampla capacidade de explorar e revelar profundamente as interações entre os indivíduos e seus ambientes, perpassando pelo caminho do físico e do psicológico.

Considero que o direcionamento do olhar de Sloterdijk sobre esse ponto seja elemento importante de ser observado, quanto:

A existência cotidiana, por estar no mundo, é sempre parte de uma interioridade extática, mesmo se ela própria é demasiado inerte para conceituar para si própria essa situação. Quem está no mundo habita um lugar em que, graças à estrutura do Em, a relação forte sempre afirma seu direito. O *Dasein* é seu próprio lugar, e este se abre pela habitação dos que coexistem confusamente imbricados. Ele está desde sempre, ainda, que só o insignificante, o medíocre, o vulgar iluminem o horizonte (Sloterdijk, 2016, p. 565).

Desta maneira, a existência humana cotidiana se relaciona com a imersão de se Estar-em-Esferas, pois sempre está ligada com a interioridade extática. Mesmo que a vida cotidiana seja negligenciada, trivial e inerte a si mesma, ela está envolvida por uma trama ainda mais ampla de interação e existência.

Por isso, a estrutura do 'Em' assegura que a relação com o mundo externo sempre mantenha seu lugar de importância. O *Dasein* é o próprio lócus onde essas interações ocorrem e este espaço se abre através da coexistência entrelaçada e confusa com os outros *Daseins*.

Podemos introduzir um pouco do pensamento da pericorese que Sloterdijk traz as ideias de João Damasceno em *Texte zur Theologie, Mariologie*, percebida como "toda a coexistência humana nos espaços de proximidade é pericotérica, pois a lei fundamental do espaço psíquico e microssocial é a expansão de indivíduos para dentro de indivíduos (Sloterdijk, 2016, p. 560).

Por isso, a concepção pericotérica de se Estar nas esferas, carrega consigo, um "viver em uma imanência extática uns nos outros" (Sloterdijk, 2016, p. 564), em que "basta ser um homem ou uma mulher modernos inseridos nos meios de comunicação de massa, para nadar em comunhões cinzentas uns com os outros" (Sloterdijk, 2016, p. 564).

Na coexistência desses paralelos que nos entrelaçam, devemos compreender que "a qualquer momento, alguém, de algum modo, está próximo de alguém. Sempre se pode contar de antemão com alguns outros (...)" (Sloterdijk, 2016, p. 564-565).

Seguimos nessa rota acrescentando o que Sloterdijk apresenta partilhando de uma interpretação teológica - não convém se estender no campo teológico nessa Tese - em que também nos importa compreender no contexto que estamos tratando aqui – fora do campo teológico -, ou seja, "(...). Se cada um e cada uma são o outro ou a outra, e ninguém é ele próprio ou ela própria, então surge à vista uma pericorese" (Sloterdijk, 2016, p. 564).

Para não perdemos de vista, Estar-em-esferas também se refere a ideia de que somos a soma de outros. Ao estarmos produzindo espacialidades, não produzimos de maneira única no sentido de unilaterizar, o que ressoa no pensamento de Sloterdijk, enquanto construções biunívocas, sempre partindo de dois.

Uma interdependência autocentrada nas correlações dinâmicas que interligam e que nos levam a pensar sempre de forma que não seja tão somente isolada, mas em constante interação e mutualidade.

Nossa intenção e desejo se anui com o pensamento de Massey (2008, p. 89), quando cita “o que se espera (aqui) é contribuir para um processo de libertação do espaço de sua velha cadeia de significado e associá-lo a uma cadeia diferente (...).”

Creio que essa cadeia diferente, como cita a autora, nos coloca em uma posição de reconstruir outras pontes significativas que nos encaminhem ao entendimento da espacialidade através de um pensar esferológico em que as suas bases sejam convenientemente ou não, as correlacionalidades. Por isso, vale recordar que:

(...) isto faz emergir o aspecto do espaço praticado, que é sua construção relacional, sua produção através de práticas de envolvimento material. Se o tempo se revela como mudança, então o espaço se revela como interação. Neste sentido, o espaço é a dimensão social não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento dentro de uma multiplicidade. Trata-se da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes. À medida que o debate se desenvolve, o que começa a ser focalizado é o que isso deve trazer à tona: uma política relacional para um espaço relacional (Massey, 2008, p. 97-98).

Sendo o espaço parte dessa construção interrelacional e coexistencial, sua reconfiguração é notória ao longo do tempo e isso inclui o próprio Estar-em-esferas que é a base dessa discussão.

Devemos pensar o espaço como estamos sempre alertando enquanto um “nada estático” em que é posto ação no “nada” e dele se faz uma conjunção de fenômenos sobrepostos ordenadamente ou não, enquanto uma espacialidade. Devemos projetar o olhar para as esferas múltiplas nessa produção que é heterogênea e dinâmica em constância. O *continuum* ininterrupto de movimentos em que ocorrem as produções dos espaços envolvem toda a nossa presença.

O *Dasein* se entrelaça nessas ações ao ponto de criar suas espacialidades particulares, mas que sempre estarão conectadas com outros produtores de formas esféricas de existir. Não foi isso que Sloterdijk afirmou: “a esfera é a rotundidade fechada, dotada de um interior compartilhado, que os homens habitam enquanto tem sucesso de se tornar homens” (Sloterdijk, 2016, p. 29).

Nessa condição temos de investigar outras cadeias possíveis como afirma Massey, a respeito das constituições relacionadas ao espaço e não apenas considerar que o trabalho já está concluído.

Justamente por falta de inferir o assunto na Geografia que tal temática é motivo de libertação das antigas maneiras de se compreender o espaço e gerar novas formas voltadas para a interpretação sobre o assunto inacabado: uma via possível.

Estar-em-esferas é uma postura de pensamento gerada a partir da concepção bachelardiana que se amplifica na Teoria Esferológica de Sloterdijk no que concerne uma ressonância maior que, para muitos, pode se tornar uma verdadeira hiperacusia, trazendo danos no entendimento já enrijecido.

A fim de concluir essa parte, a citação de Sloterdijk sobre o livro Bolhas é uma síntese de sua majestosa filosofia que aporta nos mares do conhecimento. Desta forma, sendo um pouco extensivo, ele nos diz que:

Nos oito capítulos deste livro, iniciaremos uma longa travessia pelas abóbadas da intimidade cossubjetiva. Falaremos, na ordem, dos espaços da cordialidade histórica e do campo interfacial, da relação magnetopática na hipnose e da posição do envoltório amniótico do feto, da duplicação placentária e das figuras culturais da alma dupla, da evocação psicoacústica do self e, também, por fim, das tentativas teológicas de assentar a relação entre Deus e a alma sobre uma base intimotopológica. Mas as observações que se fazem em todos esses giros e estratos este poderia ser, à frente de muitos outros, Gaston Bachelard, que, com sua fenomenologia da imaginação material e, especialmente, por seus estudos sobre a psicanálise dos elementos, aportou-nos um tesouro de luminosos insights aos quais é sempre preciso retornar. Em seu livro prenhe de ideias, *La Terre et les rêveries du repos*, publicado em 1948, o autor reuniu variados apontamentos sobre os sonhos da intimidade material: sobre as casas natalícias e as casas de sonho, sobre as grutas, os labirintos, as serpentes, as raízes (...) (Sloterdijk, 2016, p. 91).

Navegando para uma outra rota, talvez, quem sabe a última, o diálogo mais incisivo sobre a constituição de espaços de mimos, com outra interpretação sobre a mimologia como uma condição para a forma que estamos vivendo em espumas.

Por isso, 'a casa' será o espaço que atravessará a próxima rota. Estamos em busca de compreender este espaço que possui significado ontotopológico, além de atravessar interpretações apenas pautadas na concretude do espaço.

CAPÍTULO

VII

7ª ROTA

7. ESPAÇOS DE MIMO

“Porque a casa é nosso espaço no mundo. É nosso universo primário. É, na verdade, um cosmos”

GASTON BACHELARD

Que filósofo pensou mais a casa ou o habitar em seus minuciosos silêncios imaginários, universos primários e cosmos pessoais do que Gaston Bachelard? Muitos que vieram pós-Bachelard em suas tentativas de tratar sobre o mesmo fenômeno devem ter tido esse encontro.

Mas, quero incitar o leitor a comigo começar uma viagem para ‘dentro’, pensando em um primeiro momento, o ‘dentro’ como estando em um recipiente, mesmo que, por algum momento, alguém possa ter apenas a impressão meramente da física dos recipientes, mas que o Estar, se fazer dentro, ‘habitar’, tem duas possibilidades ontológicas que percebo possível para este trabalho¹³¹.

Na sessão anterior, mantive um diálogo com os filósofos do redondo, os filósofos das esferas, Gaston Bachelard e Peter Sloterdijk. Entretanto, sem obliterar do olhar arguto de Martin Heidegger sobre o tema que será desenvolvido agora neste novo diálogo

Em primeiro lugar, destravar as fechaduras que emperram a abertura do pensamento imaginário e das memórias sobre o estar-habitar espaços em três períodos: pré-pandêmico, pandêmico e pós-pandêmico.

Em segundo lugar, como fundamento para o ‘habitar’ e do pós-porta aberta, pós-fechadura destravada, como o que nos deparamos enquanto *Daseins* em meio ao caótico monstruoso exterior, estando seguros - em Tese -, em espaços de mimos [casas, apartamentos, barracos] em uma interioridade que às vezes são compartilhadas com o Outro.

¹³¹ Na Rota anterior - 5ª Rota-, discutiu-se essa temática como ponto de antecipação para a 6ª Rota.

Tanto a ideia de destravar pensamento, quando a pergunta da reação dos três momentos vividos, são atestados legítimos para debater os mundos antecedentes e mundos atuais de cada um, bem como o 'habitar'. Nesse mundo, no 'Onde', sem pensarmos em um Dasein solitário, perdido no mundo, mas que se perceba que este [Ser-aí] tem companhias com seus próprios mundos.

Qual a verdadeira dimensão que possamos imaginar que exista em uma casa para os seres humanos? Não no aspecto geométrico-euclidiano, mas em uma perspectiva tangente, que envolve: a imaginação, a memória, as vontades, os sentimentos, os idílios.

Estamos verdadeiramente em casas enquanto humanos que somos? Ou habitamos casas enquanto *Ser-aí-no-mundo* fora de si? As questões introdutórias, se bem desenvolvidas, poderão de certa maneira, contemplar muitas dúvidas que giram no entorno de mentes mais aguçadas com as questões de cunho filosófico. Se bem observado o título desta provocação do pensamento, o mesmo remete diligentemente para uma simbólica maneira que nós seres-humanos, temos com as coisas de modo quase que geral.

O mimo, uma espécie de carinho e atenção mais que redobrada sobre determinado objeto ou coisa, é algo não natural do ser humano, mas introduzido pacientemente por aqueles com quem nós temos os primeiros contatos. Nesse sentido, o primeiro contato é com a mãe, o segundo pode ser com o pai e com a família de modo geral e em terceiro, a sociedade em todas as suas repartições socio-políticas e culturais.

De primevo, a ideia central deste modo de pensar se dá pelo extremo desejo de tornar mais evidente e amplo, tanto o fenômeno do habitar, como levar ao conhecimento dos geógrafos - ou não, pois outros interessados podem se sentir tocados com o texto em questão -, a Teoria das Esferas do filósofo Peter Sloterdijk, e sua forma de pensar instigante com filósofos tão importante quanto este que ora apresento. Filósofos como Gaston Bachelard, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger *i.e.*, se tornaram importantes no desenvolvimento do olhar esferológico que este autor atual, brinda o mundo do conhecimento e da filosofia crítica.

Ao longo do texto, irei situando o leitor, em relação a quem é este que estou falando e que pode contribuir com o pensamento sobre a questão do habitar, partindo das suas premissas esferológicas e diádicas.

Para se pensar em Esferas e na transmissão que as casas, cabanas e nos dias de hoje, até mesmo os apartamentos, pensar de uma outra maneira é tão importante, quanto criar materiais que coletam a percepção do Outro, em relação a determinado tema e onde a minha percepção e experiência são deixadas de lado.

Percebe-se que a Fenomenologia é o caminho para que se possa revelar, deixar vir aparecer o invisível, dos mimos que o espaço pode gerar para o Ser-aí. A revelação do que é de fato habitar, tanto no sentido de habitar objetos, como habitar a si próprio, pois, se partimos do pressuposto entre existência e essência, o ser-humano, terá um encontro com um invisível que não se revela de qualquer forma, mas que metaforicamente habita o Ser-aí.

Para que esta sessão possa se realizar com a minha escrita, estarei desenvolvendo seu desenrolar a partir de cinco enfoques principais: *(i) o que é a Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk [retomada], (ii) o habitar como uma partícula esferológica, (iii) as influências filosóficas e o olhar geográfico para o empreendimento de se compreender a formação de espaços de mimos, (iv) casas natalícias tradicionais e as novas estruturas físicas que substituíram as representações de mimos antigas, (v) pensar espaços de mimos em meio a espumização do mundo pandêmico e pós-pandêmico.*

A intuição central é de abordar o tema com uma postura fenomenológica e não de um desenrolar do fio de Ariadne¹³², dentro de uma logicidade, previamente conhecida, nem de uma heurística, para proporcionar um desfecho *a posteriori* como algo fechado e encerrado. Mas, antes de tudo preciso fazer com que o texto se torne um rizoma fenomenológico de um tipo de espaço, de uma maneira de se deparar com um ‘como a espacialidade pode vir de encontro ao Ser-aí’, pois, dentro do movimento de espacialização individual, única — a minha —, que me interessa amplificar para tantos quanto forem seus leitores. Estarei apenas introduzindo uma maneira diferente de pensar.

7.1 Retomada da Teoria Esferológica de Peter Sloterdijk

¹³² O fio de Ariadne faz parte do conjunto das obras mitológicas da Grécia. Retrato tanto a arguta coragem de Teseu e o amor deste com Ariadne. O mito tem seu desdobrar na teia constituída pelo fio do novelo de Ariadne que fornece à Teseu a sua saída do terrível labirinto onde se encontrava o ser conhecido na mitologia como Minotauro.

Para que todos possam se aproximar mais um pouco deste filósofo, que possui uma larga experiência com temas como: existencialismo, tempo, espaço, Teologia, Política, dentre outros, retomo o diálogo com o mesmo de forma que se possa penetrar sua proposta filosófica. Logo, em uma primeira medida apresentei sua base, mas como retomada, ocorre, a necessidade diante da dimensão do 'não falar tudo de uma só vez'. Retomar e inquirir, por algumas vezes mais, esse interlocutor que na rotundidade faz uma Filosofia cabível à Geografia.

Peter Sloterdijk é um filósofo que nos tem brindado com as suas obras ao longo de 4 décadas. Sua contribuição para o campo das humanidades tem logrado êxito e vem constituindo um grande número de adeptos a tentar compreender seu pensamento e dele recriar outros modos de pensar. A forma que ele desenvolve o olhar crítico sobre determinado tema, com diálogos intensos com outros pensadores de variadas áreas, faz com que seja considerado uma das grandes autoridades na contemporaneidade.

Desta forma, tive, particularmente o prazer de iniciar um verdadeiro intercâmbio com a Teoria de Peter Sloterdijk e observar o seu modo de pensar o mundo atual, reconvidando-o sempre para novas explanações. Sendo um crítico arguto e perspicaz [Peter Sloterdijk], tem marcadores que são dignos de serem articulados na ciência geográfica, em especial, abrir diálogos com a Geografia Humanista, a Geografia de base fenomenológica e a Geografia Cultural.

Penso que de Peter Sloterdijk, os fenômenos e categorias que são explorados na Geografia, podem se sentir confortáveis em ter um olhar de um filósofo sensível, crítico, mas sensível no que diz respeito a desenvolver uma vasta Ontologia sobre o assunto.

Nas leituras realizadas, noites e dias, dias úteis, feriados e fins de semana, quase que da mesma maneira em que o Eduardo Marandola (2021) escreveu o seu livro **Fenomenologia do Ser-situado**: crônicas de verão tropical urbano, onde faz o destaque da produção entre o diurno e o noturno.

Peter Sloterdijk se tornou parte de mim, o Outro no olhar de Sartre, ou o Outro na visão de Lévinas, ou mesmo, nesse sentido, a premissa de Heidegger, apontada por Peter Sloterdijk, em uma manifestada condição de que o Ser-aí, carrega partes de um Outro. Isto precipuamente ocorreu pela convivência

correlacional, não pela interpretação objetiva de cunho teológico que o autor aponta do metafísico da religião cristã do filósofo de *Meßkirch*.

A princípio a Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk se apresenta como uma composição científica e filosófica extensa que estão representadas em três livros que vão desde as correlações mais íntimas entre os *Daseins*, como a ampliação dessas relações para além-conhecido e as implosões provocadas nas correlações advindas do tempo moderno e do movimento cinético do qual somos vítimas.

Uma trilogia composta pelos livros: Bolhas, Globos e Espumas, revisa e aprofundam o olhar da Ontologia das Esferas desenvolvida pelo autor. Por isso, desenvolvo uma breve intenção de, ao mesmo tempo apresentar o projeto Esferas [sucintamente] articulando a um diálogo a partir de Peter Sloterdijk, que por sua vez, pode ser amplificado para outros campos, sua trilogia desenvolvida nos serve para compreendermos como vivemos em Esferas.

Desde sempre, somos envolvidos por Esferas que nós mesmos produzimos, com finalidades diversas. A autopoiese, por exemplo, é uma característica das Bolhas que o ser humano produziu ao longo da sua evolução, o sistema de imunização - no sentido sloterdijkiano - capaz de sustentar a autopoiese e o desenvolvimento das antropológicas. Nesse sentido, se somos os produtores de protoesferas, então inspiramos e insuflamos bolhas.

E isto, vem carregado de sentido e interpretação das mais variadas. A atenção que dou aqui, é um deslocamento para as bolhas inspiradas e insufladas por nós quando estamos em nossas casas, *i.e.* Assim, como Peter Sloterdijk, considera a respeito das esferas, “nas esferas, inspirações compartilhadas tornam-se o fundamento da possibilidade de convivência de seres humanos em comunidade e nações” (Sloterdijk, 2016, p. 31).

Os espaços-casas geram *per se* uma verdadeira comunidade, onde, além de pessoas transitarem, ficam evidentes as alianças pneumáticas e de ressonância que se institucionalizam nesses espaços. Acrescenta ele, “nelas se estabelece, uma forte relação entre os homens¹³³ e os motivos que os animam

¹³³ Essa posição na escrita não quer significar um olhar patriarcal marcadamente pela postura do homem de sexo masculino ser uma espécie de ente privilegiado. Mas, o uso do termo homem, é uma forma de generalizar as espécies, muitas literaturas destacam desta forma. A princípio mesmo o autor do artigo sendo signatário e simpatizante da ideia de decolonidade, seja em todas as esferas, mantenho a escrita conforme o texto original, marcando o seu sic (*sic erat scriptum*)

(e animações são visitas que se prolongam) e que preparam o solo da solidariedade” (Sloterdijk, 2016, p. 31).

Portanto, viver em esferas é desenvolver um pacto pneumático entre o insuflador e o insuflado. Nesse caso, constituindo uma ontológica maneira de perceber o objeto inanimado, como é a peça insuflada do Ser-no-mundo. Aproxima essas ideias iniciais ao sentido de casas e apartamentos, enquanto espaços insuflados que, além de suas características peculiares e utilidades necessárias, concentram alto nível de imaginação e memórias.

O insuflador, o Ser-aí, conduz seu sopro de vida, ao espaço inanimado, o tornando parte de si. Logo, há no sopro e no ar que preenche o vazio do espaço inanimado, a interioridade deste excepcional espaço inanimado. Vem-a-ser a partir de agora, um campo morfoesferológico em que as correlações existenciais se farão presentes, preenchedores de outros espaços, através do hálito de seus insufladores.

Estamos acossados, constantemente, a querer representar tudo a partir da prática, e as experiências que estão em nosso imaginário existem para se perderem, se apagarem com o tempo e as íntimas partilhas da subjetividade, desfalecem ao ponto de nem mesmo se tornarem mais lembranças.

A ideia aqui é fazer uma askese de pensamento, considerando que os espaços ontologicamente derivam de contatos diários, momentos únicos que vão se perdendo muito facilmente, e que renovam a possibilidade de que podemos sempre conduzir olhares para relações de dentro e de fora.

A esfera, na observação realizada por Peter Sloterdijk, é caracterizada por ser antes de tudo “um espaço biunitário comum de vida e experiência.” (Sloterdijk, 2016, p. 44). Sendo assim, as casas enquanto espaços de co-vivência, permitem compreender que só existem enquanto tal, por serem comuns em demonstrar a vida e a experiência dos seus insufladores [*os seres humanos*]. E neste co-sentido, que se constitui o nosso “viver-em-esferas é habitar um meio impalpável comum” (Sloterdijk, 2016, p. 44).

Mas ainda é preciso refinar a ideia de se viver-em-esfera. Por isso, deve-se compreender que:

em demonstração ao respeito mantido pelo proponente do texto original. Penso ainda que não seja um gerador de mal-estar no leitor.

(...) estar-em-esferas constitui a condição fundamental dos seres humanos, embora se trate de uma condição que desde o início está pressionada pelo mundo não interior e que deve constantemente se afirmar, se recompor e se intensificar contra as provocações que vem de fora. Nesse sentido, esferas são sempre, além disso, construções morfoimunológicas. Só em estruturas imunes formadoras de espaço interior podem os homens levar adiante o processo de suas gerações e impulsionar suas individuações (Sloterdijk, 2016, p. 44).

Parte-se do pressuposto que as esferas são condições morfoimunológicas em que se tornaram responsáveis, até mesmo pelo processo alcunhado de hominização, bem como o fortalecimento das gerações. Fica evidente a necessidade do Ser-aí conviver em relações que ao mesmo tempo que se fecham, se abram, para o exterior. Tal aspecto é marcado por uma Ontologia que se interessa em fundamentar e compreender este Ser em esferas.

Para Sloterdijk (2016), carregamos *ab ovo* uma intenção fundamental que é de vivermos em esferas. Sendo *conditio sine qua non* para o próprio desenvolvimento humano, como os impactos gerados a partir desse desenvolvimento gerador de antropológicas para a sustentação do ser humano pressionadas pelo mundo exterior. É justamente por isso que estamos sempre construindo meios de nos imunizarmos diante do que está lá fora, no monstruosos.

Parece-me que há um encaixe quase que perfeito, diria tão qual, *i.e.*, a um quebra-cabeça, com peças que precisam umas das outras, e que se completam. Me refiro à situação traumática, pós-traumática que todos os seres humanos vivos enfrentaram diretamente entre o final do ano de 2019, mais intensamente entre 2020 e 2021, e que ainda desde 2022, estamos convivendo, com o que foi e ainda é a Covid-19 e suas variações mutáveis.

O encaixe diz respeito a postura de que todos os seres humanos sempre tiveram, em estar próximos, juntos, como seres-no-mundo, para criarem ao mesmo tempo espacialidades, geograficidades, historicidades e existencialidades, mas a partir de um plano de sobrevivência que é a de sistemas de imunização.

Nesse sentido, por enquanto, não se trata da imunização em sua acepção mais literal do termo, mas que ao se tratar das Esferas, das Bolhas, dos Globos e das Espumas se alude a esse processo como a uma forma de proteger, de combater contra o desconhecido, isso no que se pode anteceder uma ontológica maneira de se perceber a constituição do Ser-aí.

Estando em esferas, este compartilha, ao mesmo tempo que seus espaços insuflados, são partilhados, abertos e recompostos para que se auto-sustentem e perpetuem.

De maneira alguma o ser humano conseguiria obter êxito em sua existência, se não estivesse anteriormente envolvido por outros. O Outro, nesse sentido, é mais que uma companhia, é parte da díade que sustenta efetivamente a carga de se Estar-em-esferas.

A transmissão de uma para o Outro e as transferências decorrentes produzem ‘lugares atmosférico-simbólicos’, como aponta Sloterdijk (2016), e que nesses espaços desde a constituição das primeiras hordas, conseguimos viver em comum. Somos criadores de espaços esféricos, mas também de atmosferas próprias para nossa segurança, bem-estar e imunização. Assim, Sloterdijk (2016, p. 46) apresenta: “A climatização simbólica do espaço comum é a produção original de cada sociedade”.

7.2 ‘Habitar’ uma Partícula-bolha Esferológica

Começo essa sessão expondo ao leitor, que os pressupostos antecedentes até aqui são condições de reflexões subjetivas, mas que ao *in tempore*, se atentarmos mais detidamente, perceberemos que sua abordagem é instigante ela nos faz pensar do quão estamos no mundo, mas que para se firmar, uma existência de fato, é preciso compreendermos a nossa condição, a condição de seres-em-esferas.

Por isso, reabrindo o diálogo com Peter Sloterdijk, podemos acrescentar nessas linhas que:

Se os homens, *estão* aí, então existem de início em espaços que se abriram para eles porque, ao **habitá-los**, lhes deram forma, conteúdo, extensão e duração relativa (Sloterdijk, 2016, p. 44, *grifo do autor, grifo meu*).

Importante notarmos que o início da nossa existência, trazendo aqui a ontológica odisseia antropológica advém da formação do ser humano nas cavernas uterinas e no mar amniótico ventral. A partir desse momento de existir-em-um-outro já estamos envolvidos esferologicamente em bolhas.

Acompanhados de uma espécie de primeira de morada provisional, encapsulado nessa morada, o ser humano em sua constituição inicial, pode segundo a Psicologia, ter efeitos de memória relacionados com o Ser que o contém momentaneamente [a mãe].

Um princípio de intimidade que só é alcançada por um esforço fenomenológico, pois se percebe um ‘voltar às coisas mesmas’ em uma antecipação do ser-lançado-no-mundo. Assim, espaços acústicos se formam no ventre da mãe e nessa caixa de ressonância há uma troca entre o interior e o exterior.

Esse olhar para dentro também decorre da Teoria das Esferas, como uma forma de habitar um mundo. Estamos acostumados como meio palpável, mas quando a virada de olhar passa para o impalpável, parece-nos que nos perdemos ou um medo de explorar se torna latente.

Por isso, deixamos de lado construir teorias ou resgatar Ontologias que reforcem a nossa antecipação no mundo circundante. O ‘habitar’ então fica mais aprisionado, ou na condição de uma atenção para o físico-estrutural ou na condição do próprio ‘*innan*’, mas tomando como fator hermenêutico a analítica existencial de Heidegger, em que conforme aponta Sloterdijk:

(...) já revela, num estágio inicial de seu estudo, o ápice da análise existencial da espacialidade aquilo que ele denomina “ser-no-mundo” não significa outra coisa que “habitar” (*innen*) o mundo, num sentido transitivo verbal: habitá-lo no gozo de sua abertura por meio de ajustes e avanços preparatórios. Como o Dasein já é sempre um ato consumado de moradia- resultado de um salto originário na habitação-, a espacialidade pertence de modo essencial a existência (Sloterdijk, 2016, p. 302).

Devemos atentar para o que Sloterdijk, nos instiga a pensar com ele, pois, para ele, o Ser-no-mundo não está apenas na questão do existir no mundo, mas de habitar o mundo de maneira intencional. Dito de outra maneira, a espacialidade não se constitui apenas do/de um espaço físico, mas também de outros espaços, como: o emocional e o mental.

Essa espacialidade é arrojada a partir da nossa disposição da própria experiência que envolve a abertura no mundo e com isso, a própria possibilidade de ajustes e avanços dentro dele.

É ainda possível extrair dessa argumentação que a espacialidade é um aspecto fundamental da existência humana. Uma vez que o ato de habitar é um resultado de um salto originário na habitação. Desde que nascemos, já somos

seres que habitamos o mundo e por isso a espacialidade faz parte da nossa existência.

Por isso, devemos observar que a diferença que é demarcada por Heidegger, o Ser é lançado no mundo, praticamente não acolhido no mundo, o Ser é algo que está em plena solidão.

Ao contrário, a Teoria das Esferas demonstrará alguns desses pequenos equívocos tratados por Heidegger, destacando que somos seres humanos que somos recepcionados e mimados no imediatismo. O ‘mimo’ tem início com o choro ‘do querer’, a linguagem particular de se ‘sentir percebido’ no mundo estranho.

Da mesma forma que o choro provoca o ‘escambo’ diretamente com o seu fornecedor, há uma alteridade gerada pelo *stress*. O Ser, ao sair da estufa originária e cair na estufa artificial, tem a necessidade de incluir nesse espaço a concepção de mimo, de espaços artificiais que em uma primeira tomada fenomenológica serão similares a ideia de um útero protetor e, em outro, uma necessidade de, como expõe Sloterdijk (2008, p. 227), “ser orientado por uma mão forte”.

O que está sendo oferecido nessa incursão ontológica a partir da Teorias das Esferas. Em uma composição em que se encaixe ao mesmo tempo o ‘habitar casas’ e as relações decorrentes do modo que estamos dispostos a habitar e gerar relações fortes de coexistências.

Na frugalidade temporal, tentar investigar questões que não somente se reflitam no “quem” somos, mas no “onde” estamos, penso ser importante, em nossos dias e, por isso, tenho buscado trilhar pela Filosofia das esferas essa rotundidade que pode nos trazer muitas surpresas devido às suspensões conceituais que estamos acostumados a aceitar.

Uma outra dimensão provocada pelo fenômeno do habitar pode ser considerada uma revolução para os campos da ciência e mesmo para a Filosofia, isto é, uma ruptura que se torna resultado de uma crise, levando a novas posturas da forma de pensar o habitar no mundo, e por isso, posso considerar como exemplo, a revolução da psicologia moderna que:

(...) não se esgota ao explicar que todos os homens constroem seu modo de habitar e que, sem exceção, seguem a profissão de incultos arquitetos de interiores, trabalhando incessantemente na ocupação de *habitats* originários, sonoros, semióticos, rituais e técnicos (Sloterdijk, 2026, p. 78, *grifo do autor*).

Por isso, devemos considerar que outras formas são possíveis, pois o ser humano, sendo um *designer* de interior [não apenas no sentido físico, mas íntimo], constrói as maneiras simbólicas que evidenciam ou presentificam esse habitar humano. O trabalho da Psicologia está em desvendar esses espaços interiores, repletos de elementos que são infinitamente diferentes de uma ocupação para outra.

Posso tentar dar um passo a mais nessa interpretação, não com o desejo de fazer uma releitura apenas da ‘casa do Ser’ heideggeriano, que supostamente ele considera como sendo a Linguagem, mas tentar convencer-me em um primeiro instante, que sendo Ser, sou morada também, sendo morada meu inquilino habita em mim e eu nele.

Nessa pericorese situada de envolvimento, primeiramente com meu Ser, percebo que *os móveis, objetos de decoração, portas, fechaduras e janelas* foram sendo colocados por mim, ao longo da minha vivência, com os outros seres.

Desta forma, essa minha percepção fenomenológica, adicionada em mim, implica em uma reverberação de que toda a minha habitação pessoal, me representa internamente e isso pode também ser conhecido em partes por aqueles que permito coexistir comigo, de uma forma mais íntima.

Essa formação de habitações, em formas de esferas, retratam a realidade da intimidade e das ressonâncias que ocorrem nas trocas relacionais.

A visita de cada Ser no Outro nos faz pensar que bem distante da substancialidade monadológica, ou dos acompanhantes transcendentais [espírito e alma], somos construtores de esferas. São esferas bivalentes, em que nenhum interior se autoconstitui isolado que temos com os outros que, percorrem caminhos parecidos via experiências distintas, mas processos de internalização que na condição humana acontecem.

Dito de uma outra maneira, somos ao mesmo tempo envoltórios e envolvidos, envolvemos e sofremos o envolvimento quase que na mesma velocidade e na mesma proporção que o Outro. Certamente, há distinções, mas o natural é que ao se construir interiores, não há como ocorrer sem a interpenetração do outro em meu próprio habitar.

Onde eu habito, onde me espacializo, depende de como, quando, com quem estou. A relação é um caminho para se compreender o onde estamos, e isso vai muito além da simples relação ôntica.

A intenção aqui também é de tentar distanciar-nos, mesmo que provisoriamente, de um modo de habitar o mundo apenas com o pensamento do habitar no mundo sobre a terra (Heidegger, 2002). O que nos chama mais atenção é a condição estrutural que o próprio homem comporta para que se possa compreender-se enquanto um próprio habitar.

Esta casa é geográfica, pois, espacializa-se. Essa morada estufa e tem que ter os mesmos cuidados que compreende a estrutura pura arquitetônica, como alguns insistem em entender, sendo apenas vista pela externalidade, tocada e sentida, sem considerar que:

O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura, lida com as dimensões primordiais de habitar o espaço e o tempo, ao mesmo tempo em que se transforma um espaço sem significado em um espaço especial, um lugar e, eventualmente, o domicílio de uma pessoa. O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo (Pallasma, 2017, p. 07).

É sobre essa interpretação de Pallasma que desejo que todos possam se debruçar no ‘peitoral da janela’ e olhar para o que nos revela do outro lado. O lado de dentro sofre as interferências que também decorrem do fora. Nessa simbiose constante, o tempo se faz espaço e o espaço se faz tempo, ambos fazem com que ocorram as significações do modo de habitar no tempo e no espaço.

Mas, ainda precisamos conhecer influências que além de Peter Sloterdijk podem nos dar pistas dos espaços de mimos que se formam, através do nosso modo de habitar.

7.3 As Influências Filosóficas e o Olhar Fenomenológico para o Empreendimento da Formação dos Espaços de Mimos

Como devemos compreender a relação que possa existir entre nós e o que estou aqui chamando de “espaços de mimos”? Na fenomenologia das esferas de Peter Sloterdijk, temos o mimo como uma forma de permitir que o indivíduo experimente um espaço que tem características afetivas e emocionais, que são inerentes ao desenvolvimento humano.

Os espaços de mimo, amplificam as relações em uma primeira ordem, qualitativamente e quantitativamente, do espaço mãe-filho que, ao ser criado, permite o próprio desenvolvimento de um senso de segurança e conforto no mundo.

É esse o caminho a ser percorrido, sobretudo, compreendendo os espaços de mimo como uma forma de habitar, pois é onde o ser humano tem a sua segurança e acolhimento pelo mundo habitado, que marcam boas memórias em muitas ocasiões.

Desta forma, acrescentando um pouco mais sobre espaços de mimos, Sloterdijk aponta que:

La línea fundamental evolutiva de la antropogénesis sólo se comprende cuando se reconoce en ella la sucesión de acoplamientos positivos de efectos de mimo, que amplían cuantitativamente e intensifican cualitativamente el espacio-madre-hijo. De un modo sin par en la historia natural, de estas tendencias auto-reforzantes resulta una forma de vida de madurez inmadura o inmadurez madura: la matriz biocultural del lujo humano¹³⁴(Sloterdijk, 2006, p. 571).

O sentido deste convite a um pensamento obsoleto é instigante, sobretudo, porque pensar a própria evolução da sociedade, a partir da imitação mãe-filho é incrivelmente diferente. Toda a nossa base se alicerça em matrizes mais fechadas e até mesmo sombrias.

Por vezes nos perdemos e não conseguimos encontrar o lugar de onde saímos e tampouco uma saída. Pensar esse aterramento em que a imitação decorrente desses espaços de mimos, é gerador de segurança e conforto emocional, capaz de permitir a ser desfrutado uma vida confortável e luxuosa, é ir contra o que todos pensam taxativamente.

Um dos filósofos que é considerado referência para a Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk é Bachelard (1884-1962), que extensamente escreveu sobre um espírito inquieto, desconfiado das coisas e em buscas frequentes de novas respostas. Conforme ele nos incita, devemos “esquecer nosso saber” e “romper com os hábitos da pesquisa”, sobretudo quando há fortemente um interesse em estudar problemas que se coloquem através da imaginação poética.

¹³⁴ Tradução livre: "A linha fundamental evolutiva da antropogênese só é compreendida quando nela se reconhece a sucessão de acoplamentos positivos de efeitos de imitação, que ampliam quantitativamente e intensificam qualitativamente o espaço mãe-filho. De um modo sem paralelo na história natural, dessas tendências auto-reforçantes resulta uma forma de vida de maturidade imatura ou imaturidade madura: a matriz biocultural do luxo humano" (Sloterdijk, 2006, p. 571).

Esses são os conselhos iniciais de Gaston Bachelard. Para ele, o caminho é a fenomenologia da imaginação, capaz de estudar os fenômenos de uma maneira microscópica: “o fenomenólogo encontra um campo para inúmeras experiências; aproveita observações que podem ser precisas porque são simples, porque não levam a consequências” (Bachelard, 1978, p. 185).

Não é tão somente ter consequências na investigação, no estudo ou na pesquisa dos fenômenos ou das imagens. Contudo, abrir todas as comportas possíveis para gerar compreensão do que se apresenta sem se distanciar do fenômeno, um “devaneio poético, de um devaneio que frui não só a si próprio, mas que prepara para outras almas deleitas poéticas, sabe-se que não se está mais diante das sonolências” (Bachelard, 1978, p. 186 - 187).

Essa maneira de investigar qualquer fenômeno é extremamente importante para nossos dias em que os devaneios passam pelos cansaços¹³⁵ extremados de uma sociedade do rendimento.

Bachelard, posso assim considerar, um dos precursores de um pensamento que rompe com um padrão normal, não que se torne uma anormalidade, mas um caminho diferente dos trâmites conhecidos.

Os espaços de mimos podem ser também alcançados pelo olhar ontológico de Bachelard, em que deve ser “compreendido pela imaginação [*que*] não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida da reflexão do geômetra. É vivido, (...) com todas as parcialidades da imaginação” (Bachelard, 1978, p. 196). Essa é a principal intenção que sustenta a força do pensamento deste ensaio.

Considerando que estar espacializado em um ambiente de proteção que imite, não na mesma proporção, o útero materno, um *uterotopos* que ficou esquecido, ou nunca foi lembrado, que Peter Sloterdijk envida esforços para ontologicamente nos lembrar que sempre estamos ávidos por proteção.

O espaço que nos protege também é o mesmo que serve para nosso desenvolvimento. O espaço que nos aquece, que nos enche de mimos, constrói em nós afetos que geram memórias e imaginações.

¹³⁵ Cf. Byung-Chul Han, no livro “Sociedade do cansaço”, constata que a antiga sociedade disciplinar apontada por Michel Foucault, foi substituída no século XXI, por uma sociedade do desempenho, mais à frente estou substituindo, por uma ‘sociedade do rendimento’, empresário de si mesmo como ele reforça (Han, 2017).

Articulado a Ontotopologia, são lugares que se enraízam e transcendem, onde o ser humano se encontra, aprende e transforma a sua existência. A casa é um espaço que nos proporciona tudo isso, a maneira que habitamos ou se habitamos em espaços que nos negligenciam, também estes fundamentalizam memórias. A diferença está nas que nos impulsionam positivamente e das que nos atemorizam negativamente. Por isso, que de certa maneira, Tuan desenvolveu os conceitos fenomenológicos de Topofilia e Topofobia.

Contudo também podemos desenvolver pelo espaço uma outra afecção: a Topoapatia, um ódio ou estranhamento, não apenas de medo, mas de negação, raiva e desprezo.

Certamente, existem diversos espaços que se configuram com tais aspectos, sejam topofílicos, topofóbicos ou topoapáticos. E como seres que estamos em altíssimas rotações de relações, não só com outros seres humanos, mas com os não-humanos [animais, plantas, ecossistemas diversos] e intra-humanos [emoções, mente], relativizam a nossa própria forma de perceber e sentir o mundo que estamos. Dessas relações, construímos parte do que somos.

7.4 Casas Natalícias Tradicionais e as Novas Estruturas Físicas que Substituíram as Representações de Mimos Antigas: das casas antigas aos apartamentos e condomínios fechados

Casas? Mas, para ser exato, eram casas que não estavam mais lá. Casas que foram demolidas de cima a baixo. O que estava lá eram as outras casas, as casas que estavam ao lado delas, casas altas a vizinhança.

Rainer Maria Rilke

As casas que Rilke falava, se foram. Não porque, assim quiseram, até mesmo porque não poderiam. Mas, se foram em sua representação física. Se foram porque não estão mais lá ou não se encontram mais aqui.

Consequência da modernidade ou do desprendimento das coisas? As casas, enquanto espaço de habitação, momentos de afeição e desenvolvimento humano, ao longo da sua história foram sendo substituídas por novas formas.

Durante um longo tempo não era tão difícil uma pessoa ver uma casa em que sua estrutura externa era de uma maneira singela atraente. Não era a

estética arrojada, mas as casas se pareciam com seus donos, seus moradores. Coloridas, verdes, amarelas, azuis, fachadas com plantas ornamentais, plantas que os mais velhos diziam ter poder de ‘cura’, ou ainda, quando cercas pintadas de branco, circundavam a casa, mas não a prendiam, não a sufocavam.

Era assim que víamos esses espaços que personificavam as habitações mais tradicionais. Casas natalícias, chamo assim por traduzirem elementos da natalidade, com suas características singulares e marcantes. Se parte do externo se mostrava como mencionado acima, a parte interna tinha muito mais do que móveis.

Representava especialmente o próprio viver em comunidade em relações quase que indivisíveis, tanto com as coisas quanto com as células [pessoas] que transitavam por entre espaços [ambientes]¹³⁶, desse espaço [casa]. Por isso, que sempre demarcam simbolicamente maneiras de existir, “as casas antigas nos levam de volta ao ritmo vagaroso e ao silêncio do passado” (Pallasma, 2012, p. 49).

São muitas as representações que temos em nossas memórias, basta identificá-las que logo temos uma verdadeira *epoché* de tudo o que nos preenchemos sobre habitar e viver. Precisamos estar constantemente fazendo essas digressões em nós mesmos para nunca obnubilarmos nossas memórias, pois elas nos convidam a aludir sobre o nosso momento presente e pensar nos momentos futuros. Como será conviver?

Perceber o que nos restará de simbólico com todas as mudanças que os lugares e espaços sofrem, com o advento da velocidade das coisas e as suas obsolescências, com a Indústria 5.0 e seus registros que demarcam novas formas, novos conteúdos, inteligências artificiais, em um mundo cada vez mais artificial.

Tudo isso me incita a pensar como estarão os espaços de mimos nos futuros que nos aguardam? Penso que isso por si, já seja, além de uma suspensão, uma busca pela responsabilidade ética, tanto comigo, mas principalmente com o Outro. Me relacionando com o Outro devo ter o princípio

¹³⁶ Cf. Tim Ingold, contribui pontuando da seguinte forma: “Assim, minha casa, como um lugar, contém os lugares menores compostos pelos quartos e pelo jardim, e está contida dentro dos lugares maiores do meu bairro e da minha cidade natal (Ingold, 2015, p. 216).

do 'cuidar', da 'alteridade', não de maneira unilateral, mas em convivência diádica.

Esse foi o *start* para que pudesse pensar em como as relações se esfriaram, porque as 'lareiras'¹³⁷ que ficavam nos centros das casas e que recolhidos suas células, se aqueciam e o coração da casa, antes de aquecimento, passou ao longo das mudanças para um lugar de distâncias.

Assim, Sloterdijk (2004, p. 204) menciona: "El calor del fuego domesticado reúne a los seres humanos en un lugar de encuentro como si fuera en torno a un foco ígneo"¹³⁸. Da mesma maneira completa Pallasma (2012, p. 55): "o espaço do aconchego em torno da lareira é o espaço da intimidade e do conforto máximo."

Havia também lugares que agregavam famílias, encontros, diálogos quase que intermináveis e trocas de experiências, verdadeiros centros de saberes. Falo das cozinhas, espaços em que o mimo, era mais do que perceptível: era sentido. Ali, mães e avós, faziam seus mimos para filhos, netos, o cuidado era percebido, na maneira de cozinhar, as antropotécnicas sendo utilizadas nesse sentido.

Onde todos se reuniam, hoje não se reúnem mais. As lareiras não fornecem mais calor, não iluminam mais os rostos, não aquecem mais os lares. As casas que ainda dispõem das lareiras, as têm apenas como um local para que em cima delas estejam presentes objetos de decoração.

Os mais experientes falavam até mesmo em "fazer ciência", era assim como se reportavam no momento de cozinhar. Detalhadamente, medidas precisas, tudo feito com muita afeição, amor na ponta dos utensílios e cuidados com o cheiro e com o sabor. Não apenas isso, logo, muitas conversas, repreensões, risos, transitavam por entre esses espaços, alegrias *i.e.*

¹³⁷ Cf. No livro *Esferas I- Bolhas*, Peter Sloterdijk menciona que esses espaços: "Se podrían continuar fácilmente las ideas lacónicas de Vitruvio convirtiéndolas en una sociología del hogar, según la cual los primeros motivos de la formación de grupos residirían en una comodidad doblemente irresistible: en la propia irradiación de calor bienhechora y en las charlas agradables de los seres humanos sobre ese agrado. Vitruvio subraya claramente el punto que realmente importa: los primeros que disfrutaban del calor llaman a los más próximos y se comunican con ellos mediante gestos y palabras primitivas sobre las ventajas de la maravillosa fuerza central recién descubierta (Sloterdijk, 2004, p. 204).

¹³⁸ Tradução livre: "o calor do fogo domesticado reúne os seres humanos num ponto de encontro como se estivesse em torno de um foco de fogo" (Sloterdijk, 2004, p. 204).

Como se em etapas do cozinhar, vinha o reunir, a reunião antes quando a família grande e a reunião em torno da mesa, sentados, compartilhando. Agora a família é comunidade, todos compartilham respeito de todos para todos. Momentos que parecem que em muitos lugares já não existem mais.

Alguns ainda preservam, mas não como antes. Hoje, são reuniões com datas pré-definidas e sempre existem intercorrências do Ser para não se reunir. Desta forma, as memórias da atualidade não são mais construídas na mesma velocidade e tampouco com o mesmo volume que antes. Todos se distanciam.

Assim, a cozinha, enquanto um espaço de mimo, não tem mais sorrisos, não há mais verdadeiras experiências sendo realizadas, as mesas diminuíram de tamanho e o Ser já é quase só.

Tudo isso, porque a casa é, e eu coaduno com Eduardo Marandola:

(...) o lugar por excelência, cuja densidade existencial e simbólica é fundada no seu sentido de proteção e de pertencimento. A casa (no sentido de lar), expressa nossa ligação íntima com a Terra e o cosmos (Marandola Jr., 2021, p. 53).

Casa em que mantemos bem distintos as afeições, carinhosamente, alguns chamam de “casinha boa, de telhas” (Rosa, 2018, p. 67). Assim, eram chamadas as casas natalícias tradicionais, ‘minha casinha’, uma forma de demonstração de amor e ainda haveriam registros de mais memórias, pois casas pequenas se tornavam enormes devido a capacidade de registrar memórias e sentimentos. As casas maiores em seu tamanho, se tornavam pequenas, pois sempre necessitava de mais espaço.

Se essa investigação ontológica partisse de um estudo de caso teria em mãos um imenso armazenamento de situações, experiências diversas e construções pessoais, através das relações.

A casa, sendo um lugar-espço é um verdadeiro mundo em que toda humanidade¹³⁹ um dia já teve em sua formação e condição de criar vivências. É

¹³⁹ Algumas exceções existem, pois, há crianças que ao nascer necessitam de um primeiro acompanhamento em lugares que viram de uma certa forma sua casa, mas que não são de fato, mas por necessidade. A referência é para aquelas que possuem algum tipo de problema congênito e que precisam de acompanhamento especializado. Como sentir então, essas vivências? Podemos fechar os olhos e imaginar a partir da seguinte declaração: “comumente, uma criança nasce no hospital e após alguns dias recebe alta para casa, onde é apresentada ao seu círculo familiar e ao novo ambiente. Durante os primeiros meses, sobretudo, explora intensamente este espaço, os objetos e as relações com as pessoas. Quando essa criança permanece hospitalizada, seu desenvolvimento é influenciado por diversos elementos da cultura hospitalar, por meio da exploração e relação com o espaço, objetos e atores deste território, pois é nele que habita” (Simonato; Mitre; Galheijo, 2019, p. 02).

um aconchegar-se. Esse aconchego, como bem menciona Pallasma (2012, p. 55), “pertence à fenomenologia do verbo habitar, e somente aqueles que aprenderam a fazê-lo conseguem habitar com intensidade”.

Algumas deformidades nessa concepção do habitar, podem ocorrer no interstício de vida do Ser humano. Por isso, aqueles que tiveram a oportunidade de vivenciar suas particularidades e desenvolvimento pessoal humano percebem que viver no Antropoceno é necessário rediscutir e redimensionar nossas atitudes diante do todo.

Fazendo um jogo de substituição entre a casa como conhecemos e a Terra que pode se caracterizar como nossa casa-maior, nossas atitudes, sejam pela falta de cultivar as relações existenciais, de moldar outras formas de habitar e de nos protegermos, enquanto um sistema de imunização coletivo e não comumente individual, deveriam ser práticas do cotidiano. Em uma “era geológica atual, em que os seres humanos remodelaram o planeta e sua biodiversidade de maneira profunda” (Green, 2021, p. 14).

Muitas dessas mudanças, não são e não foram positivas. Há muitos casos em que a ação humana criou indelévelas marcas - tamanhas são as manchas percebidas pelas catástrofes ecológicas e sanitárias.

Essas marcas ou manchas não estão visíveis apenas na paisagem, nas morfologias, mas na cultura, na comunicação, nos meios, e como esse ensaio tem como destaque: as relações. Afinal, se estou discutindo sobre casas, espaço e habitar, não haveria nenhuma construção ontológica que não tivesse como elemento-chave, as relações. Elas são o princípio de tudo que envolve o mundo circundante que também nos envolve.

Diante de tudo que por hora tenho exposto, posso acrescentar que os movimentos que em nosso momento epocal estamos vivenciando, nos faz sentir extenuantes diferenças de tempos atrás.

Hoje, habitar possui outros significados. Aquele em que o estar “acostumado, familiarizado com, demorando-se em algo, ou ter cuidado”, se perde em nossos tempos (Heidegger, 2012) substituídos por outros sentidos e outros caminhos.

Estamos dando outros sentidos e escolhendo outros caminhos para “pôr em contraste com algo ontologicamente outro em sua essência, isto é, com a

relação-de-ser categorial que exprimimos na linguagem com os mesmos meios” (Heidegger, 2012, p. 173-175).

Será que estamos ficando desprovidos de mundos, por alterar drasticamente as relações que antes tínhamos? Em uma sociedade que busca a todo instante a ‘leveza’ para cada caos interno, e que por sua vez, gera na leveza um desterramento com e sobre tudo que existe, não estaria se perdendo na réplica atmosférica criada para satisfação do ser humano?

Antes, o ser humano, familiarizado com o seu modo de habitar, mantinha seus pés mais firmes em seus espaços. Gradualmente, com a celeridade da vida imposta pelos novos meios, o ser humano ao mesmo tempo que perde a força de aterramento, perde também o seu rumo. A sociedade da aceleração, do desempenho, da liquidez é a mesma que busca pela leveza, em tempos de fortes ventania, cada vez mais intensas, e cada vez mais levando o ser humano para longe de si e das relações. Os distanciamentos são característicos, de tempos de apartamento e condomínios fechados. O que temos é uma sociedade:

(...) leve, mas, por isso mesmo, se torna, não raro, sem ar. Cumprimos com o nosso destino de verticalização. Subimos muito e alcançamos camadas de rarefação. Procuramos então, alguma âncora, algum peso para nos agarrarmos de modo a não voar a esmo e muito alto. Voar alto é ficar sem ar, e justamente ter preocupação com isso se torna um peso (Ghiraldelli Jr., 2021, p. 85).

Não quero aqui com isso estimular um conservadorismo de valores, do estar-juntos, mas chamar atenção para as mudanças que ocorrem em uma velocidade nunca antes imaginada. Nessa velocidade, buscamos pela leveza, pela desoneração e, levando para o campo hermenêutico do habitar humano, hoje, praticamente muitos não têm mais lugar.

Quando têm seus lugares, suas formas de habitar esses espaços traduzem-se em isolamentos. Em muitas ocasiões, uma cultura do *self* fortemente marcada pelos distanciamentos. Uma verdadeira radicalização nas formas de habitar, conviver, relacionar e Ser.

O que presenciamos hoje no mundo? Deixo a resposta para Hui que diz:

Segundo acredito, estar contido no paradigma da modernidade significa enfraquecer a necessidade de localidade e diversidade em função de uma insistência na episteme universal e no conceito de progresso (Hui, 2020, p. 118).

O que estamos, portanto, vivenciando nessa nova modernidade, de tantas viradas e desestruturações culturais, políticas e sociais, recai

primordialmente nas relações, como venho expondo. Se elas se distanciaram no sentido inverso ao que é apresentado pela ontológica forma de pensar de Heidegger em ‘Ser e tempo’ é porque as mentalidades também se modificaram.

A sociedade hoje ou se aninha em prédios ou se cerca em condomínios que, embora as residências estejam próximas umas das outras, isso não significa que existam relações entre os sujeitos.

Mas, porque tratar desses aspectos, dessas diferenças catalisadoras de indiferenças éticas e até mesmo morais - apesar de ser instigante, não serão aprofundada o axioma moral -, sobre o princípio de habitar? A resposta é que o isolamento e distanciamento social, que ocorreu no período em que a humanidade passou recentemente da pandemia Sars-Cov-2 já era naturalmente visível.

À luz do pensamento do que é apresentado por Sloterdijk, observamos que:

El habitar mismo y la producción de sus receptáculos se convierte en un delecto de todas las dimensiones o componentes que se han ensamblado en la isla antropológica, creciendo juntos originariamente; en ello, la descomposición de condiciones de vida completamente aglutinadas, y su remodelación racional, puede llevarse hasta el valor límite de la repetición de la isla-mundo humana, en general, en un apartamento para un único habitante¹⁴⁰ (Sloterdijk, 2006, p. 385).

Aqui já temos o princípio da espumização do modo de habitar e das convivências. Importante fazer rapidamente um retorno, para que possamos compreender melhor.

Enquanto antes as relações e os modos de habitar singularmente eram demarcadas por proteção entre os sujeitos que frequentavam o espaço-casa e assim constituíam ‘Bolhas entre si’, e com os outros, agora, já não ocorre o mesmo. O que há são espumas em nossa época atual, em que a vida se desenvolve de maneiras múltiplas multifocais.

Peter Sloterdijk, diante do conceito ontológico de espuma, considera que:

Espumas são rizomas-espacio-interior, cujo princípio de vizinhança deve ser encontrado, acima de tudo, em configurações laterais anexas,

¹⁴⁰ Tradução livre: O habitar em si a produção de seus receptáculos se tornam um soletrar de todas as dimensões ou componentes que foram montados na ilha antropogênica, crescendo juntos originalmente; nisso, a decomposição das condições de vida completamente aglutinadas, e sua remodelação acional pode ser levada até o valor limite da repetição da ilha-mundo humana, em geral um apartamento para um único habitante¹⁴⁰ (Sloterdijk, 2006 p. 385).

em condomínios planos ou associações co-isoladas. Multiplicidades-espacos integradas pelo co-isolamento são grupos de ilhas, comparáveis às Cíclades ou às Bahamas, onde florescem ao mesmo tempo culturas semelhantes e autóctones. No entanto, a interpretação da "sociedade" como espuma plana ou horizontal não deveria levar à conclusão de que uma coleção completa das folhas do cadastro comunal forneceria a descrição mais adequada da coexistência de seres humanos com seus semelhantes e outros, por mais estimulante que seja a parcelização do espaço (...) (Sloterdijk, 2006, p. 230).

O que temos agora são pequenas células, podendo até de alguma forma apresentar em o formato esférico, mas que em sua maioria se aproximam a dodecaedros ou outros sólidos geométricos.

Esse conjunto de células que se agrupam são as espumas, que estão sempre mais dispostas [concentradas], em determinados lugares. O que posso aqui considerar como as principais características, são apontadas pelo comentador de Peter Sloterdijk, o também filósofo brasileiro, Paulo Ghiraldelli, pois, o que temos hoje é uma “sociedade de espumas”, onde a respiração, a aclimatização, e, enfim, as paredes finas caracterizam a arquitetura dos grandes conglomerados urbanos” (Ghiraldelli Júnior, 2018, p. 34).

Por isso, essa inversão, incluindo a arquitetura que sofreu suas mudanças radicais. Percebemos isso, nos grandes prédios que hoje sufocam aquelas ‘pequenas casinhas’ do seu alto, que incomodam, da mesma maneira que o rei incomodava Diógenes, e o que restava a ele em sua liberdade e existência, pedir apenas que se afastasse para que a luz assim pudesse chegar em seu abrigo.

Da mesma forma, as casas-espacos-de-mimos, como outrora não conseguem ter nem mesmo de soslaio pequenos fios de luz, pois os obstáculos artificiais são incapazes de se incomodar com a desproporção que essas pequenas estruturas traduzem. Nesse sentido, o que se pode perceber com essas evidências são consequências patológicas nas esferas.

O que temos hoje é a incapacidade do sujeito em não conseguir mais produzir mundos completos em si mesmos. Em decorrência da patologia esferológica, o sujeito perde o poder de construir bolhas, espacos mentais e emocionais.

São vistos como ‘*singles*’, onde sofrem com imunodeficiências que fazem com que o sujeito seja absorvido pela falta de solidariedade. Se privam e

se esquecem que vivem com outros iguais a estes. Isso, em se tratando da necessidade humana de calor, afeto e diálogo, olho no olho, corpo no corpo.

O que temos é uma nova forma de habitar esses espaços *singles*, em que o culto a si mesmo é maior que a participação com o Outro. A convivência se dá agora em meio aos dispositivos eletrônicos e tecnológicos. De vez, a máquina não-humana, substitui o humano.

7.5 Pensar Espaços de Mimos em Meio a Espumização do Mundo Pandêmico e Pós-pandêmico: breve comentário para ensaiar uma inferência como considerações intermináveis

Introduzo essa sessão como proposta similar aos desfechos da escrita que se direcionam para uma inconclusiva-conclusão, mesmo que não se conclua nada. O que se sabe é o que posso considerar sobre determinada temática exposta e no que se refere à abordagem escolhida até aqui que nada é conclusivo.

Dependendo do ‘para onde se vai’, ou ‘para onde se deseja ir’, entre conclusões que se finalizam ou considerações que não se extinguem, escolhi ensaiar, não uma despedida, uma conclusão ou uma consideração final, mas uma consideração interminável sem me preocupar com o ponto final. É uma pausa para novos ‘retornos do mesmo’, reativando o modo ontológico de ser na escrita e no habitar o texto.

Estamos diante de uma verdadeira re-virada ontológica, assim como a que ocorreu na antropologia, como uma resposta direta às crises que o ser humano vem enfrentando no Antropoceno.

Nesse sentido, assim como diz Hui (2020), a necessidade da virada ontológica é para que se possa garantir que diferentes ontologias possam, ser levadas à sério para que possamos compreender melhor a nossa própria existência. Neste momento só se compreenderá mediante tomarmos um posicionamento, não rijo, fixo, mas de deslocamento entre as possibilidades de entender nosso onde, o nosso habitar.

Parte da minha intenção com este ensaio é em uma primeira demanda, levar ao público acadêmico primeiramente àqueles que não conhecem o filósofo Peter Sloterdijk e, por extensão, parte bem resumida da sua trilogia, mas com

enfoque no livro *Bolhas e Espumas* para que desta apresentação, possam ter o efeito desejado que é com que outros se animem, adentrem na bolha de pensar esferologicamente e possam desenvolver mais pesquisas com esse olhar.

Comungo da mesma posição que a de Juliano Garcia Pessanha quando comenta sobre o pensamento de Sloterdijk, logo, o que ele faz é: ‘não apenas reposiciona[r] a filosofia mais recente, mas também, com a sua abordagem imunológica, modifica[r] tanto a maneira de fazer filosofia como a de contar sua história’ (Pessanha, 2018, p. 52).

É o que precisamos para nos mantermos, não patologicamente doentes, distantes, mas também refazer os meios e olhares sobre os fenômenos que estamos inseridos.

Nesse caso específico, o de habitar o espaço, do mundo à casa. Todos antes sentidos como sistemas de imunização que foram importantes para o próprio processo de hominização, atualmente abalados pela Tecnosfera. O que ela conseguiu de alguma maneira foi nos fazer enxergar possibilidades, e mais celeremente, com o que nos foi acometido no final do ano de 2019 e mais intensamente entre 2020 e 2021, a Covid-19, pois, com o isolamento social, a única forma das pessoas terem maiores condições de estarem em contato com o mundo externo e com entes próximos.

Neste período que chamo aqui, nessa inferência de pandêmico, nós de alguma forma fomos transformados, mas o julgamento se para melhor ou para pior é de foro extremamente pessoal.

Fala-se que muitos começaram a dar valor às coisas que pouco se importavam, novamente estávamos concentrados em Bolhas de Imunização para nos salvarmos do mal irremediável. Voltamos no tempo e ao mesmo tempo avançamos na temporalidade.

Em díades, em pares ou em coletivos pequenos, famílias se reuniram nas primeiras determinações de *lockdowns* como medidas de segurança nacional, regional e local. Espaços aéreos fechados, identificações para poder transitar pelas ruas, quantidades controladas de pessoas em locais de aglomeração. O mundo mudou de uma hora para outra.

Aquilo que tínhamos esquecido, começou a ser lembrado. As pessoas começaram a ir para as “casinhas”, juntos as lareiras, as cozinhas recomeçavam a ser frequentadas novamente.

Tudo por causa da intenção nesse momento de nos protegermos e protegermos o Outro. Até parece que começamos a ser mais éticos. Mas, nos isolamos e, no isolamento, também mostramos as máscaras, as muitas máscaras sociais. Agora, como não se podia mais estar em lugares de escolha, nossa única escolha eram apartamentos fechados, casas fechadas e o espaço virtual aberto.

No mundo virtual, uma outra vida se apresenta, um multiverso de Estar-em-todo-lugar-ao-mesmo-tempo. O habitar na onnipresença criptografada, mas, um habitar em outros espaços de maneira fria, insensível e inexistencial.

A autenticidade do existir no mundo virtual, na realidade é uma inautêntica maneira de se estar presente-sem-estar. Isto é, o espaço de mimo agora é o virtual em que o sujeito humano deposita toda a sua vivência de isolamento com outros sujeitos '*big datas*', mas que não terá a mesma função de proteção que a velha forma de convivência e de relacionamento.

Se antes de toda essa situação as casas, como aditamento da natureza tinha a função de produzir seres humanos, já teria sido desmontada analiticamente pela arquitetura, sendo reconstruída de uma maneira artificializada pela arquitetura como uma existência artificial (Ghiraldelli Júnior, 2017). No distanciamento social e isolamento físico, todos nós existimos artificialmente em nossas redes pessoais, nas *lives* e nas chamadas de vídeos¹⁴¹. Tudo isso como uma “tentativa de conter a propagação da Covid-19, (sendo) foi instituída uma quarentena em várias partes do mundo, limitando o contacto físico” (Souza; Kós, 2020, p. 02).

¹⁴¹ É extremamente importante mencionar algumas situações ocorridas nesse momento em que a humanidade sofre [o verbo se encontra no tempo da ocorrência dos fatos] com uma espécie de *loop* temporal, como está muito em voga as discussões sobre multiversos. Parece que por um momento [dois anos para ser exato], saímos da nossa dimensão e passamos para uma outra. Uma em que não nos reconhecíamos mais, uma em que nosso habitar teve que sofrer uma alteração em si. Por isso, Souza & Kós (2020), demonstram nesse pequeno trecho o que ocorreu: “Uma extensa e crescente parcela da sociedade vinha incorporando cada vez mais o uso de espaços virtuais ao longo do tempo, mas a pandemia impôs uma mudança generalizada e dramática em relação a eles. As aulas presenciais foram transferidas para a sala de aula virtual, o trabalho que poderia ser feito remotamente foi feito em casa e mais mercearias e restaurantes começaram a oferecer entrega ou retirada na calçada para pedidos online. As necessidades básicas puderam ser atendidas em casa, e as atividades que normalmente levavam as pessoas a lugares físicos foram canceladas ou aconteceram de forma virtual. Para muitos, a vida estava confinada fisicamente em casa, com a Internet permitindo que as atividades ocorressem em espaços virtuais e permitindo que alguém se sentisse conectado a outras pessoas, apesar da distância física (Souza; Kós, 2020, p. 02).

O 'retorno do mesmo agora', aconteceu na própria vida. Não como gostaríamos que fosse. E o desespero do 'eterno retorno' também. Tentamos retornar a antigas práticas, dar mais afeição às coisas, nos sentimentalizar com o que estava acontecendo, mesmo estando em bolhas.

A desfragmentação sentida pela espumização construiu também bloqueios. As paredes finas se tornaram paredes reforçadas e cada sujeito tornou-se, suspeito de replicador de contaminação. Por isso, as casas-espacos, mudam as suas características. Nela agora, só entram quem está *free*.

Aquele que se contaminou, é deixado em um quarto isolado de todos, ou do lado de fora da casa em espaços possíveis. Todo o cuidado é pouco. Mas, cuidado com quem? Comigo ou com o Outro? A essência metafísica da casa, radicalmente mudou.

A vida mudou, assim como o próprio habitar, pois, basta pararmos para ruminar e perceberemos que:

Conforme mencionado (...), lugares são processos ou eventos. Uma atitude de habitar consiste em estar atento e sintonizado com esses eventos à medida que eles acontecem, independentemente do meio envolvido. Se o corpo, avatar ou imagem está 'presente', mas a atenção da pessoa está vagando em outro lugar e não está realmente envolvida com o evento, pode-se dizer que a pessoa está alienada ou distante dele. Da mesma forma, quando alguém está totalmente presente no evento – seja ele virtual, físico ou híbrido – a habitação acontece (Souza; Kós, 2020, p. 04).

Se pararmos para pensarmos um pouco mais sobre a constituição ontológica do modo de habitar espaços, fomos pegos de surpresa, como a uma sacudida, na forma em que estávamos habitando o mundo de modo e nosso cosmos pessoal.

Ainda do ano de 2023 até hoje, vivemos no período pós-pandêmico, e será que aprendemos novamente a nos reconectarmos com nosso modo de habitar original, em que o Ser-aí precisa para poder existir de fato? Ou praticamente as casas de mimos, nossa proteção, em sua espumização, nesse momento que cuidamos dela, ao momento que tudo se realinha, será se nossas práticas antigas nos permitem retornar de fato ao que eramos antes?

As perguntas são para nos provocar. Como habitamos hoje o mundo pós-caos? Onde estamos-habitamos os espaços do mundo pós-pandêmico? Na próxima rota, o nosso interesse é fazer uma amarração de todas as questões levantadas até aqui. Por isso que, como mencionado no preâmbulo dessa seção,

não seria um ponto final, mas uma reticência a ser preenchida por novos textos que nos mostrarão ainda novos caminhos e para onde iremos.

Desta maneira, ao se interessar pelo texto, pelas ideias apresentadas sucintamente sobre a Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk, podemos então navegar para a última rota e tentarmos ver como compreendemos os fenômenos relevantes que foram de interesse nesta longa viagem.

CAPÍTULO

VIII

8ª ROTA

8. PARA ONDE IR: DO AQUI, PARA LÁ, COM, EM...¹⁴²

Quando iniciei essa viagem, minha Tese, parte de mim, tinha uma impressão inicial de onde ou melhor por onde ela caminharia. Contudo, o caminhar que inicialmente foi pensado não teve de fato o terreno rígido, como assim temos na litosfera terrestre, com a presença de uma matéria firme, por onde caminhamos, enquanto “bípedes sem penas”, como menciona Sloterdijk.

Mesmo sendo sujeitos com os pés firmados em solo, por não ser como os deuses, que para Sloterdijk são “criaturas da antigravidade” (Sloterdijk, 2024, p. 16), preferi seguir uma outra forma de deslocar-me, já que abdicava das andanças típicas dos pensadores.

Busquei um outro tipo modal que também é visto como uma bolha, isso para assegurar que mesmo aparentemente estivesse estático, com os pés firmados em um terreno rijo, ao mesmo tempo flutuando, como que um “ser antigravidade”.

Escolhi realizar uma viagem por meio do que chamo de “mar de conhecimentos”, nada que tenha sido alcunhado por mim, mas que diante de toda a ‘vontade de potência’ desta investigação, o melhor seria estabelecer uma aproximação direta com a navegação. Isso se dá pelos meios errantes que as viagens são responsáveis.

Não se tem diante de uma viagem certezas, mas um conjunto de dúvidas inerentes ao fenômeno do descobrir. Diria aqui que parte do que a Tese trata, mesmo de esguelha, em algumas ocasiões se direciona para questões do distanciamento¹⁴³ e da orientação heideggeriana. Isso colocando o método hermenêutico para construir a compreensão.

¹⁴² Aquilo que poderia ser uma conclusão ou uma consideração final, estou substituindo pelo título que será parte da atracação e o ancorar-se no cais.

¹⁴³ Cf. Na consideração de Lígia Saramago (2014, p. 199), podemos ver que: “(...) distanciamento (o distanciar, compreendido como a possibilidade de aproximação ou de anulação de distâncias do ser-no-mundo).”

Neste sentido, quando eu menciono que há uma espécie de dis-tanciamento na concepção heideggeriana na Tese, enquanto uma viagem, estou apostando na posição de que “o dis-tanciamento descobre a distância.” (Heidegger, 2015, p. 158).

A minha maneira de buscar esse dis-tanciamento para uma construção de uma reserva metodológica para suprir esse formato de navegação, mesmo sabendo que teria que navegar por momentos de baixa visibilidade, nevoeiros, tempestades, apresentando possibilidades de mudanças, mas que mesmo diante de tudo isso me condicionei como um contumaz marinheiro a fim de produzir uma compreensão, um conhecimento a mais, como composição voltada para a Geografia Fenomenológica e seus temas, foi me dis-tanciando do tema principal (o sentido já esclarecido, dis-tanciar-se no sentido de aproximação).

Ademais, quando me questionarem ou caso se questionem o que de fato uma viagem dessas trouxe como resultados de toda uma extensão de percurso, posso assegurar, com vistas ao que Sloterdijk, - meu principal interlocutor aqui nesta finalização -, menciona em sua obra **Palácio de Cristal**, que ninguém que se desloca de sua casa, teria como resultados desta saída “zero”, ou a busca pelo “nada”, mas sempre partindo de uma concepção intencional.

Nessa viagem, utilizando do recurso regressivo e transgressor de pensamento regressivo enquanto uso das propostas dadas na ontologia, retornar e retomar as bases tanto na perspectiva geográfica quanto ao olhar da filosofia, fez com que não só um resultado se manifestasse conforme os avanços da viagem ou da produção desta investigação.

Mesmo que a ideia de investigação seja algo a se considerar, no esteio da pesquisa científica ou pesquisa teórica, eu prefiro deixar de acreditar em uma investigação como seu conceito mais duro, substituindo para um empreendimento como Sloterdijk sempre menciona em seus trabalhos. Um empreendimento fenomenológico que parte em busca de se aproximar diante dos dis-tanciamentos do fenômeno espaço.

Por isso, ao partir para uma empreitada tomando os cuidados necessários, tem que se observar que ninguém que enverede por uma viagem terá zero de resultados, conclusões ou irá considerar um finalmente. Trata-se de, após todo o levantamento da empreitada e a cada construção, parada, diálogos,

novas respostas, assim como ideias, farão parte daquele que não será mais o mesmo pós-empregada.

Alguns falariam em achados, mas não fui em busca do oculto. Outros falariam em descobrir, da mesma forma, não empreendi a fim de descobrir, mas de aportar no fenômeno, mesmo que em meio a tantos textos e interpretações, uma nova interpretação para o campo geográfico, fenomenológico e humanista se tornou possível e isso, porque na mesma corrente, os teóricos, estudiosos, ensaístas também empreenderam fortemente e, a partir deles, tive uma carta náutica prévia de saída para navegar até o porto final.

Ainda sobre esse empreendimento, cabe destacar parte dos levantamentos ontológicos que Sloterdijk faz no **Palácio de Cristal**. Importante considerar que o descobrimento dos lugares mais distantes, bem como tomada dos seus territórios e conseqüentemente a apropriação do bens culturais e recursos materiais ocorridos nas viagens ultramarítimas, configuravam os rendimentos futuros de esperança para aqueles os quais eram delegadas essa função de navegar pelo desconhecido: o sonho com lucratividades fabulosas acompanhavam os sujeitos que se lançavam ao mar.

No empreendimento realizado a descoberta de lugares e a apropriação desses lugares fizeram parte de toda essa *circum-navegação* sobre os rendimentos advindos de cada parada e organização das novas rotas de enfrentamento.

Posso assegurar que foram os intensos diálogos que se constituem o maior ganho. Isto é, a riqueza do conhecimento, diferente de despojar o conhecimento de maneira truculenta. Justamente nesse empreendimento de navegação em bolhas e espumas pelo mundo dos teóricos que se desvelaram importantes discussões sobre o espaço.

Por isso que aqueles que procuravam assumir o controle dos mundos que estavam em processo de descobertas deviam se despedir das idealizações e das deduções. Isso, porque o *experimentum maris* forneceria novíssimos critérios da experiência com o mundo. Por isso que Sloterdijk faz menção de tratar em um dos capítulos da obra **Palácio de Cristal** sobre esses mares onde pela primeira vez se torna claro como a época moderna buscava compreender a interação entre a teoria e a prática.

Contudo, quero deixar assegurado que nenhum empreendimento desta natureza que tenta juntar em uma embarcação um conjunto de seletos teóricos seria um negócio fácil. Ademais, quando esse *experimentum maris* fornece a oportunidade de recriar outros olhares sobre os conceitos já dados.

Não se trata aqui em assumir controle sobre os mundos ontológicos e teóricos descobertos pelos estudiosos, mas certamente, com tamanha experiência de navegabilidade, propor outros entendimentos que não apenas os já constituídos que se tornaram quase que cânones.

É sobre isso também que o trabalho trata em suas entrelinhas, ao me fornecer um campo muito mais amplo para compreender as heterotopologias e diversidades que em muitas ocasiões são deixadas de lado.

Abrindo parênteses, quando faço a referência do para onde ir, do aqui, me reporto inicialmente à uma espécie de carta náutica em que se tem traçado possibilidades de rotas.

Portanto, 'o meu aqui', o estado inicial da empreitada ontológica, se fez mediante conflituosas ideias e deduções que mais tarde seriam convertidas em conhecimento esferológico para congruir com a Geografia enquanto pensamento ontotopológico. Dessas constituições iniciais, está marcadamente a presença do espaço e do lugar, mas não deixando cair na obliteração, a existência do próprio ser humano.

O primeiro passo a se construir foi de saber de onde estava partindo. Nesse sentido, partia-se da necessidade de compreender o espaço, o lugar não apenas em uma via, mas com múltiplos enfoques, tanto quanto possíveis. Isso também ocorre devido o entendimento que tenho sobre o quanto a força dos valores bem como dos significados *se constituem parte da autopoiese humana*, sendo produtos humanos, frutos da interpretação que nos fazem ter as diferentes formas de se compreender o espaço e o lugar.

Lendo Nietzsche, acho incrível quando ele considera no § 22 do livro: **Além do Bem e do mal**¹⁴⁴, a ideia de que a posição do positivismo é se ater ao fenômeno de maneira detida, mesmo quando se coloca de fora do fenômeno, tal vertente de pensamento e de método se manifesta quanto a considerar que 'só existem fatos'. Um paradoxo que Nietzsche irá desfazer e anunciar que não são

¹⁴⁴ Cf. Nietzsche, F. W. **Além do bem e do Mal**, §22. Lisboa: Guimarães Editores, 1982.

os fatos em sua existência como assim o positivismo menciona, mas as interpretações, essas sim, só elas que existem.

Por isso que sobre a sombra dessas interpretações acerca tanto do conceito quanto do fenômeno espaço, se percebe que não há um único padrão para se pensar o espaço, mesmo quando se acredita em um estágio fechado de pensar o espaço.

Devemos perceber que devido a sua metamorfoseante condição híbrida que se apresenta e na forma como está inserido, o que nos leva a compreendermos que sua constituição segue no campo geográfico, de diferentes formas, como visto nas observações miltonianas, mas também sua horizontal construção de uma visão quase única, no sentido desse conjunto geográfico de se pensar o espaço ser apenas possível de uma forma.

Mantendo essa postura de verificar as hibridizações, este trabalho navega para o seu aportar. Ao longo deste texto de fechamento, será tratado um pouco mais **o ponto de partida, o para onde** se deu o deslocamento e **por onde** navegamos, **como** finalmente passamos por entre os canais que as correntes nos levaram, no sentido do seguir e de **construir** outras rotas.

Quando coloquei os primeiros pés na empreitada, no sentido metafórico de começar com a primeira tecla do que digitaria, como frase inicial **“Particularidades de uma viagem que será anunciada”**, os primeiros sopros deste mar de conhecimento começaram.

Para deixar um pouco mais claro a minha lúcida empreitada, a questão de verificar e de compreender o espaço, e por sua vez, o lugar, sempre foram situações que para mim, até hoje, não têm uma finalização.

Diversos teóricos e estudos muito intensos se debruçaram ou até mesmo, se lançaram aos mares para alcançar quaisquer que fossem as explicações, análises e compreensões sobre tal fenômeno. Ao longo destes estudos foram utilizadas diferentes abordagens e, como dito, diversos autores.

Alguns enfoques bem radicais e críticos circunscritos em suas dialéticas sociológicas com vistas ao movimento do capital, por exemplo. Outros com suas observações mais detidas no que diz respeito à produção material deste espaço e suas funções para o ser humano, tendo e sendo este o seu principal executor.

Mas, outros e aqui, estes são bem importantes, se detiveram em tentar descer em um abismo. Ou, sei lá, ir de encontro ao “triângulo das bermudas” da

Ontologia, em que se pese, para ir de encontro ao ser deste espaço que é o fenômeno deste trabalho.

Esses chamo, *assim como eu o sou*, de 'os destemidos ao enfrentamento do mundo desconhecido'. Os ontólogos-fenomenólogos são uma casta de sujeitos que se detêm a ir de encontro com o desconhecido, realizam essas incursões aproximais em tentativas que, às vezes, quando mais se desce ao abismo, mais se afunda. Ou, quanto mais próximo se está do "triângulo das bermudas", se observa o terror náutico se aproximando. Mas, recuar não é a saída nem faz parte do interesse e nem mesmo a solução. Só existe o avanço, para frente ou descer mais para o fundo.

Mesmo que seja arriscado, mesmo sem saber de fato onde iremos parar, a Tese tem e teve essa natureza. Sua inusitada forma de se apresentar, seus interesses, sua força, mas também carrega em si e consigo a falta de respostas para todas as perguntas - logo são muitas: não por se negar a responder ou de não ter *Thymós* o bastante.

Isso não cabe ao esforço ontológico – refiro-me a Ontologia não ser letárgica, mas sedenta -, por isso ele sempre quer mais. O elã ontológico é sempre vivido e ardente para se chegar aos mais distantes, intensos e profundos lugares.

Outrossim, estar acompanhado por uma série de especialistas em viagens ultramarítimas injeta mais ânimo para se estender com a aproximação daquilo que está distante. Compreender o espaço em sua natureza original - primitiva é algo distante, mas que se busca aproximar-se, o dis-tanciamento em que Heidegger trata e que se transforma aqui em uma premissa espacial e fenomenológica.

Desta forma, na primeira parte desta Tese fiz anúncio de todas as rotas e um modelo-base apontando ao leitor-pesquisador por onde inicialmente seria o ponto de partida. Em cada rota, os diálogos estabelecidos articulam a linguagem para o enfrentamento hermenêutico.

Ao longo deste novo texto, quase que um desfecho, irei meticulosamente manifestar meus achados, me detendo um pouco mais em pontos que possam deixar mais claro essa empreitada.

Por isso, quero aqui inicialmente retomar primeira a explicação do tema central desta Tese, por andamento realizar novamente algumas das inquirições que foram levantadas e que são o pilar questionador de toda essa produção.

A Tese, com seu título, tem como aporte maior as primeiras manifestações que Peter Sloterdijk dava em relação à sua grande Trilogia: Esferas. É justamente em um livro intitulado: **No mesmo barco**: ensaio sobre a hiperpolítica, que ele irá direcionar apartes dessa estruturação que temos em Esferas. Partindo de uma análise mais microesfereológica para uma condição mais amplificada da sua macroesferologia e finalizando com as anamorfologias em espumas.

Por que mencionar isto aqui? Justamente para responder que a ideia de navegação tem um princípio muito forte aqui e nas leituras das obras de Sloterdijk. Um outro livro que reforça consideravelmente a ideia de navegabilidade, é: **Palácio de Cristal**: para uma teoria filosófica da Globalização, em que este pensador faz uma longa exposição ontológica sobre o processo de Globalização, como ele percebe, mas que sua produção faz muitas referências às navegações ultramarítimas.

Daí um dos interesses para elaborar o conceito aqui de navegação em um mar de conhecimentos com diversos e diferentes autores. Vale a pena, considerar aqui também, que os diferentes tripulantes são reflexos importantes na condução dos principais fenômenos que se destacam ao longo da Tese.

É incrível como ainda se tem a concepção que o diálogo só pode ser realizado por sujeitos que possuam a mesma matriz ideológica, o mesmo método e praticamente às mesmas orientações teóricas.

O contraditório sempre será importante no trabalho, desde que ele possa e tenha lugar, isto é, não me importa que um teórico tenha se aproximado de uma vertente política contrária à minha concepção de política, mas sim, os seus feitos e a sua obra.

Tendo isso exposto, faz parte deste deslocamento inicial, a escolha dos sujeitos do quadro teórico, em especial, dois que dialogam constantemente: Peter Sloterdijk e Martin Heidegger.

No capítulo I desta Tese, chamei de pré-introdução uma tentativa de expor o constructo da própria viagem. Assim, a introdução da introdução define por onde a Tese navegaria em seu desenrolar textual. Lá apresentei a minha

particular vontade de sair de uma estruturação hermética, tentar lançar no vai e vem como qual as ondas do mar, sentido aquele vento no rosto- só tem essa sensação aquele que já navegou.

As maiores explicações sobre o que seria realizado, a idealização metodológica como muitos preferem, está contida quanto na introdução da introdução, que faz parte da 'Senda Introdutória'.

A identificação do tema que se concentra na Ontotopologia, requerendo aproximar-se da Fenomenologia da Rotundidade e da Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk é explicitada nesta "Senda Introdutória". Aqui, senda vai significar cabalmente "direção". Ou seja, o rumo que esta investigação iria se prontificar. Em um caminho estreito a ser seguido.

Seguindo a direção, foram então apresentadas às "Rotas em Apontamentos", aqui já de malas prontas. A viagem ontológica, geofilosófica, já tinha um pensamento que seria da "rizomática" maneira que ela se apresentaria, as multiplicidades recorrentes no próprio *sujeito escrevente* [eu] que seria levado, às vezes para caminhos de acertos, mas também de equívocos e com estes os retornos, as retomadas.

Ganhando, perdendo, afirmando, negando, achando, muitas foram as manifestadas ações que ocorreram ao longo de todo o processo. Dizer que tudo estava sobre controle, mesmo com as rotas já apontadas, não seria de fato ter a certeza do absoluto preenchimento de cem por cento do que se esperava inicialmente. Um termo fundamental e que é uma ação do trabalho, foi a revisão das rotas, revisar o rumo, destituir alguns e considerar outros. Assim, foi feito.

Defini, portanto, um total de 08 rotas, pois, uma viagem mais longa colocava em risco a mesma. Para fluir melhor, optei pela escolha das oito. Sempre partindo de uma pergunta **X**, a pergunta chave, "*onde estamos quando estamos no mundo?*". Além de ser basilar na esferologia sloterdijkiana, ela é antes de tudo, um questionamento ontotopológico, como assim eu interpreto.

O estudo do Ser do espaço, como assim me prontifiquei a realizar em uma viagem, compreender a constituição, se possível fosse, da topologia e da existência como partes de um todo. Ao existir, se persegue pela que se faz existir, em algumas ocasiões usando-se da palavra denominada de essência.

Eis mais uma questão bastante importante, suspeitar da forma que nos direcionaram a olhar tanto para o espaço, quanto para o lugar, tendo um entendimento muito fechado em si mesmo.

O que motiva para traçar uma sinopse da 1ª (primeira) rota deste meu aqui me dirigindo para um lá é que o envolvimento com o autor e a recriação de mundos na mente, em esferas, é buscar observar como se dão as constituições existenciais da espacialidade tanto microesférica quanto sua amplificação e destituição. Parte dessa destituição motivada pelas mudanças mais radicais do que nos envolve em nosso cotidiano. A exterioridade como vemos hoje faz parte do que Sloterdijk chama de espumas. Vivemos em meio a paredes frágeis de correlações.

Assim, a 2ª (segunda) rota que apresentei teve como embasamento a dinâmica do pensamento de Peter Sloterdijk, uma espécie de introdução ao seu pensamento esferológico, com forte evidência de diálogos com a Geografia fenomenológica e humanista, uma possível via, como assim ficou instituído.

Como antecipado no capítulo, Peter Sloterdijk é considerado na atualidade um dos pensadores mais versáteis e com estudos de alta relevância agindo em diferentes frentes. Sloterdijk discute e apresenta em mais de 50 obras, incontáveis temas e se envolve com fenômenos tanto que abrangem a sociedade, como a própria sociedade, mas que também traz em sua marca principal aportes ontológicos esquecidos ou pouco debatidos.

A base metodológica de Peter Sloterdijk para fazer as suspensões necessárias da gama de conhecimentos produzidos na sociedade é justamente a Fenomenologia, criando através dela novos conceitos. Com o estilo muito peculiar do seu pensamento e escrita, contempla prioritariamente um campo vasto de frutíferas metáforas capazes de em uma primeira leitura o leitor se perder, mas que aos poucos tem a capacidade de perceber o que o filósofo alemão está apresentando.

Por conta dessa condição observada por mim das metáforas e da sua busca fenomenológica pela morfologia sobre o espaço humano é que veio a vontade de explorar e confluir com a Geografia o que Sloterdijk explora em sua Trilogia Esferas: a produção do espaço primitivo.

Nesse capítulo da Tese, Sloterdijk não está sozinho, mesmo que a intenção seja *a priori* tratar singularmente sobre o espaço. Por isso, observa-se

os pressupostos de que o espaço é um contenedor de coisas fixas e de seus movimentos em fluxos, um antigo entendimento do espaço produzido retratado por Milton Santos. Portanto, concomitante a apresentar o filósofo, já se tem a abertura para os diálogos com geógrafos e outros filósofos.

A também chamada 'Filosofia Fantástica' de Peter Sloterdijk nos presenteia com essa investida da investigação ontológica de um retroativo olhar para o campo da produção de espaços, mesmo antes de o ser humano ser lançado-aí, de Ser presença ou de se hominizar.

Sloterdijk é capaz de nos fornecer em suas quase mil páginas do livro *Esferas I: Bolhas*, profundas reflexões e intensas viagens, até mesmo para as cavernas uterinas. Tal digressão aprofunda ainda mais o campo de se pensar a matriz da concepção do espaço primitivo. O útero, como uma topologia extremamente importante, aqui chamado por ele e bem aprofundado em *Esferas III: Espumas*, de *uterotopos*.

O que é então o *uterotopos* senão uma topologia que sustenta a condição feminina do seu espaço ventral como uma realidade topológica histórica e naturalmente única, como Sloterdijk considera ao tratar da mãe como uma *analysis situs*, e portanto, também a produção de uma novo acontecimento: o nascimento.

A importância de tratar desse fenômeno ontológico é que no dentro, se inicia toda a grande jornada do Ser. O *ab ovo* do seu contato com a exterioridade não tem início no fora, mas no dentro, com fortes alianças esféricas.

Por isso que quando Sloterdijk nos dirige o olhar para entendermos que o Ser no 'Estar-fora' significa, antes de tudo, poder fazer transferências das situações interiores e, por sinal, essas transferências são realizáveis quando o espaço exterior que nos acolhe, nos envolve como receptáculo do interior, do dentro.

A protoformação dos espaços que são atravessados pela filosofia de Sloterdijk nos leva aos espaços esféricos de morfologia peculiar, as bolhas. Das viagens nas cavernas uterinas, nos fluxos amnióticos, há, portanto, o início das relações diádicas em que se configuram passos de relações: embrião e placenta, feto e placenta, feto e mãe, mãe e filho e segue-se com momentos mais intensos de relações múltiplas entre família e sociedade.

Desta forma, destrava-se o único pensamento de que toda a espacialidade humana começa na *res extensa*. A volta para dentro permite olhar, de forma microesferológica, relações biunívocas que vão se amplificando.

Sloterdijk também nos leva a pensar como o sujeito humano promove um conjunto de antropológicas com a finalidade de perpetuação, seguido de outro conjunto que se individualiza que são as autopoieses. Ambos, no processo de constituição das espacialidades servem como um Sistema de Imunização, com características singulares de proteção do ser humano, além de serem autoreguladoras com elevada carga de produzir animações da própria esfera em que estes se encontram.

Portanto, percebe-se a criação e recriação em um intenso ritmo *continuum* do uso de antropológicas do Sistema de Imunização do Ser Humano, que fundamentalmente constroem 'Bolhas' oriundas das suas correlações. Não obstante, o olhar de destaque da ginecologia negativa de Sloterdijk fornece maiores aportes incitados nas reveladoras marcas socioculturais, isto é, enquanto marcas socioculturais da formação do ser humano. As matrizes religiosas são Sistemas de Imunização que fundamentam esferas próprias com vistas ao metafísico.

Como a primeira parte marca o início de uma longa jornada que vai do microesferológico, para o macroesferológico e desencadeia, em condições anamorfais, outras observações são apresentadas, as relações dos amantes, a formação e esferas interfaciais, geradoras de intimidades e acentuadas para uma consideração de caráter filosófico de Sloterdijk.

Ao atravessar pela porta da microesferologia sloterdijkiana, nos deparamos com outra obra mais intensa, de tirar o fôlego. Esferas II: Globos, amplifica as Bolhas para esferas maiores, as microesferas do íntimo, ganham maior proporção, agora na presença dos domínios imperiais, dos domínios religiosos, das antiesferas, que vão ser responsáveis pela construção da 'grande bola'.

As hordas, aspectos da linguagem sloterdijkiana, migram intensamente em espaços amplificados. Já não estão ilhadas. Esses agrupamentos sociais estão em pleno deslocamento. Eis aqui, o grande advento das descobertas ultramarítimas em que as antropológicas são a condição basilar para tais feitos.

A princípio, Sloterdijk quer manter o leitor atento para a grande empreitada hiperpolítica que é marcadamente o que “Globos” irá mostrar enquanto uma esfera ampliada e que de maneira singular, já que Sloterdijk faz esse traçado histórico, evolutivo, morfológico do *homo* desde sua antecipada hominização a partir da esfera como espaço de construção física e simbólica, onde funciona como uma esfera de busca épica representando os espaços de proteção (modelos cosmológicos, modelos arquitetônicos, obras de arte).

Mesmo não invadindo o caminho dos Globos, a narrativa ontológica de Sloterdijk tem importante espaço para a ocorrência das espumas, fatalmente devido as circunstâncias provocadoras dessa nova morfologia das relações, do sistema de imunização, das antropotécnicas e da espacialidade do Ser.

Vale acrescentar que o capítulo desenvolvido teve a preocupação do *situs* das obras de Sloterdijk, em formato de síntese para tentar fomentar as questões mais basilares da sua Teoria das Esferas, mas que afirmo que as observações sobre essa segunda obra de Sloterdijk foi amplamente tratada por não ser o interesse maior dessa Tese.

Já que o fundamento da Tese visa de alguma forma manter um olhar para a Ontotopologia, autores da Geografia são confluentes no que diz respeito ao *In-sein* percebido pela lupa sloterdijkiana. Isto é, quando Joronen (2016) nos convida a ‘repensar’ os pensamentos relacionais, a Ontologia como conexões da topologia e Massey (2012) que manifesta-se afirmando que o espaço é interrelacional, é esfera da existência da multiplicidade, das possibilidades. E das trajetórias distintas e coexistentes que está em construção enquanto resultado das relações do entre e do fazer-se e que se apresentam como simultaneidades de histórias-até-agora.

Isso demonstra a coerência que toma a amálgama entre o conjunto ontológico-teórico de Peter Sloterdijk com o campo singularizado da Geografia quando se promove a busca pela compreensão do espaço e do lugar numa perspectiva ontotopológica.

O interesse formado e o apreço pelo fenômeno espaço, assim como pelos diversos questionamentos que ele suscita, incorrendo às vezes, em observações um tanto quanto questionadoras, como o caso da onto-sociologia aplicada no contexto ontológico sobre o Ser do espaço desde a década de 1970.

A explosão da configuração espacial conhecida como Globo, e ganhando formato poliesferoidal, tem destaque no livro *Esferas III: Espumas*. Nele, as lentes graduais, como considero no capítulo, geram espectros multiperspectivos em relação ao sistema de imunização escolhidos pelo ser humano nesse momento epocal.

Os movimentos espumais, o agregado de bolhas dispersas, se apresentam em grande variabilidade: hexagonais, poliédricas e suas estruturas fundamentam uma reviravolta na forma de se pensar a espacialidade. Logo, as espumas refletem cabalmente a subversão da própria ordem natural do espaço e dá lugar para o autoral-superficial no espaço com uma gama de incrementos. Aqui a formação dessas esferas em que contém os seres humanos constituem a novíssima pneumotécnica das relações socioculturais dos nossos tempos.

O Ser-com em situação com o 'Em', produz um campo mútuo entre o Ser insuflador e um Ser insuflado, pois ao produzir espaços o Ser é também produzido por ele. Por isso, a proposta da formação que partem das "bolhas" e vão se direcionar à produção das "espumas". Conforme Soja (2013), o espaço como dado contextual e importa o aspecto subjetivo da espacialidade humana como ponto a ser demarcado.

Por isso, a parte que integra nosso pensamento é amplificar as compreensões acerca do espaço, da espacialidade e da geograficidade entremeadas nas teias ontotopológicas construtoras das bolhas geográficas e dos sistemas de construções morfoimunológicos.

Ademais, sobre as esferas, uma das apresentações realizadas ao longo do texto foi a que devemos olhar para duas situações: uma diz respeito ao insuflador-penetrante e a outra para o insuflado-penetrado. Um contém e é contido ao mesmo tempo. Na Teoria das Esferas, essa condição se torna frequente, há incidências fortes de uma pericorese de formação espacial.

Na 3ª (terceira) rota que trata sobre de Bolhas a Espumas se revela como um endosso do espaço geográfico, um fenômeno que se identifica nas obras de Sloterdijk como assim interpreto, conquanto a um sistema de imunização.

Desta forma, faço uma introdução essencialmente voltada para o campo biológico, mais uma vez, na tentativa de levar o leitor ao entendimento de que

as metáforas objetivas de Sloterdijk têm todo um constructo com base no que o Ser, em sua mundanidade, sente, percebe e convive.

Seguindo a trilha de como o ser humano se imuniza ao constituir ‘bolhas geográficas’, que é parte do questionamento, fica evidente que tudo parte de uma constituição análoga à exposição artística que trago sobre a interpretação de Sloterdijk, sobre o quadro *Bubbles*. Sigo apontando cerca de sete descrições fenomenológicas que me chamam atenção na obra bem como na interpretação de Sloterdijk e, nesse sentido, que vão desde as paredes finas dos corpos insuflados, da relação de solidariedade entre a bolha de sabão da obra e do insuflador, até o estado de animação e êxtase do insuflador, em que tem-se uma coexistiva forma de se Estar-no-mundo apoiada pela premissa da autopoiese.

Por isso, o diálogo de Sloterdijk com Humberto Maturana e Francisco Varela sobre esse conceito, acarretará na compreensão da produção e organização espaço geográfico como ‘bolha e imunização’, haja vista que intercala-se com a mesma atenção dada para o processo de hominização.

Decorrente dessa situação, a própria existencialidade é, de certa forma, a geograficidade que é fundamentada em uma constituição no tempo-espaço através das contingências inerentes a todo esse processo.

Identificadas essas condições do processo em que o Ser-com se vê envolvido, a conquista da exterioridade monstruosa é um aparte do processo de ressonância e do sistema envoltório de imunização. Adiciona-se aí o conjunto do conhecimento geográfico atravessado pela senda ontológica e interpreta-se as ‘bolhas geográficas’ que nos envolvem. São bifurcações que geram encontros.

Suscito, ao longo de alguns parágrafos, questionamentos de natureza ontológica para enriquecer a discussão. Logo, necessitamos de um possível e se possível esclarecimento sobre o sentido do Ser. Nesse caso específico, o espaço. Por isso, a Fenomenologia é condutora nesse processo. Ademais, os diferentes axiais se articulam para dar cabo aos questionamentos levantados.

Ainda quando tratado sobre “Bolhas e Espumas” e o fenômeno espaço geográfico, quanto a um sistema de imunização, faço uma digressão ontológica após fazer referência às bolhas e espumas e induzo a narrativa ontológica sobre o espaço geográfico no que concerne chamar a atenção para a questão do Ser, já que ser é um conceito universal como assim referido por Heidegger, mas que não se diz tudo.

Doravante, enquanto seu sentido estiver encoberto pela obscuridade, se faz premente perguntar pelo sentido uma vez mais. Por isso, que a regressão ontológica sobre tais pressupostos interconectados - diria que em teia. Particularmente, temos a virada ontológica que segue uma interseccionalidade de olhares perpassando por diferentes “entres”.

Entrementes, a contribuição da discussão ontológica sobre o espaço na Geografia Fenomenológica é de extrema importância. No sentido que dei à Tese o deslocamento do espaço geográfico conhecido como ele é, para um olhar em “Esfera-bolha”, “Esfera-espuma” como consolida-se na Fenomenologia da Rotundidade.

Ressalto que para ir amarrando o debate desses pressupostos, outro importante fenomenólogo responsável, em certa medida, por esse pensamento de Sloterdijk, Gaston Bachelard, enquanto sua poética do espaço, nos leva ainda para mais próximo da intimidade com esse Ser. Mas, afinal o que é o Ser? No jogo que se tem entre o “Ente” e o “Ser”, o interrogado e o perguntável em reflexão com o espaço geográfico, fica latente que o que fazemos ainda são pequenas adombrações sobre o Ser do espaço, sem se chegar de fato à uma compreensão única.

O itinerário traçado me levou a amplificar a condição de discutir a Ontologia, mas agora em terras brasileiras. Isto é, para aclarar os sujeitos que se detiveram à pergunta sobre o sentido do Ser no Brasil, alguns importantes colaboradores da Geografia se fizeram presentes nessa rota. Cada um com a sua peculiar maneira de tratar sobre essa questão, um resgate ontológico dos principais expoentes sobre o espaço.

Nesse sentido, Armando Corrêa da Silva foi o geógrafo que abre a discussão. Suas ideias voltadas para o pensamento ontológico, calcado de maneira incisiva no Movimento da Geografia Crítica no Brasil, em que pese o rol das suas publicações como fora apresentado, teve uma forte inclinação para a Ontologia em Geografia, como assim ele chamou.

Sua contribuição na Geografia tem cabalmente ligação estreita com filósofos como Jean-Paul Sartre e György Lukács, que deram, de certa forma, as direções para seus trabalhos. O que me chama atenção à sua contribuição com o debate geográfico na concepção de uma pensar sobre o modo que os seres humanos, como seres-no-mundo, refletem sobre a sua existência.

Ressalto ainda que em suas abordagens a investigação acerca da categoria e dos conceitos eram inextricavelmente inerentes aos seus trabalhos, por isso, a detida inclinação de verificação ontológica sobre os mesmos. Logo, um interesse de reflexão sobre os dois pontos, sobretudo, quando existe ainda uma extenuante confusão entre o conteúdo no concreto gerado pelas categorias ao conceito e do outro lado, a categoria como a definição dos modos do Ser. Tais reflexões foram ativadas pelo geógrafo nesta incursão que está presente na Tese.

Portanto, o que fizeram da Ontologia e com a Ontologia, no campo geográfico em nosso país, reverbera de maneira positiva, pelo fato de ter possibilitado outros empreendimentos. Desde a importância de Milton Santos quanto ao pensamento e produção de uma Geografia Renovada, seus estudos traçados na totalidade Global, rechaçando a “indolência epistemológica e geográfica” como assim ele mesmo afirmou em seus livros. Apesar de pensar no “núcleo duro” da ciência geográfica com vias a uma visão geográfica totalizadora, assim como menciono, uma ataraxia geográfica sobre a totalidade como muitos estudam e defendem, que é diferente desta proposta, em que as partes conduzem as relações.

Após a análise de algumas obras de Milton Santos, tracei um mapeamento das observações ontológicas recorrentes em seu pensamento, o que denota claramente uma situacionalidade em relação aos seus estudos, ficando identificado que o conjunto das relações sociais seriam responsáveis pela produção e organização do espaço.

O que eleva o tom da discussão no bojo da problematização, em que “o ser do ente espaço seria o movimento da sociedade”, é uma constatação ontológica, segundo a visão miltoniana atrelada ao pensamento dos filósofos Jean-Paul Sartre e György Lukács.

Mesmo quando Milton Santos expunha que “espaço é abrigo de multiplicidades de sentidos”, sua visão crítica às vezes considerava que a discussão sobre o espaço teria seguido uma “semântica sem saída” e que por isso inventou-se diferentes denominações.

Nesse sentido, sua crítica a respeito da espacialidade e espacializações está presente em suas obras. Sua defesa a despeito do termo espaço social era o que movimentava o seu pensamento ontológico sobre a produção do espaço.

Parece incoerente, quando se fala das multiplicidades de sentidos, afirmado pelo próprio Milton Santos.

Contudo, como a Tese não teve e não tem a postura de criticar esses teóricos, mas de fazer um levantamento sobre suas contribuições, não vou comentar mais profundamente.

Sabe-se que a contribuição de Milton Santos ainda atravessa os tempos e é utilizada como fundamento para diversas pesquisas. O foco, também nas relações apresentado por ele, coaduna com o de Peter Sloterdijk, daí a articulação entre Geografia e Filosofia. O espaço enquanto movimento, enquanto mudança, animado, nos faz sentir o espaço como correlacional.

Sem esquecer que, além de abordar o tema totalidade, a questão das técnicas é elemento decisivo no pensamento de Milton Santos, pois é um elemento fundamental sobre a elaboração da ontologia do espaço e uma possível orientação teórica e metodológica, apontam outros interlocutores.

Não obstante, a premissa sobre a técnica ganha *status* quando se observa que “a técnica é um meio” que permite identificar e, ao mesmo tempo, classificar elementos que constroem situações reais presentes nos dados históricos averiguados pelo geógrafo.

Significa que é através da percepção dos objetos que a técnica se torna história e convencionalmente sua criação e instalação revelam as mudanças ocorridas. É por isso que ele irá considerar que a técnica se iguala ao tempo congelado, revelado de uma história, ou melhor, de diversas histórias.

Nesse transcurso, ainda realizei um levantamento com mais alguns geógrafos, Ruy Moreira se volta para nos apresentar questões referentes a geograficidade e nesse sentido a ambientalização das nossas experiências experimentadas, a fim de se fazer “o sentir-se no mundo e sentindo o mundo-do-homem”.

Assim, a evidência da compreensão pelo modo de existência do homem, de maneira ontológica, na constituição do seu estar, ver e pensar o espaço, faz parte do que ele gerou enquanto pensamento em suas obras. Ganha destaque o livro *Pensar e Ser em Geografia*, que possui uma estrutura geofilosófica ressoante.

Dois últimos geógrafos que ainda fazem complemento da rota traçada que apresentei, devido a intensa proposta ontológica, me chamou atenção

devido o primeiro ser mentor do segundo. Isto é, o primeiro que foi apresentado neste capítulo posteriormente ao Ruy Moreira, o geógrafo Roberto Lobato Corrêa, foi orientador daquele que vem logo após.

O que ocorre é que nas minhas buscas pelo campo teórico, os dois geógrafos possuem contribuições que recaem sobre o manto da Ontologia, mesmo com posicionamentos bem demarcados.

Roberto Lobato Corrêa a princípio tem destaque com a estrutura da sua produção escrita, partindo da defesa de que o objeto da Geografia seria a sociedade. Retoma-se a mesma condição lukácsiana. Nesse ínterim, sua Ontologia deflagra questões que incidem diretamente na organização do espaço por intermédio da sociedade. Assim, coloquei *vis à vis* Corrêa com Giddens, a fim de mostrar que os sistemas sociais apontados por Giddens têm destaque no processo sistêmico da constituição do espaço.

Corrêa, enquanto escudeiro do fenômeno “organização do espaço”, demonstra que os processos sociais produzem formas, movimentos e conteúdos que se encontram presentes no urbano. Outras tantas observações vão sendo colocadas sobre esse fenômeno, naquilo que considera parte de uma ontologia do espaço.

No decorrer desta constituição da Ontologia do espaço e dos estudos em nosso país, as abordagens de Reis apresentam um escopo singular. Seus artigos irão discutir quase que exclusivamente sobre a relação entre a Geografia Fenomenológica articulada à filosofia de Martin Heidegger.

Reis, conforme apontado, orientando de Corrêa, muda a sintonia do estudo ontológico para averiguar o problema ou os problemas característicos e mendazes da assimilação das obras de Martin Heidegger na Geografia Brasileira.

A partir de alguns artigos escritos por Reis, percebe-se claramente que alguns estudos têm como intuito discutir a Geografia e a Fenomenologia pela via heideggeriana e têm construído um legado de deturpações sobre os pontos fulcrais que o filósofo empreendeu sobre o Ser.

Nesta perspectiva que o refinado e atento interesse de Reis em destituir algumas concepções, desde a base marxista que entifica o espaço geográfico, fazem com que se enverede pela diferença ontológica que Martin Heidegger irá tratar de fato em sua obra capital ‘Ser e tempo’, base utilizada por muitos

geógrafos e que, inclusive, converte-se a um verdadeiro extravio de uma das obras mais importantes de Martin Heidegger.

Assim, Reis se prontifica a verificar a recepção do filósofo, interpretado e reinterpretado em nosso país. Para o autor, ocorre uma Onto-socio-logização do espaço e vira-se de cabeça para baixo, a matriz de pensamento do sentido do Ser, da analítica fundamental do Ser, criando um Ser entificado, uma espécie de *point of care testing* de uma filosofia complexa como a deixada por Martin Heidegger, feito de qualquer forma, sem que seus comentadores de detivessem na essência da obra e nos pormenores de suas entrelinhas.

Da mesma forma que Reis se detêm especificamente sobre a ontologia do Ser, ele também incita a discussão para o campo da Técnica, pois assim como Heidegger, a sinalização da questão da técnica fornece uma alternativa para um pensamento não-metafísico do pensar o sentido do Ser. Portanto, há esse forte apego aos trabalhos de Milton Santos que podem fazer confluência com o pensamento de Martin Heidegger sem obliterar, em nenhum momento, a Ontologia do espaço.

Reflexão que faço sobre o que Peter Sloterdijk considera sobre o pensamento filosófico, e, *in media res*, constitui-se necessariamente uma tarefa específica que esclarece o fundamento das palavras, das proposições e de outras verdades. Como a tarefa dos filósofos é se manter em pé em busca do verdadeiro conceito, é o reino das ideias no pensamento geográfico.

Na 4ª (quarta) rota, recorri a uma tentativa de encontrar categorias importantes no contexto da Fenomenologia e que encabeçam grandes discussões quando se trata sobre o espaço. Acreditei levantar o diálogo entre Existência, Essência e Coexistência devido algumas visões conflitantes na Geografia. No discorrer, os dois fenômenos a existência e a essência, estão vinculados ao discurso geográfico. Por isso os diferentes pontos de vista a respeito do existir no espaço.

No preâmbulo deste rota, fiz menção de três enfoques pertinentes a esse início o que entrelaçamos o ver, o tocar, os objetos, a presença e a revelação. Os enfoques carregam as relações de sentido e nos servem como um ponto de compreender a existência.

Portanto, as reflexões e inflexões sobre a Ontologia do Existir foram uma tentativa desta rota. Ainda acredito que seja um debate infundável e, por isso, o

diálogo foi realizado de maneira ampla. Peter Sloterdijk tem um *conatus* voltado para perceber os sentidos do ser-humano.

Para apresentar o diálogo, fiz destaque para a fuga da coação na escrita para que assim pudesse fluir o encontro. Destaquei que o filósofo Paul Ricoeur articula-se nesse diálogo, logo, suas considerações vão no caminho de apontar uma reforma interna da própria filosofia para que se desvele melhor uma nova dimensão da existência. Para isso o engajamento de conhecimentos diversos.

Sem me delongar, considere que trazer para o diálogo a contribuição de Platão desde o início, seria muito importante para dar mais significado a essa investigação ontológica. A partir dele, do filósofo, o ser humano seria responsável pelas existências das coisas que, por extensão, leva a pensarmos a existência quanto também ao fenômeno que se encontra com as circunstâncias que ao se modificarem, são preceptoras da realidade que podem gerar inclusive relativismos, do que existe e daquilo que não existe.

Para extrair alguma compreensão, recorrentemente a navalha de *Ockham* é convocada, isso para que mesmo sendo todas as reflexões necessárias, se possa ir direto aqui ao ponto. Posto que há conflitos entre os fenômenos quanto a sua interpretação.

Mais à frente desta discussão e do lastro temporal, a presença de Descartes, vamos ter a existência como a própria ideia, o que ganha uma outra inflexão quando se coloca frente ao que me é perceptivo e sentido. Por não serem falsas como ele considera, não se torna menos verdadeira essa existência que se forma na mente.

Peter Sloterdijk vai considerar que a preexistência é independente do conhecimento daquilo que foi descoberto antes mesmo da descoberta e que vai representar o Ser-das-coisas como algo a ser abstraído em sua existência. Porém, na observação de Sloterdijk, gira no tomo de um idealismo puramente subjetivo que pode apresentar limitações e insuficiência que são aqui dirimidas através de uma filosofia especulativa.

Aqui nasce a subjetividade focal para despontar sobre a busca por respostas de tais fenômenos. Retomando o pensamento da existência em Descartes. Para ele, é um além-distante em que concerne o meu pensamento conceber algo que se mantenha uma presença de existencialidade, mas que

pode dizer ao mesmo tempo, que algo não exista. Essa variação complexa, vai incorrer no campo teológico.

Para cumprir a chamada para o geográfico, também a presença de Milton Santos nessa rota foi convocada, que faz a interferência da existência da coisa em si, em relação ao espaço habitado. Isso se deve ao fenômeno do próprio ser humano e da forma dinâmica que ele se apresenta transformar tudo à sua volta, em um momento de forma qualitativa e em outro, de maneira quantitativa ou de forma mista. Por isso, há de se considerar que a metamorfose, a rugosidade do espaço, na concepção miltoniana, é a existência.

Retomando Sloterdijk, o mesmo chama a atenção em seus apartes para a linha que os filósofos se esqueceram, tanto do sentido do Ser, do seu Onde, que gera um descaso ontológico e será elemento motivador, quanto ao seu aprofundamento para compreender a existência.

Desta forma, a pergunta do espaço existencial e a existência do onde estamos. Nesse sentido, temos que enveredar quanto tratamos dessa temática no esforço do conhecimento sobre as díadas, que é a própria relação do “Eu” com o “Outro”, que, por sinal, formam as esferas que vivemos e dão as configurações de forma, conteúdo, extensão e duração relativa.

Seguindo o íterim de conhecimento sobre a existência do espaço, faço um questionamento de base sartreana em que o espaço existe de fato ou ele é apenas uma coisa? Sartre considera que existir é ter consciência da sua existência, nesse sentido, o espaço não apresenta consciência de si e nem mesmo sobre o sua existência, é preciso que ocorra alguma intervenção para se pensar a existência do espaço. Consequentemente, parece que o reflexo ontológico sobre o sentido do Ser vai ficando mais complexo. Ao persistir em tentar sondar sobre a existência, outra observação a ser realizada diz respeito a essência.

Por isso, a rota apresenta um pouco mais sobre o que apontam aqueles que defendem a questão da essência e o que a Teoria das Esferas nos apresenta, mas que também é retratada por Milton Santos quanto a confrontar a essência e a existência.

Aqui, se fez mister trazer para tentar aclarar a discussão, as provocações nascidas na era aristotélica que identificam como conjunto de propriedades que permite ver e definir um ente. Essa concepção aristotélica diz respeito ao sentido

predicativo, interposto por outro ente, um ponto inicial até aqui. Sendo para ele, a forma substancial de um ente aquilo que o torna ser o que ele é.

Mais à frente trouxe para o debate o filósofo Feuerbach, em que vai considerar que o ser humano só pode ser compreendido mediante algum objeto externo, sendo a sua intensificada dedicação àquilo que poderá identificá-lo. O objeto da sua paixão é ao mesmo tempo a característica que fornece a sua essência. Desta forma, o ser humano, na condição que se encontra (no espaço), fornece essa visão na observação do filósofo de que a essência do espaço seria ele próprio. Isso recai mais à frente pelo corpo de sociólogos que defenderam o espaço como uma construção social.

De todos novamente, Heidegger se deteve um pouco mais sobre essas questões. A essência do *Dasein* é vista como Ser-ter-de-ser, isto é, o Ser-que do ente deve ser percebido a partir da sua existência e não da sua *existentia* aos moldes da ontologia tradicional. Logo devido a existência ser pra ele, a determinação-do-ser recai apenas para o *Dasein*. Outro aspecto de se ver como se desloca para o espaço geográfico tal questão.

Cabe oportunamente ao destaque das esferas enquanto estudo da constituição do *Dasein* e da sua espacialidade primitiva. A questão da essência de algo, de alguma coisa e do espaço, também me deu motivos para empreender a discussão e levá-la para fora das visões leibzianas de mônadas que constituem tudo que existe.

Heidegger, por exemplo, vai contribuir com essa questão, quando é dele que parte que compreende a essência do mundo e, nesse movimento, do espaço, não é uma tarefa convencional ou mesmo forma lógica, mas que devemos nos ater a nos concentrar na experiência direta com este mundo, bem como com a própria existência dos seres-no-mundo.

Toda essa dinâmica vai sendo levada para o entendimento que na Teoria das Esferas ganha um forte espaço, pois a essência, para Sloterdijk, vai perpassar pela demonstração teológica da grande narrativa da gênese humana enquanto uma condição religiosa de pensamento que não é a defesa da Tese. Meu esforço é levar os primórdios dos pensamentos e até mesmo as contribuições teológicas para uma tentativa de compreensão no campo da Geografia e que, na esferologia, se abre essa nova frente que se interessa em

interrogar e evidenciar, quando possível, outros espaços que envolvem o Ser-aí e consequentemente, suas relações com o mundo que o envolve.

Desta forma, outra questão a ser abordada é ponta de lança na esferologia que tem como fator a coexistencialidade quanto a uma antecipação da essência do espaço. Na Tese, faço uma menção inicial sobre a crise pandêmica que o mundo passou e que, de uma forma radical, criou novas esferas de convivência e de coexistências humanas e não-humanas, por isso a intenção do resgate ontológico.

Sloterdijk apresenta inicialmente sobre os pontos da coexistência, as questões que tratam sobre a relação espiritual entre Adão e seu Deus, onde trata da coexistencialidade entre o insuflador e insuflado, em que o espaço oco é preenchido pelo seu insuflador, aquele que gera o sopro divino. O espaço dado na Tese para essa apresentação é para se aproximar mais da Filosofia de Sloterdijk.

Em paralelo à dinâmica impropriedade pela coexistencialidade, Massey aponta para o papel do espaço no sentido de fornecer condição para a existência das relações geradoras do tempo e, consequentemente, das correlações em suas marcas coexistivas desde sempre. Sendo estas as coetaneidades na linguagem de Massey com uma leve nuance, em que a temporalidade nos leva a entender as trajetórias do espaço conquanto espacialidades subjetivadas e abertas.

Sloterdijk traça as normativas do coexistir segundo a sua Ontologia do espaço. Ele nos leva a pensar em uma Ontologia com caráter essencialmente inverso, sobretudo quando o movimento para o 'dentro' nos leva a compreendermos a dinâmica das coexistencialidades no fora.

Amplificar esse pensamento no campo da Geografia institui-se como uma verdadeira compreensão entre a coexistencialidade habitando na coetaneidade e, por sua extensão, constituindo os pontos de encontro necessários para que se possa captar como as esferas vão se formando em suas formas de bolhas, de globos e de espumas.

Nessa rota, há uma apresentação mais detida sobre a pericorese, quanto ao processo de coexistencialidade, isto é, estar-um-no-outro. Tal entendimento nos leva a compreender melhor como as coexistencialidades se fundamentam estando-uns-nos-outros. Por isso, carrego também um aparte: a

alteridade que acompanha todo esse processo. Somos seres que habitamos um mundo de coexistências, em interexistencialidades atravessadas entre nós e outros, o Ser-com e o Ser-em.

Avançando sobre o assunto, essa interexistencialidade é parte das antropológicas e da autopoiese no processo de hominização, bem como da formação de espaços. Estar-aí, como menciono na pericorese do mundo, em lugares não localizáveis. Por isso, que para Sloterdijk, desde o momento das mudanças no processo de comunicação, as relações tiveram maior responsabilidade pela formação das bolhas e consequentemente dos demais processos de mudança.

Os diálogos nos levam compreender que a coexistência nas espumas, ocorrem de forma bem diferente em relação às bolhas. Logo ocorre uma introversão, surgem os co-isolamentos, a separação por paredes finas. Cada um agora é uma bolha se individualizando em células imunizadas à sua maneira. Uma grande construção de múltiplas casas-bolhas que separam-se em células. Sloterdijk vai mencionar que nas espumas, as bolhas amorfas são inacessíveis e mesmo unidas, encontram-se separadas.

O que importa, existir, a essência, ou o coexistir? A rota vai se dirigir para um lugar-nenhum, em meio a um palco giratório que tenta compreender e depreender de toda a argumentação que poderia ser mais ampliada. Salvo a exceção de que persisto até aqui em navegar para dar conta do aporte da esferologia de Sloterdijk como possibilidade de compreensão geográfica, aqui meu comprometimento.

Por isso que sendo 'Eu', um Ser-aí, acredito estar em um palco giratório que muda, pois está em movimento contínuo e isso nos leva a dificuldade de localização, ou melhor, de definir uma localização estável como na geometria. Estar-em-esferas é estar em lugares distintos. Isso faz com que ocorra uma tarefa intensa de se identificar onde estamos quando estamos no mundo.

Assim, a condição ontotopológica vai assumindo a frente para tentar nos responder satisfatoriamente que isso irá depender de como vemos o lugar e a nossa coexistência. Por isso, o lugar-nenhum no mundo moderno nos acompanha e estamos familiarizados com algumas topologias, mas sem marcar enraizamentos. Para alguns, a falta da conexão, geradora de vazios existenciais. Mas, também é devido ao Ser necessitar das 'animações recíprocas', para que

se tenha a ‘ressonância radical’, que há momentos como o que estamos vivenciando, de espumas e até mesmo dos enclausuramentos.

A desanimação consentida pelo novo modo de estar-no-mundo formam esferas quase que com poucas experiências coletivas. Elas se individualizam mais e mais, levando a noção do habitar para ‘nenhum-lugar’, que direcionam a formação de mundos pessoais bem diferentes que em outros tempos. Massey, vai falar do ‘sentido de lugar’, forte Ontologia aqui, que para ela está centrada no enraizamento, fornece a estabilidade e identidade.

Portanto, a nossa coexistência precisa de fato da estabilidade, diferente do sentido de enraizar-se, tal qual o arvorizar-se sem movimentos. Talvez, as arquiteturas que atualmente temos presentes no espaço sejam formas que nos desafastam e uma nova maneira de coexistir no mundo em que nos encontramos.

Ainda no processo de navegação, decido falar um pouco mais sobre o espaço como continentes autógenos, conforme a esferologia, sobretudo no que importa realizar uma derivação capaz de se aproximar do espaço da Geografia.

A 5ª (quinta) rota, começa mostrando a situação atmosférica de tudo o que o texto irá mostrar. Novamente, de posse do que chamo aqui de leme hermenêutico, a fim de atravessar essas intempéries.

Faço inicialmente novas revelações acerca da própria viagem tanto quanto das provisões que estão nessa embarcação. O movimento é de descer até o porão e ter acesso às riquezas que lá estão. Esse espaço é único, exclusivo, são constituições teóricas e ontológicas que me ajudam no diálogo que se instaura na Tese.

Exploro espaços e, nesse sentido, perpassamos pelos continentes autógenos derivados da esferologia sloterdijkiana. O momento de suspensão, mais uma vez, se faz premente aqui. De toda forma, requisito a partir do pensamento que as esferas não são isoladas, mas interconectadas, mesmo que no atual momento ocorram co-isolamentos.

A primeira grande observação que esta rota irá perseguir diz respeito ao fenômeno, sendo parte da compreensão do que é espaço. Incorre mais à frente, em uma novidade para o pensamento, aquilo que chamo de ‘transcendência inversa’, parte do movimento de voltar para dentro. O movimento mais perigoso enfrentado nessa viagem foi a da Tese lançada aqui de uma transcendência

inversa. Mesmo com a sua temeridade, pouco me abalou para enfrentá-la e tentar extrair compreensões acerca da mesma.

Essa forte disposição envolveu tanto de se estar no mundo quanto construir teias que insistem na transgressão do pensamento não-linear. O mundo esferológico que nos abraça, que foge da sistemática fria. Assim, o espaço enquanto continente autógeno que sustenta esse introito, me remete a lugares que a produção ocorre seguindo o impacto da autogenia. Isto é, decorre dos meios e das necessidades presentes, gerando fatores de autorrealização.

Neste sentido, retomo a aproximação dos espaços autógenos com a ideia de espaços geografizados, mas que para antes de toda a explanação acerca do espaço geografizado, a apresentação sobre o fenômeno tem forte destaque nessa rota.

Desta maneira, Kant, enquanto interlocutor sobre o termo fenômeno, o conceitua como aparições estruturadas na mente, em nossa subjetividade e que para ele, atrás destas se encontram, portanto, as coisas-em-si. O problema é que não temos acesso a elas.

Esse marcador de não ter acesso nos leva a adiantar um pouco mais, conforme o que está destacado na Tese, de que na visão kantiana o fenômeno, enquanto aparição, é ao mesmo tempo um gerador de caos inarticulado, que reflete em um algo que não aparece.

Para ele, o fenômeno só aparece enquanto estrutura apriorística da subjetividade e do cérebro que estruturam a partir do exterior. Ademais, são as sensações responsáveis por essas manifestações conforme o trabalho deste filósofo que dialoga nessa rota.

O fenômeno é uma imersão no 'em-si', a tentativa de se aproximar dele, vem na cadeia de sensações e de percepções. Tais colaborações são tomadas das fontes brentanianas de se compreender o fenômeno.

Para que se tenha um sentido maior a despeito do fenômeno, Husserl, discípulo de Brentano, interpreta o fenômeno como uma questão que ultrapassa a intuição. Assim, se o espaço está munido de coisas-entes, sendo este o fenômeno, ele vem a nós ou nós vamos até ele? Sua constituição parte de um por-si-só? Tais questionamentos foram motivos de ainda continuar buscando respostas sobre o fenômeno. Essa coisa-em-si, classificada por Kant e que

segundo ele, não poderia ser conhecida, apenas nomeada, nos levou a descer mais vezes no porão para gerar respostas, tantas quantas possíveis.

Chamei de conduta míope sobre essa perspectiva, mas que de certa maneira, contribui para que outras investigações fossem encaminhadas, deixando de lado essa olhar opaco, para se enxergar um pouco mais. Heidegger considera a questão do fenômeno como aquilo que se mostra e como se mostra, mesmo que na visão de Heidegger seja ainda considerado um mal-entendido.

Para isso elucidar a questão do fenômeno do espaço, devemos estar junto ao Ser, mas que nos leva a inquirir, o que é o fenômeno ainda e como temos acesso a ele?

Posteriormente a uma tentativa de tratar sobre o fenômeno, fiz questão de pontuar sobre uma possibilidade de pensarmos, com base na Teoria das Esferas, em um elemento que classifiquei como 'transcendência inversa', esse retornar para dentro de nós a partir de um pós-contato com a exterioridade. Já que Sloterdijk se adianta em suas viagens para o dentro, para o interior, como forma de espacializações, ele nos convence a perceber que há uma ginecologia reversa onde o Ser está se ambientando e em estado de imunização.

Similarmente, projetamos aqui um sentido que, segundo a transcendência, esse ir-além da física, forma mundos no interior do ser humano. Tudo deriva da manifestada relação que se mantém com a exterioridade e com as coisas.

Para Sloterdijk, a exterioridade seria a continuação da interioridade humana, um verdadeiro simulacro, como ele defende. O que me vem a ideia de transcendência inversa, faz um outro jogo, que é de pensar que a formação do que é nosso, em nosso interior, é fornecido pela experiência com o mundo. Um retornar para si, criando mundos possíveis, um transcender para dentro depois de se estar fora. Construo essas questões me detendo um pouco nessa rota nas observações de Leibniz sobre as mônadas.

Tudo isso, ao ser apresentado na Tese, se direciona para a constituição dos espaços autógenos. Compreendo que perpassar pelo canal do fenômeno, pensar em uma transcendência inversa, é caminhar para a construção dos 'ondes'. Tanto no sentido singular de 'onde', mas dos diversos 'ondes', espaços que vamos constituindo quando retornamos depois do contato com a exterioridade.

Estar-no-mundo é ser um Ser-insular em que as espacialidades se produzem em seus sistemas autopoiéticos e autógenos, revelando os próprios traços do Ser. Vale acrescentar que enquanto construtores do seu modo de habitar, nós, os seres humanos, construímos ao mesmo tempo nossas arquiteturas interiores.

Reverberamos e assim criamos espaços tanto a partir de nós mesmos, quanto espaços que se constroem a partir das relações como os outros na criação de espaços autógenos. Aqui o Ser-com (*mitsein*) é um Ser-recipiente, retentor de conteúdos e, ao mesmo tempo, fornecedor de conteúdos. Por isso Sloterdijk afirma que a intimidade se torna o reino do continentes autógenos.

Na 6ª (sexta) rota, a procura pelo habitar espaços ou estar em espaços se tornou mais acirrada. Considerei a partir de uma obra de Sloterdijk, com estranhamentos no mundo e daí um prólogo sobre o espacializar-se.

Essa rota se traduz na possibilidade de pensar a ideia dicotômica entre o habitar e o estar em espaços, fenômenos que penso ser necessário levar para a proximidade compreensiva.

De fato, habitamos os espaços ou apenas estamos nos espaços? Assim, para começar, Heidegger nos faz pensar em um habitar como tonalidade afetiva, pois inclui a existencialidade da forma como nos especializamos na exigência da vida em comunidade. Isso também gera a compreensão de que o *Dasein* especializa o espaço, ocupando-o e se dirigindo a ele através de suas ações e obras, partes do cuidar. Ser-no-mundo, nesse caso, é Ser-com-outros e cuidar dos outros, seja se forma positiva, negativa ou mesmo indiferente, tudo como partes da existência.

Assim, a Ontotopologia é esse cuidar no habitar o mundo e do *existens* do *Dasein*. Prova disso é que nos estranhemos com a chegada ao mundo e que aos poucos achamos que o habitamos. Deixamos a topologia que não nos é estranha, que gera toda a nossa proteção, para que ao sermos lançados-no-mundo sentimos o estranhamento do mesmo.

Por isso que ao nos despedirmos da nossa topologia original, resolvemos no estranho espaço gerar uma condição *fac-símile* como forma de proteção. Criamos novas morfologias, como as construções de bolhas e de espumas. Essa construção de espaços diádicos nos ampara e nos resgata do apreensivo mundo estranho através de ressonâncias que nos levam a

existência. Qual seria o primeiro mundo do *Dasein*? Segundo Bachelard seria o berço da casa, que em relação a nos proteger do estranhamento com o mundo, começa fechado, protegido e agasalhado.

Por isso que essa Tese, a partir da Fenomenologia da Rotundidade, vai compreender o geográfico quanto a uma estruturação espacial que remete ao invólucro inicial, isto é, as paredes uterinas carregadas de proteção e de acolhimento. O 'primeiro traslado' nos leva a uma troca de espaços e ao mesmo instante, ao contato com o estranho mundo que irá nos circundar.

Novas atmosferas se formam nas exterioridades e, ao mesmo tempo, vamos dando conta de que além de interagirmos com elas, somos parte dela. Os espaços ociosos são, portanto, preenchidos por uma gama de novos elementos.

No palco da exterioridade, *lócus* das relações, criamos as primeiras virtudes ao contato com os demais *Daseins* que também agem da mesma forma. Nossa relação com o novo espaço gera a experiência de mundo, o que nos leva a pensar no habitar e no lar. Por isso, a questão do habitar não se limita apenas ao basilar pensamento de estruturação física, mas transcende isso se direcionando para as sensações, as emoções e os significados que vamos dando ao espaço.

Este "onde habitamos", Sloterdijk nos faz olhar ontologicamente para dentro e depois para o fora, seguindo as estruturas de preenchimento dos espaços que se farão parte do Ser. Enquanto '*designer* de interiores', o Ser ao invés de se retrair, amplifica essa constituição de esferas em menores e maiores. Logo, o habitar parte de uma constituição esferológica em que agora concretizamos o pensamento para um olhar não apenas filosófico, mas geográfico.

É Sloterdijk que dita o ritmo da Tese e para onde olhar, já que viver em esferas tem como resultado a dimensão na qual os seres humanos devem estar contidos. Importa observar que a contenção não significa aprisionamento, mas como venho mencionando buscando a proteção na espacialidade.

O Dentro-de-algo no Com-algo se torna fundamental aqui, observando o Estar-contido no 'entre' da filosofia de Sloterdijk que, na Geografia, vai nos levar a compreender a situação ontotopológica. O papel dessa Tese é, antes de tudo, contribuir um pouco mais com o entendimento sobre o Ser-em e o Ser-no-mundo, além de colaborar com uma proposta de mundos possíveis.

Uma tentativa que trago na Tese, nesse enquadramento, é a questão de Estar-no/em espaços, para impulsionar a discussão sobre o espaço, em uma divergência quanto ao habitar espaços. Uma ilha de parada para discutirmos esse tema. Estar no sentido de fixo, de espaço parado ou visto de outra maneira. Essa é a intenção e a base da intenção é fugir da fixidez, mas perceber o movimento, o deslocamento.

Neste sentido, estar na concepção da Tese se identifica na frequência com as ondas da fenomenologia. Logo, 'Estar-em' recai sobre o manto da existência do *Dasein* em suas correlacionalidades. Estar-em pode significar ao mesmo tempo Estar-em-esferas.

Estar-em usando dos translocamentos contra a rigidez, pode encaminhar para a fluidez rizomática, repleta de linhas de fuga geradoras de um 'espaço em decorrência' das multiplicidades que se ataviam e constituem novas atmosferas na formação do Ser.

Desta forma, 'Estar-em' é recíproco ao 'Ser-com' e ao 'Ser-em' na perspectiva da coexistencialidade de algo com algo no interior de algo. Estamos-em-algo em que preenchemos e, ao mesmo instante, somos preenchidos.

O momento atual nos leva a observação que o Estar-em se justifica no Estar-em-espumas, um viver-em-espumas em que as estabilidades se perdem e nos faz perguntar pelo *lócus*, pelo "onde estamos". Por isso, bna esferologia, teremos a compreensão de que essa perda da estabilidade nos redireciona constantemente e produz a nossa falta de pertencimento aos lugares.

Esse processo de Estar-em-espumas nos incita a redimensionar o pensamento verificando as anomalias que se fazem presentes nas correlações atuais, na mundanidade e na externalidade do mundo. O Ser-aí vai ganhando novas interpretações. Um dos pontos de atenção é a sua atuação direta no mundo virtual.

Logo, o projeto esferas de Sloterdijk é também uma tentativa de resgatar em parte o projeto da espacialidade prevista nas páginas de 'Ser e tempo', confinado na obra de Martin Heidegger.

Seguindo a mesma trilha, essa Tese buscou, em certa medida fazer uma revitalização, daquilo que pode ter sido negligenciado por Martin Heidegger e escavar esse terreno um pouco mais com aporte da Teoria das Esferas.

A existência cotidiana de ser Estar-no-mundo, conforme nos indica Sloterdijk, faz parte de uma interioridade extática e que, estando no mundo, tem seu próprio lugar que se abre pela habitação daqueles que estão de forma coexistente imbricados.

Assim, compreendo que a coexistência humana nos espaços é uma questão assumidamente pericotérica, dada a vitalidade da expansão dos indivíduos para dentro de outros indivíduos.

Ninguém é ele próprio, sempre ocorre a intervenção de construção do outro no Outro e isso no Estar-em e no Estar-com, vai se produzindo mediado pelas contingências. Praticamente nunca estamos de fato em um único lugar. Apenas provisoriamente, pois somos a soma de outros lugares: a verdadeira constituição ontotopológica.

O espaço, sendo interrelacional e coexistencial, se reconecta com o mundo atual da instabilidade do Ser e da sua efetiva participação em um mundo cada vez mais de isolamentos virtuais. Estar-em-esferas, pensamento que parte da concepção bachelardiana, se amplifica na Teoria das Esferas.

A 7ª (sétima) rota fecha os apartes dados sobre essas questões. O olhar mais direcionado para a constituição de espaços de mimos, onde fiz um deslocamento da visão do capital e da globalização que Sloterdijk expõe para o fenômeno de habitar um lugar específico.

Algumas observações são inerentes nessa última rota, principalmente quando aqui, serão tratados os momentos em que os espaços de mimo passam no período pandêmico que o mundo atravessou - 2019-2022 -, com mais intensidade e ainda convivemos com o vírus letal.

A dimensão que a Tese transcorre nesse sentido, relacionado ao fenômeno habitar em espaços de mimo, mimo enquanto elemento de proteção, de imitação, partindo do pressuposto do sistema de imunização que é apresentado na Teoria das Esferas.

Heidegger, o filósofo da cabana e Bachelard, o filósofo da casa, junto às esferas de Sloterdijk me levam a pensar os espaços de mimo. Por sua vez, da forma que interpreto como espaços de semelhança ao ventre materno.

Fiz no intercurso da apresentação da rota uma retomada com a Teoria das Esferas de Peter Sloterdijk, acreditando ser uma necessidade, pois alguns pontos de observação a mais foram mostrados nesse aparte.

A intenção seria chamar o leitor para o ponto de saída de todo esse trabalho de investigação ontológica, haja vista que a aproximação com essa rota que já se direciona para o estágio final da sua viagem, mas que a retomada para fechar apertar os nós são importantes.

Desta forma, os espaços-casas são geradores de uma comunidade onde as pessoas transitam e se reconhecem em muitas ocasiões, em outras a mesma grande comunidade pode simplesmente conviver sem conviver –no caso dos prédios.

O pacto pneumático é elemento constituidor das Esferas e dita as características morfoesferológicas que vão produzindo os espaços de mimo. O espaço, sendo biunitário, é formador de espaços de co-vivência e da mesma forma, surgem co-sentidos aos habitantes das esferas.

Enquanto seres-no-mundo, as espacialidades e as geograficidades que são produzidas vão nos imunizando nas esferas que nos encontramos. A retomada sobre o habitar, nessa rota, vai se constituir como uma partícula-esferológica, onde damos a forma, o conteúdo, a extensão e a duração relativa.

O espaço de mimo se torna uma incursão ontológica da nossa Ontotopologia que nos concerne à intimidade do processo de estarmos habitando o mundo. A casa-mundo é uma morada que tem profundas causas ontológicas, isto é, nasce das protoorganizações e protoformações de espaços do ser humano, fazendo parte do modo de se relacionar com o mundo.

A forma que experimentamos o mundo ao nosso redor nos permite experimentar os espaços com características afetivas e emocionais inerentes ao desenvolvimento humano. Os espaços de mimo se amplificam sempre que nós humanos nos prontificamos a reproduzir a nossa forma de habitar anterior. A imitação da relação ventre-feto vai sendo construído também como parcialidades da imaginação.

Os espaços que nos acolhem e que também nos protegem podem nos aquecer, nos encher de mimos e gerar afetos, memórias e imaginações. Logo, a casa também nos proporciona essas condições realizando uma espécie de mimetismo. As casas natalícias são possuidoras de uma mensagem ontológica da nossa forma de habitar o mundo. Contudo, as novas esferas que são produzidas deflagram a queda das mesmas relações que dávamos aos espaços mais significativos.

Sobre tal assunto, Pallasma, convidado a nos mostrar a essência do habitar, se posiciona sobre as casas antigas que nos davam ar de ritmos vagarosos e de silêncio. Elementos perdidos na atualidade.

Os espaços de mimos já não são mais como os de antigamente, representam a força da tecnologia 5.0 e todas as suas variações. São as tais casas inteligentes em que nosso entretenimento é a casa tecnológica. O nosso viver com o Outro ganha espaço para um Viver com a 'voz' e com a inteligência artificial. O 'cuidar' muda de estágio, pois o 'cuidar' agora é mais isolado que antes. O Outro quase nada significa nessa estruturação de espumas que vivemos. Parece que o distanciamento muda de intenção.

A casa pertence à fenomenologia do habitar e quem aprende a viver, consegue habitar com intensidade. Assim como Heidegger, penso que estamos dando outros sentidos e escolhendo outros caminhos, gerando contrastes sobre a forma de habitar interpretado de maneira familiar.

Nesse momento epocal que estamos atravessando, divergi com o sentido de habitar conforme significados heideggerianos, estar acostumado, demorando-se ou mesmo com o cuidado como já mencionado. Esse novo tempo direciona para um desterramento gerado por toda a gama da acelerada sociedade a qual estamos inseridos.

A velocidade da vida nos leva a desoneração e com ela os isolamentos. Aninhados os seres em seus apartamentos vivem em distanciamentos no sentido mais literal possível, uma situação ocorrida no mundo que gerou maiores distanciamentos e separações foi a pandemia do **Sars-Cov-2**.

Estamos no período da "Espumização do Espaço" e das novas convivências. Antes da pandemia, as relações de coexistencialidades ocorriam de uma forma em que haviam mais constituições de 'Bolhas entre si'. Com o advento da crise pandêmica, as correlações mudaram radicalmente. Desejo destacar que não apenas a pandemia foi responsável por essa radicalização relacional, mas outros aspectos se tornaram presentes no afastamento do ser humano das relações físicas para o campo da virtualidade.

As espumas, que são o período atual das esferas que produzimos, se formam como rizomas-espacos-interiores, formatando pequenas células que se apresentam em formato poliesférico. A sociedade de espumas, de características peculiares representadas também por paredes finas, se

caracteriza por sujeitos na atualidade que se vêem incapazes de produzirem mundos completos em si mesmos, devido a patologia esferológica que vigora.

Seguindo pela rota e já conseguindo perceber onde iremos aportar, essa re-virada ontológica marcada pela esferologia, pós-apresentação de Sloterdijk, de sua filosofia e de toda a sua caminhada ontológica que se aproxima da Geografia.

Desejo inferir esse texto e viagem com um reforço de outras finalizações teóricas e fenomenológicas a respeito das obras de Sloterdijk, em especial a sua trilogia Esferas. Corroborando com Pessanha em sua conclusão da sua Tese, quando diz que não só a filosofia havia se expandindo generosamente, como que da mesma forma, se abriu para um amplo espectro de leitores sedentos de encontrar respostas sérias a despeito de perguntas que dizem respeito pelo onde e pela localização.

O habitar atualmente é onnipresente criptografado, é um Estar-em-todo-lugar-ao-mesmo-tempo, de maneira fria e inexistencial. A filosofia de Sloterdijk nos aponta que a desfragmentação do mundo constitui-se em formatos de bloqueios entre os sujeitos, ainda raramente na coexistencialidade do mundo, nos damos conta que não estamos a sós. Fazemos parte de espaços que, como ontologicamente levantados até aqui, são peculiares e que essas esferas representam piamente nossa localização no mundo atual. Nosso onde depende da movimentação continua das bolhas que se tornaram espumas.

A viagem chega no seu porto final, o meu **AQUI** relatado nessa Tese é percebido pela calma que as águas mais próximas da terra firme se fazem presentes. Por vezes, senti a procela e agora seguimos novamente para pisar firme com os pés na areia, deixando as águas para trás por um momento.

Portanto, conforme o capitão que anunciou essa longa empreitada, da mesma forma anuncia nesse instante: **Tripulantes, permissão para desembarque concedida!**

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **En qué punto estamos?** La epidemia como política. Traducción de Rodrigo Molina-Zavalía y Maria Tereza D'Meza. 1ª edición. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora S.A, 2020.
- ANTUNES, Paulo Fernando Rocha. **Fragmentos sobre Ideologia:** Vasco de Magalhães-Vilhena. Cadernos Cermex, n. 09, 2016.
- ARISTÓTELES. Organon IV: Livro I. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação.** Tradução de Maria João da Costa Pereira. Postugal: Lisboa, Antropos, 1991.
- BILATE, Danilo. **Nietzsche contra a linguística-metafísica:** a defesa da maleabilidade da palavra. Disponível em: https://www.uern.br/outros/trilhasfilosoficas/conteudo/N_05/III_1_art_3_Bilate.pdf. Acesso em: 02. jul. 2024.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online], n.19, 2002. p. 20-28. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 out. 2022.
- BORGES-DUARTE, Irene. **Arte e Técnica em Heidegger.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico.** Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **Encontro:** fragmentos autobiográficos. Tradução de Sofia Ins Albornoz Stein. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Indivíduo e pessoa** - massa e comunidade. In: BUBER, M. Sobre comunidade. Seleção e Introdução de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 103-116.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** Editora: Biblioteca O Globo, 1972.
- CASEY, E. S. Body, Self and Landscape: A geophilosophical inquiry into the Place-World. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (Org.). **Textures**

of place: exploring humanist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p. 403-425.

_____. **The Fate of place:** a philosophical history. Berkley: University of California Press, 1998.

CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia:** Conceitos e Temas. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2011.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária.** Tradução de Ida Alves. Revista Gragoatá, Niterói, n. 33, 2012. p. 17- 31.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano: Notas Teórico-Metodológicas. In: _____ **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1979. p. 145-152.

_____. *et al.* **Geografia:** Conceitos e Temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **A geografia e o espaço urbano: conceitos e abordagens.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná E. et al. (Org.). **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 15-47.

_____. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia: conceitos e temas.** 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Região e Organização Espacial.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2003 [1986].

_____. **Regiões e cidades:** fragmentação e rede urbana. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

_____. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COSTA, Vincenzo. **O movimento fenomenológico.** Traduzido por Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias & Letras, 2022.

DANTAS, Aldo. **Geografia e Epistemologia do Sul na obra de Milton Santos.** Revista Mercator, nº 13, setembro-dezembro, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mercator/a/hvth6cbkcy83rpvxbjgglv/#>. Acesso em: 13 set. 2021.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de André Martin. 2ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DESCARTES, Rene. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELDEN, Stuart. **Mapping the Present: Heidegger, Foucault and the Project of a Spatial History**. London: Continuum, 2001.

_____. **Understanding Henri Lefebvre: Theory and the Possible**. London: Continuum, 2004.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FERNANDES, Rodrigo. **A Sociedade do Espetáculo e o meio urbano contemporâneo: uma abordagem geográfica do pensamento de Guy Debord**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, 2017.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **A Essência do Cristianismo**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o método**. 1ª. edição. Tradução de Octanny da Motta e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa Preta**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Ruy Fausto. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **Constituição da sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Biblioteca universal)

_____. **O futuro da sociedade**. Tradução de Ana Maria de Almeida. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

_____; TURNER, Jonathas. **Teoria social hoje**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. **GEOGRAFIA E MODERNIDADE**. – 10ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **O Lugar do Olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. – 1ª ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GREEN, Jonh. **Antropoceno: notas sobre a vida na Terra**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rj, Editora Intrínseca, 2021.

GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Para ler Sloterdijk**. 1. Ed.-Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**; tradução Gabriel Salvi Philipson. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini, 2ª edição ampliada- Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução de Thomaz Tadeu. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. **Simiens, Cyborgs and women: the reivention of nature**. New York: Routledge, 1991. p. 149-181.

_____. **Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80**. In: Holanda, Heloísa Buarque de. **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. (Coleção Geografia e adjacências)

_____. **Condição pós-moderna: uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. - 17º ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2008.

_____. **O Enigma do Capital:** e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011a.

_____. **O Neoliberalismo: história e implicações.** São Paulo: Edições Loyola, 2011b.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência.** Tradução: Christian G. Iber e Federico Orsini. Editora Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR.** Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Conferência. *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954.

_____. **Caminhos da Floresta.** Tradução: Irene Borges Duarte *et al.* Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. **Sobre o Humanismo.** 30. ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2009.

_____. **SER E TEMPO.** Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp: Petrópolis, RJ, 2012.

_____. **SER E TEMPO.** Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante. Campinas, SP: Editora da Unicamp: Petrópolis, RJ, 2015.

HOLZER, Werther. **Um estudo Fenomenológico da paisagem e do lugar:** a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. Tese (Doutorado)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <https://geografiahumanista.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/12/Tese-werther.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade:** por uma diversidade tecnológica emancipatória. São Paulo: Editora 34, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** Tradução de Antônio Machado. Petrópolis: Vozes, 2020.

IDHE, Don. **Tecnologia e o mundo da vida:** do jardim à terra. Tradução Maurício Fernando Bozatski. Chapecó: Ed. Universidade Federal Fronteira Sul, 2017.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução: Fábio Creder. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

IYER, Pico. **A ARTE DA QUIETUDE:** AVENTURAS RUMO A LUGAR NENHUM. Tradução de Célia Regina R. de Lima. São Paulo: Alaúde Editorial, 2015.

- JACQUES, P. B. **Apologia da Deriva**: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JAPPE, Anselm. **Uma conspiração permanente contra o mundo**: reflexões sobre Guy Debord e os situacionistas. Tradução: Jorge Lima Alves. -1. Edição, Editora Antígona, 2014.
- JORONEN, M. **Politics of being-related: on ontotopologies and “coming events”**, *Geografiska Annaler*. Series B, Human Geography 98 (2), 2016, 1–11. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/geob.12093>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- JORONEN, Mikko. **Políticas do ser-relacionado**: sobre topologias e eventos futuros. *Geografiska Annaler*. Série B, Geografia Humana, 2016. p. 1-11.
- JORONEN, Mikko. **The Age of Planetary Space**: On Heidegger, Being and Metaphysics of Globalization. 227f. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia, Universidade de Turku, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305768889_The_Age_of_Planetary_Space_On_Heidegger_Being_and_Metaphysics_of_Globalization. Acesso em: 12 ago. 2022.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão Pura**, trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- _____. **Crítica da razão pura**. Tradução e notas Fernando Costa de Matos. 4. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2018.
- KARJALAINEN, P. T. **Place in Urwind**: a humanistic geographical view / Lugar em Urwind: uma perspectiva humanista. *Geograficidade*, 2(2), 4-22, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2012.22.a12853>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Rio de Janeiro, RJ: Rio Gráfica, 1984.
- LACEY, A. R. **A Dictionary of Philosophy**. London: Routledge & Kegan Paul, 1972.
- LACOSTE, Yves. **A GEOGRAFIA**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Editora Sabotagem, 1988.

- LASSEY, Hugh M. **A LINGUAGEM DO TEMPO E DO ESPAÇO**. Tradução de Marcos Barbosa de Oliveira. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. In: L'Homme et la société, N. 31-32, Sociologie de la connaissance marxisme et anthropologie. 1974. p. 15-32.
- _____. **O direito a cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- _____. **RHYTHMANALYSIS: space, time and everyday life**. New York, Editora: Continuum, 2004.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **O discurso da metafísica e outros textos**. Tradução de Carlos Lopes de Mattos *et al.* – 2. Ed.- São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- LEME, A. P. **SPINOZA: O CONATUS E A LIBERDADE HUMANA**. Cadernos Espinosanos, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 109-128, 2013. DOI: 10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2013.81262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/81262>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- LESSA, Jadir Machado. **Análise Existencial: princípios fundamentais**. 1. Ed. – São Luis: Edufma, 2019.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições70, 1980.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa .1. Edição, 1 reimpressão, São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2003.
- _____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- LUHMANN, Niklas. **SOCIOLOGIA DO DIREITO 1**. Tradução de Gustavo Bayer. — Rio de Janeiro — Edições Tempo Brasileiro, 1983.
- LUKÁCS, Georg. **HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE: Estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- _____. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MALINOWSKY, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélago da nova guiné melanésia**. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. Editora Abril, 1976. (Coleção os pensadores)
- MALPAS, Jeff. **Heidegger e a tarefa da Filosofia: escritos sobre ética e fenomenologia**. Tradutores: Alexander de Carvalho *et all.* -1ª. ed. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.
- MARANDOLA Jr, Eduardo. **Prefácio**. In: DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Editora perspectiva, 2011.
- _____. **Lugar Enquanto Circunstancialidade**. In: _____. Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 227-248.
- _____. **Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: Alternativas e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea**. Geograficidade, RJ, v.3, n.2, Inverno. 2013.
- _____. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MARTINS, Elvio Rodrigues. **As dimensões do geográfico: diálogo com Armando Correa**. GEOUSP-Espaço e Tempo (online), São Paulo, v. 18, n. 1, 2014. p. 40-54.
- MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2007.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MASSEY, Doreen B. Um sentido global do lugar. IN: ARANTES, A. Antonio (Org.) - **O espaço da diferença**-. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 176-185.
- _____. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____; YÁÑEZ, Ximena Dávila. **Habitar Humano em seis ensayos de Biología-Cultural**. Santiago do Chile: Instituto Matriztico, 2008.

_____. **A MENTE GEOGRÁFICA**. GEOgraphia, v. 19, n. 40, p. 36 - 40, 5 out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. Garcia. **De máquinas y seres vivos: autopoiesis: la organización de lo vivo**. - 5ª. ed. Santiago do Chile: Editora Universitária, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert; COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Crítica: a valorização do espaço**. 3ª ed., São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

MOREIRA, Ruy. **Geografia, teoria e crítica: o saber posto em questão**. Petrópolis: RJ, Editora: Vozes, 1982.

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **O QUE É GEOGRAFIA**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **MARXISMO E GEOGRAFIA** (A geograficidade e o diálogo das ontologias). Revista GEOGRAPHIA, Niterói, Ano VI, n. 11, 2004. p. 21-37.

_____. **Pensar e ser em Geografia**. Petrópolis: RJ, Editora: Contexto, 2007.

_____. **Para onde vai o pensamento geográfico?** - Por uma epistemologia crítica. - 1.ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **O pensamento geográfico Brasileiro, Vol.1: as matrizes clássicas originárias**. 2. Ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **O discurso do avesso: para a crítica da geografia que se ensina**. São Paulo: Contexto, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Considerações extemporâneas**. In:_____. Obras incompletas. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 267-298.

_____. **Consideraciones intempestivas (1873-1876)**. Buenos Aires: Alianza Editorial. 2002.

_____. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. Tradução Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

_____. **Vontade de Potência.** Tradução: Mario Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

NUNES, Benedito. **A Filosofia Contemporânea:** trajetos iniciais. São Paulo: SP, Editora Ática, 1991.

_____. **Heidegger & Ser e Tempo.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

OLIVEIRA, Livia. **PERCEPÇÃO DO MEIO AMBIENTE E GEOGRAFIA: ESTUDOS HUMANISTAS DO ESPAÇO, DA PAISAGEM E DO LUGAR.** (Org.) JR. MARANDOLA, Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, Thiago Silva Freitas. **Introdução às noções de essência, necessidade e predicação em Aristóteles.** Editora Argumentos, n. 20, 2018.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem:** poética da geografia. Tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

ORTEGA Y GASSET, José. **MEDITAÇÕES SOBRE A TÉCNICA:** Vicissitudes das ciências cacofonia na física. Tradução de Luis Washington Vita. Rio de Janeiro: Editora Livro Ibero-Americano Limitada, 1963.

PALLASMA, Juhani. **Os olhos da pele:** a arquitetura e os sentidos. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2012.

_____. **Habitar.** Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PARREIRA, Francisco Luís. **Um estranho lugar esférico. Peter Sloterdijk, “Palácio de Cristal-para uma teoria filosófica da globalização” e “O Estranhamento do Mundo”.** Disponível em: https://www.academia.edu/2339270/Um_estranho_lugar_esf%C3%A9rico_Peter_Sloterdijk_Pal%C3%A1cio_de_Cristal_para_uma_teor%C3%A9tica_da_globaliza%C3%A7%C3%A3o_e_O_Estranhamento_do_Mundo_P%C3%ABlico_suplemento_Ipsilon_2008. Acesso em: 12 abr. 2024.

PERLS, Frederick S. **Isto é Gestalt.** Tradução de George Schlensinger e Maria Júlia Kovacs. São Paulo: Sumus, 1977.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Ensaio de filosofia fisionômica: Nietzsche e o estranhamento do mundo/ An essay on physiognomic philosophy: Nietzsche and world estrangement.** *Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, [S.l.], v. 16, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revistas.dww.com.br/index.php/NH/article/view/80>. Acesso em: 21 mar. 2024.

_____. **Peter Sloterdijk: virada imunológica e analítica do lugar.** 2017. 147 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. **A History of Spaces: Cartographic Reason. Mapping and the Geo-Coded World.** Psychology Press, 2004.

PLATÃO. **Obras Completas.** Trad. Benedito Nunes. Belém: UFPA, 1974.

_____. **REPÚBLICA.** Tradução de Allan Bloom. Basic Books, 2013.

QUINE, W. V. O. **Ontologia e outros ensaios.** Tradução de Carlos Alberto Soares de Moura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

REIS, Luis Carlos Tosta dos. **POR UMA CONCEPÇÃO DIALÉTICA DO ESPAÇO: O CONCEITO DE FORMAÇÃO ESPACIAL EM MILTON SANTOS.** In. GEOGRAFARES, Vitória, v. 1, nº1, jun. 2000.

_____; SANTOS, Josimar Monteiro. **O Resgate da Investigação Ontológica na Geografia através da Fenomenologia-Hermenêutica de Martin Heidegger.** *Para Onde!?*, Porto Alegre, v.12, n.1, 2019. p. 173-190.

_____. **ONTOLOGIA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA GEOGRAFIA: UMA ABORDAGEM DO TEMA ATRAVÉS DO DIÁLOGO ENTRE MILTON SANTOS E HEIDEGGER SOBRE A TÉCNICA.** In. GEOGRAFARES, Vitória, nº13, jun. 2012.

_____; SANTOS, Josimar Monteiro. **O Resgate da Investigação Ontológica na Geografia através da Fenomenologia-Hermenêutica de Martin Heidegger.** *Para Onde!?*, Porto Alegre, v.12, n.1, p. 173-190, 2019

_____; SANTOS, Josimar Monteiro. **Geografia fenomenológica hermenêutica: o resgate da investigação ontológica do**

espaço a partir do existencial “ser em” de Martin Heidegger. In: BASQUEROTE, Adilson Tadeu. A superfície do planeta Terra em análise. Ponta Grossa, PR, Atena Editora, 2022. p. 116-134.

_____; SANTOS, Josimar Monteiro. **ONTOLOGIA E GEOGRAFIA: O PROBLEMA DA EPISTEMOLOGIZAÇÃO ONTOLOGIA NA GEOGRAFIA HUMANISTA.** Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, 2023.

_____; SANTOS, Josimar Monteiro Santos. **GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA: o extravio da assimilação humanista de Martin Heidegger.** – 1ª ed. – Curitiba: Appris, 2024.

RIBEIRO JUNIOR, João. **Fenomenologia.** São Paulo: Editora Pancast, 1991.

RIBEIRO, Petrônio Rodrigo. **UMA ANTROPOLOGIA PARA O ALÉM: Religião e hominização na obra esferas de Peter Sloterdijk.** Dissertação de mestrado. 226 fl. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- USP. 2013, Mestrado em Ciências das Religiões.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Um breve relato sobre Armando (documentos).** Biblioteca Armando Corrêa da Silva. USP, 2020. Disponível em: <https://geopo.fflch.usp.br/sites/geopo.fflch.usp.br/files/inline-files/wagner%20-%20armando%20correa%20da%20silva.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação.** Tradução A. Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1976.

_____. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.** Trad. Hilton Japiassu Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. **Teoria da interpretação.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1987.

_____. **O discurso da ação.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1988.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke.** Tradução Paulo Rónai e Cecília Meirelles. São Paulo: Globo, 2001.

ROBERTO, Luciano da Silva. **Os modos de ser do “Dasein” a partir da analítica existencial heideggeriana.** Pensamento Extemporâneo. Disponível em: <https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=489>. Acesso em: 02 jul. 2022.

ROCCA, Adolfo Vásquez. **"Peter Sloterdijk; Microesferas íntimas y úteros fantásticos para masas infantilizadas".** In: Nómadas Revista Crítica de

Ciencias Sociales y Jurídicas. Universidad Complutense de Madrid, nº 15 | Enero-Junio 2007. p. 193-200.

_____. **Peter Sloterdijk: Espumas, mundo poliesférico y ciencia ampliada de invernaderos. Nómadas: Critical Journal of Social and Juridical Sciences**, ISSN-e 1578-6730, Nº. 18, 2008. p. 315-322. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/view/NOMA0808230315A/26393>. Acesso em: 05. nov. 2022.

_____. **Peter Sloterdijk: No mesmo barco fantasias de pertencimento e ilhas: por uma teoria de cápsulas, ilhas e estufas**. Revista de Filosofia EiKasia. nº 98, março / 2021, p. 323-380. Disponível em: <https://old.revistadefilosofia.org/numero98.html>. Acesso em: 16. abr 2024.

ROCHA, Gabriel Kafure da. **UMA TOPO-ONTOLOGIA DE HEIDEGGER E BACHELARD**. Ideas y Valores, vol. LXIX, núm. 172, pp. 33-56, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/809/80966858003/html/>. Acesso em: 03. abr. 2024.

ROMAN-VELAZQUEZ, Patria; VARGAS, Alejandra García. **“Hay Que Traer El Espacio a La Vida: entrevista com Doreen Massey (2008).”** Signo y Pensamiento, 2008.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Josimar Monteiro. **Horizonte humanista e fenomenologia na geografia: o problema da assimilação humanista do pensamento de Martin Heidegger**. (Dissertação de mestrado). Pós-Graduação em Geografia. Ufes, Vitória, 2017.

_____; REIS, Luis Carlos Tosta dos. **O Horizonte humanista na Geografia e a fenomenologia: o problema da fenomenologia geográfica**. In: GOMES, Ingrid Aparecida. A produção do conhecimento geográfico 3. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2018. p. 44-52.

_____; REIS, Luis Carlos Tosta dos. **O problema da interpretação humanista do pensamento de Martin Heidegger na geografia humanista brasileira**. Boletim Campineiro de Geografia, v. 9, n. 1, p. 21-32, 2019. Disponível em: <https://www.publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2736>. Acesso em: 20 mai. 2022.

SANTOS, Mario Ferreira. **ONTOLOGIA E COSMOLOGIA**: a ciência do ser e a ciência do cosmos. – 2ª.ed.- São Paulo: Editora Logos, 1959.

SANTOS, Milton. **SOCIEDADE E ESPAÇO. A FORMAÇÃO SOCIAL COMO TEORIA E COMO MÉTODO**. Tradução de Maria Encarnação Vasquez Beltrão. In: Boletim Paulista de Geografia, Nº 54, São Paulo, Associação de Geógrafos Brasileiros, 1977.

_____. **Para que a Geografia mude sem ficar a mesma coisa**. São Paulo: Boletim Paulista de Geografia, nº 59, 1882.

_____. **Técnica, Espaço -Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional, 1994.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. (versão digital)

_____. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2º. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Versão eletrônica)

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e Metodológicos da Geografia. – 6. ed. 2. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 10. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SARAMAGO, Lúcia. Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: **Qual o Lugar do espaço? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. (Org.) Jr. Marandola, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lúcia. – São Paulo: perspectiva, 2014. p. 193-225.

SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação**. Tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

_____. **O Ser e o nada**: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão, 20ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O que é a subjetividade?** Tradução: Estela dos Santos Abreu. 1. Ed.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

- SILVA, Armando Corrêa da. **O Espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- _____. **Memorial para Concurso de Livre-Docência**. São Paulo, 1982. Disponível em: <https://geopo.fflch.usp.br/sites/geopo.fflch.usp.br/files/inline-files/memorial%20do%20concurso%20para%20livre%20docente.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.
- _____. O Espaço como Ser: uma auto-avaliação crítica. In: MOREIRA, Ruy (org.). **Geografia: teoria e crítica** (o saber posto em questão). Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **De quem é o pedaço? (Espaço e Cultura)**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. **Fenomenologia e Geografia**. In: Orientação Instituto de Geografia – Departamento de Geografia. São Paulo - USP, nº 7, 1986. p. 53-56.
- _____. **Geografia e Lugar Social**. São Paulo: contexto, 1991.
- _____. **A Aparência, o ser e a forma (geografia e método)**. In: Geographia, Niterói, Ano ii, nº 3, 2000. p. 07-25.
- _____. O método da Geografia: uma ontologia do espaço? In: **Geografia: modernidade e pós-modernidade**. Presidente Prudente. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP-FCT, campus de Presidente Prudente), 1996.
- SILVA, Lara Livia Santos da Silva *et al.* **Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da Covid-19 no Brasil**: caracterização e análise epidemiológica por estado. Cadernos de Saúde pública. 36, nº 9, Rio de Janeiro, setembro, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00185020>. Acesso em: 20. fev. 2023.
- SIMONATO, Mariana Pereira; MITRE, Rosa Maria de Araújo; GALHEIGO, Sandra Maria. **O cotidiano hospitalar de crianças com hospitalizações prolongadas**: entre tramas dos cuidados com o corpo e as mediações possíveis. Interface (Botucatu). 2019; 23: Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180383>. Acessado em: 02 de jan. 2023.
- SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II: Globos**. Traducción: Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.

_____. **Esferas III: Espumas.** Traducción: Isidoro Reguera. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.

_____. **O Sol e a Morte: Investigações Dialógicas.** Lisboa: Relógio D'água, 2007.

_____. **Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização.** Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D'água, 2008a.

_____. **MUERTE APARENTE EM EL PENSAR: Sobre la filosofía y la ciência como ejercicio.** Tübingen, 2009.

_____. **HAS DE CAMBIAR TU VIDA.** Traducción de Pedro Madrigal. Madri: Pré-Textos, 2012.

_____. **Esferas I: Bolhas.** Tradução: José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

_____. **Fazendo o céu falar: sobre teopoesia.** Tradução Nélío Schneider. -1ª. ed.- São Paulo: Estação Liberdade, 2024.

SOJA, Edward W. Geografias Pós-Modernas. **A reafirmação do espaço na teoria social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1991.

_____. **Geografias Pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013. (Edição Digital)

SOUZA, Bruna Mayer de; KÓS, José Ripper. **O HABITAR NA PANDEMIA DA COVID-19: a transição para lugares virtuais.** VIRUS, 21 de dezembro, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=13&lang=en>. Acesso em: 18 fev. 2023.

STEIN, Ernildo. **Em busca da Linguagem para um dizer não-metafísico.** Natureza Humana 6(2): 289-304, jul.dez, 2004. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v6n2/v6n2a05.pdf>. Acessado em: 30 set. 2021.

SUERTEGARAY, Dirce Maria. **Espaço Geográfico uno e múltiplo.** In: Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Vol. 5, nº 79-104, 2001. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/313>. Acesso em: 23 out. 2021.

TERRA, Paulo S. **Pequeno Manual do Anarquista Epistemológico.** Ilhéus: Editus, 2016.

TIBURI, Márcia. **Filosofia em comum:** para ler-junto. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais:** Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.